

O Legado Mundial de FRANK BUCHMAN

Compilado por
Archie Mackenzie & David Young

Caux Books
Iniciativas de Mudança

Em inglês

Primeira Edição, 2008 por ©Caux Books

ISBN 2-8837-517-7

978-2-88037-517-1

Design da Capa por **John Munro**

Formatação e Design de texto por **Blair Cummock**

Em português

Primeira Edição, 2012 por ©Iniciativas de Mudança - Brasil

Tradução e revisão por **Clara e Ernesto Veras**

Formatação final por **Aline Serpa**

www.iofc.org/pt-br e iniciativasdemudanca@br.iofc.org

Impressão por Letras e Versos, Rio de Janeiro, Brasil

Sumário

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
1 O Início de Caux.....	38
2 A França e a Expansão da Fé de Frank Buchman.....	51
3 Um Veterano Alemão Recorda.....	64
4 O Ingrediente Secreto do Milagre Japonês no Pós-Guerra	80
5 Torpedo Humano (Kamikasi) se Torna Um Criativo Consultor	86
6 Sementes de Mudança para a África.....	98
7 O Legado de Buchman na África Francesa.....	120
8 Dinamite Política na Austrália.....	135
9 A Jornada da Índia rumo à Nova Governança	148
10 Brasileiros Comuns fazendo Coisas Incomuns	167
11 A Inspirada Ideologia de Buchman para a América.....	175
12 Eleições Limpas – Uma Meta para Taiwan	200
13 Frank Buchman e o Mundo Muçumano	208
14 A Ação Emerge do Silêncio - Uma Visão Russa.....	221
15 O Fator Esquecido da Indústria.....	230
16 A Economia do Altruísmo	257
17 A Mídia - Os Arautos da Esperança.....	272
18 A Juventude Olha para Trás - e Para Frente.....	282
19 A Reconciliação vem da Transformação	304

Prefácio

O ano de 2008 é um ano de grande significado para o Rearmamento Moral (RAM) – hoje Iniciativas de Mudança (IdeM). Trata-se do ano do 100º aniversário da grande experiência espiritual de Frank Buchman em Keswick, no Norte da Inglaterra; do 70º aniversário de lançamento público do RAM em Londres e do acontecimento de um encontro importante em Visby, na Suécia, que marcou uma mudança de rumo no trabalho de Buchman antes da Segunda Guerra Mundial; e também o ano do 40º aniversário de inauguração do centro de conferências asiático em Panchgani, no oeste da Índia.

Cada um desses eventos irá, sem dúvida nenhuma, ser lembrado pelos diferentes grupos de pessoas da maneira mais conveniente; mas 2008 também parece ser o momento apropriado para uma reavaliação geral da vida e da obra de Buchman a partir da perspectiva do século 21.

Esperamos que todos esses fatos conquistem o interesse das gerações mais jovens, que estão assumindo agora posições de responsabilidade dentro de Iniciativas de Mudança sem terem jamais conhecido Frank Buchman. Esperamos, ainda, que relembrem às gerações mais velhas as aventuras que viveram nos seus primeiros anos. O que se segue, no entanto, foi escrito por pessoas que estão, talvez, travando conhecimento com Frank Buchman pela primeira vez.

Archie Mackenzie & David Young

Introdução

Por Archie Mackenzie

Não faz muito tempo, alguém com seus vinte e poucos anos me perguntou: “Por que Frank Buchman é importante?”. Não era uma pergunta cética. Contudo, mostrou uma perplexidade que não era totalmente surpreendente, visto que Frank Buchman faleceu há quase cinquenta anos e, se ainda estivesse vivo, teria hoje 130 anos.

Então me lembrei que, por uma interessante coincidência, me fizeram exatamente essa mesma pergunta há cinquenta anos em Londres, quando trabalhava no ministério das relações exteriores britânico. Lembrei também que tinha, naquela ocasião, dado uma resposta em três partes, e percebi que iria dar a mesma resposta agora.

Eu disse: primeiro, porque ele diagnosticou as verdadeiras causas dos problemas mundiais atuais anos antes da maioria das outras figuras públicas. Segundo, porque enfrentou as consequências em sua própria vida. Terceiro, porque criou uma rede mundial de pessoas tão comprometidas quanto ele a viver a resposta como ele a via.

Como ele era de verdade?

Isto pode ser analisado com detalhes. Contudo, meu jovem interlocutor talvez me interrompesse para perguntar: “Mas como era Frank Buchman de verdade?”. Nesse caso, eu teria respondido assim:

A característica principal de Buchman era sua espontaneidade e

sua cordialidade. Ele adorava companhia e viajava regularmente com uma equipe. Não era um cavaleiro solitário nem um monstro sagrado, como os franceses chamam as celebridades muito populares. Ele tinha um brilho. Esse brilho vinha do modo como vivia. Não havia blefe.

Ria ruidosamente quando algo o divertia, mas também fazia silêncio por longos períodos, como se estivesse ouvindo uma música que as outras pessoas não podiam ouvir. Sabia como ler as pessoas, discernindo suas motivações. Disse uma vez a um político: “Senhor Primeiro-Ministro, o senhor precisa aprender a ler as pessoas como se fossem uma página impressa.” Mais tarde, quando o Primeiro-Ministro foi deposto por um grupo militar, os eventos provaram que o conselho de Buchman tinha fundamento.

Ele tinha uma enorme variedade de amigos, desde a realeza até os radicais, jovens e velhos, pessoas de todas as raças. E conservou todas essas amizades, apesar das tentativas dos murmuradores em afastá-los.

Mostrava-se extremamente preocupado com o bem estar e com as necessidades dos membros de sua equipe. Adorava colocá-los nos melhores assentos em eventos públicos importantes. Todavia, nunca esbanjava dinheiro. O presente de aniversário tradicional que dava, tanto para homens quanto para mulheres, era um lenço de qualidade que costumava comprar aos montes, quase sempre na Suíça.

Podia ser um chefe severo, devido aos seus padrões elevados, mas também era clemente. Um de seus assistentes chegou a dizer: “a vida aqui é como uma mistura de manhã de Natal com o dia do Juízo Final”.

Ele era um homem de fé e acreditava profundamente que Deus guia aqueles que escutam e estão prontos para obedecer. Porém, sua fé não era exclusiva nem combativa. Ele teria apoiado o que disse Madre Teresa: “O que todos nós estamos tentando fazer

através da nossa obra é chegar mais perto de Deus. Tornarmo-nos um melhor hindu, um melhor mulçumano, um melhor católico, um melhor seja lá o que for, e por sermos melhores, nos aproximamos mais e mais Dele. Que método eu uso? Para mim, naturalmente é ser católica. Você pode ser hindu, outro pode ser budista, de acordo com a consciência de cada um. Mas eu não posso evitar dar o que tenho”.

Se ainda estivesse vivo hoje, Buchman teria, sem dúvida, evoluído com os tempos, mas suas raízes não teriam sido abaladas.

Pode-se dissecar o caráter de Buchman em busca de defeitos. Contudo, seria mais proveitoso olhá-lo objetivamente e buscar aquilo que podemos aprender para as dificuldades que enfrentamos hoje.

A verdade é que todos nós, envolvidos com Iniciativas de Mudança hoje, não estaríamos onde estamos se não fosse por Frank Buchman.

O mundo dos anos 50, quando me perguntaram sobre Frank Buchman pela primeira vez, era, claro, muito diferente do nosso mundo do século 21 de inúmeras maneiras, com suas manchetes penetrantes sobre Darfur, ataques suicidas, Guantanamo, etc. Entretanto, um momento de reflexão revela que lá no fundo há muitas similaridades, e Frank Buchman era especialista em lidar com os problemas mais profundos. Ele costumava dizer: “Nunca se esqueça disso: você pode planejar um novo mundo no papel, mas terá que construí-lo com pessoas”. Ele percebeu que no século 20, talvez mais do que nunca, especialistas de todos os tipos estavam elaborando planos no papel para reformar a sociedade, planos globais como as Nações Unidas, regionais

como a União Europeia, e também nacionais para lidar com os problemas econômicos e sociais de cada país independente. Mas o que era comum a todos esses planos era o fator humano. Todos dependiam da reação das pessoas e suas motivações, individualmente e em grupos. Contudo, quase sempre o fator humano era o fator esquecido.

Não foi Frank Buchman quem descobriu o fator humano, mas chamou a atenção para ele. Nem disse que o fator humano era a única questão a ser discutida. Por exemplo, ele estava presente em São Francisco, em 1945, durante toda a conferência que elaborou a Carta das Nações Unidas e acompanhou o processo com interesse.

Ele estava muito interessado nos meus relatórios sobre os últimos acontecimentos na organização - nos altos e baixos do Conselho de Segurança, nos discursos sem fim da Assembleia Geral e nos atrasos e nas concessões feitas nos processos de tomada de decisão. No entanto, pude notar que tinha sérias dúvidas sobre o futuro da organização, a menos que houvesse um reconhecimento muito mais consciente das complicações causadas em todo o arcabouço pelo fator humano, e um esforço muito mais sério por parte dos países membros, mesmo a custo do orgulho nacional, para lidar com esse fator.

Mas o interesse de Buchman não parava aí. Ele havia assumido o compromisso, aos 30 anos de idade, quando de sua decisiva experiência espiritual, de fazer algo em relação ao fator humano, começando com sua própria vida. Seu momento de mudança tinha ocorrido em 1908, há cem anos, e ele frequentemente recontava a história com detalhes. Ele trabalhava na época como superintendente em um abrigo para meninos pobres numa das áreas mais problemáticas da Filadélfia. Tinha tido uma discussão com a diretoria sobre a administração do lugar e principalmente sobre o que ele entendia ser uma política de orçamento mesquinha. Saiu da reunião tão furioso e deprimido que seu

médico recomendou uma viagem à Europa para se recuperar do aborrecimento.

Crise em Keswick

No entanto, ele logo reconheceu que essa “mudança” para a Europa era apenas externa e que sua indignação com a diretoria o havia acompanhado. Foi enquanto participava de uma conferência religiosa em Keswick, a Norte da Inglaterra, como parte de sua viagem, que essa crise interior atingiu seu ponto crítico. Aconteceu num domingo de manhã, durante uma reunião presidida por uma oradora não muito conhecida. Contudo, o que ela disse sobre o significado do sacrifício de Jesus Cristo na cruz mostrou a Buchman, muito intensamente, o custo de seu próprio orgulho e egocentrismo no modo como havia pedido demissão na Filadélfia.

Ele retornou imediatamente ao alojamento e escreveu uma carta de seis páginas pedindo desculpas à diretoria do abrigo. Então, como contava sempre, teve uma sensação de liberação tão forte que contou sua experiência aos outros membros da delegação. Por sua vez, um de seus ouvintes, um estudante da Universidade de Cambridge, sentiu-se tocado tão profundamente que pediu para conversar com Buchman em particular. O resultado foi que antes do fim do dia este estudante tinha tomado uma decisão que, assim como a de Buchman, mudaria sua vida.

Essa experiência em Keswick afetou permanentemente a visão de Buchman sobre a vida. Pode-se até dizer que foi como a estrada de Damasco para São Paulo. Ele viu quanto custava seu próprio orgulho, ou seja, o fator humano. Enfrentou as consequências tomando uma atitude corretiva. E viu o resultado na vida de outra pessoa.

A experiência de Buchman não foi uma descoberta própria. Milhares de filósofos e teólogos escreveram sobre os problemas

do fator humano e sobre sua redenção. Porém, poucos chegaram ao segundo estágio de reconhecimento e arrependimento de suas próprias falhas e tomaram atitudes concretas em relação a elas.

Mas Buchman não parou aí. Nos anos que se seguiram após 1908, ele evoluiu para o terceiro estágio, buscando um entendimento mais profundo das implicações das descobertas de Kenswick. Recusou ofertas lucrativas, pois sentia que devia concentrar-se no próximo estágio, qual seja construir uma rede de pessoas estreitamente ligadas, que seguiriam seu exemplo, passando pela mesma experiência de mudança e se comprometendo a viver as implicações de suas descobertas espirituais em seus diferentes caminhos de vida.

Esse grupo em expansão passou a ser conhecido publicamente, primeiro como o Grupo de Oxford (simplesmente porque muitos de seus primeiros membros eram alunos da Universidade de Oxford), depois como Rearmamento Moral e, atualmente, como Iniciativas de Mudança.

Assim, Buchman merece ser lembrado, não como um filósofo ou um eclesiástico, mas sim como alguém que tentou incorporar, na medida em que lhe fosse possível, a “dimensão total da mudança”. E ele próprio descrevia isso como “mudança econômica, mudança social, mudança nacional e mudança internacional, todas baseadas na mudança pessoal”.

Houve muitas tentativas de encapsular sua vida e obra em uma única frase ou sentença. Muitos o compararam a São Francisco de Assis ou a outras figuras revolucionárias. Recentemente, falando de uma experiência completamente diferente, um general aposentado da força aérea dos Estados Unidos, que nunca conheceu Buchman pessoalmente, disse que sua obra “ressaltava o poder excepcional de uma ideia construtiva, junto com a fé, de atrair os voluntários certos no momento certo para mover uma montanha”.

Uma reviravolta na vida no campus

Havia muito pouco na genealogia ou na criação de Buchman que pudesse levar alguém a supor que ele se tornaria uma figura tão significativa nas questões mundiais. Vinha de uma família suíço-alemã, como milhares de outros que imigraram para os Estados Unidos nos séculos 18 e 19. Foi criado numa pequena cidade da Pensilvânia, onde frequentou a escola e a universidade, embora não fosse uma universidade de prestígio. Seu primeiro emprego na Filadélfia, após se formar como pastor luterano, não pode ser descrito como um trampolim para uma carreira. Porém, algo novo chegou claramente à sua vida como resultado da experiência em Kenswick. Retornou aos Estados Unidos e ocupou um cargo como representante da *ACM - Associação Cristã de Moços (Young Men's Christian Association - YMCA)* na universidade Penn State College, e coisas surpreendentes começaram a acontecer ao seu redor quase que imediatamente.

A universidade passava por um período ruim. Imperava a indisciplina. Nunca se tinha bebido tanto. Tanto os resultados acadêmicos quanto os esportivos eram deploráveis. No entanto, a entrada de Buchman em cena parece ter marcado o começo de uma reviravolta extraordinária na vida no campus. Ao lidar com os alunos individualmente, ao invés de em massa, e usando ao máximo sua experiência em Kenswick, ele transformou a vida da universidade. Alunos-chave foram sensíveis à sua amizade criativa, e a atmosfera intelectual e moral logo mudou. Ali Buchman passou sete anos, e foi na Penn State College que ele desenvolveu as técnicas básicas de mudança pessoal que se tornariam o centro da subsequente obra de sua vida.

Finalmente, em 1915, ele aceitou a sugestão de John Mott, líder mundial da ACM, de deixar a Penn State College e se mudar para a Ásia, como parte integrante de uma equipe de preparação para uma missão evangélica mundial planejada pelo próprio Mott.

Buchman passou então dois anos, 1915-17, viajando pela Índia e China. Foram anos de expansão de experiências e estímulo intelectual, e serviram como uma preparação - então desconhecida para Buchman - para a missão histórica que, 40 anos depois, empreenderia na Ásia, sob circunstâncias muito diferentes. Os alunos da universidade Penn State College lembram que, já nessa época, Buchman os encorajava a “pensar para continentes”, mas aquela foi a primeira oportunidade de absorver a cultura asiática e conhecer pessoalmente líderes como Mahatma Gandhi, Rabindranath Tagore e Sun Yat-Sen. Buchman era, desde jovem, um homem do mundo.

Entretanto, sua jornada não estava livre de atritos, atritos estes que surgiram não com os asiáticos, mas com os ocidentais, incluindo alguns de seus compatriotas. Apesar de estar pensando em uma importante campanha evangélica, Buchman descobriu, entre os missionários que deveriam ter sido seus aliados, sinais perturbadores de um cristianismo amortecido, considerado compatível com satisfações individuais, o que ele fortemente desaprovava.

Buchman voltou então para os Estados Unidos, perturbado com sua descoberta e com as alarmantes tendências mundiais. Na verdade, olhando para trás a partir do século 21, pode-se ver que as placas tectônicas sob o cristianismo do século 19 estavam se movendo. Por outro lado, os líderes cristãos falavam da “evangelização do mundo em uma geração”, e uma impressionante conferência mundial missionária havia acontecido em Edimburgo, em 1910, com um otimismo efervescente.

Mudança Mundial através da Mudança Pessoal

Todavia, apenas quatro anos depois as principais nações ocidentais entraram numa guerra mundial catastrófica. Foi tão devastadora que, quando a paz foi finalmente obtida em 1918,

tanto os vencedores quanto os perdedores se viram enfrentando a perspectiva não de uma evangelização mundial em uma geração, mas de uma nova era de relativismo moral, ceticismo e materialismo, onde as doutrinas freudianas e o leninismo se espalhavam rapidamente. Tornou-se obviamente claro que os conceitos do século 19 de evangelização e progresso deveriam ser repensados radicalmente.

Confrontado com esta cena de confusão ideológica, Buchman sustentava firmemente a ideia de “mudança mundial através da mudança pessoal”. Para ele, a prioridade não eram as novas estruturas e tratados, mas sim novas pessoas. “O trabalho mais necessário hoje em dia, disse ele, é o trabalho de coração para coração. Devemos estar diariamente em contato divino com as pessoas, ou não chegaremos nem perto do problema que enfrentamos”.

Nesta situação, Buchman sentiu-se chamado a encarregar-se de causas novas e maiores. Quando retornou aos EUA, recusou uma oferta da família Rockefeller para dirigir um programa amplo e generosamente mantido, que recebeu o nome provisório de *Movimento Mundial Inter Igrejas*, por considerar as condições muito limitadas. Em 1921, pediu demissão do cargo de professor no Seminário Teológico de Hartford e nunca mais teve um emprego remunerado. Ao invés disso, voltou a Oxford para acompanhar de perto os contatos com os alunos das Universidades de Oxford e Cambridge. E foi em Cambridge, enquanto andava de bicicleta por suas ruas estreitas, que lhe veio à mente espontaneamente o pensamento: “Você será usado para reconstruir o mundo”. Ele contou que naquela sua bicicleta bambeou; claro que esta frase pode ter várias interpretações, mas representou outro marco na carreira de Buchman. Tinha então 42 anos e, tendo em vista suas experiências passadas em Keswick, Penn State, Índia e China, ele se perguntou qual poderia ser exatamente esse papel.

Decidiu concentrar-se primeiro nos alunos, os líderes em potencial de amanhã, e principalmente nas Universidades de Oxford, Cambridge e Princeton. Muitos daqueles alunos no ano 1921 eram soldados que haviam retornado endurecidos pelos anos passados nas trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial. Um desses primeiros recrutas (que permaneceu ao seu lado até falecer) era um escocês, Loudon Hamilton, veterano das batalhas de Somme e Passchendaele. A estada de Buchman, principalmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 20, explica por que muitos dos primeiros membros a trabalhar com tempo integral na sua equipe eram britânicos e americanos.

Por uma África do Sul sem preconceitos raciais

Uma das primeiras iniciativas internacionais desses homens foi uma visita à África do Sul no verão de 1928. Buchman não foi com eles (apesar de tê-los acompanhado no ano seguinte), mas os efeitos da nova experiência cristã do grupo foram sentidos em todos os setores da sociedade sul-africana: brancos, negros e pardos. Um dos primeiros recrutas foi um astro do rugby Springbok, George Daneel, que estudava para se tornar ministro da Igreja Reformada Holandesa. Sua dedicação à causa de uma África do Sul sem preconceitos raciais não parou até que a independência fosse conquistada em 1991. Daneel morreu em 2000 aos 100 anos. O primeiro ministro sul-africano Johanees Vorster reconheceu mais tarde que Daneel sempre estivera certo (ver capítulo 6).

Impacto na Noruega

Outra entre as primeiras iniciativas internacionais foi a aceitação por Buchman de um convite feito em 1934 por Carl Hambro, presidente do parlamento norueguês (que ele tinha conhecido na Liga das Nações em Genebra), para visitar a Noruega. Levou com

ele um grupo de 80 pessoas, a maioria britânicos, e seu impacto em todos os estratos da vida na Noruega foi instantânea e duradoura. Líderes religiosos, políticos, autores e editores, todos foram tocados. Na verdade, sua iniciativa não só afetou imediatamente a vida nacional como também, no devido tempo, produziu os líderes dos esforços de resistência norueguesa aos nazistas em 1940. O editor Frederik Ramm, nacionalmente conhecido por sua vigorosa campanha contra a Dinamarca na questão da disputa pela soberania da Groenlândia, desculpou-se publicamente em Copenhague, como resultado do impacto de Buchman em sua vida. Tornou-se também figura proeminente no movimento de resistência e morreu em 1945, quando retornava à Noruega vindo de um campo de concentração alemão.

Outro norueguês proeminente a ser impactado foi o conhecido autor Ronald Fangen. Recentemente descobriu-se um ensaio que ele havia escrito sobre Buchman. Nesse texto, Fangen recontava vividamente a rotina diária de Buchman e seu relacionamento com sua crescente equipe de adeptos. Ele escreveu: “Sua capacidade de trabalho era fenomenal. Frequentemente me perguntava: de onde ele tira essa força? Nas datas principais, eu o via liderar uma reunião de grupo com mais 300 pessoas, preparar e participar de cinco reuniões diferentes e, ao mesmo tempo, ter conversas reservadas, cuidar da correspondência e supervisionar várias coisas... Ia para a cama já tarde da noite e as nove na manhã do dia seguinte já participava novamente de alguma reunião, irradiando frescor matinal, bom humor e espírito de luta... Àquela hora ele já tinha feito sua hora tranquila, orado, recebido orientação e lido a bíblia.”

A descrição de Fangen das pessoas ao redor de Buchman também era interessante: “Frank Buchman e sua equipe enfrentam resistência. Ela toma várias formas, desde fofoca às escondidas até bulas solenes de excomunhão. Nada disso consegue deter os homens e as mulheres do movimento. Eles têm um segredo

irresistível, devotaram total e completamente suas vidas a Deus. Não há necessidade de idealizá-los, são pessoas, têm seus defeitos, podem admitir seus defeitos, podem pedir perdão. Mas é o grupo de pessoas mais livres e iluminadas que se pode conhecer.”

Os acontecimentos na Escandinávia atraíram a atenção internacional, e o trabalho de Buchman se expandiu rapidamente, especialmente na Grã-Bretanha e nos Países Baixos; mas só cinco anos mais tarde seria percebida a real implicação do seu trabalho. O ano de 1938 foi decisivo para Buchman e para a Europa.

O chamado para um Rearmamento Moral em 1938

Nessa época, os perigos de uma guerra mundial eram bem claros. As vozes do totalitarismo se tornavam cada vez mais estridentes. As democracias ocidentais enfraqueciam lentamente. A Liga das Nações mostrava-se impotente. Nessa ocasião, Buchman mostrou, mais uma vez, estar à frente do seu tempo. Declarou publicamente a necessidade de “um rearmamento moral e espiritual” em todo o mundo como prioridade - necessário para evitar a guerra (a qual, aliás, provou ser inevitável), e para a sobrevivência da liberdade caso a guerra ocorresse. Seu chamado para um Rearmamento Moral, feito em Londres em 1938, produziu respostas positivas em todo o mundo e, como veremos, deu forma ao trabalho de Buchman na década seguinte e mais além.

Entretanto, ele também percebeu que a mudança da situação mundial tinha implicações em seu próprio comprometimento. Durante um encontro internacional em Visby, Suécia, em agosto de 1938, fez um dos discursos mais desafiadores de sua carreira. Ele não havia preparado o texto e ficou óbvio que foi um discurso que preferiria não ter feito. Pôs em contraste “renovação religiosa” (ou “cristianismo sem engajamento”) com “Revolução

Moral e Espiritual”, e continuou: “Eu sei que as revoluções incomodam as pessoas. Não vim aqui incomodar vocês. Não vim aqui para fazer vocês gostarem de mim... Não voltarei atrás, não importa quem o faça, custe o que custar”. Incitando as pessoas a ignorar a programação das reuniões da tarde, sugeriu que discutissem as questões em particular e acrescentou: “Aquilo que vocês têm que decidir é entre vocês e Deus. Entregue sua vida a Deus para uma direção total e completa, como um companheiro revolucionário”.

Ele deliberadamente estabeleceu um limite. Alguns não aceitaram, mas a maioria aceitou.

Naquela época, Buchman tornava-se o foco das esperanças para milhões de pessoas e exercia influência no governo de muitos países. No entanto, seus esforços de paz foram infrutíferos, e a marcha para a guerra continuou até estourar no fatídico Setembro de 1939.

Buchman se encontrava então nos Estados Unidos, acompanhado por uma grande equipe internacional, fazendo campanha de todas as maneiras possíveis para acordar o país para os perigos a enfrentar, assim como o resto do mundo. Alguns dos membros de sua equipe, naturalmente, tiveram que voltar para casa quando a guerra estourou, mas no verão de 1940 - quando a França havia sido devastada e começava a blitz em Londres - Buchman levou 200 membros da equipe a um acampamento simples às margens do Lago Tahoe, entre Nevada e a Califórnia. Lá ficaram por mais de três meses, envolvidos em sérias discussões. Esta experiência provou ser profunda e decisiva para muitos. Na verdade, representou outro marco no desenvolvimento da vida e dos pensamentos de Buchman.

O grupo levava uma vida simples, preparando a própria comida, e se encontrava diariamente para pensar nas implicações das batalhas que então ameaçavam as raízes da civilização. E desta busca íntima cresceu uma equipe mais disciplinada e comprometida que logo mostrou seu valor, tanto nos esforços de guerra para levantar a moral americana quanto no lançamento do trabalho do RAM em muitos países após a guerra. Houve dor e sacrifício na geração desta equipe de pessoas, e sua criação foi, sem dúvida, parte do legado duradouro de Buchman.

Para o palco e a telas

A experiência em Tahoe também se mostrou significativa por marcar o lançamento das primeiras expressões teatrais e musicais da mensagem de Buchman, produções que teriam um papel de destaque nos esforços do RAM durante e após a Segunda Guerra Mundial. O próprio Buchman tinha algum talento artístico, e sentiu a necessidade de encontrar maneiras novas e interessantes de expressar velhas verdades. Iniciou-se assim uma onda de produções, no palco e nas telas, que se propagou pelo mundo.

Muitas produções foram celebradas internacionalmente. *O Fator Esquecido* ilustrava habilmente como as disputas industriais e os problemas familiares estavam quase sempre interligados e como o ignorado fator espiritual poderia ajudar a resolver a ambos. O presidente Truman, então presidente da Comissão para Investigação de Guerra do Senado, disse que esta foi “a peça mais importante produzida antes da guerra”, sendo que após a guerra ela foi traduzida na Alemanha e em outros países. *Jotham Valley* foi um drama musical baseado na história real de dois irmãos fazendeiros em Nevada, os quais encontraram a resposta para uma amarga disputa sobre os direitos de uso da água. Acabou sendo uma mensagem poderosa em países asiáticos que enfrentavam problemas de escassez de água.

The Good Road (A Boa Estrada) foi uma produção musical que teve um efeito poderoso em áreas-chave na Europa no pós-guerra. *Liberdade* foi uma peça escrita por africanos, relatando suas próprias experiências (como será explicado mais adiante), que virou um filme de sucesso. Estreou em Nova Iorque e foi mais tarde usado em todos os continentes. Por exemplo, o presidente Jomo Kenyatta, do Quênia, exibiu o filme num banquete oficial em honra do presidente Nkrumah, de Gana. *A Ilha Desaparecida* era um drama musical com tons ideológicos muito fortes, que foi exibido em todo o mundo no auge da Guerra Fria, esclarecendo a necessidade de mudanças em ambos os lados. *A Experiência Culminante*, outra poderosa produção para os palcos e cinema, falava sobre o conflito racial nos Estados Unidos, tendo sido baseado na vida de Mary Mcleod Bethune, uma pioneira da educação para negros nos EUA.

Estas e várias outras peças e musicais só foram possíveis porque várias figuras de talento do mundo do teatro, da música e do cinema ouviram o chamado de Buchman. Alguns foram produzidos no centro de treinamento do RAM em Mackinac Island, Michigan, ou no Teatro Westminster, em Londres, que foi comprado em 1945 pela equipe britânica como um memorial ao pessoal de serviço da Comunidade Britânica e da Inglaterra que deram suas vidas na Segunda Guerra Mundial. Por duas décadas foram instrumentos bem sucedidos para a educação de milhões de pessoas que viviam fora das estruturas religiosas normais.

Da mesma maneira, os centros internacionais de conferência e treinamento do RAM - particularmente Mackinac Island, Caux na Suíça, Panchgani na Índia e Armagh na Austrália - ofereciam um fórum onde as pessoas tocadas pelas peças e filmes do RAM podiam refletir sobre problemas pessoais e globais e as conexões entre eles.

A doença ataca

Em meio a tudo isso, em Janeiro de 1942, quando tinha 64 anos, aconteceu outro momento decisivo na história da vida de Buchman. Durante uma visita ao norte do estado de Nova Iorque, ele sofreu um derrame e levou muitos meses para se recuperar. Daí em diante, passou a usar uma bengala ou uma cadeira de rodas. Sua convalescença foi um período consideravelmente difícil para ele e para aqueles próximos a ele, até se adaptarem às suas limitações. Felizmente, seus poderes mentais e sua criatividade eram inigualáveis, mas precisava contar com a ajuda dos outros para implementar suas visões. O valor da sua equipe ficava demonstrado cada vez mais.

Apesar de estarem destinados a não se encontrarem ainda por três anos devido às condições de guerra, Buchman, já não tão forte, voltava-se cada vez mais para o talentoso Peter Howard como um futuro líder em potencial. Howard tinha tido uma ascensão meteórica como um contundente jornalista nos jornais de Lord Beaverbrook, e sua decisão de largar tudo para se juntar à equipe de Buchman e o RAM em 1942 chocou a imprensa britânica. Buchman reconheceu imediatamente seus talentos de liderança, mas nunca o poupou por causa da sua carismática, ainda que tempestuosa, reputação. Howard, por sua vez, aceitou a tratamento disciplinador de Buchman e permaneceu leal a ele até sua morte. Foi uma grande perda para a causa de Buchman quando Howard, o talentoso escritor e dramaturgo, morreu repentinamente apenas quatro anos mais tarde.

Buchman permaneceu nos EUA até o final da guerra e, durante esse tempo, ele e os membros de sua equipe construíram as bases para as operações no continente, que se desenvolveriam após a guerra, afetando muitos pontos-chaves da vida americana e canadense, especialmente no campo industrial e das relações raciais (ver capítulo 11).

Reconciliação Pós-Guerra: Uma Prioridade

Antes mesmo do fim da Segunda Guerra Mundial, Buchman já pensava na vasta tarefa de reconstrução e reconciliação que estava por vir. Em Abril de 1946, viajou de navio de Nova Iorque para a Grã-Bretanha com uma equipe de mais de cem pessoas e de lá foram para a Suíça, em Julho, para inaugurar a primeira conferência no centro do RAM em Caux. Durante a guerra, alguns dos amigos suíços de Buchman haviam visto, no alto dos Alpes sobre o Lago Genebra, um grande e pitoresco edifício que havia sido originalmente um dos melhores hotéis da Europa, mas que havia passado por tempos difíceis e estava sendo usado como um centro de detenção de refugiados. Após consultarem Buchman, cerca de noventa famílias suíças se juntaram e compraram o edifício para ser usado como uma base para estimular o processo de reconciliação tão obviamente necessário após a 2ª Guerra Mundial. Restaurado de volta ao seu esplendor original, ainda é usado como um centro de reconciliação no século 21 (ver capítulo 1).

A história do impacto que Buchman e seus amigos do RAM tiveram na França e na Alemanha após a guerra, principalmente a partir de Caux, foi contada várias vezes e foi reconhecida pelos historiadores. Preencheu uma lacuna ideológica que nunca havia sido consertada após a Primeira Guerra Mundial e que é atualmente tão dolorosamente evidente no Oriente Médio. Paul Hoffman, administrador do Plano Marshall, expressou sucintamente: “Vocês estão dando ao mundo a contrapartida ideológica do Plano Marshall”.

Também é surpreendente notar como os principais líderes europeus, como o chanceler alemão Adenauer e o ministro das relações exteriores francês Robert Schuman, reagiram à figura relativamente desconhecida, sem status governamental, e quase imediatamente lhe deram amizade e apoio. É como se sentissem

que compartilhavam com Buchman uma busca espiritual, ou um gene espiritual (estes laços instintivos rapidamente estabelecidos também caracterizavam o relacionamento de Buchman com outras figuras públicas, pessoas tão radicalmente diferentes como o primeiro-ministro de Burma U. Nu; o ministro iraquiano das relações exteriores Fadhel Jamali; o patriarca ortodoxo de Istambul Athenagoras; o Rei Miguel I da Romênia; John Henry Hammond, da família Vanderbilt, de Nova Iorque; Phra Bimaladhamma, membro sênior da hierarquia budista da Tailândia; e o chefe Walking Buffalo da tribo Stoney no Canadá).

Construindo Pontes sobre o Reno

O vácuo ideológico no Ruhr, que as forças marxistas imediatamente perceberam, era uma óbvia ameaça aos planos dos Aliados. Entretanto, Buchman também o havia reconhecido e enviado voluntários do RAM equipados com peças teatrais, como *The Good Road* e *O Fator Esquecido*, que ajudaram a preencher a lacuna e ganhar o apoio de homens como Herman Kost, chefe da Diretoria de Carvão alemã, e Hans Boeckler, presidente da Federação dos Sindicatos Alemães. Um panfleto do RAM chamado *Es mus alles anders werden (Tudo deve ser diferente)* preencheu o vácuo ideológico e foi distribuído aos milhões em toda a Alemanha.

O auxílio também veio da França, na forma de Irène Laure, líder da resistência na região de Marselha e líder, após a guerra, da Organização das Mulheres Socialistas Francesas. Em Caux, ela experimentou uma libertação dramática do seu ódio contra a Alemanha, causado pelo seu sofrimento durante a guerra. A partir de então, passou a desempenhar papel de destaque, junto com seu marido, nos esforços do RAM para a reconciliação em toda a Alemanha. Na verdade, Robert Schuman diria mais tarde que ela havia feito mais do que qualquer outra pessoa para “construir pontes sobre o Reno”.

Os esforços cumulativos dessas iniciativas na Alemanha e na França nos primeiros anos do pós-guerra ajudaram, sem dúvida nenhuma, a proporcionar a infraestrutura moral para os posteriores acordos governamentais que mudariam a história da Europa (ver capítulos 2 e 3).

Atingindo os Humilhados

Após o fim da guerra, a mente de Buchman também havia se voltado imediatamente para o Japão, onde tinha vários amigos da época de suas visitas anteriores à guerra. Ele não foi lá imediatamente em pessoa, mas enviou representantes seniores das equipes que tinham participado do treinamento no Lago Tahoe em 1940.

O gesto de Buchman despertou uma ampla reação no país humilhado e delegações de líderes japoneses passaram a visitar Caux a partir de 1948. Essas iniciativas contavam tanto com o apoio do general MacArthur (Supremo Comandante, Forças Aliadas no Extremo Oriente) como do primeiro-ministro japonês Shigeru Yoshida, que disse que tais iniciativas estavam “abrindo uma nova página na nossa história”. Quando a conferência para a assinatura do tratado de paz com o Japão finalmente aconteceu em 1951 em São Francisco, Buchman mais uma vez estava presente e Robert Schuman, líder da delegação francesa, lhe disse: “Claro, a verdade é que você conseguiu a paz com o Japão anos antes de nós a assinarmos” (ver capítulos 4 e 5; e também o livro de Basil Entwistle, *Japan's Decisive Decade*, Grosvenor Books, 1985).

Em 1952, a mente de Buchman estava se voltando para uma iniciativa ainda maior. Apesar de suas limitações físicas resultantes do derrame, liderou pessoalmente um grupo de 200 pessoas (incluindo o elenco de cinco peças) numa viagem de sete meses pelo sudeste asiático. A coincidência de datas foi notável.

Alguns diriam abençoada. Buchman insistia que tudo tinha sido fruto da direção divina. Seguindo-se imediatamente à independência da Índia, Paquistão e Sri Lanka, com toda a sua agitação e derramamento de sangue, a reação à iniciativa de Buchman foi extraordinária.

Embora tivesse sido convidado por um importante grupo de líderes asiáticos, sua chegada foi marcada pela oposição inicial por parte dos marxistas, orquestrada por uma série de programas hostis das rádios de Tashkent e Moscou; mas foi contrabalançada pela onda de apoio desde Mumbai até Calcutá e da Caxemira até Kerala.

A importância ideológica da movimentação de Buchman foi posta em evidência logo no início por uma recepção diplomática oferecida em Deli, onde o encarregado de negócios da Alemanha Ocidental - ao lado do embaixador francês – agraciou a Buchman com a Ordem do Mérito Germânico, em reconhecimento de sua contribuição na reaproximação dos dois países ao longo dos cinco anos anteriores. A importância deste evento não passou despercebida pelos governos da Índia e do Paquistão, nem pelos membros dos corpos diplomáticos que assistiram à cerimônia.

O suficiente para as necessidades de todos...

A visão de Buchman para a Índia havia sido impulsionada originalmente pela visita que fez em 1915, além das oito visitas subsequentes, e era justificada pela reação que seus esforços suscitavam em todos os níveis da sociedade. Foi especialmente significativa a adesão de vários jovens indianos de boa formação acadêmica, inclusive Rajmohan Gandhi, neto do Mahatma, que renunciou aos seus planos de carreira. Alguns desses jovens ainda lideram o trabalho de Buchman até hoje.

Tal apoio também levou à criação, em 1968, de um grande centro de conferências e treinamento em Panchgani, na Índia Ocidental,

que ainda é usado numa grande variedade de atividades.

Em 1952, Buchman e sua equipe também estiveram no Paquistão e no Sri Lanka, e foi num arrozal próximo a Colombo que Buchman articulou sua filosofia econômica básica, nos termos que ecoariam cinquenta anos mais tarde nos pronunciamentos dos líderes do G8 na Reunião de Cúpula de 2005 em Gleneagles sobre a pobreza: “No mundo, há o suficiente para as necessidades de todos, mas não para a ganância de cada um. Se cada um se importar e compartilhar, todos terão o suficiente.” (ver capítulos 9, 15 e 16).

Para a África, e as filmagens de *Liberdade*

Enquanto isso, nos anos 50, os países africanos seguiam os passos do sudeste asiático na direção da independência. E, simultaneamente, Buchman convidava inúmeros africanos para conferências na Europa e nos Estados Unidos. Ele próprio fez somente uma visita à África após a guerra: esteve no Marrocos em 1954 a pedido de seu amigo Robert Schuman. Ficou lá por vários meses com uma pequena equipe, trabalhando discretamente com vários líderes franceses e marroquinos, e seus esforços levaram a várias reconciliações-chave entre personalidades de destaque, o que ajudou o Marrocos - assim como a Tunísia - na busca da independência sem derramamento de sangue.

Na África subsaariana, a Nigéria é um país-chave sob todos pontos de vista e Nnamdi Azikiwe, uma figura paterna na luta pela independência, havia estado em Caux em 1949 quando se dirigia a um encontro comunista em Praga. Como resultado da influência que Caux exerceu sobre seu pensamento, Azikiwe deixou Praga e retornou à Nigéria, onde se tornou uma das primeiras vozes defensoras do RAM.

Em 1955, um numeroso grupo de africanos se preparava para

deixar Caux quando Buchman os interceptou e lhes explicou que, durante a noite, havia tido o inesperado e insistente pensamento de que os africanos deveriam ficar mais tempo em Caux e escrever uma peça, baseada em suas experiências pessoais, que ilustrasse um novo caminho para a independência, baseado na transformação e não no conflito. Os africanos ficaram tão entusiasmados com a proposta que mudaram seus planos e, num tempo extraordinariamente curto, produziram o esboço da peça *Liberdade*. Em poucos dias ela foi representada em Caux pelos próprios autores e, nas semanas seguintes, levada a várias capitais europeias. Chegou finalmente à Nigéria, onde se tornou o primeiro filme colorido a ser produzido inteiramente em solo africano. A não ser em alguns encravamentos coloniais, o filme despertou amplo apoio e ainda é usado como um instrumento de paz.

O filme também foi usado como instrumento de trabalho nos esforços dos irmãos Colwell, três jovens talentosos cantores americanos, que renunciaram a carreiras promissoras em Hollywood para se devotarem à causa de Buchman. Cruzaram a África durante anos, muitas vezes sob circunstâncias muito perigosas, para levar suas canções cheias de significados - em vários idiomas africanos - a diferentes nações devastadas pela guerra. Um bispo católico disse, na época, que eles eram “a voz da sanidade” nesse país devastado.

A causa de Buchman também se espalhou rapidamente pelo Sul da África, incluindo a Rodésia, durante os anos de conflito civil que antecederam a independência. A mudança dramática ocorrida na vida de Alec Smith, filho de Ian Smith, o líder branco da Rodésia, desencadeou mudanças na vida de outros líderes africanos, e o trabalho discreto de uma associação formada por brancos e negros chamada “gabinete de consciência”, em Harare, inspirada pelo RAM, ajudou a pavimentar o caminho até a final independência do Zimbábue (ver o capítulo 6).

Expansão para a Austrália e Nova Zelândia

Frank Buchman pensava com frequência na Austrália e na Nova Zelândia. Tinha grandes expectativas sobre o que esses países poderiam realizar, não apenas para seus próprios cidadãos, mas também para todo o mundo. Passou três meses na Austrália, em 1924, e descreveu positivamente a reação que havia recebido de pessoas que trilhavam os mais diferentes caminhos de vida. Retornou em 1956 para uma estadia mais longa. A história da vida de Kim Beazley pai, que mais tarde se tornaria Ministro da Educação, o qual havia estado em Caux em 1953 quando regressava da coroação da Rainha Elizabeth II em Londres, e que subsequentemente se tornaria um modelo – segundo a escala de Wilberforce - do que um político moderno pode conseguir quando comprometido com os mais altos padrões morais, circulou por todo o mundo. Assim como a expansão do trabalho de Buchman no litoral australiano e na condução dos esforços em busca da harmonia racial na Austrália.

... E a América Latina

Buchman nunca passou muito tempo na América Latina, porém enviou alguns de seus membros mais bem treinados para trabalhar lá e recebeu inúmeros latino-americanos em conferências nos Estados Unidos e em Caux. A dramática história da transformação das condições das docas no Rio de Janeiro também atravessou o mundo no filme *Homens do Brasil* (ver capítulo 10).

Profundidade do compromisso espiritual

No período pós-guerra, Buchman não pode visitar a União Soviética nem a China devido às condições da Guerra Fria.

Tampouco viajou muito ao mundo árabe ou ao complexo israelense-palestino. No entanto, sua preocupação se estendia até essas áreas, como a coletânea de seus discursos nos revela, e as sementes que ele plantou naqueles territórios começaram a dar frutos nos anos que se seguiram à sua morte (ver capítulo 12).

No entanto, embora os 16 anos entre o fim da segunda guerra e a sua morte em 1961 tenham testemunhado uma espetacular expansão do seu trabalho em todo o mundo, parece claro que sua preocupação principal não estava na dimensão dessa expansão, mas sim na profundidade do compromisso espiritual que ela trazia.

Robert Schuman foi de fato um dos primeiros observadores a perceber o significado histórico do que Buchman fazia. No prefácio da edição francesa da coletânea de discursos de Buchman (escrito antes de conhecer bem Frank Buchman e antes de sua visita a Caux), Schuman disse: “Fornecer equipes de pessoas treinadas, prontas para o serviço do estado, apóstolos da reconciliação e construtores de um novo mundo, eis o começo de uma transformação em grande alcance da sociedade humana para a qual, durante os 15 anos devastados pela guerra, os primeiros passos já foram dados”. Essas equipes treinadas foram, na verdade, a essência do legado de Buchman (ver capítulo 2).

Conclusões

“Para restaurar uma verdade banal ao seu brilho original incomum, você só precisa traduzi-la em ação”. Samuel Taylor Coleridge.

“Se um homem não acompanha o ritmo de seus companheiros, talvez seja porque ele ouve uma batida diferente. Deixe-o

acompanhar o ritmo da música que ouve, por mais que calculada ou distante”. Henry Thoreau.

O mundo mudou drasticamente desde a época de Frank Buchman. Ele certamente não reconhecera alguns dos problemas que dominam nossas manchetes: os perigos das mudanças climáticas, poluição atmosférica e escassez de combustível. No entanto, é importante notar que os cientistas cada vez mais nos asseguram que a humanidade pode ser salva de tais desastres se houver o espírito certo de cooperação entre os governos e entre nós mesmos. Portanto, essas assim chamadas crises científicas tornam-se, na verdade, uma corrida contra o tempo na direção da iluminação moral, o que Buchman teria chamado de rearmamento moral. Assim, ao invés de entregar Buchman aos arquivos históricos, torna-se claro que seria bom para todos nós se revisitássemos sua vida e sua doutrina e víssemos o que podemos aprender para nos ajudar nas nossas dificuldades atuais.

Buchman certamente foi um transcendentalista, e não um humanista. Falava constantemente da importância de descobrir o plano de Deus para a humanidade. Sua doutrina, quando reduzida à sua essência, poderia ser resumida nos conceitos que frequentemente apareciam em seus discursos: fé em Deus, crença de que as orações têm respostas, padrões morais absolutos, disciplina, comprometimento total, qualidade de vida, liberdade interior, mudança de vida, visão mundial.

A prática de ouvir era central na fé de Buchman. Dizia ele: “Quando comecei, ouvia dez e falava cinco”. E acrescentou: “Então vivam de maneira que Deus lhes possa falar a qualquer hora do dia ou da noite.” Ele era um pensador intuitivo e não lógico. Após o derrame que o incapacitou, ao enfrentar longos períodos acordados à noite chamava um secretário para tomar nota dos pensamentos importantes que lhe ocorressem.

Atrelada à sua crença na direção divina estava sua adesão

inabalável aos padrões morais absolutos, particularmente aos quatro padrões que aprendeu com seu mentor Henry Wright, da Universidade de Yale: honestidade absoluta, pureza absoluta, altruísmo absoluto e amor absoluto. Claro que reconhecia haver muitos outros padrões morais inseparáveis da vida cristã, como humildade, compaixão, paciência, coragem, etc. Contudo, considerava que aqueles quatro padrões absolutos em especial se encontravam no centro do que considerava ser o modo de vida correto.

Teria concordado com o filósofo William Hocking, em Harvard, que disse: “É a marca da superficialidade ocidental considerar presunção reconhecer o absoluto e humilhante considerar todos os padrões relativos, quando ocorre precisamente o contrário. Só o absoluto dobra o nosso orgulho”.

Todavia, sua crença nos padrões absolutos estava ligada ao reconhecimento material da dificuldade de alcançá-los. Não havia exclusividade no conceito de Rearmamento Moral. Costumava dizer: “O RAM é como um lago por onde um elefante consegue nadar e um cordeiro consegue vadear”. Era esse tipo de catolicismo aliado ao seu carisma que atraía as pessoas ao invés de repeli-las. Pode ter havido um traço autocrático nele, como em muitos outros líderes, mas ainda assim ele inspirou nos mais próximos um nível de lealdade e sacrifício que ia muito além do chamamento ao dever.

Nunca recuava diante de confrontações pessoais, porém sua assertividade e prontidão para desferir uma observação aguda, mesmo sobre quem ele tinha acabado de conhecer, era contrabalançada pelo encorajamento que dava aos amigos para perseverar, “um comedimento inteligente e uma reserva indiferente”, quando apropriado.

Sua intuição também o ajudava a perceber o potencial escondido nas mais simples das pessoas. “Uma pessoa comum, guiada por

Deus, pode fazer coisas extremamente incomuns” era uma de suas frases preferidas, e uma vez acrescentou: “Passei a metade da minha vida fazendo desabrochar o talento de pessoas reprimidas”. Ele certamente colocava a arte de transformar a vida das pessoas no cerne de sua mensagem e de seu método. Apostava tudo nisso. Para ele, vidas humanas transformadas eram a matéria-prima da nova ordem mundial. “Você tem esperança de que uma dedicação total virá como resultado do seu trabalho com as pessoas?”, ele perguntava, “Então você está fazendo o trabalho mais necessário no mundo hoje.”

Em 1931, uma jovem canadense, com seus vinte e poucos anos, aproximou-se dele na tentativa de sugerir que aquela era a hora certa para uma campanha no Canadá. Sua resposta foi instantânea e característica: “Ótimo, faça você”. A canadense, surpresa, aceitou o desafio e, três anos mais tarde, o primeiro-ministro do Canadá diria que suas iniciativas haviam facilitado o trabalho do governo.

Alcançar unidade entre o pensamento e ação era sua busca constante. O filósofo francês Gabriel Marcel rapidamente percebeu a importância da ligação entre o que chamava de “o íntimo e o global”, que caracterizava o trabalho de Buchman. Sua abordagem normal para as questões, mesmo as mais complicadas, consistia em concentrar-se na transformação de um indivíduo-chave. Quando ele se viu confrontado, em Penn State College, com o problema de bebida no campus - “beber até cair” como se fala hoje em dia - sua estratégia foi conquistar um homem, o improvável Bill Pickle, que fornecia a bebida no campus.

A mesma técnica pode ser percebida ao longo da carreira de Buchman. Durante a disputa entre a Noruega e a Dinamarca sobre a Groenlândia, ele se concentrou em Frederik Ramm. Durante a animosidade pós-guerra entre a França e a Alemanha, ele se concentrou em Irène Laure. Na África do Sul dominada pelo *apartheid*, se concentrou em George Daneel. Durante os

tumultos de origem racial no Alabama, se concentrou em Daisy Bates e Mary McLeod Bethune. E no caso da corrupção em Gana, concentrou-se em Tolon Na.

Ele nunca banalizava as coisas sugerindo que bastaria uma transformação individual. Sua ideia era que, a menos que se lidasse com o fator humano, não se daria um passo adiante. E, inversamente, quando se consegue a transformação de uma pessoa chave, é como reconectar um cabo à rede elétrica. Ele dizia muito claramente que, tanto quanto criar instituições bem intencionadas, é necessário continuar a batalha moral dentro das instituições, do contrário não haverá resultados duradouros.

É relativamente fácil, numa onda de otimismo, lançar uma nova instituição desenhada para trazer algum benefício específico para o mundo. Mas quando a onda se dissipa, você se encontra encalhado nos interesses pessoais, incluindo os empregos e os privilégios das próprias pessoas que fizeram parte dos tais esquemas bem intencionados. Se não for reativado o espírito criativo original, tudo acaba sempre no *status quo*.

Quando trabalhei para a Comissão Brandt, criada pelo Banco Mundial com a finalidade de descobrir maneiras de resolver os abismos existentes entre os ricos e os pobres, li inúmeros documentos escritos por célebres especialistas que pareciam todos terminar com a mesma frase: “Portanto X ou Y é a solução para o problema, desde que exista a vontade política necessária”. E neste ponto os especialistas aparentemente davam por encerrada sua missão e passavam para o próximo projeto. No entanto, claro, não respondiam à questão mais crucial: como criar a vontade política necessária? E este foi o ponto de onde partiu Frank Buchman. Ele se concentrava no fator humano como a chave para a criação da “vontade política necessária”.

Todavia, a característica provavelmente mais importante do estilo de liderança de Buchman era a ênfase no trabalho de equipe com

pessoas treinadas e dedicadas. Esse foi o significado do retiro de três meses no Lago Tahoe, em 1940, e essa técnica era uma característica comum ao seu trabalho. Na verdade, já havia alertado sobre os perigos, no encontro em Visby, na Suécia, em 1938, entre aqueles que estavam satisfeitos com o “cristianismo sem engajamento” e os que estavam prontos para uma mudança revolucionária. Ele compartilhava da crença do historiador britânico Arnold Toynbee no papel especial das “minorias criativas” para trazer os avanços da civilização.

Há uma história interessante sobre uma discussão particular entre Buchman e alguns amigos na Alemanha em 1949, quando ele se encontrava num estado obviamente especulativo e reflexivo. De acordo com os registros informais, parece que estava ansioso por dissipar qualquer impressão de que o Rearmamento Moral fosse um pacote intelectual fechado ou um mandamento gravado em pedra. Ao contrário, tratava-se de um organismo vivo que envolve uma certeza quanto à experiência observável diretamente por outra pessoa, mas não tão fácil de descrever. Caracteriza-se, sugeriu, por “uma paz, uma confiança, uma recuperação da liberdade e uma espontaneidade de pensamento, vontade e vigor. É algo diretamente compreensível, mas não é tão fácil de se tornar parte dele. Deve-se ter uma experiência pessoal”. Em outras palavras, a perspectiva mais profunda a qual Buchman fazia alusão não seria percebida necessariamente pelos mais brilhantes intelectuais, e sim por aqueles que pusessem em prática plenamente a mensagem de direção divina do RAM. Como ele disse em outra ocasião: “Ninguém que trabalha sozinho pode ser totalmente controlado por Deus. É para um grupo de homens e mulheres devotados que Deus fala mais claramente”.

Portanto, há um grande potencial de desdobramento na obra de Buchman. O primeiro desses desdobramentos foi os *Alcoólicos Anônimos*, nos EUA dos anos 30, e tem havido, recentemente, muitas outras iniciativas com foco em problemas sociais

específicos. No entanto, a necessidade mais vital será a continuação, e a replicação, de um núcleo de pessoas completamente comprometidas no âmago de todas essas manifestações. Buchman disse mais de uma vez que o que queria era que “todos os meus melhores cavalos corressem juntos, lado a lado”.

Um dos primeiros aliados de Buchman no bairro judeu no Leste de Londres foi um sujeito improvável chamado Tod Sloan, um experiente homem das ruas que havia tido muitos problemas com a polícia e que se descrevia como “um relojoeiro por profissão e um agitador por natureza”. Tod Sloan descreveu a causa de Buchman como “uma risonha, viva, amorosa, obediente vontade de restaurar a liderança de Deus”.

Foi uma das primeiras definições. Ainda muito válida. É um lembrete vívido do significado da obra de Buchman. Essa obra já se tornou parte da história. Também pode se tornar um trampolim para o futuro.

Além dos capítulos que se seguem, nossa fonte primária de inspiração para a preparação desta introdução foi a biografia oficial de Frank Buchman escrita por Garth Lean: *Frank Buchman, uma vida* (Constable; 1985). Também aproveitamos o notável estudo *Religião, a Dimensão Perdida do Estadismo* (Johnston, Douglas; Oxford University Press; 1984) e somos gratos por poder consultar um manuscrito ainda não publicado de Ray Foote Purdy intitulado *My friend Frank Buchman* (Meu amigo Frank Buchman).

Muitos dos eventos relatados aqui foram encenados no filme *Cross Road*, um documentário de uma hora sobre Frank Buchman feito em 1974. É possível comprar o DVD através do

O Legado Mundial de Frank Buchman

endereço: 24 Greencoat Place, London SW1P 1RD, UK; ou e-mail: *info@FLTfilms.org.uk*. Na América do Norte: MRA Productions, 14831 57 B Avenue, Surrey, British Columbia V3S8W5, Canadá. Ou e-mail: *mrproductions@ca.iofc.org*.

1

O Início de Caux

Por Pierre Spoerri

Pierre Spoerri nasceu em Zurique, onde seu pai era professor de língua e literatura romanche, tornando-se mais tarde vice-reitor da Universidade. Trabalhou no programa mundial do Rearmamento Moral, e também escreveu para jornais e rádios europeus. Foi um dos responsáveis pelo centro de Caux e escreveu vários livros, entre eles *Rediscovering Freedom* (*Redescobrimdo a Liberdade*) juntamente com Dr. J. S. Lester.

Quando Frank Buchman, em meados de Julho de 1946, entrou pelas portas do prédio principal do centro de Caux (Mountain House), o recém-criado centro de conferências do Rearmamento Moral (em Caux-sur-Montreux, Suíça), tinha os olhos voltados mais para o futuro do que para o passado. Assim, fez perguntas sobre todas as pessoas que participariam da conferência planejada e, nas semanas seguintes, três mil homens e mulheres de 34 nações chegaram a Caux para participar do primeiro encontro internacional do Rearmamento Moral desde o fim da guerra. Até japoneses, chineses e indianos fizeram a então longa viagem à Suíça e expressaram suas visões para o futuro. Aconteceram as primeiras conversas profundas entre os alemães e seus antigos inimigos. Meus pais estavam lá, e me juntei a eles usando meu uniforme, aproveitando uma folga de fim de semana do serviço militar.

Apenas alguns hóspedes e participantes sabiam que a decisão de comprar o Caux Palace e transformá-lo na Mountain House havia sido tomada apenas quatro meses antes e que os responsáveis por essa iniciativa haviam tomado posse do prédio no dia primeiro de Junho. Para Buchman - com 68 anos em 1946 - e alguns suíços, no entanto, Caux Palace não era um lugar desconhecido. Buchman havia estado ali como turista em 1903, durante o seu apogeu. Na primavera de 1942, Philippe Mottu, antes de entrar para o Ministério das Relações Exteriores, expressou a seus amigos o seguinte pensamento: “Se os suíços evitarem se envolver na guerra, nossa tarefa será pôr ao dispor de Frank Buchman um lugar onde os europeus, destroçados pelo ódio, sofrimento e ressentimento, possam se reencontrar. Caux é esse lugar”¹.

Mottu reafirmou sua convicção em 1944, ainda no meio da guerra, quando pôde se juntar a Frank Buchman por algumas semanas nos Estados Unidos. Mais tarde, no verão de 1945, juntou-se novamente a Buchman numa conferência em Mackinac Island (EUA) juntamente com seu amigo Robert Hahnloser e vários outros amigos suíços, britânicos e holandeses. Um dia, Buchman chamou Mottu e Hahnloser e pediu-lhes para organizar a primeira conferência do pós-guerra na Suíça.

Prestes a ser vendido

Procurando um lugar adequado para o encontro, Mottu mais uma vez pensou em Caux e visitou o prédio num ensolarado dia de Março de 1946. Encontraram o antigo zelador e descobriram que o prédio ia ser vendido a uma empresa francesa. Os bancos haviam tomado o hotel abandonado que tinha sido usado pelo exército suíço como um campo de refugiados, primeiramente das forças aliadas que haviam escapado de campos da Alemanha e da Itália, e depois por centenas de refugiados judeus, que tinham conseguido escapar de Budapeste durante as últimas semanas da

guerra, e chegaram à fronteira suíça após uma curta estadia no campo de concentração de Bergen-Belsen. O zelador tinha conseguido esconder as porcelanas e as pratarias originais e tinha esperanças de que o hotel seria restaurado e retornaria aos seus dias de glória.

A partir daí, tudo foi muito rápido. Na páscoa de 1946, centenas de suíços e alguns amigos estrangeiros se reuniram em Interlaken, e no meio da conferência um grupo - incluindo os três casais Philippe e Helene Mottu, Robert e Dorli Hahnloser, Erich e Emmy Peyer - viajou a Caux para ver o prédio e decidir se o comprariam ou não.

Era um dia frio e hostil, e a casa os recebeu da mesma maneira, com cômodos vazios, móveis quebrados e imundos corredores que pareciam não ter fim. Mesmo assim, o engenheiro Robert Hahnloser percebeu imediatamente o potencial do prédio. Imaginou o que poderia ser feito para transformar o grande hall em uma sala de conferências, o salão de baile em teatro, e a cozinha, que tinha sido descrita como “o buraco negro de Calcutá”, em um espaço onde cozinheiros em potencial poderiam trabalhar.

Quando o grupo se reencontrou após a visita de duas horas, todos estavam de acordo, mesmo tendo em mente o esforço gigantesco que seria necessário, e decidiram seguir adiante. De Londres, Frank Buchman manifestou sua aprovação e perguntou: “Vocês têm o dinheiro necessário na Suíça?” Mottu respondeu com um claro “Sim”, sabendo - ou não sabendo completamente - no que estavam se metendo.

Negligenciado, Espancado, Imundo

O contrato com o Banco Popular da Suíça foi assinado em Montreaux no dia 25 de Maio de 1946 por Mottu e Hahnlose, os quais se encarregaram de conseguir, no prazo de apenas alguns

meses, os mais de um milhão de franco-suíços necessários para comprar o hotel e toda a área ao redor. Em primeiro de Junho, Robert Hahnloser assumiu a posse do prédio. Ainda no dia primeiro de Junho, chegava um grupo formado por 25 suíços, britânicos, escandinavos, franceses e holandeses, sabendo que teria apenas seis semanas para transformar aquela meia-ruína em um lar pronto para receber 600 hóspedes de todo o mundo.

Quatro deles escreveram uma carta descrevendo a experiência: “quando chegamos, o prédio era para nós um símbolo do que a Europa é hoje. Negligenciada, espancada, imunda, de cabeça para baixo, fria e vazia. À espera do alvorecer de uma nova era. Ao entrar pelo vasto e desolado salão, na primeira noite, fomos tomados pelo medo diante da imensa tarefa que tínhamos à frente. Tínhamos apenas seis semanas...”²

Enquanto isso, o dinheiro necessário estava chegando, em quantias grandes e pequenas. Hahnloser respondeu à pergunta de onde o dinheiro estava vindo com as seguintes palavras: “Alguns tiraram de suas receitas, outros, do seu capital; alguns deram tudo o que possuíam. Outros venderam seu seguro de vida, outros, suas ações ou ainda suas casas. Uma das primeiras doações recebidas em 1946 veio de um importante sindicato suíço. Alguns de meus melhores amigos tinham reservado 10.000 francos para construir um chalé de ski para seus filhos, mas concluíram que, pensando no futuro deles, Mountain House seria o melhor lugar para investir o dinheiro”³.

O primeiro pagamento de 450.000 francos foi feito ao banco dentro do prazo, no dia primeiro de Julho. Todo o dinheiro tinha vindo da Suíça, do sacrifício feito por 95 famílias.

Como todos esses elementos se combinaram com o tempo? A conferência em Interlaken na páscoa de 1946 tinha sido, claramente, um momento decisivo. Além dos suíços, 300 amigos de países vizinhos também tinham participado. Provavelmente, o

grupo que mais surpreendeu foram quatro alemães. O primeiro contato entre alguns amigos de Buchman da Alemanha ocupada foi feito graças a um industrial suíço, Paul Suter, que trabalhava no lado alemão, próximo à fronteira, e que continuou, durante a guerra, a morar numa cidadezinha no lado suíço. Ele “contrabandeou” para a Alemanha alguns convites para a conferência em Intelaken.

Os quatro candidatos receberam permissão para sair graças a um capelão das forças francesas na Alemanha que havia conhecido o Grupo de Oxford⁴ antes da guerra. Para eles, participar desse encontro foi uma experiência devastadora, mas inesquecível. Todos os alemães que puderam ir a Caux em 1946, tanto na primavera quanto no outono, vinham somente da zona francesa⁵.

É um exercício fascinante ler os nomes das pessoas que participaram da conferência de Interlaken, muitos dos quais decidiram “comprar Caux” e estavam prontos para arrumar os quartos e preparar o prédio. Muitos deles também fizeram os sacrifícios financeiros necessários para comprar o imóvel e providenciar o sustento do grupo que havia decidido doar todo o seu tempo a esse empreendimento. Olhando para todos aqueles nomes, fazemos uma descoberta incrível, praticamente todos haviam encontrado uma nova direção para suas vidas e um aprofundamento de sua fé no início dos anos 30, quando das primeiras visitas de Buchman à Suíça.

Por que não se preparar para viver?

A primeira dessas visitas aconteceu devido a um extraordinário conjunto de circunstâncias. Na primavera de 1931, Buchman estava jantando com a Senhora Alexander Whyte, a idosa viúva de um famoso teólogo escocês. Ele lhe perguntou qual era a sua maior preocupação. “Estou me preparando para morrer”, respondeu ela. Buchman perguntou: “E por que não se prepara para viver?” A Sra. Whyte então falou sobre suas esperanças para a Liga das Nações, onde seu filho trabalhava no momento. Alguns meses mais tarde ela sugeriu que Buchman levasse uma equipe para Genebra, e Buchman deu-lhe sua resposta típica: “Faça você”. Assim, em Janeiro de 1932, ela fez uma reserva de 100 quartos em Genebra. Buchman preparou uma equipe adequada para acompanhá-lo e ficaram lá por 10 dias⁶.

Um jovem estudante suíço, Walther Staub, havia participado, no verão de 1931, de uma reunião na casa de membros da equipe organizada por Buchman em Oxford. Quando retornou a Zurique, percebeu que um de seus professores, Theophil Spoerri, encontrava-se em profunda dificuldade espiritual. Staub teve coragem de sugerir ao professor, em Janeiro de 1932, que visitasse Genebra onde, como tinha ouvido, Buchman estava participando de uma série de reuniões. Suíço cauteloso, meu pai não anunciou que iria, ao invés disso, chegou anonimamente ao salão onde estava acontecendo a reunião. Estava hospedado na casa da irmã, uma diaconisa, para não parecer muito entusiasmado.

Não ficou muito impressionado com o que ouviu, mas ficou surpreso com o fato de todos os que falaram, ou com quem se encontrou, sabiam para onde iam e estavam, obviamente, gostando da vida que levavam. Quando perguntou a um deles onde poderia encontrar esse mesmo senso de direção, ouviu como resposta que deveria estar disposto a fazer uma experiência simples: deveria pegar os princípios do Sermão da Montanha -

honestidade, pureza, altruísmo e amor - e compará-los com a sua vida atual. Então, deveria apenas reservar um tempo para que Deus - ou sua consciência - falasse com ele.

Simple demais

Depois de retornar a Zurique, com a impressão de que tudo isso era simples demais, ele um dia reservou um tempo para ficar em silêncio no seu escritório no segundo andar de nossa casa. Esperava ter alguns pensamentos “morais”, como, por exemplo, ser mais paciente com sua esposa ou limpar um pouco seus pensamentos. Mas o que lhe ocorreu foi algo totalmente diferente: “Desça do seu segundo andar!”. Até então ele fugia para o segundo andar sempre que havia uma necessidade qualquer no primeiro andar - onde minha mãe tinha o comando - e evitava de várias maneiras se envolver em qualquer coisa desagradável. “Descer para a rua” significava uma profunda mudança de motivação. Quando meu pai aceitou a verdade desse chamado, a atmosfera na nossa família mudou. Eu tinha seis anos quando isso aconteceu, mas sem dúvida nenhuma notei uma diferença. Meu quarto ficava ao lado do quarto dos meus pais, de modo que os ouvia discutir durante a noite. Não entendi as palavras, mas a entonação era inconfundível.

Era natural que uma mudança tão profunda afetaria rapidamente vários amigos do meu pai. Um deles era um conhecido professor de teologia, Emil Brunner. Outro era um médico de Genebra, Dr. Paul Tournier. Este tinha travado conhecimento com as ideias do Grupo de Oxford⁴ através de um extraordinário conjunto de circunstâncias, onde ele não pôde deixar de ver, mais tarde, a mão de Deus. Tournier costumava substituir um colega durante as férias de verão. Esse colega, Henri Mentha, tinha uma paciente muito difícil, a baronesa austríaca Connie Von Hahn. Já no primeiro verão, Tournier tinha considerado aquela senhora extremamente difícil. Um dia, Mentha lhe contou:

- Lembra-se da baronesa austríaca?
- Naturalmente! Respondeu Tournier.
- Bom, ela se transformou.

Os dois médicos decidiram descobrir o que estava por trás daquela transformação. Um dos seus amigos tornou isso possível, e então Tournier se viu encontrando-se com os dois professores de Zurique: Spoerri e Brunner, outro visitante impressionante de Zurique - o psiquiatra Alphonse Maeder - e um funcionário sênior da Liga das Nações, Jan de Bordes. Tournier descreveu aquela noite como “a grande virada da minha vida”⁷. Quando encontrou com Buchman em Oxford no verão seguinte, este lhe disse: “agora você deve aplicar tudo o que aprendeu aqui na sua profissão”. Mais tarde ele escreveria: “Decidi então dedicar a minha vida à reflexão sobre a influência da vida espiritual na saúde das pessoas”.

Em Agosto de 1932, Buchman retornou à Suíça para a primeira conferência importante em solo suíço, em Ermatingen, no Lago de Constança. Meu pai e Emil Brunner foram os principais motivadores desse encontro, para o qual escolheram um lugar a meio caminho entre Munique e Zurique, uma vez que havia na Alemanha um interesse crescente nas ideias do Grupo de Oxford. Uma família que viria a ter um papel importante na criação do centro de Caux teve um papel de destaque em Ermatingen: foi a família de Trey. A Sra. Lydi de Trey era irmã de Emil Brunner, e Emmanuel era um inventor e empresário bem sucedido. Eles compareceram à reunião levando sua filha mais velha, Helen, que se tornaria, em 1939, a esposa de Philippe Mottu.

A riqueza vista como bens emprestados por Deus

A Sra. de Trey disse que seu maior desejo tinha sido realizado: ver sua família unida por um único propósito. Helen falou do

novo relacionamento com seus irmãos. Contudo, a mudança mais espetacular parece ter sido a de Emmanuel de Trey, que falou, após uma senhora ex-comunista, sobre os “pecados de um capitalista”. Falou sobre a “miséria de um homem escravo de Mammon (...) A única salvação para um capitalista é (...) usar suas riquezas como bens que lhe foram emprestados por Deus, bens que não lhe pertencem, mas que ele deve administrar a fim de servir melhor ao próximo”⁸.

Em 1946, Emmanuel de Trey comprou o Hotel Maria, em frente à Mountain House, para ser parte integrante do centro de conferências. Ele ainda é usado para seminários e conferências fora dos meses de verão. Também doou grandes quantias para o trabalho de Caux na Ásia e na África.

Depois de Ermatingen, dezenas de encontros e reuniões em casas de membros da equipe aconteceram por toda a Suíça. Meu pai escreveu: “Partindo de Genebra, atravessou o país como um furacão. Houve encontros com grande número de pessoas nas maiores cidades. Em Zurique, não só o grande Börsensaal ficou lotado, como ainda teve que ser organizada uma reunião que ficou superlotada. Foi uma ocasião entusiasmante, revigorante e desconfortável. Foi além de todas as expectativas”⁹.

Para um amigo, ele escreveu: “Tivemos que cancelar as noites abertas em Zurique, porque compareceu gente demais e o salão ficou muito pequeno. Os grupos nas casas de família ficaram superlotados. Nós não fizemos nenhuma propaganda, na verdade desencorajávamos as pessoas de virem. Mas ainda sim não tínhamos tempo suficiente para alimentar a todas as almas famintas. Da última vez que fiz uma reunião de equipe na nossa casa, tive que abrir a sala lateral para que as pessoas pudessem sentar no chão. Acho que havia por volta de 60 (...)”¹⁰.

Na sua biografia de Frank Buchman, Theophil Spoerri descreve os efeitos desse despertar na vida nacional suíça: “É difícil avaliar

todos os resultados dessas grandes reuniões e dos incontáveis contatos pessoais. Não há dúvida de que, para muitos, significou a virada de suas vidas. Também pode ser descrito como uma mudança de clima. Era como se algo novo entrasse pelas frestas das venezianas. Um homem de negócios, sozinho em seu escritório, sentiria um leve desconforto se planejasse passar a perna em seus companheiros cidadãos. A consciência pública tornou-se mais sensível. O diretor de finanças em um cântão relatou que, depois do dia nacional de ação de graças e penitência, foram registrados 6.000 pagamentos de impostos, algo que jamais tinha acontecido antes na história da república”.

Suíça, um profeta entre as nações

Esse irromper da esfera religiosa para a vida pública se deu de todas as maneiras que se pode imaginar. Foi oferecida uma recepção pelo presidente suíço a outros representantes do governo na Assembleia Federal. Na semana seguinte, um grande número de parlamentares se encontrou com Frank Buchman e com os membros de sua equipe numa das salas principais do comitê. Os jornais publicaram a notícia. O *Der Bund* escreveu com alguma surpresa sobre “uma hora de franqueza” no parlamento.

O evento final da campanha foi o discurso feito por Buchman em Zurique. Depois de citar as palavras de boas-vindas proferidas pelo presidente da confederação suíça, Rudolph Minger, alguns dias antes, ele começou a apresentar a visão que tinha sobre o papel da Suíça nas questões mundiais. “Posso ver a Suíça como um profeta entre as nações, um agente da paz na família internacional (...) Posso ver os empresários suíços mostrando aos líderes do comércio mundial como a fé em Deus é a única segurança. Posso ver os estadistas suíços mostrando que a direção divina é a única política prática”.

Além da influência nos políticos e em milhares de vidas

individuais, essa onda de ideias novas também atingiu a vida econômica. Outro grande amigo meu, e de Robert Hahnloser, foi o professor Alfred Carrard, do Instituto Federal de Tecnologia em Zurique¹². Ele desenvolveu um novo pensamento sobre os empreendimentos industriais e, através do seu trabalho, desenvolveu uma calorosa amizade com os líderes da máquina suíça, a indústria relojoeira e seu sindicato. Ajudou a possibilitar um notável acordo de paz¹³ nesse campo industrial, o que foi muito revolucionário para a época e ainda dura no começo do novo milênio.

O trabalho em equipe de Emil Brunner e meu pai alcançou o auge na páscoa de 1937, num encontro nacional em Lausanne que contou com a participação de dez mil pessoas vindas de todas as regiões do país. Em 1938, mais uma vez na páscoa, centenas de suíços se reuniram por quatro dias em Caux, no hotel que viriam a transformar em um centro mundial de conferências dez anos mais tarde.

Quando a guerra estourou, o contato com Buchman, que na ocasião se encontrava nos Estados Unidos, foi interrompido e só foi reatado em 1946. A maioria dos homens suíços foi mobilizada, em Setembro de 1939, e passaram meses uniformizados vigiando a fronteira. Uma pequena equipe de mulheres resolveu manter um pequeno escritório aberto para fazer os contatos em Berna, no Hotel Bristol. Sua missão principal era garantir o contato com os amigos de Buchman, que tinham sido chamados de volta aos seus países, e lhes fazer chegar notícias e impressos.

Meu pai escreve: “As muitas cartas que receberam mostram como as sementes plantadas por Buchman tinham dado frutos, até mesmo nas situações mais desesperadoras. Um jovem que tinha estado na conferência de Interlaken em 1938 escreveu numa carta a seu pai pouco antes de ser morto: “Olhando para trás, sou grato pela minha vida, pois Deus a guiou maravilhosamente (...) rezo

para que você possa aceitar a minha morte, para que ela não traga nem rebelião nem tristeza, e sim que o estimule a lutar pela causa comum para a qual Deus nos convocou de maneiras tão distintas”. De um campo de concentração, outro escreveu: “Mesmo num campo de concentração, onde todos estão lutando pela mera sobrevivência, muitas vezes às custas de outros, é possível ser completamente feliz quando nos esquecemos de nós mesmos. Isso é muito difícil, especialmente aqui, e fracasso muitas vezes. Mas sei que, se eu começar cada dia pensando no outros, poderei fazer algo por eles”. Aquela equipe de Berna construiu uma ponte para os anos do pós-guerra¹⁴.

Estamos de volta a 1946. Foi como se o país e muitos de seus cidadãos tivessem sido mantidos reservados. Quando o chamado foi feito, estavam preparados. As portas estavam abertas para o mundo, especialmente para as nações que tinham lutado umas contra as outras até aquele final amargo. E eles vieram às centenas e aos milhares.

Notas:

1) Philippe Mottu, Caux- *De La Belle Epoque au Rearmament Moral* (A la Bacanniere, Neuchatel, 1969), pág 54. Tradução do autor. Muitos fatos nos parágrafos que se seguem também foram tirados deste livro.

2) Carta assinada por Philippe e Helen Mottu, Elspeth Spoerry, Kärstin Rääf, Theo Metcalfe (Archives Cantonales Vaudoises).

3) *Le Monde Ouvrier et Caux* (Editions de Caux 1949), pág 79.

4) Oxford Group, Groupes d'Oxford, Oxford-Gruppe, Gruppen bewegung. Esses eram os nomes usados para descrever a equipe de Buchman nos anos 30 nos países de língua inglesa, francesa e alemã. Em 1938, Buchman lançou o nome *Rearmamento Moral*. Ele foi substituído por *Iniciativas de Mudança* em 2002.

5) Dr. Siegfried Ernst, *Mit Gott em Rückspiegel* (Gehard Hess Verlag, Ulm, 1998) pág 280-1.

6) Garth Lean, *Frank Buchman - a Life* (Collins Fount Paperbacks,

Londres, 1998), pág 215-6.

7) Paul Tournier, numa carta escrita por ocasião das bodas de ouro de meus pais, 1965

8) Citações tiradas do *Ermatinger Tagebuch* (Leopold Klotz Verlag Gotha und Wander Verlag Zürich, 1932) (nos Archives Cantonales Vaudoises).

9) Theophil Spoerri, *Dymanic out of Silence* (Grosvenor Books, Londres, 1976) pág 90.

10) Pierre Spoerri, *Mein Vater und sein Jüngster* (Th. Gut Verlag, Stäfa, 2002) pág 30.

11) Theophil Spoerri, ibdem, pág 94-6.

12) Mais sobre o pensamento de Alfred Carrard disponível em Jean Carrard, *Pionier der Witschaftsethik* (Pual Haupt Verlag, Berna, 1990).

13) *Friedensabkommen in der schweizerischen metall- und Uhrenindustrie*, assinado em 19 de julho de 1937.

14) Theophil Spoerri, idbem, pág 156, 158.

2

A França e a Expansão da Fé de Frank Buchman

Por Michel Sentis

Nascido em 1925, Michel Sentis se formou em engenharia pela Ecole Polytechnique em Paris. Após participar de uma sessão sobre a tensão industrial em Caux em 1949, juntou-se à Equipe de Jovens que se reuniu em torno de Buchman.

Esteve envolvido nas relações entre o estadista francês Robert Schuman e Buchman, nos contatos com as autoridades católicas no Vaticano, e em situações de tensão de vários países (Vietnã, Tunísia, Argélia e Quebec). Casado, pai de três filhos e avô de sete netos, mora com sua esposa Micheline em Borgonha, perto de Taizé. Escreveu e colaborou com vários livros.

Muitos líderes religiosos deixaram uma marca em seu século através do brilho espiritual que irradiavam, o que lhes possibilitou ter um grande número de seguidores que, por sua vez, tornaram-se guias para o futuro. Contudo, ao mesmo tempo, deixaram homens e mulheres comprometidos com atividades seculares que levaram seus contemporâneos a fazer escolhas sociais que enriqueceram as gerações seguintes.

Alguém como São Francisco de Assis, que deixou uma longa linhagem de franciscanos e capuchinhos, deixou uma influência espiritual que é inquestionável. E um Dom Bosco, dedicado a

trazer educação para crianças pobres, inspirado nos professores da Congregação dos Salesianos, que se dedicaram a esse trabalho pioneiro - sua marca na história é igualmente inquestionável.

Portanto, se tento concentrar-me aqui no alcance prático da obra da vida de Frank Buchman, não significa que pretendo negligenciar sua extraordinária influência espiritual - da qual eu mesmo me beneficiei enormemente. Não se pode estar perto de um homem consciente da presença de Deus, não apenas na sua própria vida, mas também na vida daqueles que conviviam com ele, sem ser profundamente tocado. Nossas formações religiosas distintas não conseguiram bloquear tal transferência dele para mim (“seu efeito em mim”) precisamente porque a presença divina ia além de nós dois. Muito poderia ser dito sobre esse tópico, porém prefiro seguir adiante.

Para mim, ele foi um professor muito incomum. “Michel, disse-me um dia, você precisa de atividades para manter-se feliz. Você precisa aprender a ser feliz sem fazer nada”. Certa ocasião, quando queira falar com ele sobre algo em Caux, encontrei-o em seu quarto observando o pôr-do-sol sobre as montanhas Jura, com seus raios refletidos sobre o Lago Genebra. Indicou-me a cadeira ao seu lado. Como ele não disse nada que interrompesse sua contemplação, fui obrigado a também fazer o mesmo. Enquanto os últimos raios de sol desapareciam, Buchman falou: “Não foi lindo? Adeus!” Tenho que admitir que contemplação não era o meu ponto forte.

Noutra ocasião, Buchman me convidou para acompanhá-lo num passeio de carro, partindo às 3 da tarde. Cheguei três minutos atrasado. Buchman já havia partido, mas deixou-me vinte francos suíços e um recado que dizia: “Te pegaremos ao sair do trem”. Essa lição em particular custou vinte francos a Buchman, mas permaneceu comigo a vida toda.

Ainda em outra ocasião, quando me enviava para uma missão de

três ou quatro dias em outro país, perguntou-me de quanto dinheiro eu precisaria. Sem refletir muito, mencionei uma quantia que ele me deu. Vinte e quatro horas mais tarde, percebi meu erro e já estava quase ficando sem dinheiro. Buchman me telefonou:

- Michel, como você está financeiramente?

- Estou duro, Frank. Respondi.

- Foi o que imaginei, por isso lhe enviei um pouco mais de dinheiro. Você deve recebê-lo amanhã de manhã.

Mais uma vez, aprendia alguma coisa, e ele pagava.

Ele nunca se colocou no papel de um guia espiritual; no entanto, era um valioso conselheiro. Nunca hesitou em fazer um telefonema para o outro lado do Atlântico ou do Pacífico para me ajudar a enfrentar alguma situação delicada. Quando sua perspectiva parecia ser diferente do que a minha consciência me dizia, ele cedia, dizendo: “Você sabe mais do que eu, confio em você”. E isso, claro, me forçava a ter muita responsabilidade, pois não estava apenas seguindo o seu conselho.

Devo mencionar outra lição que aprendi alguns dias antes de sua morte. Eu retornava a Caux vindo de um país mulçumano onde o chefe de estado me havia recebido como um enviado de Buchman. Senti que devia ver Buchman imediatamente, muito embora ele já tivesse se recolhido, para lhe dar os cumprimentos presidenciais. No dia seguinte, ao ouvir minha voz entre um grupo de pessoas, ele me chamou e disse: “Michel, ontem à noite você meio me ver. Depois que foi embora, tentei me lembrar do que você tinha dito, mas meu único pensamento foi: Michel está com uma autoestima muito exagerada”. E aquelas foram as últimas palavras que ele me disse, pois faleceu três semanas depois. E estava certo, minha autoestima estava realmente muito exagerada.

Que amigo ele era! - apesar de haver entre nós uma diferença de

cinquenta anos.

Uma mensagem muito adiante dos limites da sua própria cultura

Tendo dito tudo isso para ilustrar a influência espiritual de Buchman, gostaria de focar mais no legado prático que ele deixou. O breve período que Buchman passou em Grenoble, quando jovem, não foi suficiente para que falasse francês, quanto mais para absorver o jeito latino de pensar. Quando alguém passa a vida toda em países que nós franceses chamamos de “o mundo anglo-saxão” - isto é, essencialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, e todos os outros países da Europa, Ásia e África que tiveram esses dois países como exemplos de desenvolvimento - não é fácil se adaptar à mente latina. Todavia, a contribuição de Buchman ao mundo latino mostra claramente que sua mensagem ia muito adiante dos limites da sua própria cultura. Mas muitos membros de sua equipe, tendo a mesma origem cultural, encontraram dificuldade nos anos pós-guerra na hora de permitir que sua mensagem se expandisse além daquela cultura e alçasse voo para uma dimensão universal.

Tendo trabalhado com Buchman desde 1950 até sua morte, em 1961, posso testemunhar que, mesmo não estando completamente consciente dessa necessidade, ainda assim ele era guiado por um impulso natural que emanava da sua vida espiritual, o que o levou a acolher a todos aqueles que o pudessem ajudar a realizar essa missão mais ampla.

Um cervejeiro como Louis Bouquet; o cardeal Achille Liénart, bispo de Lille; o sindicalista Maurice Mercier; a militante socialista Irène Laure; o estadista Robert Schuman; o representante da organização dos empregadores do Norte da França, Robert Tilge; jovens da resistência francesa como Maurice Nosley e Armard de Malherbe (estou dando aqui apenas

uma pequena amostra de franceses e francesas); possibilitaram que a mensagem de Buchman penetrasse no mundo latino.

Não foi uma tarefa fácil. As atividades do Grupo de Oxford e do Rearmamento Moral se espalharam de país para país num fluxo contínuo de experiência adquirida. Quando enviada à Europa em 1946, a equipe que Buchman havia construído no continente americano foi confrontada por realidades históricas que a remodelaram profundamente. Ela se tornou consciente da diversidade da cultura europeia.

Robert Schuman escreveu o prefácio do livro *O Mundo Reconstruído*, que continha os principais discursos de Frank Buchman, com o objetivo de fazer com que a mensagem fosse bem compreendida em toda a França. Mas a qualidade ruim da tradução dos discursos, em um “inglês afrancesado”, destruiu esse objetivo. Uma outra equipe (da qual eu fazia parte) teve que mergulhar no modo de pensar de Buchman, não apenas nas suas palavras, para poder expressá-lo em francês. Buchman deu sua aprovação e foi assim que surgiu um vocabulário francês para a sua mensagem. A clareza e a precisão da linguagem usada por Schuman foram preservadas: “Oferecer equipes de pessoas treinadas, prontas para o serviço do estado, apóstolos da reconciliação e construtores de um novo mundo”. Nada descreveu melhor os objetivos de Buchman.

Como ele mesmo admitiu, Schuman aproveitou um período de convalescença forçada, devido à sua estressante rotina de trabalho, para ler os textos completos de Buchman e mergulhar neles. Quando se relê com atenção o prefácio que ele escreveu, é surpreendente ver como o texto traça claramente o significado universal da mensagem de Buchman. Essa mensagem, que refletia suas raízes religiosas, está estreitamente entrelaçada no texto com a sua própria espiritualidade. Essa distinção tipicamente latina entre as esferas espiritual e temporal adquiriu uma importância cada vez maior ao envolver-se, primeiramente,

em países católicos, depois nos mundos mulçumano, budista e indiano, assim como na vida espiritual dos povos aborígenes.

Percepção Espiritual

Schuman escreveu como um estadista preocupado com os problemas mundiais. Buchman se identificou completamente com seu texto porque ele mesmo compartilhava totalmente da perspectiva de Schuman. Quando os estadistas europeus se puseram a descrever a sociedade que tinham que construir, Buchman se sentia absolutamente irmanado com eles. Os desafios temporais que os unem são clarificados pelos fatores espirituais que podem parecer desagregadores, mas que convergem quanto se trata da administração de um estado.

Tal alegação está sendo reafirmada no século 21, pois vários líderes religiosos a endossam agora, ou pelo menos não ousam contestá-la. Em 1946, foi necessária a percepção espiritual de Buchman para afirmar esta ideia. É preciso admitir que a convergência espiritual dos três estadistas católicos - Schuman, Adenauer e De Gasperi - ajudou-o a lançá-la. A dimensão global da sua mensagem começou a ser reconhecida. Todavia, sua tarefa não foi facilitada por aqueles que deliberadamente punham obstáculos em seu caminho.

O fim da Segunda Guerra Mundial polarizou o mundo entre os Estados Unidos e a União Soviética. Esta última contava em trazer, mais certo ou tarde, todos os povos da Europa para o seu lado. Focou deliberadamente nesse objetivo. Apesar de ter trazido facilmente à sua órbita os países vizinhos ou aqueles ocupados por seus exércitos, ela encontrou mais dificuldades ao tentar, a todo custo, alcançar seus objetivos na França e na Itália. Para Moscou, a linha divisória entre os mundos anglo-saxão e latino parecia ser uma falha geológica explorável que poderia transformar o Mediterrâneo no novo *mare nostrum*. Mas a

penetração de Buchman no mundo latino poderia minar este plano. Assim, acusá-lo de pertencer às tropas protestantes americanas poderia ser uma maneira de bloquear seu acesso aos países católicos do Mediterrâneo.

Apareceram denúncias infundadas segundo as quais Buchman e os membros de sua equipe seriam uma seita americana que ameaçava o catolicismo. Essas denúncias foram levadas a sério em certas esferas de Roma. Como resultado, o Rearmamento Moral foi banido da diocese de Milão, depois na Bélgica, e foi coberto de suspeitas em muitos outros países.

Entretanto, a obra de Buchman foi afinal analisada, não por essas histórias tendenciosas, e sim por seus frutos. Foi aí que todo o trabalho feito pelo Rearmamento Moral para melhorar as relações industriais no Norte da França tornou-se importante. Esse trabalho, que havia sido assistido e encorajado pelo cardeal Liénard, que esteve pessoalmente em Caux em 1947, evoluiu para uma verdadeira transformação social, envolvendo os donos das fábricas e os sindicalistas. Não há espaço aqui para entrarmos nos detalhes das profundas mudanças de atitude que afetaram não apenas a indústria têxtil do Norte da França, mas também vários outros setores da economia do país - as minas de carvão, a indústria química, as ferrovias, etc. (ver capítulo 15).

O representante da Santa Sé na França, monsenhor Guisepppe Roncalli, interessou-se vivamente, especialmente pelas várias iniciativas espirituais que aconteciam em todo o país (a comunidade de Taizé; o diálogo entre católicos e protestantes no mosteiro Trapista de Les Dombes; a semana de oração na Unidade Cristã, iniciada pelo abade Couturier), de modo que ele não deixou de avaliar o que estava acontecendo entre patrões e empregados na França. Ao ser eleito Papa João XXIII, ele não hesitou em se afastar desses rumores infundados.

Também não se pode separar a experiência francesa do que

aconteceu na Itália nessa área, visto que se deu na mesma sequência de acontecimentos. Os esforços de Buchman para ajudar a Itália, quando esta foi ameaçada por pressões comunistas, foram dificultados pelo mesmo tipo de oposição. Quando monsenhor Giovanni-Battista Montini (futuro Papa Paulo VI) foi nomeado arcebispo de Milão, ele recebeu Buchman como convidado de honra em sua catedral para a missa solene do ano novo de 1956, demonstrando seu respeito pelo trabalho feito nos subúrbios comunistas de Milão. Com esse gesto, ele repeliu completamente os alertas feitos pelo seu predecessor.

Deve ser lembrado que uma tentativa semelhante tinha sido feita na igreja anglicana por certas pessoas com intenções duvidosas, visando a frear o trabalho de Buchman na Grã-Bretanha.

Superando os preconceitos que separam classes, raças e nações

Se mostrei os esforços de Buchman no cenário industrial francês foi porque me parece que tiveram as mais amplas repercussões na facilitação do alcance global de Buchman e dos membros de sua equipe. Não se tratava da influência pessoal de um pregador proeminente no domínio espiritual, mas sim da iniciativa de alguém preocupado com os problemas contemporâneos que buscava influenciar os mundos secular e espiritual. Usando precisamente as palavras de Schuman: “O que precisamos é de uma escola onde, através de um processo de aprendizagem mútua, possamos trabalhar o nosso comportamento prático na relação com os outros; uma escola onde os princípios cristãos sejam aplicados e comprovados não apenas nas relações pessoais, mas que tenham sucesso na hora de superar os preconceitos e as animosidades que separam as classes, as raças e as nações”. Que melhor definição poderia haver para a relação entre o espiritual e o secular do ponto de vista de um estadista como Schuman?

Tendo se livrado do rótulo de protestante americano, que algumas pessoas queriam lhe impingir, o trabalho Buchman poderia ser adaptado aos mundos mulçumano e budista, bem como aos povos que haviam preservado seus próprios valores espirituais originais - um trabalho que continuou após o falecimento de Buchman e que perdura até hoje.

Mas há outra não menos importante contribuição que Buchman fez à Europa: com o apoio dos três chefes de estado católicos mencionados anteriormente, ele assumiu a grande tarefa da reconciliação da Europa, tarefa à qual o nome da francesa Irène Laure estará para sempre ligado. Muitos livros foram escritos sobre ela e não os mencionaremos aqui. Contudo, devemos reconhecer que a reconciliação franco-germânica, para a qual Caux contribuiu tanto, tornou-se hoje uma fonte de esperanças para milhões em todo o mundo. “Se alemães e franceses conseguiram, por que nós também não?” Este é o pensamento gravado em milhões de corações humanos que põe por terra os argumentos daqueles que propugnam a divisão através da exploração do ódio étnico e racial. Mesmo que as relações entre França e Alemanha não sejam sempre como deveriam ser, aquela página da historia mundial será sempre uma referência para as gerações futuras. Ao dizer isso me vem à cabeça a imagem do mufti de Zagreb falando no grande salão da mesquita, cheia de cristãos e mulçumanos, e convidando a filha de Irène Laure a reviver aquela página da história para eles.

O Impacto da Mensagem de Buchman no Mundo Latino

Todavia, até agora mal tocamos no tema levantado no início: o impacto da mensagem de Buchman no mundo latino. A chegada a Caux do filósofo francês Gabriel Marcel, um existencialista católico, intrigou Frank Buchman. De início, ele ficou surpreso com o longo prefácio escrito por Marcel intitulado *Carta a Três Amigos Ansiosos*, que se tornou um clássico da literatura

filosófica e foi a introdução do livro *A Revolução da Esperança*, uma coletânea de exemplos das transformações provocadas pelo trabalho de Frank Buchman. As nuances sutis do filósofo francês não eram características ao pensamento de Buchman, mas ele confiou em Marcel, e o prefácio contribuiu imensamente para a latinização da obra de Buchman em muitos países.

Graças a Gabriel Marcel, Edmond Michelet, Ministro da Justiça e guardião dos selos durante o governo do general de Gaulle, foi pessoalmente a Caux na esperança de entrar em contato com o chefe do governo provisório da Argélia, que havia estado lá pessoalmente em data anterior. Apesar de esse gesto não ter tido resultado concreto, é significativo que Caux tenha sido visto, no auge da guerra da Argélia, como um ponto de encontro entre os litorais Norte e Sul do Mediterrâneo (deixe-me mencionar aqui que Michelet e Robert Schuman são dois estadistas considerados pela Igreja Católica como candidatos à beatificação, primeiro passo para se tornar um santo).

Gostaria de oferecer outro exemplo. Central à mensagem de Buchman era a prática de ouvir silenciosamente a voz interior e, em seguida, compartilhar ou intercambiar os pensamentos que surgiam durante o silêncio. Esses hábitos, numa forma latinizada, tornaram-se parte habitual da prática de milhares de famílias em todo o mundo graças ao abade Cafarel, que chegou a Caux juntamente com dois casais que tinham adotado essa disciplina. Eles incentivaram um movimento de casais cristãos, conhecido como “Foyer Notre-Dame”, que praticam o que chamam de “a obrigação de sentar-se”, um tempo no qual os casais se sentam para ouvir e compartilhar. As milhares de famílias que adotaram esta disciplina na América Latina e na Europa não chegam a perceber que são os beneficiários indiretos da vida espiritual de Frank Buchman.

Um jesuíta italiano, padre Franco Lombardi, impressionado com o espírito de Caux, tentou copiar a iniciativa de Buchman,

criando, nas proximidades de Roma, seu próprio centro chamado *Ill mondo migliori* (*O mundo melhor*). E convidou Buchman para o lançamento do projeto. Depois de participar, Buchman compartilhou comigo suas dúvidas sobre o futuro do projeto, mas é interessante notar que seu exemplo dinâmico deixou sua marca em Roma.

Outro jovem padre chegou a Caux, nos anos 50, e celebrou uma de suas primeiras missas na capela de Caux. Alguns anos mais tarde, ele me falou da profunda impressão que teve de sua conversa com Buchman. Atualmente ele é um cardeal.

Não foi fácil para Buchman perceber que era visto em Roma com suspeita por certas pessoas simplesmente porque a abertura para o ecumenismo ainda não havia acontecido. Não obstante, Eugene Tisserand, decano do Sagrado Colégio de Cardeais e prefeito apostólico da Congregação para a Igreja Católica Oriental (e, nesta capacidade, preocupado com a injustiça feita contra a Igreja Católica Siríaca em Kerala), reconheceu os construtivos esforços de Buchman para a restauração da tolerância religiosa lá. Tisserand sempre recebeu Buchman calorosamente.

A determinação de Buchman para enfrentar os problemas mundiais fez com que empreendesse uma viagem ao Extremo Oriente em 1956, a qual o levou ao Japão, Taiwan, Filipinas, Vietnã e Tailândia. Foi recebido em Saigon pelo presidente Ngo Dinh Diem, um católico que era então chefe de governo no Vietnã do Sul. Buchman, depois de me enviar uma breve nota com os cumprimentos presidenciais (uma equipe nossa, incluindo Irène Laure e seu marido, já o havia visitado em 1956), fez questão que eu recebesse um relatório completo da visita. O fato de um chefe de estado católico ter contado com a ajuda da experiência de Buchman para lidar com uma população composta por muitas diferentes comunidades religiosas marcou meu contato com a Congregação para a Doutrina da Fé em Roma, a mesma entidade que havia tido as maiores reservas contra as

iniciativas de Buchman.

Uma mentalidade diferente começou a operar

Infelizmente, só após o falecimento de Buchman é que certas personalidades, que haviam demonstrado as maiores hostilidades, admitiram aos que levavam adiante o trabalho terem estas sido vítimas de um grave “mal-entendido”. A partir das conversas com alguns dos pioneiros do ecumenismo, Irmão Roger de Taizé em particular, passei a entender que as reservas encontradas em relação à Buchman deviam-se grandemente ao fato de ele ter estado a frente de seu tempo e, de certo modo, ter sido vítima do passo lento com que aquela venerável instituição, a Igreja Católica, estava preparada para avaliar seu pioneirismo.

No ano que se seguiu à morte de Buchman, o Papa João XXVIII abriu o segundo concílio do Vaticano. Uma mentalidade diferente passou a operar. O cardeal Franz König, arcebispo de Viena, passou a visitar Caux regularmente e organizou lá um dos primeiros colóquios entre cientistas e líderes políticos e religiosos sobre o futuro do planeta. Ele estava enfrentando os problemas do mundo, assim como Buchman já havia feito!

Tendo dito isso, não pretendo esconder o fato de que certos líderes da Igreja Católica gostariam de ter ajudado Buchman a entender melhor o papel da autoridade espiritual, que pretendiam defender e não estavam dispostos a lhe entregar. Trabalhando com cristãos de várias denominações, Buchman, querendo ou não, foi levado pelos membros de sua equipe a assumir um pouco dessa autoridade. Monsenhor François Chauvin, bispo de Friburgo, Lausanne e Genebra, a diocese onde se localiza a sede de Caux, confirmou a Buchman o seu apoio paternal não-qualificado, mas, ao mesmo tempo, procurou passar um pouco da mensagem de sua Igreja - que Buchman estava disposto a aceitar, como posso testemunhar. Alguém poderia legitimamente

perguntar se essa questão relativa à autoridade espiritual não seria mais um problema para a equipe de Buchman do que para ele mesmo. Quanto mais ele envelhecia, mais as pessoas tomavam para si uma autoridade que não deveriam possuir.

Não posso terminar este estudo sobre a influência de Buchman no mundo latino sem mencionar Maurice Mercier. Formado nas doutrinas sindicalistas desde jovem pelo Partido Comunista Francês, e tendo ajudado a criar o grande movimento sindicalista francês, a Force Ouvrière, Mercier se tornou um dos pioneiros do *paritarismo*, isto é, o espírito, neste caso herdado de Buchman, que possibilitava aos movimentos gerenciais e sindicalistas cooperarem na administração dos grandes organismos sociais da França. Após 50 anos, percebe-se que, mesmo que esse espírito tenha, infelizmente, desaparecido, essas instituições ainda moldam a vida social francesa. Mercier - que se manteve fora de qualquer entidade religiosa até sua morte - me parece ter sido um símbolo do alcance extraordinário de Buchman. O que eles tinham em comum? Se tirarmos o lado espiritual de Buchman, suas crenças, sua fé, sua espiritualidade, o que sobraria? Mercier viu em Buchman, mesmo então, uma pessoa que o compreendia, que compartilhava sua visão de um mundo mais humano e justo, um amante da verdade, alguém com fé na humanidade.

Para aqueles de nós que, desde 1989, vimos tantos cidadãos soviéticos, impregnados por oitenta anos de ateísmo e ausência de qualquer conhecimento religioso, encontrar em Caux algo que vinham buscando há anos, é como encontrar mais Merciers, uma vez que milhões deles existem no mundo.

O grande mérito de Buchman é ter mostrado o caminho através do qual os ateus podem ter acesso a uma fé, que eles descobriam no silêncio, o mais íntimo do seu ser.

Portanto, vamos aprender a ficar em silêncio.

3

Um Veterano Alemão Recorda

Extratos de uma biografia* por Hasnjörg Gareis

Hasnjörg Gareis, nascido em 1926 na Alemanha, serviu na marinha durante a Segunda Guerra Mundial, estudou engenharia elétrica em Stuttgart e apresentou-se como voluntário, em 1948, para trabalhar com tempo integral para o Rearmamento Moral. Em 1968, iniciou uma carreira na indústria como diretor de pessoal e, finalmente, abriu e administrou uma empresa, empregando pessoas que tinham estado fora do mercado de trabalho por um longo tempo.

* Stepping Stones 2011, ISBN: 3-00-008306-5

Na abertura de Mountain House (Caux), em 1946, as palavras iniciais de Frank Buchman – dizem – foram: “Onde estão os alemães? Vocês nunca irão reconstruir a Europa sem os alemães”.

Foi assim que inúmeros alemães, como eu mesmo, tiveram a oportunidade de ter um diálogo com o mundo exterior, vendo os alemães não como proscritos, mas sim como seres-humanos que precisavam buscar um objetivo comum. Eram pessoas que vinham a nós sem apontar o dedo. Pisávamos num território novo todos os dias. A época era perfeita, portanto, para que nos fosse apresentada uma ideia que poderia nos ajudar a nos reerguer.

Mas não era nada fácil. Nós alemães temos, em primeiro lugar, que encarar a profundidade da nossa culpa, humildemente pedir perdão a Deus e, a partir daí, seguir em frente corajosamente. Foi-nos dada a graça de renascer. Era como uma boia salva-vidas para uma nação que se afogava. Incontáveis homens e mulheres comuns, como eu, de todo o país, estavam tentando alcançá-la, testando-a, experimentando-a.

Ninguém poderia ter sonhado, planejado ou mesmo esperado pela evolução dos anos seguintes, quando uma nação se ergueu como a fênix das cinzas. Nenhum de nós jamais esquecerá a jornada através da Suíça (para mim em 1949). Não era a força institucionalizada de uma organização, mas sim a eficácia contagiante de pessoas que simplesmente viviam de acordo com as suas mais profundas crenças.

A primeira coisa que eu tinha que aprender era que os padrões absolutos do RAM significavam não apenas que uma pessoa não deveria mentir, roubar, fornicar, matar ou viver uma vida totalmente egocêntrica, mas significavam que um padrão de perfeição deve ser perseguido em todos os detalhes do dia-a-dia.

Lembro-me de ter ficado no apartamento de dois quartos extremamente velho de um alojamento de operários de uma fábrica e dividindo o sofá com Stan. Ele era alguns anos mais velho que eu, um australiano ruivo, tranquilo e taciturno. Stan me contou sobre seu serviço como piloto de bombardeiro da força aérea australiana durante a guerra, quando caçava submarinos alemães no Atlântico. Compartilhei com ele como meu irmão Claus e meu cunhado haviam sido mortos em tais ataques. Comparamos as épocas. Poderia ter sido Stan quem jogou uma das bombas fatais. Durante a noite, rezamos juntos e entregamos a Deus o que quer que sentíssemos. Nosso anfitrião ficou profundamente tocado quando lhe contamos sobre a experiência que tivemos aquela noite.

No verão de 1950, já havia quase virado moda ver líderes alemães viajar para Caux. Era um dos únicos lugares fora das fronteiras do nosso país onde ainda podíamos “nos encontrar com o mundo”. Em Caux, me rebelei contra os meus amigos pela primeira vez. Eu havia entrado para o pequeno grupo que tomava as decisões sobre como a assembleia deveria ser conduzida. Ninguém tinha me pedido para fazê-lo. Mas eu me sentia muito importante por participar de todas as sessões de estratégia de planejamento, mesmo as que aconteciam de manhã bem cedo no quarto de Buchman. Eu sempre tentava ser o primeiro a chegar para poder me sentar longe do alcance do olhar do velho senhor com receio de que ele me perguntasse: “E então, filho do general, o que você acha?”

Simplesmente, não estava certo!

Um dia, foram anunciados vários portuários do estaleiro britânico Clyde. Durante o ensaio do coral, foram distribuídas folhas de papel com a música de uma canção composta durante a guerra para levantar o espírito patriota dos trabalhadores do estaleiro. O refrão dizia: “São os navios construídos pela Clyde que ganham a guerra”. Ao ler essas palavras eu me levantei e disse que não poderia cantar aquilo. Simplesmente, não estava certo! Enaltecer os navios britânicos significava condenar a nossa marinha, à qual eu tinha servido, e onde o meu irmão e meu cunhado tinham morrido. Significava ter dois pesos e duas medidas, e eu não me alinharia com o lado oposto ao meu. Ursula, uma jovem de Hamburgo (que mais tarde se casaria com meu amigo Fromund), e eu deixamos o ensaio em protesto. Os demais membros do coral nada fizeram para nos impedir.

Horas mais tarde Ursula e eu fomos chamados ao quarto do Dr. Buchman. Nós esperávamos ouvir duras acusações sobre no fundo ainda sermos nazistas, e coisas desse tipo. Nada disso aconteceu. Frank, como todos o chamavam, nos ouviu e então

sugeriu que ouvíssemos a Deus juntos. Não lembro quais foram os pensamentos que compartilhamos. Obviamente, nós dois admitimos que tínhamos nos comportado como tolos, que devíamos nos “transformar” imediatamente e fazer de tudo para que os trabalhadores ingleses se sentissem à vontade. Mas Frank disse algo mais. Ele sugeriu que meus pais deveriam ser convidados especialmente para assistir à sessão de Setembro sobre o tema: *O Papel das Forças Armadas na Era das Ideologias*. Eu tinha sérias dúvidas se meus pais aceitariam o convite. Até então eles haviam se esquivado de todas as tentativas nesse sentido. Além do que, seria criado um inevitável conflito aberto quando os líderes do exército Aliado fossem obrigados a encontrar seus antigos adversários alemães. Ainda não era a hora para tal confrontação, pensei.

De qualquer maneira, escrevi ao meu pai e à minha mãe e lhes expliquei que aqui em Caux, como em nenhum outro lugar no mundo, eles poderiam expressar seus sentimentos e seus medos, e que encontrariam somente ouvidos e corações abertos. Nenhuma resposta chegou. Eu sabia que não ia funcionar. Minha irmã Annemie tinha me contado que nossos pais tinham, pela primeira vez, conseguido visitar nossos parentes na Suécia. A única irmã de meu pai havia se casado com um pastor sueco e tinham cinco filhos, meus primos. Eles eram os nossos parentes queridos. Naturalmente, meus pais prefeririam passar as férias de verão com eles a serem tragados por uma massa de estranhos e um cataclismo de emoções.

Então a notícia “os alemães estão chegando e seus pais estão no meio” foi uma surpresa total. Sem que eu soubesse, Peter, outro alemão que trabalhava em tempo integral e tinha a minha idade, havia sido enviado de carro a Lennep e aconselhado a não voltar sem eles.

Uma coisa que sempre comovia nossos compatriotas era ver, sobre o pórtico principal de Mountain House, a bandeira alemã

estiada junto com as das outras nações. Hoje em dia isso é normal, mas naquela época não conhecíamos nenhum outro lugar onde se demonstrasse daquela forma que seríamos tratados como iguais. Lá dentro, no belo salão de entrada, o nosso coral estava preparado. Nós não tínhamos, naquela época, um hino nacional alemão, de modo que tinha sido composta uma canção que se assemelhava a um hino, *Alemanha, terra amada por Deus*. Quando vi meus pais e outros oficiais do exército alemão entrarem com suas esposas, fiquei tão emocionado que minha voz falhou, mas todos os outros cantaram fervorosamente. Então alguém disse algumas palavras de boas vindas e os recém-chegados foram levados aos seus quartos. Ficaram todos hospedados nos melhores quartos do quarto andar, cada um com uma varanda de onde tinham uma esplêndida vista para o Lago Genebra.

O grande salão da assembleia ficou completamente lotado para a primeira sessão plenária na manhã seguinte. Uma tensão incomum tomava conta de todos, era quase tangível. Do meu lugar no coral, atrás da plataforma dos oradores, de frente para a plateia, pude ver os rostos congelados e desconfiados dos alemães. Eles se sentaram juntos, em um grupo apertado, como a se protegerem uns aos outros. Na tribuna estavam um general francês reformado - uma das grandes figuras da guerra, um general sueco e outro suíço, e mais uma ou duas pessoas. Acredito que muitos de nós tínhamos rezado para que alguém encontrasse as palavras certas para derrubar o muro invisível.

Porém isso não aconteceu senão com o último palestrante. O contra-almirante reformado Owen Phillips, da Marinha Real, subiu ao pódio. Era um homem alegre, pesado, com o rosto redondo e a voz grave. Usava grandes óculos de tartaruga e um paletó azul marinho com um brasão colorido - só podia mesmo ser um marinheiro britânico aposentado. Falava de maneira simples e objetiva, com uma voz clara e masculina, dirigindo-se

aos alemães presentes na audiência.

Nós permanecemos distantes, metidos a santos e indiferentes

Bill Phillips revisitou os anos entre as duas guerras, quando a Alemanha tinha sofrido com as duras condições impostas pelo tratado de Versalhes e suas consequências: “Nós, britânicos, ficamos assistimos à sua difícil situação da nossa ilha, e permanecemos distantes, metidos a santos e indiferentes. Eu sempre senti muita envergonha dessa atitude, e estou convencido de que a nossa falta de grandeza humana contribuiu para a criação das causas que levaram a uma segunda guerra. Temos que enfrentar a nossa parcela de culpa”. O almirante disse que queria aproveitar essa primeira oportunidade de conhecer alemães responsáveis e pedir-lhes que aceitassem suas mais sinceras desculpas pelas falhas suas e de seu país. Descendo da plataforma, ele caminhou até onde estavam meus pais e os outros alemães e apertou-lhes as mãos. Foi um gesto genuíno. Todos sabíamos que ele era sincero no que dizia.

Horas depois, procurei meu pai e minha mãe e descobri que haviam silenciosamente retornado aos seus quartos, impossibilitados de falar com ninguém. Os dois me abraçaram, uma demonstração de afeto que meu pai sempre evitara. Durante os dias que se seguiram, assisti maravilhado à transformação que acontecia com eles. A razão para a sua vinda - levar-me embora da montanha - nunca mais foi mencionada; não, agora eles eram capazes de entender o que nos mantinha a todos tão envolvidos. Sua mágoa derreteu-se como gelo ao sol, o que liberou o caminho para clarear suas próprias consciências. Foi natural para um outro alemão, o general Hossbach, e meu pai falarem à assembleia, em nome de seus companheiros, sobre sua decisão de usar o resto das forças que tinham para trabalhar por uma Alemanha que poderia mais uma vez gozar da confiança e do respeito do mundo. Uma porta tinha sido aberta para uma estrada que permitiria, àqueles

que escolhessem percorrê-la, lidar com o passado ao invés de reprimi-lo.

No dia primeiro de Maio de 1951, meu pai e minha mãe receberam um longo telegrama assinado pelos presidentes do comitê de relações exteriores do senado e da câmara dos Estados Unidos, juntamente com outros senadores. Dizia:

Como membros do Comitê de Relações Exteriores do Senado e da Câmara de Deputados dos Estados Unidos, desejamos manifestar o nosso apoio ao convite que lhes foi feito para participar da Assembleia Mundial para o Rearmamento Moral das nações na Ilha de Mackinac, Michigan, de primeiro a doze de Junho, e dar-lhes as boas vindas juntamente com nossos colegas de Michigan no Congresso.

Sua presença nos Estados Unidos, assim como a de outros importantes líderes mundiais da Europa e da Ásia, poderá ser de grande valia para manter o foco do povo americano, neste momento, sobre os passos positivos que podem ser dados em todos os lugares para responder à ameaça ideológica do comunismo mundial. Precisamos de tal demonstração de força unida no campo da liderança moral, sem a qual os esforços conjuntos militares, políticos e econômicos para salvar o mundo livre certamente serão menos eficazes.

Estamos impressionados com a evidência prática de o que tal liderança moral ativa tem realizado para o estabelecimento da democracia como uma força eficiente nas áreas de perigo que afetam o nosso futuro e das nossas nações. Reconhecemos a oportunidade que essa Assembleia oferece na proclamação ao mundo de uma experiência de democracia inspirada, baseada em padrões morais e na direção de Deus, o que é o grande

baluarte da liberdade.

Estamos ansiosos para recebê-los na ocasião de sua visita.

Desde que meus pais retornaram de Caux, um ano antes, as suas vidas se tinham preenchido com um novo propósito. Eles tinham aberto sua casa para receber os seus novos amigos e, sempre que possível, nós três íamos juntos a reuniões em todo o país. Compartilhávamos uma harmonia que nunca havíamos conhecido antes. Para mim, era um milagre presenciar a sua alegria por terem encontrado o que meu pai chamava de “o caminho certo”.

Reaproximação com seu odiado vizinho

Foi, por exemplo, apenas mais uma das incontáveis peças no mosaico que começava a dar forma à nova Europa, quando meu pai foi convidado, juntamente com outros alemães, para participar de uma grande assembleia em Lille, o centro industrial do Norte da França. Ao dirigir-se para lá, passando pelo interior, onde tinha lutado em duas guerras mundiais, ele reconhecia tão bem a área que, quando o motorista se perdeu, o general pôde guiá-lo com infalível certeza. Embora nesta ocasião os alemães tivessem sido convidados, para os franceses as memórias de milhares de mortes, atrocidades e humilhações de guerra que tinham sofrido ainda estavam muito vivas.

Apenas alguns meses antes, o ministro das relações exteriores francês, Robert Schuman, tinha causado sensação ao sugerir a fusão das indústrias europeias do carvão e do aço, incluindo as da Alemanha Ocidental, enquanto ao mesmo tempo a maioria esmagadora dos franceses recusava qualquer tipo de reaproximação com o odiado vizinho.

Quando meu pai foi apresentado como um comandante do batalhão de tanques durante a guerra, a audiência ficou perplexa.

Ele falou sobre a transformação interior que tinha experimentado a qual lhe tinha possibilitado aceitar sua responsabilidade pessoal pelos erros de seu país. Pediu aos franceses que o perdoassem se pudessem, e que acreditassem e confiassem nele. A calorosa reação que provocou foi, em suas palavras, uma das sensações mais fortes que já teve.

Assim reforçados, meus pais escreveram a Frank Buchman dizendo que estavam preparados, como sua participação na expiação de seu país, para estar a serviço do movimento onde quer que fosse necessário. A resposta de Buchman superou suas expectativas. Ele lhes escreveu da Califórnia: “Se puderem preparar tudo, gostaria de receber vocês e seu filho na assembleia na Ilha de Mackinac em Junho, e gostaria que permanecessem neste país após o evento, se for possível”. Como que para confirmar que não se tratava apenas de um incentivo amistoso, chegou o telegrama de Washington citado acima.

Eles estavam diante de uma decisão extremamente difícil. Tinham os dois mais de sessenta anos, não possuíam economias, e as aposentadorias estavam sendo discutidas no parlamento sem resultado à vista. Viajar, mesmo que por alguns meses, significava abrir mão da segurança do emprego de meu pai e fechar a casa, porque não poderiam pagar o aluguel enquanto estivessem fora. E o que pensariam os parentes, minha mãe “não tinha roupa” nem dinheiro para comprar algo apropriado! Quando fizemos uma reunião familiar para decidir o assunto, fiquei admirado com a coragem que tiveram ao aceitar o convite.

Um enorme mito incompreensível

Poucos de nós já tinham estado antes num voo de longa distância e, naquela época, tínhamos que reabastecer em Shannon, Irlanda, e em Gander, Newfoundland, antes de chegar a Nova Iorque. Durante a última etapa da viagem, um dos motores falhou e,

apesar das palavras tranquilizadoras do piloto, ficamos morrendo de medo. Na chegada, os procedimentos de imigração pareceram levar uma eternidade, cada um de nós foi interrogado separadamente durante meia hora. De modo que, apesar de termos aterrissado de manhã cedo, já era hora do almoço quando fomos levados para Manhattan numa frota de super ônibus. Tudo parecia grande, enorme, rápido e assustador. Nós, europeus, ficamos com a impressão de que, para alguma coisa despertar interessante nos Estados Unidos, tinha de ser o mais longo ou o mais curto, o primeiro ou o último, o maior ou o menor existente no mundo.

O Grand Hotel na Ilha de Mackinac, Michigan, era o local da assembleia. Ao chegarmos, tanto o hotel quanto a própria ilha nos presentearam com cenários lindíssimos. Após vinte anos de um rígido isolamento para muitos dos membros da delegação alemã, as discussões francas com pessoas de tantos lugares diferentes dos Estados Unidos e do mundo foram, algumas vezes, chocantemente reveladoras. Sob a impressão geral de cordialidade e amizade, muitas vezes nos sentimos como criaturas de outro planeta. Alemanha era sinônimo de nazismo, e o nazismo era, para muitos, como um enorme mito incompreensível, um fenômeno através do qual, de uma maneira misteriosa, toda a maldade da humanidade tinha sido concentrada em um único povo.

Para os meus pais, a questão da culpa, da culpabilidade pessoal e nacional, se tornou um ponto central. Isso foi discutido acaloradamente dentro da delegação alemã. Obviamente, admitir a existência de um certo caráter alemão intrinsecamente mal era ridículo, e sugerir a culpa coletiva de todos os membros de uma raça iníqua era um absurdo. Porém, um jornalista do Alabama tinha dito ao nosso pequeno grupo: “Deve ser absolutamente horrível para vocês, alemães, conviverem com esses crimes hediondos na consciência”. Como deveríamos, cada um de nós

individualmente, lidar com essa situação? O mundo não estava interessado se qualquer um de nós havia ou não cometido tais atrocidades. O mundo nos via a todos como responsáveis, os devedores de todo o capital que tinha sido malbaratado. O mundo não toleraria nossa tentativa de suprimir silenciosamente nosso passado recente, nem as tentativas de qualquer um de nós de se declarar isento de culpa.

Nós três fomos convidados um dia para falar na assembleia. Para meus pais foi como falar num tribunal, mas ambos estavam dispostos a revelar publicamente algumas das questões mais profundas em seus corações. Expressaram sua gratidão a Frank Buchman, por se esforçar em nos fazer sentir bem-vindos mais uma vez à família internacional, e a homens como o Almirante Philips, cuja ação havia dado a eles, e a muitos outros, a chance de participar ativamente em uma expiação.

Foi muito difícil para o meu pai falar sobre a vergonha que sentia das ações cometidas por seu país e por seu povo. No final, estavam ambos muito pálidos e tremendo. Meu pai se sentiu terrivelmente humilhado ao ver que ninguém lhe agradeceu pelo que dissera; apenas um jovem americano deu-lhe um tapinha nas costas e disse: “Muito bem, general, continue o bom trabalho!” Meus pais queriam voltar para casa.

Mais tarde, naquela noite, estávamos caminhando ao longo da margem na ilha. Era uma linda noite de verão, com uma brisa suave que vinha do lago, com o mesmo farfalhar das folhas das árvores, como tínhamos apreciado tanto da Prússia Oriental. Parecia ter sido em outra vida. Mas os sons e as visões da natureza têm seus efeitos relaxantes. Nós nos acalmamos.

“Naturalmente, não sabemos o efeito que as suas palavras terão naqueles que as ouviram”, disse eu, “Lembrem-se do quanto vocês ficaram mexidos em Caux, e como demorou um tempo até que vocês pudessem reagir”.

“Há alguma coisa aí. Além do mais”, eu disse, “se peço desculpas a alguém por algo que eu tenha feito, e se digo isso com o objetivo de persuadi-lo a admitir suas próprias falhas, então me parece que essa não é a motivação correta. É como dar um presente a alguém e esperar algo em troca, isso não é um presente, é um negócio”.

Temos a obrigação de continuar

Caminhamos em silêncio por um tempo. Então minha mãe disse suavemente: “O bom Deus nos pôs nesse caminho através dessas pessoas. Elas fizeram tanto por nós e por nosso país. Temos a obrigação de continuar. Devemos aprender com os nossos erros e tentar passar adiante o que aprendemos”.

Meus pais tinham feito amizade com um bispo protestante que era membro da delegação sueca. Tiveram uma longa conversa com ele. Nunca soube sobre o que eles conversaram. Mas, obviamente, haviam feito as pazes com Deus. Aceitaram sua parcela de culpa até onde a percebiam, principalmente por não terem tido coragem ou se importado, bem como sua necessidade incondicional de serem perdoados.

Peter Howard lhes disse que poderiam, com a realidade da sua experiência, ter um papel importante nos EUA, não apenas removendo os tradicionais sentimentos anti germânicos, que se originaram muito antes da era Hitler. Além do mais, disse ele, o derrotismo moral que permitiu que Hitler chegasse ao poder, em primeiro lugar, encontra-se tão desenfreado hoje nas democracias ocidentais quanto na Alemanha e na Europa dos anos trinta. Nossa tarefa comum era lutar contra o materialismo em todas as suas formas, o materialismo militante do comunismo, tanto quanto o sutil, mas não menos perigoso egoísmo do mundo capitalista.

Para mim, essas questões não tinham tanto peso, pelo menos não

naquela época. O que meus pais experimentaram em Mackinac foi, pode-se dizer, um assunto pessoal deles. Hoje em dia é fácil zombar do nosso idealismo, chamá-lo de inocente e irrealista. Naquela época, tudo parecia ser claro e simples, muito alcançável. Era inebriante poder contribuir com algo construtivo para o fluxo vivo dos eventos, fazer parte da construção orgânica de uma filosofia que, caso ficasse provado ser correta e válida, daria significado a tudo que se pode pensar e fazer.

Schopenhauer, o filósofo alemão, estava convencido que o caráter de um homem é imutável. Ele escreveu: “A natureza de um homem permanecerá a mesma por toda a sua vida. A moldura externa, as circunstâncias da vida, a soma do conhecimento e suas opiniões - tudo isso pode mudar. Porém, por baixo de tudo isso, como um caranguejo em sua concha, ele permanecerá idêntico, o indivíduo verdadeiro, imutável e inconfundível, sempre o mesmo”. Nós estávamos a ponto de demonstrar que Schopenhauer estava enganado.

Um dia, meus pais e eu estávamos no aterro de New York, de frente para a Estátua da Liberdade, e olhamos o memorial, com os milhares de nomes de americanos que haviam perdido suas vidas durante a guerra. “As pessoas desse país não se dão conta do quanto são privilegiadas e afortunadas - disse meu pai -, para eles, é um direito de nascença honrar os seus heróis. Nós alemães não podemos chorar nossos mortos”.

Achei que aquela tinha sido uma observação bem profunda. Eu não percebi, senão muito mais tarde - e suponho que o mundo lá fora nunca tenha chegado a compreender o significado do fato - que a maioria dos alemães, ansiosos para provar que nunca haviam sido, e certamente não eram, nazistas, se recusavam vigorosamente a discutir o assunto, que dirá chegar a um acordo, com o nosso passado recente. *Vergangeheitsbealtigung* não é apenas uma daquelas palavras quilométricas que amamos tanto na nossa língua, mas também significa um trauma que nos persegue

até hoje.

Em todos os países ocidentais que visitei é possível encontrar memoriais, muitas vezes decorados com as bandeiras nacionais, canteiros e flores frescas. Na Alemanha, conseguimos baldar a maioria dos esforços feitos nesse sentido. A probabilidade de que entre aqueles que deveriam ser lembrados pudessem estar membros da SS e outros criminosos contaminou de tal maneira a massa de inocentes que nos negamos mutuamente, primeiro, o direito e depois a capacidade de guardar luto. Essas coisas deixam marcas indeléveis em um povo.

Finalmente chegou a hora de meus pais retornarem para casa, enquanto eu permaneci nos Estados Unidos. Não tinham sido tempos muito fáceis para eles nos Estados Unidos. No entanto, eles tinham dado uma grande contribuição para a reconstrução das relações entre a Alemanha e os Estados Unidos e, no seu tempo, à conseqüente criação de um novo exército alemão. Na ocasião da sua partida, um jornal chamou nossa família de “Embaixadores da Nova Alemanha”, o que certamente descrevia o que eles tinham esperança de ter sido. Enquanto isso, eu continuei como parte do elenco do espetáculo musical de *Jotham Valley*, no qual eu interpretava um *cowboy*. Muitas vezes as apresentações da peça resultavam em convites para visitar residências ou para festas por parte de muitas pessoas que queriam saber mais sobre o que fazíamos.

O que é que eu poderia dizer?

Uma noite, seis de nós, rapazes do elenco, fomos convidados por um rabino da Califórnia para encontrar os membros da sua comunidade judaica. Não me haviam avisado com antecedência e eu, provavelmente, teria me recusado a ir se soubesse. Nós nos vimos numa grande sala próxima à sinagoga local, com aproximadamente quarenta ou cinquenta homens. Muitas coisas

cruzaram a minha mente. Será que aquelas pessoas tinham sofrido nas mãos dos nazistas? Será que tinham sobrevivido a campos de concentração? Como eles me receberiam? O que eu diria a esses judeus? Senti-me estigmatizado, um horror tomou conta do meu corpo e senti uma ansiedade desconhecida. Enquanto meus amigos falavam, eu me perguntava o que é que eu poderia dizer?

“O perfeito amor expulsa o medo”, anotei no meu caderno e, “Se você quiser, pode abrir seu coração e simplesmente amá-los, cada um deles. Não tenha medo e seja honesto. Conte-lhes o que você está passando e o que decidiu fazer com sua vida”.

Quando o rabino me apresentou, eu estava calmo. Ele disse que eu havia sido membro da Juventude de Hitler e que mais tarde tinha servido na marinha alemã. Contou-lhes que meu pai havia sido comandante do batalhão de tanques durante a guerra e que meus pais estavam participando de uma campanha do Rearmamento Moral na América. Podia-se sentir um muro de pedra sendo erguido no salão. Mas eu já não estava mais com medo.

Apenas uns poucos aplaudiram quando me sentei novamente sendo que os aplausos se extinguiram rapidamente. Ninguém queria fazer perguntas. Não houve nenhum debate. O rabino encerrou a reunião e agradeceu nossa presença. Ele lhes disse que o que eu tinha falado os havia deixado pensativos. Não parecia que houvéssemos atingido o coração da audiência. Foi triste.

Quando estávamos deixando o salão, um homem se postou na minha frente. Teria uns cinquenta anos, um tipo discreto, que ninguém notaria numa multidão. Quando parei, ele hesitou por um momento e, em seguida, como se houvesse tomado uma decisão, estendeu a mão e segurou a minha. Ficamos parados lá de mãos dadas por um tempo. Então ele disse em alemão: “Em 1939, eu jurei solenemente que nunca mais sujaria minha boca

falando sua língua. Eu estava errado. Não responda”, ele continuou, “Escutei atentamente tudo que você falou. Será que você me daria o prazer de vir à minha casa, conhecer minha família e jantar conosco?” Disse que primeiramente consultaria sua esposa e depois me ligaria para marcar.

Ele manteve sua palavra e poucos dias depois veio me buscar de carro. Sua esposa e filho estavam na entrada da casa para me receber. Ela era uma senhora extrovertida e feliz, que tinha o dom de nos fazer sentir em casa imediatamente. Seu filho havia tido a celebração de seu bar-mitzvá¹ recentemente e me mostrou com orgulho os presentes que havia recebido de parentes e amigos. O pai me contou que seu filho era apenas um bebê quando foram forçados a fugir da sua casa na Alemanha. Eram gratos por seu filho não saber nada sobre as terríveis circunstâncias em que nasceu e por poder crescer em liberdade. Antes da refeição, meu anfitrião fez uma oração em hebraico. Senti que Deus estava presente e que abençoava aquele momento. Mais tarde tive a oportunidade de conhecer muitos outros judeus. Para mim, aquela noite com a família judia foi um momento inestimável que sempre me pertencerá. Foi uma dádiva perceber que Deus pode guiar o coração dos homens, saber que a reconciliação é possível mesmo entre os piores adversários.

¹ Garoto judeu que chegou à idade de responsabilidade religiosa e na idade adulta (13 anos); cerimônia para comemorar este evento (nota da tradutora).

4

O Ingrediente Secreto do Milagre Japonês no Pós-Guerra

Por Fujiko Hara, em nome de Yukika Sohma

Nascida em 1912, fundadora da Japan Association for Aid and Relief (ONG criada em 1979, fornece ajuda de emergência e assistência a pessoas com deficiências) e primeira intérprete de conferências japonês/ inglês do Japão, Yukika Sohma tem hoje mais de noventa anos. Mãe de Fujiko Hara, ela ainda viaja pelo mundo como vice-presidente da Ozaki Yukio Memorial Foundation (associação em memória de Yukio Ozaki, pela continuação de sua missão e ideais como estadista na promoção de boa cidadania e governo no Japão) e presidente da Japan-Korea Women's Friendship Association (Associação para a Amizade entre Mulheres do Japão-Coreia). Ela é a terceira filha de Yukio Ozaki, um conhecido político liberal chamado de *kensei no kami* ou “o deus do governo constitucional” no Japão.

A filha, Fujiko Hara, é intérprete e professora de interpretação de conferências há vinte e cinco anos. É membro da AIIC (Associação Mundial de Intérpretes de Conferência). Trabalhou nos Encontros Econômicos do G7, nas reuniões do Interaction Council (organização independente internacional de ex-chefes de estado para discussão, recomendação e soluções práticas para e resolução de problemas

políticos, econômicos e sociais mundiais), no Fórum Econômico Mundial, e nas negociações e conferências mundiais de alto nível em todas as mais importantes áreas. É diretora-gerente do Ozaki Yukio Memorial Foundation e neta de Ozaki Yukio que, quando prefeito de Tóquio, presenteou com floridas cerejeiras japonesas a Washington, DC.

Shinzo Abe, neto de Nobusuke Kishi, foi o primeiro primeiro-ministro do Japão nascido após a Segunda Guerra Mundial. Como há cada vez menos pessoas que viveram durante os anos da guerra e durante a desafiadora busca pela paz que levou ao mundo que conhecemos hoje, Yukika Sohma acredita ter a responsabilidade de compartilhar sua experiência.

Para o Japão, ocupar uma posição de respeito e exercer um papel responsável entre a família das nações tem sido o item mais importante na agenda nacional desde que as portas do país se abriram após duzentos anos de isolamento. A primeira etapa dos esforços do novo governo concentrou-se em desenvolver a indústria nacional e formar as forças armadas, seguindo os passos das maravilhas pós-revolução industrial do Ocidente, com o objetivo de ser aceito como uma “nação moderna” e defender o país do colonialismo incrustado. Após atingir esses primeiros objetivos em um período de tempo impressionantemente curto, o exército logo invadiu e derrotou a China (1894-95), que outrora tinha sido a mentora do Japão, e impôs sua presença num mundo cético ao subjugar a Rússia Imperial (1904-05). A partir daí, os triunfantes militaristas tornaram reféns a nação e o nascente sistema político e, por meio de aventuras insensatas, trouxeram uma derrota sem precedentes. Em menos de cem anos, após desajeitadamente encontrar seu lugar na comunidade global, os militaristas japoneses trouxeram miséria e destruição para o seu povo e para as nações vizinhas.

O Japão teve que recomeçar do zero. A reconstrução do país destruído pela guerra só viria se fosse encontrado o caminho para

a reconciliação. E a reconstrução das relações diplomáticas tinha como objetivo consertar laços pessoais. Na verdade, a bem sucedida reabilitação econômica do Japão começou com um punhado de cidadãos e políticos inspirados a atuar como estadistas, desculpando-se sinceramente pelo passado de seu país. Dessa vez foi Frank Buchman, um americano que estendeu a mão para ajudar os japoneses a consertarem seu passado. Por sua iniciativa criativa, o governo japonês condecorou Buchman, em 1955, com a Ordem da Segunda Classe do Sol Nascente. Referindo-se a esse mesmo trabalho, o estadista e ex-primeiro-ministro francês, o falecido Robert Schuman, disse a Buchman na época do Tratado de Paz em São Francisco em 1951, “Você fez a paz com o Japão antes de nós”.

A Segunda Guerra Mundial, a mais cara da história, terminou oficialmente no dia 2 de Setembro de 1945. Em Junho de 1948, nove civis japoneses deixaram o Japão para participar de um encontro do Rearmamento Moral em Los Angeles, convidados pelo Dr. Buchman. Foram os primeiros civis a deixar o país com uma permissão especial das forças de ocupação. Entre eles estavam Takasumi e Hideko Mitsui, além de Yukika e seu marido Yasutane Sohma. Eles aceitaram o convite percebendo que, embora a nova constituição adotada pelos japoneses em 1946 tivesse proporcionado um sistema democrático, faltava o espírito que lhe permitiria funcionar. O Tratado de Paz de São Francisco, que traria o Japão de volta à família de nações, estava ainda a anos de distância.

Uma vez a equipe do Japão nos Estados Unidos, alguns americanos se desculparam pelas bombas atômicas e de hidrogênio jogadas em Hiroshima e Nagasaki. Yukika ficou agradecida por ouvir isso. Era reconfortante sentir que se era a vítima e outros os perpetradores. Naquele mesmo ano, os Sohma foram à Europa após o retorno dos Mitsui ao Japão. Lá, Yukika teve um choque. Foi-lhe dito que a delegação britânica havia se

recusado a participar da reunião da qual ela e Yasu participariam. Yukika perguntou por que e lhe disseram que era devido ao tratamento dado aos prisioneiros britânicos pelos japoneses em Burma. Os governos frequentemente escondem as verdades embaraçosas de seus cidadãos. Foi a vez de Yukika enfrentar a verdade e pedir desculpas. Foram dias sóbrios, mas de cura.

Buchman generosamente convidou setenta japoneses em 1949 e outros setenta e cinco em 1950 para participarem das reuniões do RAM nos Estados Unidos e na Europa, onde foram apresentados aos membros da sua grande família mundial.

Reconciliação – a diplomacia do coração humilde

Era o outono de 1957 e o Sr. Nobusuke Kishi, que havia tomado posse como primeiro-ministro mais cedo naquele mesmo ano, tinha que fazer uma viagem a sete nações do Sudeste asiático, e também à Austrália e Nova Zelândia. Muitos desses países ainda não haviam feito as pazes com o Japão. Sendo uma nação marítima com poucos recursos naturais, havia uma necessidade premente para o Japão abrir suas relações comerciais com outros países para obter divisas estrangeiras.

Duas mulheres, Shidzue Kato e Yukika Sohma, que haviam aceitado o desafio de Buchman de viver segundo o princípio de “o que é certo”, em vez de “quem está certo”, sentiram fortemente a necessidade de reparar os erros cometidos pelo exército japonês. Para que se pudesse tentar fazer negócios, essa mancha na honra do país deveria ser reconhecida e desculpada. Kato, uma política popular do partido socialista japonês encarregada do assunto na câmara dos deputados, perguntou a Kishi, que estava a ponto de iniciar a viagem pelos países asiáticos, se ele estaria preparado para fazê-lo, e a resposta do primeiro-ministro foi positiva.

O primeiro porto da escala foi nas Filipinas, onde o Sr. Kishi

pediu desculpas pelas atrocidades japonesas e foi recebido com positiva surpresa pela Assembleia Nacional. O falecido presidente Magsaysay, morto num acidente aéreo alguns meses antes, tinha convidado anteriormente a delegação internacional do RAM para visitar seu país. Yukika era parte da equipe e se lembrava da recepção calorosa recebida pela delegação, sendo que um belo colar de flores tinha sido oferecido a cada visitante, exceto aos japoneses. Sentiu-se estarecida pela mágoa e pelo ódio que sentia nos frios olhares dos seus anfitriões.

A diplomacia de reconciliação do Sr. Kishi mostrou-se bem sucedida também na Austrália. O primeiro-ministro tinha sido convidado para falar na câmara dos deputados e no senado, mas a associação australiana de ex-combatentes estava altamente crítica. O Sr. Kishi escreveu nas suas memórias que sentiu a atmosfera fria e hostil se transformar em aceitação e depois em calorosa confiança à medida que suas humildes desculpas eram traduzidas. “Como primeiro-ministro”, escreveu, “eu pretendia visitar os Estados Unidos. Mas antes de fazê-lo, no entanto, sentia que precisava visitar primeiro o Sudeste asiático, para poder negociar em nome do Japão, falando pela Ásia e não por um país isolado... Fiz questão de pedir desculpas pelos erros do Japão durante a guerra e pedi insistentemente aos meus anfitriões que trabalhassem de mãos dadas conosco pela paz e pela prosperidade”. O Sr. Kishi também visitou Burma e lá pediu igualmente desculpas na qualidade de primeiro-ministro. Essas ousadas iniciativas não eram bem conhecidas no Japão, mas a mídia dava extensa cobertura onde quer que o Sr. Kishi fosse. Yukika relembra como, agindo desta forma, ele ganhou a confiança inabalável dos asiáticos.

Em 1965, foi estabelecida a Asian Pacific Parliamentarians Union (União dos Parlamentares da Ásia-Pacífico) por iniciativa do Sr. Kishi e do Sr. Saburo Chiba, também membro da câmara dos deputados. Naquela época o Japão já se havia recuperado ao

ponto de seu governo poder oferecer assistência oficial de desenvolvimento (ODA- Official Development Assistance) aos países asiáticos. O Sr. Chiba sentia que as relações entre eles ainda não estavam corretas e que estava faltando algo. O Dr. Buchman ouviu falar disso e sugeriu a criação de uma organização de parlamentares que se reuniria regularmente para discutir como poderiam complementar as relações intergovernamentais. As cinco nações fundadoras foram Coreia, Filipinas, Tailândia, Taiwan, China e Japão. A organização foi rebatizada como Asia Pacific Paliamentarians Union (União dos Parlamentares da Ásia-Pacífico) em 1980, contando com a participação de vinte e três países e regiões como membros. Yukika foi intérprete da União até 1975, quando sua filha assumiu seu posto. Yukika relembra que havia muitos parlamentares que estavam mais preocupados com o futuro de seus países do que com suas ambições pessoais.

5

Torpedo Humano (Kamikasi) se Torna Um Criativo Consultor

Por Hideo Nakajima

Hideo Nakajima, um dos poucos japoneses selecionados para ser treinado como um torpedo humano (kamikasi), sobreviveu à guerra porque esta terminou antes de sua primeira missão. Ao conhecer o Rearmamento Moral após a baixa do exército, ele encontrou um propósito para o seu futuro e um treinamento para a vida. Passou então a usar esse treinamento nos negócios sendo muito procurado por ser um “resolve tudo” em empresas com dificuldades. Mais tarde, integrou-se à Mesa Redonda de Caux.

Era um belo dia, o céu estava azul, as árvores se apresentavam verdes e frescas: uma típica manhã de verão na Ilha de Mackinac, Michigan. Quando entrei no salão de conferências do Grand Hotel que, naqueles dias tinha o maior pórtico do mundo, vi apenas algumas pessoas na entrada e nenhum japonês. Até o dia anterior, estava lá uma delegação japonesa com aproximadamente cinquenta pessoas. Fiquei chocado e em pânico. Todos os outros japoneses tinham ido embora e eu estava sozinho!

Peter Howard e Paul Campbell, dois amigos muito próximos de Buchman, vieram me ver e me disseram que eu tinha sido

convidado para ir a Los Angeles no mesmo trem com Buchman. Quando cheguei no meu compartimento, percebi que a minha era a cama de cima, ficando Peter com a de baixo. No outro compartimento estavam Paul e John Wood, outro membro da equipe núcleo da força internacional do Rearmamento Moral. Assim, ao longo daquelas três noites e quatro dias, eles me ajudaram a limpar a sujeira acumulada no meu caráter, e me senti completamente lavado. Essa experiência me ajudou na minha vida muito mais do que sou capaz de expressar. Conheci minha verdadeira natureza e me convenci da realidade do pecado.

Apesar de o nome ter sido mudado de Rearmamento Moral para Iniciativas de Mudança, espero que a mesma convicção fundamental ainda exista entre os jovens, profunda em seus corações.

Na segunda noite no trem, Frank me convidou para almoçar com ele no dia seguinte. Durante toda a manhã seguinte, pus-me a pensar e tomava nota do que deveria dizer a ele para deixar uma boa impressão. Chegou a hora do almoço e Frank e eu almoçamos sozinhos. Estava tentando dizer a ele o que eu tinha escrito de manhã, enquanto Frank olhava passar a bela paisagem do Oeste americano, como num filme de faroeste. Obviamente, ele estava gostando tanto da paisagem quanto do almoço, mas não consigo me lembrar de nenhum dos dois. Ao final da refeição, Frank se levantou e eu fiz o mesmo. Frank disse para o garçom: “Obrigado, o almoço estava delicioso”, e voltou para o seu compartimento.

Passei a tarde e a noite toda pensando. Cedo na manhã seguinte, uma voz no meu coração me disse: “NÃO Frank, e sim Deus”. Mais tarde, quando Frank passou por mim, eu disse a ele: “Não Frank, e sim Deus!” Frank parou e olhou para mim, piscou e disse: “É isso aí, Deko, bom, bom, bom!”

Essa experiência me orientou durante toda a minha vida, por

exemplo, quando servi ao primeiro-ministro Nobusuke Kishi como secretário-geral da União dos Parlamentares Asiáticos, e mais tarde como membro do comitê de especialistas, e ainda quando viajei com o primeiro-ministro Takeo Fukuda. Ambos estiveram em Caux, na Suíça, com suas esposas, guiados por Saburo Chiba, um líder na Diet (órgão do poder legislativo bicameral japonês), e a Sra. Chiba. Fizeram muito pela maior reaproximação e normalização das relações diplomáticas após a Segunda Guerra Mundial.

Two by Two

Era 1952, em Miami. Estávamos nos preparando para embarcar para a Europa e a Ásia. Hisato Ichimada, governador do Banco do Japão, veio ver Frank Buchman. Ichimada tinha vindo aos Estados Unidos com dois propósitos: primeiro, garantir as verbas do Banco Mundial para construir o Shinkansen (trem-bala) e, segundo, ver Frank e conversar sobre a criação de um centro do RAM na Ásia. Frank e o elenco do musical *Jotham Valley* gostavam desinteressadamente de Ichimada. Acontece que, quando ele estava em Miami, todas as companhias aéreas estavam em greve e ele viu com os próprios olhos como a disputa foi resolvida graças aos esforços do RAM.

Ichimada, a quem Frank tinha dado cuidados e atenção especiais, foi profundamente tocado pela mensagem. Isso mudou claramente o Japão. Ichimada se aproximou dos maiores líderes empresariais, como Keizo Shibusawa (neto de Eiichi Shibusawa, fundador do Japão industrial moderno), Shinji Sogo, que construiu o trem-bala japonês, Taizo Ishizaka, presidente da Federação das Organizações Econômicas Japonesas (Keidanren), e Kichizaemon Sumitomo, chefe da família Sumitomo. Foi com sua ajuda que o centro asiático do RAM foi construído em Odawara.

Foi graças à dedicação de Sogo, com a ajuda de Ichimada, para obtenção das verbas do Banco Mundial, que o trem-bala foi construído a tempo para as Olimpíadas de Tóquio. Eu trabalhei com Ichimada quando ele era presidente da Sociedade Japão-Índia. Ele frequentemente lembrava os dias em que visitara Frank em Miami. Uma vez ele disse: “Aquela visita tornou minha convicção clara. Foi umas das viradas da minha vida”. Em outra ocasião, estávamos reunidos perto da entrada de Caux, Suíça, onde estava acontecendo a Conferência Mundial do RAM. Kichizaemon Sumitomo e sua esposa estavam de saída e Buchman veio se despedir. “Se quiserem salvar o seu país”, lhes disse, “esqueçam-se de vocês mesmos e se arrisquem”.

Na peça *Road to Tomorrow* Sumitomo fazia o papel de um arrendatário rural que havia roubado água. Durante a turnê pelo Japão, a peça foi apresentada no local que era a sede e onde surgiu a Corporação Sumitomo. Toda a alta administração estava na plateia, e todos ficaram chocados ao ver o “chefe da família” fazer tal papel. E não foram apenas os Sumitomos que ficaram chocados, mas toda a cidade. No entanto, Sumitomo manteve-se firme e falou com convicção depois da peça.

Enquanto isso, a construção do Shinkansen da Ferrovia Nacional ia muito bem, e o governador da Ferrovia Nacional, Sr. Sogo, visitou Buchman em Mackinac, onde acontecia a conferência mundial do RAM. Ele expressou sua gratidão a Frank Buchman pela criação de um espírito realmente unido na Ferrovia Nacional. Após o discurso de Sogo, todos se dirigiram do Salão de Conferências para a sala de jantar, com Buchman e Sogo à frente enquanto era tocada a música *Two by Two*.

Compromisso de se Arrepende

Havia uma atmosfera estranha e desconfortável no aeroporto de Manila. Eu tinha ido de avião diretamente dos Estados Unidos para Manila, e estava no aeroporto para receber uma delegação internacional de políticos e empresários, além do elenco de um musical internacional. O que vi lá me chocou profundamente. Todos os membros da delegação foram recebidos com colares de flores, exceto os japoneses. Era 1955. Dez anos haviam se passado desde a guerra, e eu senti que os filipinos ainda guardavam um profundo ódio e ressentimento contra os japoneses.

Todos os membros da delegação do RAM haviam sido convidados pelo presidente Magsaysay para ir ao palácio presidencial no dia seguinte. Eu tinha que apresentar a delegação japonesa e fui de táxi do Hotel Manila ao palácio. “Se você vai se encontrar com o presidente das Filipinas”, disse o taxista, “é melhor ir a um lugar primeiro”. Ele parou o táxi em frente às ruínas de uma igreja e disse: “Pessoas inocentes morreram queimadas aqui.” Havia pedras carbonizadas lá dentro, onde as vítimas haviam escritos seus últimos desejos com as unhas. Fiquei chocado. Meu primeiro pensamento foi: “Não fui eu quem fez isso”. Então veio outra voz: “Você foi à Academia Naval; portanto, como um membro das forças armadas japonesas, você tem responsabilidade”.

Fiquei em pé ali e me comprometi com Deus. “Dedicarei minha vida a lutar pelo Japão, para que esse erro nunca seja cometido outra vez”. Meio século depois ainda tenho a fé fervorosa de que devo lutar assim pelo meu país.

O presidente Magsaysay foi muito cordial e compreendeu a importância do RAM, e durante muitos anos as suas convicções foram abraçadas pelos seus sucessores. O musical do RAM *A Ilha Desaparecida* foi apresentado diante de uma plateia

superlotada. Depois da peça, haveria os discursos de Niro Hoshijima, membro do parlamento (tornou-se porta-voz da Câmara dos Deputados) e Kanju Kato, membro socialista do parlamento que, devido à sua natureza impetuosa, era chamado de “Kato Bola de Fogo”. Quando eles começaram seus discursos, a audiência explodiu e retrucou aos gritos em japonês com todo ódio; contudo, quando Yukika Sohma pediu-lhes desculpas sinceras pelo passado, com a mesma paixão dos oradores, o teatro inteiro ficou silencioso como uma tumba e depois explodiu em aplausos.

Depois da apresentação, os japoneses estavam todos num canto do teatro. Vários filipinos vieram até nós e nos contaram o quanto tinham sofrido nas mãos dos japoneses durante a guerra, mas tinham conseguido perdoar naquela noite. Tanto filipinos quanto japoneses ficaram comovidos a ponto de chorar. Uma pessoa aproximou-se numa cadeira de rodas e disse: “Eu era saudável e normal, mas no fim da guerra um soldado japonês veio e decepou minhas duas pernas. Eu tinha decidido que jamais falaria sobre isso enquanto vivesse, mas ao ouvir líderes japoneses pedindo desculpas genuínas esta noite, eu decidi que, apesar de não poder esquecer o que aconteceu, posso perdoar”.

Nem pela Direita, Nem pela Esquerda, Mas Em Frente

Em 1958, o primeiro-ministro Nobusuke Kishi falou com Buchman por telefone. Kishi estava enfrentando grande oposição no Japão, influenciado pela agitação da esquerda. O primeiro-ministro explicou a gravidade da situação. Frank ouviu atentamente e disse: “Por favor, não vá nem pela direita, nem pela esquerda, mas siga em frente”.

Em uma ocasião, quando Kishi visitava oficialmente várias nações europeias, trouxe com ele a Caux a Sra. Kishi juntamente com Takeo Fukuda (que mais tarde tornou-se primeiro-ministro)

e sua esposa, além do Sr. e Sra. Saburo Chiba. Mais tarde, fui convidado a trabalhar com esses três estadistas e descobri que o primeiro-ministro Kishi tinha tido a ideia de estabelecer relações diplomáticas com a Coréia. O primeiro-ministro Fukuda trabalhou ardentemente na criação de relações cordiais com as nações da ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), a então chamada Doutrina Fukuda. Por sua vez, Saburo Chiba iniciou a criação da *Asian Parliamentarians Union* (União dos Parlamentares Asiáticos).

Após deixar o cargo de primeiro-ministro, Kishi se encontrou com o presidente Park Chung-Hee da República da Coréia. Embora o presidente coreano falasse japonês fluentemente, naquela época as circunstâncias não permitiam a ele fazer isso. Por isso, fui convidado para traduzir do japonês para o inglês, enquanto um coreano fez a tradução de inglês para coreano. O objetivo principal desse encontro tinha sido iniciar as conversações sobre a normalização das relações diplomáticas entre as duas nações. Bem no começo, Kishi expressou seu sincero pesar pelos difíceis anos que a Coréia teve que enfrentar por causa do Japão. Enquanto traduzia, lembrei-me de que, quando Kishi estivera em Caux, interessara-se muito pelo fato de a França e a Alemanha estarem começando a construir novas relações através do pedido de desculpas e do perdão. Depois dessa conversa entre ele e o presidente Park, as conversas sobre normalização foram encaminhadas para o Ministério das Relações Exteriores, e as relações entre o Japão e a República da Coréia se normalizaram.

Como primeiro-ministro, Kishi pediu desculpas oficialmente à Associação de Nações do Sudeste Asiático pelo que o Japão havia feito na guerra do Pacífico, e mais uma vez, durante as reuniões com a Câmara e com o Senado australianos, expressou igualmente seu pesar pessoal pelas ações do Japão. A Associação dos Ex-combatentes Australianos estava organizando uma

passeata contra o Japão, mas depois de ouvir o pedido de desculpas de Kishi, os protestos foram cancelados, e logo em seguida o caminho estaria aberto para relações diplomáticas normais.

O Rei e o Ascensorista

Frank Buchman foi convidado por muitas nações de todo o mundo, e seus grupos musicais eram recebidos com entusiasmo onde quer que se apresentassem. A Segunda Guerra Mundial tinha acabado em 1945, mas o mundo estava dividido entre o Oriente e Ocidente, e as pessoas estavam preocupadas com a possibilidade de enfrentar o mesmo tipo de desastre que tínhamos enfrentado antes. Quando viajamos pelas várias nações, líderes políticos, industriais e trabalhistas foram incluídos na delegação. Como eu tinha sido presidente de uma associação estudantil na universidade, eu era recebido como um líder estudantil. Quando éramos convidados a apresentar nossos musicais, a equipe internacional visitava lugares como prefeituras, sindicatos e associações de estudantes universitários.

Era como água fluindo para o deserto, uma vez que todos precisavam de ideias sobre como manter a paz no mundo. E como todos os anos a conferência mundial do RAM acontecia em Mackinac Island, EUA, ou em Caux, Suíça, os líderes nacionais também visitavam esses lugares. Quando, como no caso do Japão, diretorias e trabalhadores das indústrias participavam juntos e encontravam respostas para os seus conflitos, nações inteiras começaram a se perguntar: “qual é o segredo?”.

Assim, membros do alto escalão do governo começaram a se interessar, reis e rainhas, presidentes e suas primeiras damas, primeiros-ministros e suas esposas também, e tais notícias eram sempre anunciadas com entusiasmo para o elenco e para os membros da delegação internacional. Então, quando falávamos

com as pessoas, mencionávamos “o rei de tal país” ou “o presidente daquele país”. Em outras palavras, nos tornamos vaidosos.

Frank retornou à Europa e visitou Milão, na Itália. Eu estava com ele quando entramos no elevador do hotel, e o ascensorista disse:

- Oi, Frank, bem vindo de volta a Milão.

Frank o chamou pelo nome e perguntou:

- A que horas você sai do trabalho hoje?

- À tarde, Frank - ele respondeu.

Frank o convidou ao seu quarto para um chá. Também fui convidado. Quando cheguei, o rapaz já estava lá sentado. Ele era o único convidado, e nós lhe explicamos sobre o RAM com o mesmo entusiasmo que explicávamos a reis e rainhas. Também falei de coração sobre o compromisso de me penitenciar quando me comprometi com Deus nas Filipinas.

União dos Parlamentares Asiáticos

Saburo Chiba uma vez visitou Buchman em Tucson, Arizona. Depois disso, Chiba e eu começamos a planejar a organização da União Asiática. Um problema era o programa japonês de auxílio internacional, que era típico da atitude burocrática do governo. O Japão cedeu enormes quantias em dinheiro e assistência material, mas sempre com olhos nos seus próprios interesses.

Chiba, que havia feito muitos amigos na Ásia antes da guerra, estava muito preocupado com essa situação. O Japão estava tentando dar auxílio, mas esbarrava no ressentimento das nações que ajudava por causa desta atitude. Depois de conversar sobre isso com o primeiro-ministro Kishi e com Takeo Fukuda, Chiba e eu fomos escolhidos para tratar do assunto com o objetivo de organizar a União. Nas discussões que se seguiram, o programa

da ODA (Assistência Oficial ao Desenvolvimento), entre outros assuntos, foi discutido pelos parlamentares das nações asiáticas, quando foi elaborada uma lista de prioridades. Quase ninguém no Japão percebeu como foi perigoso para o nosso país quando Mao Zadong e Chou Em-lai fizeram um esforço para derrubar o primeiro-ministro Kishi e criar uma revolução bem sucedida no Japão. Kanju, “Bola de Fogo” Kato e sua esposa, a senadora Shidzue Kato, juntamente com Yukika Sohma, se mantiveram ao lado do primeiro-ministro quando o parlamento japonês foi cercado por manifestantes que queriam derrubar o governo.

É muito difícil convencer as pessoas, hoje, de como Frank Buchman protegia a democracia que Deus nos tinha dado ao levar sua mensagem aos líderes e a outras pessoas durante aqueles dias. Foi por isso que o primeiro-ministro Kishi e sua equipe empenharam-se tanto na construção de nações asiáticas livres e pacíficas.

Ao falar na conferência da ASEAN na Malásia, Takeo Fukuda, então primeiro-ministro, enfatizou a importância das “relações de coração para coração”. Mais tarde, ele se tornou presidente da União dos Parlamentares Asiáticos, e a sua expressão “relações coração para coração” tornou-se um termo comum usado entre as nações do APU. Acompanhei Fukuda em sua viagem pelas nações do ASEAN, e fui testemunha de como se entregou de coração aos problemas de educação e da população. Vi em Kishi um homem de estratégia, em Chiba, um de iniciativas, e em Fukuda, um homem que conquistava os corações. Eles eram os homens certos, no momento certo, e todos tiveram papéis importantes.

Mesa Redonda de Caux

O mundo inteiro estava massacrando o Japão. Todas as nações atacavam o país por este estar aumentando sua quota de produtos nos seus mercados. Os japoneses estavam intrigados. Fomos ensinados: “Trabalhem duro para produzir produtos melhores e mais baratos. Trabalhem duro para vender e aumentar sua fatia de mercado, para poderem vender produtos melhores e mais baratos.” Portanto, os japoneses trabalhavam duro e com um só objetivo. E quanto mais trabalhavam, mais o mundo se enfurecia.

Frits Philips, presidente da companhia holandesa Philips, sentia fortemente que algo devia ser feito. Sua empresa tinha um relacionamento especial com Matsushita, e ele conhecia vários líderes industriais japoneses. Convidou líderes da indústria e dos negócios europeus, americanos e japoneses à Caux para uma discussão em uma mesa redonda. Esta reunião veio a se tornar a *Mesa Redonda de Caux (CRT - Caux Round Table)*. Ryuzaburo Kaku, presidente da Canon, respondeu que “os japoneses deviam viver e trabalhar pelo bem comum”. Ele conversou com altos líderes de empresas industriais japonesas. A Federação das Organizações Econômicas do Japão e o Comitê Japonês para o Desenvolvimento Econômico responderam, e várias empresas levaram a sério a necessidade da responsabilidade ética e social.

Muitas nações se juntaram à Mesa Redonda de Caux, e logo se tornou claro que as nações ocidentais têm a tendência de debater e teorizar, enquanto o Japão tende a enfatizar a importância do processo e do resultado. As pessoas que participavam das reuniões da Mesa Redonda achavam difícil entender o que os japoneses estavam pensando, pois ele tendiam a apenas ficar lá sentados e falar muito pouco.

Pouco depois da formação da Mesa Redonda e as reuniões ainda aconteciam, conversei com o falecido Peter Hintzen, um genro de Frits Philips. “Que tal darmos uma tarde inteira para a equipe

japonesa fazer uma apresentação?”, sugeri. A Mesa Redonda acatou a proposta, e o Sr. Kaku falou sobre como é preciso começar construindo-se uma unidade entre os administradores de uma empresa, depois entre a diretoria e os trabalhadores, e expandir para as outras empresas japonesas na mesma área e, conseqüentemente, para o mundo.

Frank Buchman ensinava que “sem saber no que as outras pessoas estão interessadas, não é possível fazer amigos”. Era uma lição valiosa. Princípios morais e éticos básicos são vitalmente importantes em todos os aspectos de nossas vidas.

6

Sementes de Mudança para a África

Por Peter Hannon, Suzan Burrell,
Amina Dikedi-Ajakaiye & Ray Purdy

Peter Hannon é irlandês. Em Oxford, ele conheceu homens vindos de toda a África que se tornaram líderes em seus países. Passou trinta anos naquele continente. Autor do livro: *Southern África - what kind of Change?*, este capítulo contou com a grande ajuda de Suzan Burrell, cujo pai, George Daneel, foi um dos pioneiros de Iniciativas de Mudança no Sul da África depois de ter conhecido Buchman.

Durante o grande movimento na direção da independência da maioria dos países africanos, que marcou os anos 50 e 60, o impacto da obra de Buchman foi considerável. Nigéria, Gana, Congo, Quênia, Sudão, Marrocos... A lista continua, cada um com sua história para contar.

Algumas amostras de vinhetas: a visita do Dr. Nnamdi Azikiwe, presidente do Conselho Nacional da Nigéria e Camarões, a Caux, em 1949. Como a principal voz do nacionalismo nigeriano da época, ele foi a Londres com novas propostas de passos a serem dados na direção do autogoverno num prazo de quinze anos, mas foi friamente recebido pelo Ministério das Colônias, e lhe foi dito que voltasse para casa e cooperasse. A imprensa o atacou. Um jornal trouxe uma foto sua de página inteira com a manchete:

Travessura Negra. Frustrado e amargurado, sua organização decidiu mandar delegações a qualquer entidade que pudesse lhes oferecer uma plataforma, de modo que se encontrava a caminho do “Congresso dos Povos contra o Imperialismo”, em Praga, e depois se dirigiria a Moscou.

Quando se encontrava em Londres, foi convidado a passar uma tarde em uma casa de família. Lá ouviu falar do Rearmamento Moral. “Foi a primeira vez que me trataram como um igual na casa de alguém neste país”, ele comentou. Ele aceitou o convite para visitar Caux na sua viagem à Praga. Na conferência, onde tive o privilégio de auxiliá-lo, ele se deu conta de que a natureza humana pode ser transformada. No final de três dias, ele podia dizer com grande convicção: “Não é uma questão de saber se a Nigéria está certa ou se a Inglaterra está certa, *mas sim o que é certo para a Nigéria*”. Nossa oração para a Nigéria é: “Através da direção de Deus, o povo da Nigéria será libertado da escravidão do ódio, do medo e da desconfiança. A tocha da honestidade, pureza, amor e altruísmo absolutos arderá outra vez”.

Ele retornou diretamente à Nigéria, e foi recebido no aeroporto por alguns de seus adversários políticos. Sua cadeia de cinco jornais publicou o novo desafio. O *West African Pilot*, com a manchete “O espírito de Caux”, escreveu: “As questões na boca de todos são: O africano será capaz de realizar seu destino? Nós acreditamos que sim. No entanto, dentro dessa crença, entendemos que tanto a liderança quanto os liderados necessitarão do espírito de Caux (...) Essa é a nossa única porta para a liberdade africana”.

Passo a passo, os movimentos prosseguiram na direção da independência, sendo que “Zik”, como era conhecido, veio finalmente a se tornar o primeiro presidente do país.

Gana também foi diretamente afetado. Gerald Henderson, que veio a conhecer uma das principais figuras do país, escreveu:

“O Tolon Na era um distinguido líder mulçumano do Norte de Gana. Antes da independência em 1957, na então Costa do Ouro, ele foi presidente do Conselho dos Territórios do Norte e membro da Assembleia Legislativa”.

Dr. Kwame Nkrumah era o presidente, enquanto Tolon Na tinha assento na bancada da oposição, juntamente com outros que representavam a Região de Ashanti, na parte central do país. Os Ashantis ameaçavam se separar numa reação ao governo de Nkrumah. Eles estavam tentando fazer o Norte se juntar a eles.

Naquela época, uma equipe internacional do Rearmamento Moral estava fazendo um giro pela África, apresentando peças a convite de líderes africanos, muitos dos quais, como o Dr. Azikiwe, haviam estado em Caux. A equipe foi de avião da Nigéria para a Costa do Ouro. O porta-voz da Assembleia Legislativa, Sir Emmanuel Quist, autorizou as apresentações das peças, com seu patrocínio, no salão onde se realizavam as plenárias da Assembleia. Muitos dos parlamentares, inclusive Tolon Na, vieram assistir às apresentações. Ele ficou tão impressionado que concordou em liderar uma delegação da África Ocidental, algumas semanas mais tarde, à conferência internacional em Caux.

Quatro membros da equipe internacional, incluindo eu mesmo, fomos incentivados a permanecer em Accra. Encontrei-me com Tolon Na após seu retorno de Caux e fiquei fascinado ao ouvir o quanto aquela visita tinha feito uma diferença na sua vida. Ele me contou como Frank Buchman e os membros de sua equipe receberam a delegação à sua chegada. Pouco depois de chegarem, perguntaram se ele poderia fazer a apresentação da delegação da África Ocidental na sessão plenária, o que ele fez. Aparentemente, um dos palestrantes havia comentado sobre o preço da desonestidade para a nação. Contou-me que, conforme ele descia da tribuna, Buchman, que estava sentado próximo, perguntou baixinho: “Tolon Na, quando foi a última vez que você

roubou?”

Ele me relatou o seguinte: “Era como se o mundo todo estivesse me fazendo aquela pergunta. Fiquei vermelho! Mas continuei como se nada estivesse acontecendo. Então fui para o meu quarto e me deitei na cama. Minha vida toda passou diante dos meus olhos. Lembrei-me de quando era criança e peguei dinheiro na bolsa da minha mãe. De quando estava na escola e peguei lápis e papel da professora. De que, quando me tornei professor, peguei livros na biblioteca da escola e alguns desses livros ainda estão na minha casa. Quando vim para Caux, sabia que teria um grande papel nesse trabalho, mas não havia percebido que eu teria que me transformar”.

Como resultado dessa experiência em Caux, ele anotou o nome de todas as pessoas a quem devia pedir desculpas. Ao retornar a Accra, participou de uma reunião na assembleia legislativa. Tolon Na atravessou a Câmara, apertou a mão de Nkrumah e falou com ele. A imprensa local se referiu a esse episódio como o ato que impediu a separação e possivelmente o risco de guerra civil.

O Tolon Na, apesar de não concordar com tudo o que Nkrumah representava, sentia que era do interesse de seu povo e de seu país que ficassem unidos como um só.

Ele queria muito que seus colegas do Norte no Congresso compreendessem o que Buchman representava. Uma tarde, no calor do dia, alguém bateu à porta da casa onde estava hospedada a nossa pequena equipe internacional do RAM. Estávamos fazendo a sesta! Quem mais poderia estar à porta se não Tolon Na, seguido pela maioria dos membros da Bancada na Assembleia. Sem perder tempo, ele foi logo me dizendo: “Conte a eles a história sobre Frank Buchman e Bill Pickle”. Nós contamos o melhor que podíamos. Bill Pickle era o zelador da Universidade Penn State que vendia bebidas alcoólicas para os alunos. Buchman tinha sido convidado a trabalhar na

universidade pouco depois da sua profunda experiência de transformação pessoal. O excesso de bebidas era um grave problema no campus.

Buchman tinha desenvolvido a prática de dedicar uma hora, no começo do dia, para buscar a direção de Deus em sua vida. Naqueles momentos de silêncio, ele pensava nos nomes de certas pessoas, alunos e outros, a quem ele deveria ajudar, primeiro pessoalmente, e depois para trazer uma transformação para toda a universidade. Alguns alunos começaram a mudar e pararam de beber, o que deixou Bill Pickle furioso.

Mas Bill era um daqueles a quem Buchman sentia que deveria dar atenção. Não foi fácil. Ele descobriu que Bill também gostava de cavalos! O carinho de Buchman, e sua habilidade para conquistar sua confiança, juntamente com a visão que tinha para ele, resultou que Bill aceitou juntar-se a ele e aos alunos para assistir a uma conferência, onde muitos contaram histórias de transformação profunda que tinham vivido. Bill decidiu mudar e pediu a Buchman para ajudá-lo a escrever cartas de desculpas às pessoas às quais ele havia prejudicado. Isto Teve um efeito profundo na universidade quando ele retornou. Tolon Na queria que seus colegas entendessem a relação entre a mudança das pessoas e o trabalho de trazer a mudança para uma nação e para o mundo. Como ele comentou uma certa ocasião: “Decidi viver o estilo de vida de Frank”.

Tolon Na tornou-se embaixador e Alto Comissário de Gana, depois da independência em 1957, em vários países, terminando na Nigéria, na época em que os militares depuseram Nkrumah em Gana. Contudo, por ser uma pessoa altamente confiável, o novo regime o convidou a permanecer no posto.

O Povo da África tem uma Mensagem para Levar ao Mundo

Em 1955, um outro grupo de políticos, educadores e líderes

estudantis africanos participaram da conferência em Caux. Eles absorveram muito da conferência, mas logo sentiram que estava na hora de voltar para casa. Frank Buchman, contudo, sabia muito bem das pressões que eles enfrentariam ao trazer uma nova liderança para o continente. Será que estavam bem preparados? Ele os convidou para uma reunião.

Manasseh Moerane, vice-presidente da Associação dos Professores Africanos da África do Sul, conta o que aconteceu:

- O Dr. Buchman falou-nos de um pensamento que lhe ocorrera durante a noite: “O povo da África tem uma mensagem para levar ao mundo. Virá para eles, do fundo dos seus corações e da sua experiência, na forma de uma peça”.

“Nós aceitamos o desafio. Reunimo-nos e buscamos juntos ouvir a direção de Deus. O enredo de uma peça logo começou a ser desenvolvido, e em três dias ela estava escrita. No sétimo dia já estava no palco. Nós a chamamos *Liberdade* e, sem saber, fomos arremessados para a história. Dentro de poucos meses *Liberdade* já tinha sido vista por trinta mil europeus em Londres, Paris, Bonn, Berna, Genebra, Helsinki, Copenhague, Estocolmo, Oslo e Milão. No teatro West End, em Londres, a plateia ovacionou por dez minutos. A demanda por *Liberdade* foi tão grande que resolvemos fazer um filme. Mais de duas mil pessoas fizeram contribuições em dinheiro. Significou sacrifício para todos os atores e técnicos, nenhum dos quais recebeu qualquer pagamento. Alguns largaram seus empregos. Eu tive que correr o risco de perder o emprego e o direito a uma aposentadoria.”

Custou muito, mas forjou líderes que falaram ao continente. Quando o Dr. Kwame Nkrumah, presidente de Gana, fez sua primeira visita oficial à Nigéria, o Dr. Aziwike exibiu *Liberdade* como parte do programa no banquete de Estado. No Quênia, ex-guerreiros Mau Mau conseguiram com o presidente Jomo Kenyatra que *Liberdade*, dublado para o swahili, fosse exibido

para um milhão de pessoas em todo o país como preparação para as primeiras eleições nacionais.

Liberdade simbolizava o elemento que Buchman tinha trazido para o seu desafio de transformação: expandir a visão que as pessoas têm sobre si mesmas e sobre o que elas podem fazer. Como diz o Salmista: “Levante o véu dos meus olhos, e eu verei as maravilhas que brotam de Você”.

As Pessoas à Sua Volta Parecem Mudar

Para ilustrar a convicção fundamental de Buchman de que cada passo adiante depende da convicção e do comprometimento da pessoa, pode-se ir ao Sul do continente, para a Cidade do Cabo.

Em seu livro, *O Segredo de Frank Buchman*, Peter Howard descreve o que teve início ali. “Na Itália, a Rainha Sofia da Grécia ouviu que Buchman planejava uma visita à África do Sul em 1928. Ela deu a ele cartas para levar ao governador-geral, o Conde de Athlone, tio-avô da atual rainha”.

“Na Cidade do Cabo, Buchman entregou as suas cartas. Ele conversou com o governador-geral por uma hora. Em seguida, Athlone o levou até o automóvel que o estava esperando. Porém, quando a porta do carro se abriu, Athlone disse:

- Não conversamos sobre aquilo que mais me interessa. O que eu realmente desejo saber é como pegar um homem como George Daneel e transformá-lo. Você não me contou. Entre de novo.

Então os dois homens entraram novamente e conversaram mais por várias horas.

George Daneel era um Springbok, o nome que se dá a quem joga rúgbi na África do Sul. Eles são considerados heróis nacionais. Daneel vem do coração da região africâner. Seu histórico e sua franqueza eram tais que os ministros de gabinete da época o

ouviam. Ele estava estudando para ser ministro da Igreja Reformada Holandesa. Ele veio tomar o chá de manhã com Frank Buchman. Disse:

-As pessoas à sua volta parecem mudar.

Buchman respondeu:

-Naturalmente. Elas também não mudam quando estão ao seu redor?

Daneel teve que dizer que não. Buchman disse:

-Por quê?

Daneel decidiu que ficaria para o almoço e conversaria mais. Então ficou para o chá. E para o jantar. E ficou o resto da vida. Naquele dia, ele encontrou a resposta para os hábitos egoístas que lhe haviam tirado o poder de transformar as pessoas.

Começou a trabalhar com homens como Bremer Hofmeyr, outro brilhante jovem africâner que, como um bolsista Rhodes (estudante que ganhou bolsa de estudos para estudar na Universidade de Oxford, na Inglaterra), tinha conhecido Buchman lá em Oxford e, como resultado, tinha dito aos seus amigos que planejava dedicar o resto de sua vida a trazer uma ideologia para a África e para o mundo.

Acelere vinte e cinco anos. Daneel agora é um ministro na Igreja, com uma congregação devotada, está casado e tem uma família. Contudo, o desafio daquilo que se poderia chamar a “divina inquietação” de Buchman permanecia com ele. Buchman nunca estava satisfeito com o *status quo*, não importa o quanto fosse bom. Estava sempre buscando os próximos passos de Deus para ele mesmo e para todos que ele encontrava. Isto às vezes fazia com que ele fosse uma companhia ora desconfortável, ora estimulante.

Daneel manteve contato com a obra mundial de Buchman durante

toda a guerra, como capelão no Norte da África e na Itália, e em outras partes da África. Perguntava-se agora se Deus tinha planos maiores para ele. Uniu-se a Hofmeyr e outros numa conferência residencial inter-racial no Norte da Rodésia. Tais eventos não eram possíveis na África do Sul naquela época. Um dos presentes era o Dr. William Nkomo, fundador e primeiro presidente da Liga de Jovens do Congresso Nacional Africano, o qual acreditava que “a única esperança era o banho de sangue, onde todo homem branco seria assassinado ou jogado ao mar”. Os brancos chamavam Nkomo de comunista; ele os chamava de fascistas.

Quando ouviu Daneel falar, dizendo publicamente que era o sentimento de superioridade racial de homens brancos como ele que criava as condições para a produção de uma revolução sangrenta. Disse que tinha estado errado e que estava entregando sua vida para trabalhar por uma África do Sul onde todos tivessem participação completa e igual. Nkomo disse: “Eu sempre fui um revolucionário, passei grande parte da minha vida lutando pela liberação do meu povo. Aqui eu vejo homens brancos se transformarem, vejo homens negros se transformarem, e eu mesmo decidi que vou me transformar. Percebi que não posso amar meu povo a não ser que esteja preparado para lutar por ele numa nova dimensão, sem mágoa e sem ódio”. Alguns meses mais tarde, Daneel e Nkomo falaram juntos a uma plateia superlotada na prefeitura da Cidade do Cabo. A manchete do *Cape Times* foi: “Negro e Branco na plataforma do RAM”. Era uma nova voz para a África do Sul.

Daneel buscou realizar sua visão. Ele abriu mão da segurança de sua posição como ministro e, com esposa e filhos para sustentar, deu um passo na fé. Outros, negros e brancos, se juntaram a ele. Nkomo teve um papel de liderança no roteiro e na filmagem de *Liberdade*. Juntamente com Daneel, levaram seu desafio a outras partes da África. E mais ainda, levaram um grupo de negros e brancos para a Irlanda do Norte. Em todos os lugares sua

mensagem era a mesma: o necessário era mais do que harmonia racial, era necessário que cada homem e mulher compromettesse suas vidas a achar o desejo de Deus para seu país e sua liderança.

Não foi fácil para Daneel. Muitos de seu próprio povo resistiram ao desafio. Contudo, à medida que se desenvolvia nele uma nova percepção da estatura de Nkomo, mais sentia o quanto era importante que os líderes brancos de seu país se encontrassem com ele, para entenderem sua visão para o futuro da África do Sul. Mas o caminho não se abriu facilmente, e ele desistiu. Então Nkomo faleceu.

Foi um baque para Daneel. Ele disse: “Não fiz o que Deus havia me dito porque ainda estava preso pelo medo do que o meu povo pensaria. Decidi que, de hoje em diante, estarei à disposição total de Deus, não importa o que meus amigos ou meu povo pensem”.

Uma manhã, em 1974, sentiu que Deus claramente o compelia: “Uma conferência internacional para o Rearmamento Moral do Sul da África, para todas as raças, de todos os cantos da África, a ser realizada em Pretória”. Parecia impossível, mas tinha aprendido a ser obediente e a não apenas contar com a sua própria compreensão. As portas se abriram de maneira incrível. O governo, surpreendentemente, concordou com a realização da conferência. Delegações atravessaram as fronteiras normalmente rigorosamente fechadas, vindas da Nigéria, Quênia, Moçambique e além. Entre as 400 pessoas de todas as raças que se reuniram por uma semana em um hotel no coração da capital, Pretória, estavam líderes negros e africanos. Muitas novas visões foram adquiridas e decisões foram tomadas, uma vez que a ênfase não estava na teoria nem em atingir resoluções, mas sim na experiência de que as atitudes podem mudar e novos objetivos podem ser encontrados.

Daneel meditava sobre isso mais tarde. Um líder nacionalista negro havia pedido para conversar com ele, algo incomum para

um ministro da Igreja Reformada Holandesa. Daneel disse: “Porque ele pediu para me ver, eu honestamente não sei. Mas o que eu sei é que, para mim, só uma coisa realmente importa, e isto é o que Deus deseja, que Ele realmente está no comando, para o meu futuro, meu tempo, meu país, como prioridade, antes de qualquer outra lealdade. E isso serve para todo mundo”. E sua esposa, Joey, acrescentou: “Eu sabia o que significaria. Sem renda fixa, sem segurança ou conforto de um lar, e a responsabilidade com três crianças pequenas. No começo, fui tomada pelo medo. Mas então Deus falou sem rodeios: “Você não pode aceitar Cristo apenas como seu Salvador, Ele também tem que ser o seu Mestre”. Então, um milagre: Eu me tornei um ser humano livre.

Essa liberdade de compromisso total deu a Daneel autoridade na hora de falar ao Sínodo Geral da Igreja Reformada Holandesa. O redator de uma publicação britânica, que fez uma reportagem sobre aquela conferência, escreveu na introdução: “Esta não é uma declaração política. É a verdade moral e espiritual. A nossa aceitação na Inglaterra desses desafios alteraria as atitudes sociais, econômicas e políticas *neste* país. Nós também poderíamos, então, surpreender o mundo”.

Daneel disse, em parte, ao Sínodo: “O futuro do nosso país está no equilíbrio. Mudanças são inevitáveis. A questão é: que tipo de mudança seria? Voluntária, como resultado do arrependimento? Ou uma mudança violenta, pela força? O medo não deveria nunca ser o motivo principal para consertar o que está errado. Devemos fazê-lo porque Deus nos pede. Muitos de nós achamos que não temos preconceito de raça. Mas e quanto aos nossos companheiros cidadãos que tratam mal os negros? Eles são nossa carne e sangue. Como cristãos, somos chamados a nos identificarmos com eles como se igualmente culpados ou necessitados do perdão de Deus. É claro que os africanos precisam mudar, assim como nós. Não podemos permitir que o

nosso orgulho africâner nos impeça de vasculhar nossos *próprios* corações e pedir a Deus que traga a transformação nas relações humanas que o nosso país precisa”.

Daneel escreveu com essa convicção ao primeiro-ministro Vorster e, mais tarde, se encontrou com ele. “Mas”, ele disse depois, “ele não me deu muita chance de explicar meu ponto de vista, e senti que nada tinha sido alcançado”. Porém, esse não foi o fim da história. Pouco antes de morrer, ele visitou um grande amigo seu e mencionou minha carta durante sua conversa dizendo: “Daneel estava certo, no final das contas”.

E, cada vez mais, outras vozes do povo africâner falaram abertamente em termos parecidos e corajosos. Eles prepararam a consciência entre seu povo de modo que, quando Nelson Mandela foi solto, o primeiro-ministro Klerk pôde tomar as medidas que surpreenderam o mundo, passando o poder e com o apoio da maioria de seu povo.

Daneel faleceu em 2004 aos 100 anos de idade. Ele viveu o suficiente para ver o nascimento da nova África do Sul, com todos os desafios que agora enfrenta.

Buchman perguntou uma vez:

- O que você acha que é o maior pecado?

Ele respondeu:

- O pecado das expectativas limitadas.

Até o fim, Daneel exemplificou aquilo pelo que Buchman lutou; a disposição que deve ser estendida constantemente em obediência e visão.

Amina Dikedi-Ajakaiye, uma nigeriana que mora na Grã-Bretanha, ajuda a desenvolver a liderança futura para a África através da Clean African Campaign (Campanha para uma África Limpa), tendo trabalhado em 26 nações do continente. Ela acredita em contar histórias sobre africanos que fazem a diferença, e é membro-fundadora de Criadoras de Paz (Creators of Peace), uma iniciativa feminina.

Conheci a ideia de Iniciativas de Mudança quando era aluna num curso de treinamento de professores numa faculdade da Nigéria. Meu professor, John Ifoghale Amata, foi um dos primeiros africanos a conhecer o Dr. Frank Buchman nos anos 50. Aqueles eram os anos quando muitos países em toda a África estavam em agitação pela independência dos poderes coloniais. Fiquei fascinada com a história de como Frank desafiou africanos “furiosos” a escreverem uma peça baseada em suas experiências, que veio a ajudar a mostrar o caminho para a transição pacífica do poder colonial para o autogoverno. Uma peça, *Liberdade*, foi escrita e apresentada em Caux, e mais tarde transformada em filme. Lembro-me de ter viajado por toda a Nigéria exibindo o filme em diferentes acampamentos de Serviço para Jovens. Muitos reagiram à mudança de pensamento do personagem principal, Mutanda, interpretado por John. E era eletrizante toda vez que ele era apresentado à plateia! Muitos ficavam para lhe fazer perguntas. Sua história pessoal de transformação deu credibilidade ao seu papel na peça. O filme ainda é popular e relevante em muitas situações em toda a África.

Eu tenho dito frequentemente que gostaria muito de ter conhecido Frank Buchman. O que ele viu nos africanos que conheceu? O que ele quis dizer com “A África é o continente da resposta”? Eu não entendia e achava difícil de acreditar - não com todos os conflitos que vêm acontecendo em muitas das nossas nações desde a independência. Através da influência de John Amata e

seu irmão Isaac, eu pude perceber que, para a África ser realmente o “continente da resposta”, devemos direcionar a busca para dentro de nós mesmos. A transformação começa em mim. Isso significou concertar o relacionamento com meu pai e amá-lo incondicionalmente. Isso me liberou para ser parte de um número crescente de homens e mulheres em toda a África que têm se dedicado a trazer uma transformação efetiva e duradoura.

Com as histórias que ouvi sobre Buchman e as pessoas que trabalharam com ele, aprendi a necessidade de trabalhar com os outros, construir equipes e esperar o melhor de cada um, independentemente de sua origem e de seu passado. John apresentou a um grupo de cerca trinta alunos, todos com seus vinte e poucos anos, o conceito de “Assim como eu sou, assim é a minha nação”. Nós nos tornamos uma equipe e viajamos por diferentes partes da Nigéria levando uma nova produção *The Next Phase (A próxima fase)*. Após cada apresentação nós nos misturamos com a plateia, e as pessoas ficavam fascinadas com aquele grupo de jovens que tinham uma paixão por trazer uma mudança para a nação: diferente do que a maioria dos jovens fazem aos vinte anos! Deste grupo surgiram líderes em diferentes esferas da vida, ocupando posições de responsabilidade nacional e internacionalmente. Ao permitir que cada um de nós descobrisse o seu papel no grande plano de Deus, John nos ajudou a encontrar a nossa missão na vida.

Na continuação das grandes campanhas na Nigéria, parti para o Quênia, Uganda, Tanzânia, Etiópia, Sudão, África do Sul, Zimbábue, Serra Leoa, Gana e Camarões. Também trabalhei com africanos em diáspora de países como República Democrática do Congo, Ruanda, Burundi, Angola, Libéria, Lesoto, Costa do Marfim, Somália, Eritreia, Burquina Faso, Níger, Togo, Benin, Senegal e Chade. O trabalho de Iniciativas de Mudança tem oferecido a muitos africanos que entram em contato com a organização a oportunidade de encontrar uma alternativa à

vingança e às armas. Em Gana, por exemplo, a equipe local foi fundamental na iniciação das conversas de paz numa cidade chamada Bortianor, uma área que foi historicamente dilacerada por dois grupos que lutavam pela posição de chefe. Após delicadas negociações, os principais protagonistas admitiram seus erros passados e encontraram o caminho do perdão e da reparação.

Pode-se corretamente dizer que parte do legado de Frank Buchman se encontra na reconstrução de nações saindo de conflitos. Países da África que estão atualmente emergindo de conflitos começam a trabalhar para fortalecer as dimensões moral e espiritual da democracia, desafiando assim interesses egoístas e corrupção. Um país como Serra Leoa está reconstruindo sua infraestrutura, tanto social quanto política, depois de mais de dez anos de conflito. John Bangura, um refugiado de Serra Leoa que mora na Dinamarca, iniciou uma ONG, *Hope in Sierra Leone* (Esperança em Serra Leoa), que se dedica a conduzir treinamento conjunto com a polícia e com grupos de militares e da sociedade civil. O curso *Moral Foundations for Democracy* (Fundamentos Morais para a Democracia) é um exercício de construção de confiança que tem por meta preencher os vazios deixados pela longa guerra.

Numa recente visita ao Sudão, conheci mulheres divididas entre as fronteiras étnicas, religiosas e culturais em função do ambiente político dominante. Elas assumiram o compromisso de abandonar a cultura da culpa, admitir e reparar a sua parte de culpa ao semear e passar para a próxima geração as sementes da discórdia. Durante uma das oficinas, nós exibimos o filme *O Imame e o Pastor* mostrando como um cristão e um muçulmano, jurados de eliminar a facção um do outro, encontraram o perdão e estão hoje trabalhando juntos pela paz e pela reconciliação em todo o mundo. Isto encorajou as mulheres sudanesas de todas as camadas a refletir sobre como poderiam usar as verdades

ancestrais das duas religiões para promover a paz em seu país. Uma delas, uma cristã, tinha jurado jamais pôr os pés na parte mulçumana do país. Mas depois de assistir à oficina no Sul, decidiu, através da direção do espírito, viajar com a equipe de visita ao Norte, depois de 18 anos!

Um dos objetivos de IdeM é curar as feridas da história que fermentam o ciclo da vingança, especialmente onde culturas e civilizações se cruzam.

As histórias não têm fim. Antigamente eu não entendia o pensamento expresso nos anos 50 de que a “África é o continente da resposta”, mas agora acredito que isso pode ser alcançado - quando a fé apaixonada dos africanos for traduzida em responsabilidade social. Depois, quando a ganância não for mais o motor da liderança na África e for substituída por integridade e responsabilidade. Acredito que as respostas virão quando pudermos celebrar a nossa diversidade ao invés de vê-la como um motivo para conflitos. A África será o continente da resposta quando mais histórias de pessoas que fazem a diferença forem contadas ao mundo.

A História de Arthur Norval

Ray Foote Purdy, um americano que conheceu Frank Buchman em 1919 e se tornou um de seus associados mais próximos, passou um ano na África do Sul, 1932-33, convidado por pessoas que tinham sido influenciadas pela visita do jovem *Grupo de Oxford* de Buchman em 1929. Segue-se um trecho tirado das memórias de Purdy o qual ilustra como as conexões entre “o íntimo e o global” emergiram do intensivo tipo de evangelismo que Buchman encorajava.

A Universidade de Pretória foi criada pelo Ato da União, em 1910, para ser uma universidade nacional símbolo da união entre holandeses e ingleses. Aqui, sendo usadas as duas línguas, esperava-se que viveriam em paz e na amizade aqueles que viriam a se tornar os líderes da nação.

A universidade fazia parte da visão que tinham, na virada do século, o primeiro primeiro-ministro, Louis Botha, e seu assistente, o general Smuts, de criar uma nova África do Sul, em seguida à Guerra dos Bôeres, e para aceitar as consequências da sua derrota pelas mãos dos ingleses. Durante os trinta anos que se seguiram à Guerra dos Bôeres, tinha havido um crescente sentimento por parte do grupo nacionalista (africâneres) de que aquilo nunca daria certo e que, tão logo fosse possível dentro dessa teoria de coexistência mútua entre holandeses e ingleses, haveria um dia em que os holandeses conseguiriam a superioridade e tomariam as medidas necessárias para expulsar os ingleses da União e criariam um novo estado, seguindo o exemplo do estado livre irlandês, separado da Comunidade das Nações Britânicas.

Essa liderança havia, finalmente, chegado ao poder em 1931, com a eleição do líder nacionalista general Hertzog para primeiro-ministro. O Partido Sul-Africano do general Smuts foi para a oposição. Nesse ponto os nacionalistas achavam que o melhor símbolo de superioridade permanente seria expulsar os ingleses da Universidade de Pretória como primeiro passo para a expulsão de qualquer tipo de poder na União. Assim, havia uma estratégia sendo trabalhada, liderada por Arthur Noval, na época professor de economia no quadro de funcionários. Era extremamente mordaz, e mesmo um leitor eventual dos jornais poderia perceber o tremendo poder que ele exercia na época.

Não tome partido, assuma responsabilidade

As pessoas nos perguntavam naturalmente qual era a nossa atitude no que diz respeito ao trabalho de Frank Buchman em relação a esses dois lados, e nossa direção sempre foi: “Não tome partido, assuma responsabilidade”. Aos poucos começamos a entender essas questões. Durante um culto noturno na Igreja Presbiteriana de St Andrews, muitos holandeses vieram conversar conosco. Um deles era William Hofmeyr, o diretor da melhor escola para meninos em Pretória e um famoso educador de sua época. Ele tinha a convicção de que seria certo convidar para uma reunião em sua casa algumas pessoas proeminentes nos campos da educação e da política. Compareceram cerca de cinquenta dos seus amigos, entre eles Arthur Norval e sua esposa. Sua esposa tinha se interessado muito pelo trabalho que fazíamos e estava convencida de que seu marido, se comparecesse, encontraria uma solução para os problemas que corroíam seu coração. Com muita paciência e persistência, ela conseguiu trazê-lo à reunião na casa de Hofmeyr. Ele ouviu com relutância o que George Daneel e eu dizíamos na reunião e, apesar de ter sido cativado naquela noite contra sua vontade, foi embora sem se apresentar.

Umás duas semanas mais tarde, no entanto, ele veio a uma reunião noturna numa outra parte da cidade, e depois me procurou e pediu para conversar. Sabendo quem ele era, achei que uma de duas coisas aconteceria. Ou ele me ameaçaria com a necessidade de sair imediatamente do país, ou me contaria coisas sobre ele mesmo que jamais havia contado a ninguém. Na esperança de que a segunda alternativa era a motivação do seu espírito, sugeri um passeio de carro ao interior. Entramos então no meu carro e dirigimos até as montanhas nos arredores de Pretória. Conversamos por duas horas. Contou-me como havia ido para a universidade em Leiden, na Holanda, e lá tinha perdido sua fé em Deus. Segundo ele, o que o movia era a morte de seu pai na guerra dos Bôeres e por isso queimava em ódio contra os

britânicos, e faria qualquer coisa para vingar sua morte. Costumava retirar o casaco sujo de sangue de seu pai para alimentar o fogo do seu rancor. Disse ele: “Sinto que alguém está rezando por mim e por isso gostaria de me expor para uma compreensão sobre Deus, se Ele existir. Se Ele realmente existir, terei que lutar pela unidade na África do Sul tão arduamente quanto estou lutando hoje pela divisão. O que você faria se estivesse na minha posição?”

Uma boa proposta

Eu disse: “Eu seria um charlatão se tentasse dizer a você o que fazer; contudo, acredito realmente, partindo da minha própria experiência, que Deus pode tornar as coisas muito claras para você”. Senti que aquele era o momento decisivo da conversa, com a sobrevivência da paz na nação provavelmente em jogo. Após alguns momentos de silêncio, disse a ele: “Se você quiser vir à nossa casa e ficar em silêncio por uma hora todas as manhãs durante um mês, de modo a dedicar um tempo, sem pressa, a ouvir e anotar os pensamentos mais profundos no seu coração durante esse período, o que quer que você considere ser a coisa certa a fazer naquele dia, eu o ajudarei”. Ele disse: “Parece-me uma boa proposta, eu aceito”. Assim, todos os dias durante o mês seguinte ele veio à nossa casa e tivemos um tempo, sem pressa, para ouvirmos juntos, escrever os pensamentos que surgiam sobre nós mesmos, sobre a nação e sobre o futuro.

Claramente, dia a dia, ele começou a ver o que significava transformar sua própria vida de acordo com padrões morais absolutos e qual seria o plano de Deus para ele e para a África do Sul. Seu coração e sua mente começaram naturalmente a seguir na direção da resolução do problema do rancor, separação e ódio na sua própria vida; primeiro, pedindo desculpas honestas à sua esposa, uma conversa completa num nível totalmente novo, e depois com os dois homens - um dos quais era o reitor da

universidade de Pretória - que estavam no centro dessa estratégia de divisão nacional. Decidiu ser honesto consigo mesmo e com seus colegas sobre suas motivações e objetivos, e também se dirigiu ao conselho de funcionários da universidade para dizer que, o que quer que fizesse no futuro, gostaria que fosse numa base cristã sólida.

Os jornais imediatamente o atacaram, chamando-o de arqui hipócrita, dizendo que sabiam sobre seu ativismo pela divisão e que ele agora estava tentado cobrir isso com o manto do pieguismo. Foi um golpe duro, e também sua primeira experiência com o que significava estar sob o olhar da publicidade impiedosa, imputando-lhe motivações que certamente não existiam. Ele me procurou no dia seguinte e disse: “Gostaria de saber tudo o que você sabe, seja através de livros ou pela experiência, sobre a cruz de Cristo; porque vou viajar sozinho por uma semana para pensar sobre o que pretendo fazer com o meu futuro, e gostaria de levar comigo o melhor material que você tiver sobre o assunto”.

Ele voltou no final da semana com uma convicção clara sobre o que pretendia fazer. Reuniu na nossa casa líderes dos grupos africâner e inglês e sugeriu que eles formassem um comitê conjunto para convidar os líderes da cidade e da nação para explorar e aplicar o novo espírito que ele tinha descoberto ao problema crítico que a nação enfrentava. Aqueles que compartilhavam dessa convicção mandaram imprimir um convite em inglês e em africâner, enviando-o a toda a liderança nacional, aos membros do Parlamento, ao Gabinete, aos líderes das igrejas e das comunidades de língua inglesa e holandesa. Mil e cem pessoas compareceram à reunião na prefeitura. O próprio Norval falou corajosamente durante 25 minutos, relatando as experiências que havia tido até então como a solução para o rancor, o ódio e o medo. Falou em inglês, a língua que ele tinha jurado nunca usar em público. Lembro-me de estar sentado na

reunião com o Chefe de Estado Maior do exército, general Brink, que disse: “o que isso faz é mudar completamente de figura a situação na África do Sul. E se esses princípios fossem aplicados, mudariam tanto os africanos quanto os ingleses”.

Forças começaram a trabalhar de modo a fazer com que muitos dos líderes nacionais reconsiderassem totalmente suas posições. Tielman Roos, da Suprema Corte, tinha a convicção de que com esse espírito seria possível para ele controlar 25 dos votos nacionalistas e, com o general Smuts como Vice-Primeiro-Ministro, formar um governo de coalizão para governar o país. Smuts não aceitou a sua proposição mas, em compensação, teve a coragem de dirigir-se ao general Hertzog e sugerir a mesma coisa a ele, oferecendo-se para servir como seu Vice-Primeiro-Ministro em um governo de coalizão. Ele disse, no entanto, que era inútil fazer um casamento político de conveniência. “Tem que ser um movimento político unido em espírito e em estratégia, e isto significa que você e eu teremos que ir a todo centro de liderança da África do Sul para deixar isso claro”. E assim fizeram.

O resultado foi que, saindo da iminência de uma guerra civil, em seis meses surgiu um governo de coalizão, incluindo 114 dos 132 parlamentares. Esse governo durou seis anos, até a explosão da Segunda Guerra Mundial.

No dia em que deixamos a África do Sul, após um ano maravilhoso, estávamos tomando chá no saguão do parlamento, na Cidade do Cabo, com Denys Reitz, o braço direito do general Smuts e Ministro das Terras no Gabinete. Enquanto estávamos sentados ali, muitos outros membros do parlamento vieram para o chá. No centro havia uma mesa com quatro pessoas. Eram o general Hertzog e o general Smuts, com Havenga e Duncan. Esses últimos eram os brilhantes e capazes assistentes de Hertzog e Smuts na última conferência que tiveram antes da partida de Smuts - estando o destino econômico do novo governo da África do Sul em suas mãos - para a Conferência Econômica da

Comunidade das Nações Britânica em Londres em 1933. Os quatro homens conversavam e riam juntos como amigos. Reitz nos disse: “Não há nada no mundo que possa explicar o que vemos naquela mesa a não ser a experiência da Estrada de Damasco”.

7

O Legado de Buchman na África Francesa

Por Frédéric Chavanne

Traduzido por Mary Jones

Frédéric Chavanne, que dá tempo integral a Iniciativas de Mudança na França, passou a infância no Marrocos. Atualmente, ele trabalha nas relações com a população mulçumana na França e no Norte da África, e está envolvido em um programa de reconciliação na Região dos Grandes Lagos africanos.

Em meados dos anos 50, um grupo de jovens africanos foi ao centro internacional de conferências de Caux na Suíça. Frank Buchman sentiu que deveria lhes dar uma tarefa que seria maior do que eles mesmos. Através deles a África poderia falar ao mundo. Ele propôs que escrevessem uma peça sobre as lições essenciais aprendidas durante sua visita a Caux. Em poucos dias nascia *Liberdade*, primeiro a peça e depois um filme de longa metragem. Mais de meio século depois, este filme ainda é usado por homens e mulheres para trazer a mesma mensagem. Sua esperança reside no fato de que a guerra, a corrupção e os governos ruins têm remédio e que a solução se encontra na mudança de motivação e do comportamento, começando consigo mesmo.

Aqui vamos nos concentrar apenas nos países africanos de língua francesa, embora haja exemplos a serem citados do Quênia, Nigéria, Somália, Serra Leoa, Zimbábue, África do Sul, etc., *além daqueles já mencionados no capítulo anterior.*

As iniciativas desses africanos de língua francesa os levaram a desempenhar um papel na era pós-colonial no Marrocos, Tunísia, Camarões e no antigo Congo Belga. Após um longo período de inatividade, as coisas recomeçaram nos anos 90. Na Tunísia e nos Camarões, foi feito um trabalho com jovens visando implantar um novo espírito de responsabilidade e integridade. Na Costa do Marfim, foi formada uma associação com o fim de lançar uma campanha por eleições limpas e livres do ódio. Em Burundi e na República Democrática do Congo, há uma pequena equipe à frente da luta pela paz. Eles atingiram tanto os cidadãos comuns quanto a liderança, que frequentemente são subjugados pela escala dos problemas. Eles propuseram diretrizes e atitudes-chave para restaurar a esperança de recuperação e uma saída para a crise. É claro que ainda têm uma longa e difícil estrada pela frente, mas há esperança.

O que havia no pensamento e no método de Frank Buchman que motivou essas pessoas? Quais foram as chaves que as fizeram agir? Até que ponto esses fatores são cruciais na confrontação dos problemas da África atualmente?

DURANTE A DESCOLONIZAÇÃO

Cada uma das histórias a seguir fala de alguém que foi profundamente tocado e encontrou paz de espírito através de alguma experiência, motivado à ação positiva ou cativado pela visão do que poderia ser feito para ajudar a solucionar os

problemas que enfrentava.

Charles Assalé: unindo as forças políticas nos Camarões

Em 1957, Charles Assalé, dos Camarões, deveria representar seu país no Conselho de Curadoria das Nações Unidas em Nova Iorque. A convite de uma jovem compatriota, Delphine Zanga, ele participou de um encontro internacional de Iniciativas de Mudanças no centro americano na Ilha de Mackinac. Ele voltou com uma visão bem diferente da França e consideravelmente menos agressivo. O discurso que fez nas Nações Unidas foi surpreendentemente moderado e trouxe uma mudança de atitude no representante francês, Jacques Kosciusko-Morizet. Aquele foi o início de um relacionamento de respeito mútuo que facilitaria o processo de descolonização. Em seu retorno, Charles Assalé se reconciliou com seu principal adversário político, Ahmadou Ahidjo, ajudando assim a assegurar a unidade política do país. Ele próprio foi nomeado primeiro-ministro, permanecendo no posto por cinco anos. Disse que o Rearmamento Moral foi o soldado desconhecido na guerra pela independência dos Camarões.

Mohamed Masmoudi: facilitador nas negociações de independência da Tunísia

Em 1953, Mohamed Masmoudi, representante do partido nacionalista Neo-Destour da Tunísia, foi tocado pela humildade dos franceses que conheceu no centro de Caux. Ao responder a uma carta de sua mãe, que dizia estar rezando para Alá abençoá-lo e amaldiçoar os franceses, ele disse que já não era necessário amaldiçoá-los.

Depois disso, foi organizada uma refeição na casa de uma família em Boulogne-Billancourt, França, para que Masmoudi

conhecesse Jean Basdevant, porta-voz oficial do governo francês responsável pelas relações com a Tunísia. A atmosfera era pesada em volta da mesa até que Masmoudi falou sobre sua mudança de pensamento em relação à França. Houve um clique entre os dois homens durante a conversa particular que tiveram após a refeição. Toda vez que as negociações entre a Tunísia e a França atingiam um impasse, os dois se encontravam fora das discussões oficiais e, baseados na confiança que tinham um no outro, buscavam maneiras de reabrir o diálogo. “Sem esses encontros”, disse Masmoudi, “teríamos entrado numa guerra sem piedade contra a França”.

Marrocos: os bastidores da reviravolta de Glaoui

Verão de 1955. O impetuoso jovem nacionalista Ahmed Guessous foi levado a Caux por franceses que tinham mudado de atitude em relação aos marroquinos. Como todos os líderes de países de lutam pela independência, ele tinha boas razões para odiar os invasores. No entanto, era o ódio contra um de seus compatriotas que ocupava sua mente. “Estou tão distante de Deus quanto estou da pessoa que mais odeio” foi a observação que o tocou. “Vá ao encontro de seu pior inimigo e ele se tornará seu maior protetor”, também leu no alcorão. Ele regressou ao seu país determinado a fazer alguma coisa para resolver a séria crise entre seu país e a França. “Guessous queria que todos se reconciliassem”, comentou Philippe Lobstein, um dos franceses que o levaram a Caux.

Dessa forma, Guessous não apenas se libertou de seu ódio contra a França, mas também contra Glaoui, uma grande figura marroquina que apoiava os invasores e quem a maioria dos marroquinos considerava um traidor. A nova abertura de seu coração e de sua mente o preparou, diferentemente de seus amigos políticos, para responder positivamente a um apelo do filho de Glaoui, Abdssadek, que experimentava maneiras de

solucionar a crise e ainda salvar a situação de sua família. A deposição do sultão Ben Youssef - o futuro Mohammed V - pelos franceses, que o exilaram em Madagascar, havia contado com o apoio de Glaoui.

Guessous ajudou a entrar em contato com o Istiqlal, a principal força política ativa na luta pela independência. Ele esteve presente na reunião entre Glaoui e os representantes do partido, que culminou numa declaração de Glaoui tão inesperada quanto sensacional: “Peço que o Sultão retorne do exílio para seu trono, já que somente ele é capaz de trazer a calma para o povo”. Essa declaração pôs fim subitamente à crise marroquina.

Si Bekkai

Pouco foi dito sobre outra grande figura marroquina, Si Bekkai, altamente respeitado no Marrocos. Quando ele esteve em Caux em 1953, a luta pela independência estava no auge. Na época em que Ben Youssef foi deposto, ele foi o único *pasha* (uma posição local conferida pelo sultão) a renunciar ao posto em protesto.

Após as conversações de Aix-les-Bains, que buscava um compromisso capaz de solucionar a crise marroquina, Si Bekkai escreveu a Frank Buchman: “Nessas negociações, eu lhe asseguro que jamais perdi de vista os quatro padrões morais do Rearmamento Moral”. É interessante ler essa carta junto com os comentários feitos por Pierre July, que fazia parte da equipe política francesa que também esteve em Aix-les-Bains, o qual afirmava ter se surpreendido com as posições honestas e de conciliação assumidas por Bekkai. Bekkai foi nomeado primeiro-ministro no primeiro governo independente do Marrocos.

Numa audiência privada em Janeiro de 1956, o Rei Mohamed V expressou seu apreço pela delegação do Rearmamento Moral: “Desejo agradecer a todos pelo que fizeram pelo Marrocos, pelos marroquinos e por mim durante os anos de provações. Vocês têm

princípios nobres de virtude, amor pelo próximo e altruísmo. Eles estão corretos e são os princípios do islã. Meu desejo é que se espalhem pelo Marrocos e para todos os cantos do mundo”.

Congo: aliviando as tensões

No começo dos anos 60, uma equipe do Rearmamento Moral esteve por vários meses no Congo. O filme *Liberdade* foi exibido aos jovens líderes que tinham acabado de formar seu primeiro governo e também em todo o país. “Obrigado pelo que estão fazendo pela África”, disse Patrice Lumumba, primeiro-ministro do primeiro governo independente do Congo, depois de ter assistido ao filme, “Vocês dão à África a sua correta estatura diante do mundo”. As canções de três cantores-compositores do RAM, os irmãos Colwell (dos Estados Unidos), tocaram nas rádios em francês, em *lingala* e em *tshiluba*. Elas ajudaram a moldar um país unido no auge da Guerra Fria, quando a luta pelo controle ameaçava causar a sua total ruptura.

Durante esse período turbulento, marcado por surtos de agressividade e massacres étnicos, as ideias no filme deixaram a sua marca nos vários homens que adotaram posições ou tomaram iniciativas planejadas para ajudar a acalmar e evitar as mortes. Dois homens em particular, Albert Kalonji e François Lwakabwanga, combinaram esforços para reduzir as tensões entre grupos étnicos (Lulua e Baluba) que ameaçavam eliminar um ao outro.

Dois dos atores do filme *Liberdade* tiveram a ideia de visitar Jean Bolikango, que tinha acabado de ser derrotado nas últimas eleições presidenciais. De acordo com seu próprio testemunho, essa visita dissuadiu-o a deixar o curso que fatalmente levaria a um derramamento de sangue e lhe deu coragem renovada para acalmar os ânimos de seus aliados.

Estar no lugar certo no momento certo é uma das ideias-chave de

Buchman. Não podemos fazer tudo, mas podemos tentar enxergar o que devemos fazer para fazer a diferença. Isto implica em acreditar que não estamos agindo apenas com a nossa força humana, mas também que estamos sendo guiados e usados além de nossa imaginação.

DIANTE DOS DESAFIOS DA ÁFRICA DE HOJE

Trazendo a paz para a Região dos Grandes Lagos

Desde o ano 2000, três homens têm se dedicado a um esforço de longo prazo para pôr um fim à guerra na Região dos Grandes Lagos. São eles Michel Kipoke e Thomas Ntambu, originalmente da República Democrática do Congo, e Bonaventure Nkeshimana, do Burundi. Eles perceberam a importância da mensagem de Frank Buchman. Sua meta: preparar as mentes e unir as pessoas. Seu método: ajudar as pessoas a curar as feridas do passado, a se libertarem de seus medos e a se abrirem sobre a sua própria vulnerabilidade. Paciente e metodicamente, eles criaram laços de confiança com figuras políticas dos lados opostos, principalmente no Burundi e na República Democrática do Congo, mas também em Ruanda.

Entre 2000 e 2004, eles organizaram mesas redondas com líderes desses três países. Em Março e Junho de 2003, duas mesas redondas reuniram os protagonistas do conflito do Burundi. Um dos grupos rebeldes, o CNDD-FDD (Conselho Nacional para a Defesa da Democracia - Forças para a Defesa da Democracia), voltou a se reunir então ao processo político. Dois de seus membros principais disseram que Caux foi um fator decisivo para a obtenção desse resultado. Em 2005, eleições levaram esse partido ao poder. Os outros rebeldes, o Palipehutu-FNL, o último grupo ainda em operação, assinou o acordo de cessar-fogo em

Setembro de 2006. Um trabalho de convivência com os líderes de todos os partidos continua em um esforço para consolidar essa ainda frágil paz, especialmente restabelecendo laços de confiança entre pessoas em lados opostos.

Camarões: Treinando a liderança de amanhã

Com a criação de uma associação local em 1991, Iniciativas de Mudança deslanchou novamente nos Camarões. Isto se deu graças a dois homens conhecidos por sua integridade pessoal: Victor Anomah Ngu, oncologista, especialista na luta contra a AIDS e ex-ministro da saúde, e Pierre Oko Mengue, funcionário público sênior, atualmente aposentado. Juntos, eles mobilizaram uma pequena equipe para trabalhar no fortalecimento da fibra moral do país. Eles convidam seus compatriotas a considerarem até onde vai sua contribuição para a doença da África, a saírem do papel de vítima ou da mentalidade assistencialista e a redescobrirem a esperança de que cada pessoa pode desempenhar um papel essencial. Pierre Oko Mengue não hesita em contar sua última história de transformação, o pagamento de dívidas há muito esquecidas, honestidade com a sua mulher sobre as infidelidades conjugais ou o orgulho ferido de um pai revendo seu jeito autoritário. “Iniciativas de Mudança é a oficina prática da minha fé”, afirma ele. “As dinâmicas de uma vida transformada começam com uma decisão, não importa que seja pequena”.

Os filmes de Iniciativas de Mudança foram exibidos em rede nacional de televisão. Em 1994, aconteceu o encontro pan-africano, reunindo outras equipes de Iniciativas de Mudança que trabalham no continente. E, o mais importante, as equipes locais organizam frequentemente fóruns para o treinamento de cidadãos e, particularmente, os jovens a assumirem responsabilidades. Numa dessas ocasiões, o tema foi *Vida em Família* - um excelente laboratório para aprender sobre diálogo e democracia!

Outra de suas preocupações é unir as populações de língua inglesa com as de língua francesa nos Camarões.

Tunísia: União através do Mediterrâneo

Hatem Akkari, professor da Universidade de Sfax, na Tunísia, abriu recentemente o Centro de Diálogo e Cultura numa biblioteca familiar que vem criando há anos. Sua meta: dar um senso de responsabilidade e de iniciativa aos jovens, abrir suas mentes para horizontes diferentes e formar laços além da costa do Mediterrâneo.

Ele lidera um grupo de jovens aos quais ele tenta dar um significado para a vida que vá além das questões profissionais. Ele desenvolve um relacionamento próximo com esses jovens, muitos dos quais são ou foram seus alunos, e acaba se tornando o confidente e conselheiro deles. Juntos, eles aprendem a lidar com seus conflitos, debatem problemas mundiais e aprendem com palestrantes estrangeiros. Também recebem em seu grupo alunos de outros países que são, muitas vezes, desconhecidos para os tunisianos.

Mas talvez a lição mais importante que aprendem seja a de se interessarem pelos outros. Alguns desses estudantes acabam se tornando professores e trazem um comprometimento sincero para com sua profissão. Há um certo entusiasmo no grupo, um desejo de dar o melhor de si e de fazer algo útil para a sociedade. Isto é um contraste em relação a muitos jovens (da Tunísia) que estão muitas vezes desiludidos, não têm visão para o futuro e sonham apenas em deixar o país em busca de um eldorado duvidoso em outros ares.

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

Vidas transformadas por toda a África

No contexto desses eventos e iniciativas brevemente relatados, muitas vidas foram transformadas: Nadine, a ex-rebelde que reaprendeu a sorrir; Don Bosco, que desistiu de suas opiniões radicais; adversários políticos que compartilham suas mais profundas convicções e carregam juntos suas respectivas cargas. Várias vezes observamos o momento crucial em que, de repente, alguém toma consciência de que sua atitude faz parte dos problemas da sociedade!

Há Nelly, por exemplo, que viveu na Europa, mas queria ver a eliminação de seus irmãos banyamulengues (tutsis congolezes). “Se eu estivesse no país” admitiu ela quando pediu desculpas a um deles, “vocês não estariam vivos hoje”! Há o oficial do Chad, que caiu em si e percebeu que poderia se libertar de seu desejo perpétuo de vingança. Há, ainda, o estudante dos Camarões que abriu mão de seu negócio lucrativo de falsificação de diplomas, carteiras de identidade e certidões de nascimento falsas.

“Somos nós, os cidadãos, os maiores obstáculos à democracia”, afirma Pierre Oko Mengué. “Todo grupo étnico acha que pode exigir o que quiser de qualquer pessoa do grupo que tenha uma posição de responsabilidade. Vamos libertar nossos ministros da posição de reféns étnicos”!

“A unidade nacional não se decide por decreto” confia uma pessoa de Ruanda. “Se algum assunto se torna tabu, a pressão aumenta e tudo acaba em uma explosão. Temos sido uma sociedade burra, negando os problemas étnicos ao invés de enfrentá-los”.

“Um muro de desconfiança, desprezo e ódio cresceu entre nós”, disse Lucienne Munono, da República Democrática do Congo. “Sem perceber, caímos na agressividade. A mesma violência que denuncio no meu país também se encontra em mim. Ela está nos

destruindo. Quando enquadro alguém em uma categoria com a qual me sinto incapaz de trabalhar, estou exercendo esse tipo de violência”.

As pessoas que assumiram o compromisso de trazer essa mudança de atitude para aqueles que tomam as decisões desenvolveram uma qualidade e um modo de vida que não pode ser simplesmente ligado apertando-se um botão. Muitas vezes foram necessários anos e anos de contato com as equipes de Iniciativas de Mudança até que se tornassem prontos para essa tarefa.

É através de ações e atitudes simples de pessoas que trabalham sozinhas ou em equipes que se consegue construir a confiança e causar a mudança de perspectiva que acabará fatalmente tendo repercussões na vida política e social de seu país. “Quando o homem muda, as situações mudam”, Buchman costumava dizer.

Ouvir atentamente

“Uma das primeiras coisas que aprendi com iniciativas de mudança foi sobre ouvir”, admitiu Michel Kipoke, um dos pioneiros do programa de reconciliação na Região dos Grandes Lagos africanos, que faleceu tragicamente em 2007 ao retornar de uma missão em Burundi. “Antes, tudo em que eu pensava era preparar meu argumento para vencer o outro lado”. Essa capacidade de ouvir tornou-se sua ferramenta principal e reuniu à sua volta elementos antagônicos nos conflitos que afetam toda a Região dos Grandes Lagos. Em Outubro de 2006, viajou para o Leste do Congo, onde o general Nkunda, uma figura muito difícil que tinha lido um memorando sobre a situação congoleza escrito por Michel, estava determinado a conhecê-lo. “Quando li esse documento”, o general lhe contou, “percebi que ainda existem pessoas capazes de ouvir”.

No entanto, Michel Kipoke não vinha com as respostas prontas.

Estava convencido de que cada pessoa traz dentro de si as respostas que estão procurando. “As pessoas com quem converso parecem muito seguras de si mesmas e de suas posições a princípio. Muitas vezes, elas mesmas acabam puxando o assunto que mais as preocupa e chegam a falar dos problemas que pesam em suas consciências. Eu ajo como um tipo de espelho”.

Michel gostava de recordar algo que Frank Buchman disse a alguns dos jovens que ele treinava e enviava em missões: “O que me interessa não é o que você disse às pessoas com quem conversou e sim o que elas disseram a você”.

Ouvir a voz interior

A prática de fazer hora tranquila, como Buchman ensinou, continua sendo a base essencial da obra feita em seu nome. Thomas Ntambu, que está envolvido na missão de consolidar a paz em Burundi, faz disso uma disciplina diária. “Toda manhã às cinco horas eu faço uma hora tranquila”, ele nos contou. “Leio a minha bíblia e penso no que aconteceu no dia anterior, no caso de a minha consciência me lembrar de algo que tenha dito sem pensar que possa ter magoado alguém. Também procuro ideias-chave para me ajudar nas entrevistas agendadas para o dia”. Imagine o tipo de sociedade que teríamos se todos fizessem uma autoavaliação diária!

Esta disponibilidade sensível para as pessoas e o constantemente questionamento de si mesmo, de seus gestos e de suas reações, levam à remoção do ego, à uma dedicação cada vez maior e, não menos importante, à uma clareza sobre as pessoas e suas motivações.

Honestidade sobre as motivações

“O mal que estávamos combatendo nos nossos adversários

políticos devorava o nosso próprio povo”, continuou Thomas Ntambu. Ex-soldado e guerrilheiro rebelde, ele tinha chefiado as operações militares de um grupo marxista cujo objetivo era depor a ditadura de Mobutu. Ele sonhava com o poder, casas, carros luxuosos e mulheres. Estava também sedento por justiça. Queria substituir um sistema político ou ideológico por outro. Em Iniciativas de Mudança ele encontrou a nova esperança de que os homens podem mudar e a convicção de que, sem essa mudança, todas as revoluções terminam em frustração.

Esta clareza sobre si mesmo o ajuda a não se colocar como um juiz ou crítico. “Quando descobri como os rebeldes do Burundi tinham sofrido, me senti um nada”, disse Thomas. Essa capacidade de fazer as pessoas se sentirem bem-vindas e de não julgar não faz parte da mensagem de Buchman? De qualquer modo, lembramos a visão que Buchman tinha para qualquer pessoa, acreditando infinitamente que cada um pode desempenhar um papel vital. Durante as conversações no Congo, em Addis Ababa, onde acompanhei Thomas, pude ver que ele tinha essa mesma visão que atrai o melhor das pessoas.

A pessoa que tem a coragem de falar sobre os erros e as lutas internas e ainda assim permanecer fiel ao que sua consciência diz, tem um poder contagioso. Apela às consciências. Ao longo das mesas redondas com os protagonistas do conflito em Burundi, um ex-ministro falou de sua responsabilidade pessoal na tragédia que tinha afligido seu país durante os últimos trinta anos. “Eu não participei do golpe de estado de 1996”, contou-nos, “mas com minha atitude eu dei apoio às pessoas que decidiram que o novo presidente não deveria permanecer no poder”. Ele teve a coragem de pedir desculpas publicamente ao presidente que havia sido deposto pelo golpe de estado.

Nos Camarões, Victor Anomah Ngu, conversando com um grupo de alunos, se referiu com grande humildade aos erros cometidos por políticos como ele. Um ministro que admite os próprios

erros! Os alunos ficaram estupefatos e imediatamente sentiram uma onda de compaixão. A discussão já não era para denunciar os erros do outro, mas sim para considerar o que cada um poderia fazer no lugar em que se encontravam. O ceticismo deu lugar à esperança.

AÇÕES DE LONGO PRAZO PARA O CONTINENTE

A estratégia posta em prática através do programa Reconciliação na Região dos Grandes Lagos poderia servir como modelo para ações em todo o continente africano. O conceito-chave é “Viver em Harmonia”.

Identificando e atingindo as pessoas chave

Através de sua experiência em universidades americanas e na China, Buchman aprendeu a importância de discernir quem eram os homens-chave que pesariam na hora da solução do problema. Da mesma forma, assim como a equipe que trabalhou na Região dos Grandes Lagos se encontraram com pessoas de diferentes origens, eles também procuraram aqueles que poderiam fazer a diferença.

A equipe então trabalha criando laços de confiança com essas pessoas. Há uma condição: não ter agendas secretas. “Nenhum homem que coloque seus próprios interesses em primeiro lugar poderá pensar por uma nação”, lembra Michel Kipoke usando uma expressão que ele adotou após ler a biografia de um sul-africano, William Nkomo, um homem fortemente influenciado pelas ideias de Buchman.

Oferecendo uma estrutura e uma atmosfera que favoreça a reconciliação

O próximo passo é reunir essas pessoas numa estrutura e numa atmosfera que favoreça que corações se abram honestamente. Foi o que aconteceu com Mohamed Masmoudi e Jean Basdevant, com Charles Assalé e Jacques Kosiuko-Morizet, com Albert Kalonji e François Lwakabwanga e, mais recentemente, com figuras-chave na Região dos Grandes Lagos.

Na última mesa redonda em Abril de 2007, com trinta figuras-chave de Burundi, os dois primeiros temas propostos para discussão foram: “Conversar sobre as feridas” e “Libertar-se dos medos”. Não era uma questão de atingir acordos políticos e sim de construir relacionamentos que tornem os acordos de paz possíveis e, acima de tudo, aplicáveis.

No longo prazo, como visto na Rodésia do Sul nos anos 70 com o “Gabinete da Consciência”, a meta era formar um grupo de representantes de cada setor político e social que desejasse encontrar soluções justas para todos. Um grupo como este pode agir como um catalisador ao propor métodos e pontos de referência aceitáveis para todos.

Qualquer um pode ser o elo perdido na cadeia de contatos que pode mudar o curso da história. Essa foi a tremenda esperança que nos foi dada por Buchman. Ela oferece uma alternativa viável àqueles que acreditam somente no equilíbrio do poder, ou para quem a violência parece ser o único caminho para consertar as injustiças das quais sentem que foram vítimas.

8

Dinamite Política na Austrália

Por John Bond & Mike Brown

Durante a última década, John Bond assumiu a liderança do processo de cura dos danos causados aos australianos aborígenes por antigas políticas cruéis e equivocadas. Ele foi o secretário do Comitê do Dia Nacional do Perdão da Austrália (dia que marca o reconhecimento dos males feitos aos povos aborígenes) e do Journey of Healing (Jornada da Cura) de 1998 a 2006. Em 2007, ele foi condecorado com a Medalha da Ordem da Austrália pelo seu trabalho.

Mike Brown, membro do Conselho Internacional de Iniciativas de Mudança, é um escritor/instrutor australiano que vive atualmente na Índia. Seu livro, *No Longer Down Under – Australians Creating Change*, apresenta capítulos sobre Kim Beazley e o movimento pela justiça para o povo aborígine australiano. Nos últimos vinte anos Mike tem atuado ativamente no movimento australiano de reconciliação e, em 2000, recebeu o prêmio “Não-Índigena do Ano” no seu estado.

Todos querem que seus políticos sejam honestos, mas muitos duvidam que isso seja possível. Kim E. Beazley, que serviu ao parlamento australiano por 32 anos, fez da honestidade a sua política. Seu colega de Gabinete, Bill Hayden, mais tarde Governador-Geral da Austrália, escreveu: “Não acredito que honestidade absoluta seja possível, mas Kim foi a pessoa que conheço que mais chegou perto”.

Beazley cresceu na pobreza na Austrália Ocidental, mas foi muito bem na escola. “Nós não tínhamos sapatos”, lembra, “mas éramos capazes de recitar Wordsworth”. Ele se tornou ativo no Partido Trabalhista e chegou ao parlamento em 1945, aos 28 anos. O primeiro-ministro Ben Chifley disse que “ele iria longe”. Beazley concordou e logo seu discurso arrogante no Parlamento lhe valeu o epíteto de “O Príncipe Estudante”.

Contudo, ao aposentar-se, Beazley tinha sido eleito para o segundo maior cargo em seu partido e, como Ministro da Educação, iniciou extensas reformas na educação. O *Melbourne Herald* escreveu que ele tinha sido “sem qualquer sombra de dúvida, um dos melhores membros do Parlamento que a Austrália já teve”.

A virada veio em 1953, quando ele atingiu um ponto crucial em sua vida pessoal e em sua carreira política. “Tomei uma decisão”, disse, “de me preocupar todos os dias com o desafio de como viver de acordo com a vontade de Deus: de acender a lanterna da honestidade absoluta sobre as minhas motivações; de tentar ver o mundo com a clareza da pureza absoluta; de ter o amor absoluto como um radar através do nevoeiro das questões internacionais”.

Altamente incomum num político. E na Austrália, as ramificações logo foram sentidas. “Ninguém com um mínimo conhecimento sobre política deixaria de se deliciar com a confusão que poderia resultar quando apenas um de nossos políticos resolve ser absolutamente honesto”, escreveu um colunista político, comentando sobre “a dinamite política que poderia ser detonada pela sinceridade prática e pela pureza absoluta de Sr Beazley”.

Destruam-no

Outros não ficaram tão deliciados. “Enfrentando o prospecto da destruição política neste momento está o jovem Kim Beazley”, escreveu o repórter Alan Reid, decano dos jornalistas políticos da

Austrália na época. “Indivíduos poderosos e sedentos por altos cargos temem que seu idealismo e sua determinação atual de buscar a verdade, a qualquer preço, possa custar ao Partido Trabalhista a próxima eleição. A história que estão tentando vender assídua e eficazmente é: “Beazley está desequilibrado”. Então deram a ordem: “Destruam-no”.

Mas não o destruíram. Beazley foi finalmente eleito por seu partido para o segundo cargo mais alto, e foi Ministro da Educação durante dois dos três mandatos do Partido Trabalhista no governo desde então. Mais importante, o “sistema” - essa mistura nebulosa de estruturas, leis e atitudes - mudou sob o impacto sustentado da convicção e dos esforços de Beazley, particularmente quanto à educação e à minoria humilhada e várias vezes perseguida da Austrália: os aborígenes.

O poder é perigoso

“Ele sempre teve clareza e força intelectuais”, escreveu o correspondente político do *The Australian*. “Ele é, sem dúvida, o melhor orador do Partido Trabalhista - e provavelmente do parlamento”. No entanto, o próprio Beazley sente que intelecto na política pode ser suspeito. Sua experiência é que “o poder é perigoso quando o intelecto mata a consciência no exercício da autoridade, e seguro quando a consciência governa o intelecto”.

Através de um processo de luta em seu próprio espírito e mente surgiu uma convicção básica: “O ponto mais prático na política é que há um intelecto, o intelecto de Deus, além da percepção e do interesse próprio do homem”. Isso não era teoria, mas experiência. Começou com aquela decisão “de me preocupar todos os dias com o desafio de como viver de acordo com a vontade de Deus”.

Beazley tinha sido escolhido para ser um dos dez Membros do Parlamento a representar o parlamento australiano na coroação da

Rainha Elizabeth em 1953. Intrigado pelas ideias do Rearmamento Moral, ele fez uma parada de uma semana no Centro de Conferências de Caux, Suíça, no seu regresso para casa. Passaram duas semanas... três semanas, e ele ainda estava lá. “O que vi em Caux era muito mais significativo para a paz e sanidade da humanidade do que qualquer coisa sendo feita na época pela política australiana”, disse ele.

Foi um processo enraizado na transformação pessoal. Como Beazley diz: “O Rearmamento Moral é o realismo definitivo, pois sugere um experimento simples que qualquer um pode fazer: o experimento da busca da direção de Deus, de testar qualquer pensamento em comparação com a pureza, honestidade, altruísmo e amor absolutos, e levar aqueles que se enquadram nos padrões à ação prática.”

O próprio Beazley teve que encarar o “realismo definitivo” desse experimento durante os dias que passou na Suíça. Um amigo sugeriu que ele buscasse a direção de Deus “sem ter nada a provar, nada a justificar, nada a ganhar para você mesmo. Então sua mente estará livre”.

“Que coisa mais chocantemente subversiva para se dizer a alguém envolvido em política”, disse Beazley. “Tenho provado o quanto eu estava certo em cada eleição, justificar tudo o que já fizemos, e obter poder político para mim mesmo, era o mínimo que eu devo fazer”.

Mas Beazley não podia escapar do desafio. Começou a reconhecer, nos dias que se seguiram, que “a vida de um homem rearmado moralmente não consiste apenas em se submeter a princípios, mas também significa pagar dívidas dolorosas do passado, a desculpa que é tão penosa para o nosso orgulho, e ações definidas”. O processo começou ao se sentar e escrever uma carta para sua esposa.

Betty Beazley era uma corredora de sucesso, detentora de um

recorde australiano em sua categoria durante dez anos. “Algumas coisas naquela carta eu já sabia”, disse ela. “Algumas eu já tinha adivinhado, mas outras eu não sabia. Senti um incrível senso de libertação e de confiança após ler a carta”.

Enquanto desembarcava a teia de traições na sua vida familiar, Beazley percebeu que estava lidando com a mesma teia em sua vida política. “Pensei no meu pai. Ele tinha problemas com a bebida e não lhe dei meu coração. Percebi que havia tratado algumas pessoas do partido com aquele problema da mesma maneira. Não os tinha ajudado com a minha arrogância e o meu desprezo”.

Então surgiu um pensamento difícil para um político: “Você desenvolveu o hábito de não ser completamente preciso em suas declarações políticas”. E como disse na conferência na Suíça: “Sempre me orgulhei de meus discursos nas campanhas serem objetivos. Analisava objetivamente os erros do governo, mas jamais suas virtudes. Percebi que essa é uma das maneiras mais maliciosas de mentir na política”.

Durante aqueles dias, Deus parecia estar desafiando as suas motivações básicas: ambição política, obstinação e orgulho. Viu que a formação universitária o havia distanciado das classes trabalhadoras, apesar de seu pai ter sido membro do sindicato e o próprio Beazley ter sido criado na pobreza. Como deputado trabalhista representando o Porto de Fremantle, ele frequentemente visita os trabalhadores do porto com objetivos políticos. No entanto, nunca os quis conhecer socialmente nem recebê-los em sua casa.

Mas aquele não tinha sido apenas um exercício de autoavaliação. Aos poucos, Beazley começou a ver o que Deus exigia dele para o futuro. Um pensamento estava fixo em sua mente: “Se você viver em pureza absoluta, será usado para a reabilitação da raça aborígene australiana. Pureza é a alternativa à vida de

autogratificação, que mata o interesse inteligente pelos outros”.

Em termos de ação definitiva, ele teve o pensamento: “Se os aborígenes não forem reconhecidos como os donos da terra, eles terão que negociar em uma posição de fraqueza. Se a dignidade da posse da terra for reconhecida, eles negociarão de uma posição de força”.

Nesse ponto, em 1953, os aborígenes não tinham direitos civis nem de voto na Austrália; viviam sob terríveis condições de completa submissão. Não possuíam um acre de terra - e poucos australianos brancos se importavam.

Dentro de poucos meses do seu retorno de Caux, Beazley já havia colocado a posse de terra aborígene na pauta do Partido Trabalhista. No governo, vinte anos depois, o partido deu início à legislação pelos direitos de posse. Apesar de sua batalha estar longe de acabar, os aborígenes atualmente têm o título de propriedade total de aproximadamente 188.000 milhas quadradas em dois estados na Austrália e negociam mais.

Restaurando a Dignidade

Os Beazleys começaram a convidar aborígenes para a sua casa em Perth. “Nas várias refeições que tivemos juntos, eles nos ensinaram muito sobre o pensamento aborígene”. Durante quase duas décadas na bancada da oposição no parlamento, Beazley buscou continuamente a direção do Espírito Santo sobre como restaurar a dignidade e os direitos dos aborígenes. Em 1961, viajou por todo o longínquo Norte da Austrália como parte de um Comitê Seletor sobre o Direito ao Voto dos Aborígenes, cujo trabalho preparou as bases para o direito total ao voto dos aborígenes em 1968.

O Partido Trabalhista foi eleito para o governo em 1972, e Kim Beazley se tornou Ministro da Educação. Em sua primeira manhã

no cargo, ele escreveu durante seu momento de meditação: “Negar a um povo a educação em sua própria língua é tratá-los como conquistados, e sempre tratamos os aborígenes como conquistados”. Então vieram as ideias de ação: “Fazer com que os aborígenes escolham a língua em suas escolas, com inglês como segunda língua”.

Discutiu o pensamento com sua esposa. Então, às três da tarde daquele dia, contou ao primeiro-ministro, Gough Whitlam, o seu pensamento. Às 5 da tarde, em rede nacional, Whitlam anunciou a política do governo para um programa de educação bilíngue para os aborígenes. Até aquele dia, em alguns estados, os professores podiam ser penalizados pela lei se ensinassem em uma língua aborígene, ou qualquer outra língua que não fosse o inglês. Quando Beazley deixou o ministério, as aulas já eram dadas em 22 línguas aborígenes.

Para Beazley, era apenas mais um passo em direção à convicção de vinte anos antes, jamais o único passo. Horrorizado com as notícias de desnutrição e doenças que se alastravam entre os aborígenes, juntamente com outros ministros estaduais e federais ele iniciou um programa do governo para tratar doenças como hanseníase, ancilostomíase, tracoma, alcoolismo e desnutrição. A educação para aborígenes adultos também era outro foco.

Pouco depois do fim do seu mandado, a *Australian National University* o condecorou como Doutor Honoris Causa em Direito, citando em particular sua contribuição nas áreas de assuntos aborígenes e educação. “Tornou-se popular nos últimos anos”, diz a citação, “reconhecer a contribuição do povo aborígene a essa nação (...) e as injustiças que lhes foram feitas. Contudo, durante o último meio século, isto estava longe de ser popular. Nesse período, poucas pessoas fizeram tanto, e ninguém fez mais, que Kim Beazley, para trazer essa mudança de atitude”.

Curando uma Úlcera

Quanto à educação, a citação enfatizava o impacto de seu ministério, durante o qual a educação superior tornou-se gratuita, houve seis vezes mais verbas federais para as escolas, foi estabelecido um amplo esquema de bolsas de estudo para crianças deficientes e isoladas de acordo com a necessidade, e as verbas existentes para crianças aborígenes foram ampliadas. “Contudo”, continua a citação, “a maior contribuição do Sr. Beazley não foram os gastos em dinheiro e sim a cura de uma úlcera que infestava a sociedade há quase 200 anos. O rancor sectário, com foco nas escolas e suas verbas, recebeu um golpe mortal pelo sistema de verbas com base na necessidade introduzido pelo Sr. Beazley.”

Essas reformas, incluindo a ajuda federal a escolas religiosas, realmente foram uma questão política e social de muita sensibilidade, e sua introdução muitas vezes só aconteceu depois de longos, e algumas vezes difíceis, debates públicos e políticos.

Apesar de essa legislação ter sido o pilar da política de fundos para a educação desde então, Beazley sente que o crédito não é dele. Sua política foi moldada pela inspiração recebida durante suas “horas tranquilas”, uma disciplina espiritual praticada todas as manhãs, tanto no calor no governo quanto durante os longos anos de oposição.

Essa prática também lhe deu um sentido de direção interna sobre os problemas de sua esposa e seus três filhos, os quais ele só via brevemente durante os fins de semana. O estresse é um risco profissional para qualquer político, e muitas vezes a família sofre. A família de Beazley estava do outro lado do continente, partindo de Canberra, e a árdua viagem de 3.200 quilômetros até sua casa e seu reduto eleitoral aumentava o estresse.

“Aqueles primeiros anos foram turbulentos”, lembra Betty Beazley. “Eu tinha que tomar conta de três crianças a maior parte

do tempo, e se alguma coisa ia errado, quando Kim voltava para casa eu o recebia com um monte de reclamações”. Ela teve o pensamento de lhe contar as coisas boas assim que ele chegasse e, depois, quando já tivesse descansado, contar-lhe o que havia ido errado e resolver com ele o que fazer.

Quando seu marido se tornou Ministro da Educação, ela sentiu que tendo dedicado vinte e cinco anos à criação dos filhos, os próximos vinte e cinco anos ela deveria passar ao lado dele. Isto significou alugar uma segunda casa em Canberra, onde poderia receber e dar atenção aos seus colegas e aos seus amigos aborígenes.

As necessidades de cada criança devem ser atendidas

A cada manhã, ela e seu marido compartilhavam as ideias que lhes surgiam “naquela primeira hora tranquila do dia”, quando buscavam a direção de Deus. Betty se lembra de Kim contando a ela um pensamento seu que se tinha tornado a motivação básica de sua política educacional: “As necessidades de *cada* criança devem ser atendidas”.

Na agitação da política, todos sabem que aqueles que têm escrúpulos são passados para trás. Beazley discorda, e sobreviveu 32 anos no parlamento para provar isso. “Se você é devotado à direção de Deus”, diz ele, “você não quer destruir ninguém; seu ambiente político não está repleto de cadáveres. O fato de você ser generoso nos seus relacionamentos, ao invés de letal, faz uma grande diferença”.

Essa diferença se nota no caso de Beazley. Antes de sua experiência em Caux, um correspondente escreveu sobre seus “discursos ao parlamento terem um tom intimidador e sarcástico, o que valeu a ele uma antipatia quase universal”. Ao se aposentar, ele era altamente respeitado por ambos os lados do parlamento. O porta-voz do Parlamento, Sir Billy Snedden, membro do partido

de oposição, o homenageou como um “ótimo parlamentar e um grande australiano”.

Mas não se tratava de ser popular. Beazley viu que havia uma escolha envolvida. “Se você não aceita a importância da consciência, aceita então somente a importância do poder”, diz ele. “A questão da motivação é a chave para o avanço social. Passei 28 anos na oposição, e vim a acreditar que a verdadeira função da oposição é ser mais esperta que o governo a ponto de derrotá-lo. Somente assim podem ser planejadas políticas alternativas competitivas e podem acontecer os avanços sociais”.

Um servidor público de alto escalão do gabinete do Primeiro-Ministro disse sobre ele: “que tristeza teria sido para a nação se Kim tivesse buscado apenas o poder pessoal durante os anos de oposição, porque foi tanto na oposição quanto no governo que ele trouxe progresso e cura. Grandes questões, tais como o bem-estar do povo aborígene e a preparação de Papua Nova Guiné para a independência, foram trazidos ao debate pela oposição no parlamento”.

Nos anos que se seguiram, foram dados passos importantes na direção da justiça para os aborígenes australianos. Apesar de o governo ao qual ele serviu ter sido derrotado por um governo conservador, o novo governo implementou um programa desenvolvido por Beazley e seus colegas. Como resultado, atualmente o povo aborígene é dono de 15% das terras australianas. A arte dos aborígenes australianos floresceu e hoje rende milhões de dólares por ano às comunidades aborígenes. O povo aborígene está aos poucos conquistando espaço como profissionais, médicos, advogados e políticos.

Nos anos 90, um programa nacional de círculos de estudos criou oportunidade para milhares de australianos não aborígenes aprofundar o diálogo com o povo aborígene. Isto trouxe um nível completamente novo de entendimento e empatia. Talvez isto

tenha sido visto mais claramente quando, em 1997, um inquérito nacional relatou o efeito das políticas que removeram milhares de crianças aborígenes de suas famílias e as colocaram em instituições ou com famílias, numa tentativa de fazê-las assimilar a cultura ocidental. Essas políticas, implementadas até os anos 70, tiveram trágicas consequências, e o relatório, *Bringing them Home (Trazendo-os para casa)*, expôs essa tragédia.

Dia do Perdão e Jornada da Cura

O governo tentou ignorar o relatório e se recusou a pedir desculpas pelos danos causados. Muitos australianos ficaram ofendidos com a recusa e se incumbiram de pedir desculpas eles mesmos. Um milhão de pessoas participaram do Dia do Perdão (Sorry Day) que aconteceu no ano após o relatório *Bringing them Home* ter sido publicado. Em resposta, o povo aborígene lançou a Jornada da Cura (Journey of Healing), oferecendo a todos os australianos a chance de ajudar no processo de cura. Isto desencadeou centenas de eventos comunitários que acontecem anualmente desde então, unindo as comunidades aborígenes e não aborígenes em iniciativas que visam a curar os efeitos dessas políticas cruéis e equivocadas.

No entanto, a Austrália ainda está muito distante de outros países, como o Canadá, na reparação dos erros do passado. Ainda há racismo contra aborígenes, e eles têm mais dificuldade que outras pessoas para encontrar empregos e para receber serviços que são comuns para outros australianos. Os aborígenes ainda morrem vinte anos antes do resto da comunidade. Outros países mostraram que as trágicas condições de saúde de seus povos indígenas podem ser superadas, e a relutância de sucessivos governos australianos em investir recursos adequados melhorar a saúde dos aborígenes é um sumário de culpa para todos os australianos. Também, tem sido muito lento o desenvolvimento da organização de uma representação nacional aborígene, o que

significa que a comunidade aborígine tem uma voz inadequada nas questões nacionais.

Portanto, ainda há muito trabalho a ser feito. Mas há um novo espírito. Muitos australianos de todas as raças perceberam que não têm que esperar pelo governo; que eles podem trabalhar pela cura e por justiça para os povos aborígines. Aí se encontra a esperança de que a comunidade aborígine se tornará saudável, educada e próspera, e assim poderá dar a sua contribuição integral e única para a vida nacional da Austrália. E Beazley deu uma contribuição significativa para o crescimento desse espírito.

O filho de Kim Beazley, também chamado Kim, seguiu os passos de seu pai na política federal e teve cargos de alto escalão no gabinete de governos do Partido Trabalhista, nos governos dos Primeiros-Ministros Hawke e Keating, e foi o líder da oposição durante alguns anos. Ele reflete a preocupação apaixonada de seu pai pela Austrália Aborígine.

Este artigo foi escrito antes do falecimento de Kim Beazley, no final de 2007. Três ex-primeiros-ministros compareceram ao seu funeral. Apareceram obituários em todos os jornais australianos e em muitos internacionais. Esses obituários se referiam a ele como o pioneiro dos direitos de posse da terra dos aborígines e ao seu legado de reformas educacionais. Mas, acima de tudo, enfocaram em sua fé e integridade. O *London Times* o descreveu como “um dos políticos mais respeitados da Austrália”. A manchete do obituário do *Sidney Morning Herald* dizia: “Integridade e princípios acima do sucesso político”. “Sua fé estava acima da política”, escreveu o *West Australian*.

Foi uma fé profundamente engajada nos assuntos da nação. Como concluiu o obituário do *Melbourne Age*, citando Beazley: “Há a sanidade do Espírito Santo acima das ideias humanas de justiça. Os pensamentos de Deus, quando recebe primazia na vida do homem, trazem as mais íntimas motivações de virtude e

misericórdia, e com isso a cura para o ódio que pode mudar o curso da história. Esta é a essência de uma política inteligente”.

9

A Jornada da Índia rumo à Nova Governança

Uma Perspectiva Indiana, por V. C. Viswanathan

V. C. Viswanathan é original de Kerala, no Sul da Índia. Era o presidente da União dos Estudantes da Universidade de Madras na época da visita de Frank Buchman, em 1953. Inspirado pelo que Buchman e seus amigos tinham a dizer, Viswanathan começou a aplicar as ideias de Buchman no seu primeiro emprego na Caltex Oil Company. Mais tarde, decidiu dar tempo integral ao Rearmamento Moral por alguns anos antes de se tornar gerente de marketing em duas empresas de pneus em Madras e Deli.

O amor de Frank Buchman pela Índia se acendeu cedo em sua vida. Em 1902, ele escreveu em seu diário: “Hoje um visitante nos disse: “Se eu pudesse viver de novo, viveria na Índia. Lá há magníficas oportunidades para um homem jovem.” Eu adoraria ir à Índia”. Ele tinha, então, 24 anos.

“Você será levado muito além dos seus sonhos mais loucos. Deus tem um papel único para você e seu trabalho na Índia (...) Você é necessário na Índia. Você pode criar um organismo aqui que decidirá o futuro do mundo”.

Esses foram alguns dos pensamentos que Frank Buchman teve em Mumbai no começo de sua visita histórica de seis meses à

Índia entre 1952-53. “O que devemos pensar de tais pensamentos escritos no meio da noite há algumas décadas?” Foi o que se perguntou Garth Lean na sua muito bem documentada biografia *Frank Buchman: a life (Frank Buchman: uma vida)*. Refletindo sobre isso, acredito que a chegada de Buchman com uma equipe internacional foi intervenção divina, que ajudou a mudar a direção da maré na luta ideológica.

O desejo de Buchman, quando tinha 24 anos, se realizou 13 anos depois. Sua mãe tentou convencê-lo a não sair dos Estados Unidos naquela época: a Primeira Guerra Mundial tinha começado e não era seguro viajar de navio por causa dos torpedos alemães. Buchman insistiu e chegou em segurança à Índia em 1915, via Colombo. Ficou lá por seis meses, viajando extensamente por todo o país, de Travancore, no sul, a Rawalpindi, no norte, e de Mumbai a Calcutá, atravessando o subcontinente várias vezes. Conheceu e fez amizade com muitas pessoas, incluindo Rabindranath Tagore e Mahatma Gandhi. Fez vários longos passeios com Gandhi nas praias de Madras, onde ficou por três dias. Gandhi tinha acabado de voltar da África do Sul e ainda não era, na época, uma figura central na vida política indiana. Buchman escreveu que “caminhar com Gandhi era como caminhar com Aristóteles”.

Nove Visitas

Buchman fez nove visitas à Índia. Durante sua segunda visita, entre 1924-25, encontrou-se novamente com Gandhi e muitos líderes nacionais, incluindo Mohamed Ali Jinnah, Jawaharlal Nehru, C. Rajagopalachari e os irmãos Ali, numa convenção do Congresso em Belgaum. Mais tarde, visitou Gandhiji, no Ashram de Sabarmati, e se encontrou de novo com ele na casa do bispo Foss Westcott, em Calcutá. Buchman escreveu profeticamente a um amigo: “Ele (Gandhi) já não é um líder político, mas a esfera de sua influência será a santidade, e uma santidade irresistível”.

Buchman era um amigo leal e manteve uma associação próxima com três gerações da família Gandhi. Anos depois, em Junho de 1956, falando à assembleia mundial do RAM em Caux, Suíça, Devadas Gandhi, um dos filhos de Gandhi, disse: “Não acho que exista qualquer mensagem no mundo atualmente que tenha tanto significado quanto a do RAM. Vocês embarcaram numa missão essencial e difícil e, se vocês falharem, o mundo falhará. A base do RAM é fundamental e requer a mais alta coragem e paciência. Vocês enfrentam oposição e crítica. Mas eu acredito, com vocês, com persistência, e as boas sementes que vocês plantaram certamente darão frutos”.

O neto de Gandhiji, Rajmohan Gandhi, discursando por ocasião do 80º aniversário de Buchman, disse: “Pensem em Frank Buchman e você pensará em inúmeras pessoas comuns da Ásia, África, América e Europa, de todas as raças, culturas, credos e origens, que o têm como um grande amigo. Seu segredo sempre foi o cuidado intenso com as pessoas e com as nações, e sua capacidade de ver o que, com a direção de Deus, elas podem se tornar. Estar com ele é uma experiência - você sabe que é a única pessoa que importa para ele. Assim é com as nações. Enquanto outros protestam, criticam ou são céticos, ele sempre tem fé, nascida da experiência em sua própria vida, em que o homem mais difícil ou a nação mais dividida pode mudar e mostrar uma solução. Essa visão está verdadeiramente sendo percebida em muitos países”.

Buchman teve um impacto positivo na vida de muitos indianos e não indianos. David Young, em seu livro *Initiatives of Change in India - Observing six decades of Moral Rearmament* (Iniciativas de Mudança na Índia - Observando seis décadas de Rearmamento Moral)*, apresenta muitos relatos interessantes. Um deles é a história de transformação de Lionel Jardine, um membro sênior do serviço público indiano, em 1933. Quatro gerações de sua família haviam servido na Índia desde 1806. Sua esposa,

Marjorie, e a família também tinham uma longa conexão com a Índia.

A transformação da vida de Jardine e sua decisão de viver de acordo com os padrões absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor e de buscar a direção de Deus ouvindo sua voz interior teve um efeito cascata na vida de muitos, incluindo o Dr. C. Chandra Ghosh, líder do Forward Bloc (um partido político nacionalista de esquerda da Índia), que era uma ala dissidente do Partido Congressista e que acreditava ser necessário o uso da violência na conquista da independência da Índia. Jardine contou sobre os seus encontros com várias pessoas de diferentes origens em sua autobiografia *They Called me an Impeccable Imperialist* (*Me chamavam de um imperialista impecável*).

De autocrata a servidor

Gandhiji uma vez falou a um amigo britânico, Roger Hicks, sobre Jardine: “Lembra que você da última vez estava me falando sobre um comissário da receita na Província da Fronteira? Bem, eu pedi ao ministro-chefe, Dr. Khan Sahib, para investigar as histórias e é tudo verdade”. Conversaram sobre outras pessoas que conheceram Buchman em Oxford em 1934 e cujas vidas foram completamente transformadas. Encontraram um novo propósito e uma nova motivação em suas vidas. Nas palavras do Dr. C. C. Ghosh: “Tendo sido um absoluto autocrata, ele (Jardine), se tornou um absoluto servidor do povo”. Gandhiji disse que aquela era a coisa mais importante que estava acontecendo naquele momento e observou: “A política se tornou um grande jogo de xadrez. Sabemos o valor das peças e os possíveis movimentos. Mas, se as motivações e os valores dos homens mudarem, como as do Comissário da Receita e outros, então todo o tabuleiro é afetado e temos que recomeçar”. Ele prosseguiu dizendo: “Vá dizer ao vice-rei, de minha parte, que se tivermos esse espírito, lembrando todas as suas dificuldades durante a guerra,

poderemos entrar num acordo em meia hora”. Hicks cumpriu o desejo de Gandhi, mas infelizmente a visão do vice-rei sobre o Mahatma naquela época era tal que ele acabou não aceitando sua oferta.

Ao longo dos anos, muitos indianos de diferentes origens conheceram Buchman e os membros de sua equipe, como Peter Howard e Roger Hicks, e participaram de conferências do RAM em Caux, na Suíça. Impressionado com a transformação que ocorria em pessoas e situações quando as ideias do RAM eram aplicadas, um poderoso comitê nacional de indianos escreveu a Buchman convidando-o a trazer uma equipe à Índia:

“Unimos-nos para convidá-lo, muito fervorosamente, a vir pessoalmente neste inverno à Índia e trazer com o senhor uma equipe internacional para que nós nos beneficiemos com sua experiência. Juntos, conseguiremos tirar o mundo da crise e levá-lo à cura, e demonstrar uma ideologia de grande alcance para o Empresariado e o Trabalho”.

Esquerda e Direita para o Oriente e o Ocidente

Em resposta a esse convite, Buchman veio e trouxe com ele quatro peças de teatro e uma equipe internacional de duzentas pessoas de 35 nações. Permaneceram seis meses na Índia, viajando por todo o país, visitando Mumbai, Ahmedabad, Deli, Lucknow, Hyderabad, Madras, Bangalore, Calcutá e Srinagar.

No seu primeiro dia em Nova Deli, Buchman e sua equipe visitaram Raj Ghat e deixaram uma coroa de flores em homenagem a Mahatma Gandhi. Mais tarde, Buchman teve a rara honra de falar a um grande número de membros das duas casas do Parlamento na *Lok Sabha* (*Casa do Povo*, em hindi), presidida pelo Vice-Presidente da Câmara. Em seu discurso, ele falou da sua visão para a Índia, o que ecoou nos corações e mentes de muitos parlamentares que o ouviam.

Em Janeiro de 1953, foi realizada uma Assembleia Pan-Asiática em Nova Deli. Discursando nessa ocasião, o Dr. Buchman deixou sua mensagem de ano novo para o povo da Índia:

“Os homens têm fome de pão, de paz e de esperança de uma nova ordem mundial. Diante de uma união guiada por Deus, todo problema será solucionado. As mãos estarão cheias de trabalho, os estômagos, de comida, e os corações vazios, de uma ideologia realmente satisfatória. É o que quer o Rearmamento Moral. Ele dá fé aos que não têm nenhuma, mas também ajuda os homens de fé a viver de maneira tão convincente que as cidades e nações se transformam. Nações onde todos se importam e compartilham o bastante para que todos tenham o suficiente e sirvam de modelo para uma nova ordem econômica e social para esta e todas as gerações futuras”.

“Uma nação em paz consigo mesma trará paz para o mundo. Uma nação que torna a ideologia de “O Que É Certo” reinante nas vidas pessoal, industrial, política e nacional será a pioneira do novo passo histórico do progresso e o destino de toda a humanidade”.

O presidente Rajendra Prasad recebeu Buchman e toda a sua equipe no Rashtrapati Bhavan (Palácio Presidencial, em sânscrito). O Dr. S. Radhakrishnan (mais tarde seria o presidente) também convidou a ele e sua equipe para o chá. No dia três de Janeiro, o Primeiro-Ministro Jawaharlal Nehru veio para o chá e conversou por meia hora com Buchman no Palácio do Governo em Jaipur (capital do estado de Rajastão), que havia sido disponibilizado pelo Primeiro-Ministro. O Pandit (Mestre) Nehru ficou visivelmente comovido quando o coral internacional cantou o hino nacional indiano e outras canções, especialmente a *Canção da Índia*.

Uma das peças do RAM foi apresentada para vinte mil trabalhadores na sessão anual do Congresso Nacional Indiano em

Hyderabad (capital do estado de Andhra Pradesh). Em Madras, no começo alguns estudantes fizeram passeatas em frente ao teatro com cartazes e panfletos usando slogans tirados das transmissões de rádio de Tashkent (capital do Uzbequistão) e de Moscou. Mas logo o entusiasmo geral do público pelas peças do RAM atraiu os manifestantes para dentro do teatro e a agitação acabou. Na verdade, o interesse do público pelas peças foi tamanho que o elenco teve que realizar apresentações ao ar livre às quais compareceram milhares de pessoas. O estúdio Vauhini, em Madras, construiu um palco especial, o maior da Índia e, em alguns dias, o elenco chegou a fazer três apresentações para acomodar as multidões que esperavam pacientemente.

Em Calcutá, a disparidade entre ricos e pobres e o conflito da guerra de castas eram ainda mais evidentes para os visitantes. Mas logo a equipe do RAM conquistou os corações de muitas pessoas de todas as castas, incluindo vários líderes sindicalistas. Sibnath Nanerji, presidente do forte movimento socialista que congregava 800.000 pessoas - a Hind Mazdoor Sabha (terceira maior federação sindical da Índia) - foi atraída para o RAM ao ver as peças e ao conhecer pessoas como Geoffrey Daukes (Grã-Bretanha), Gordon Wise (Austrália) e Cecil Morrison, o “padeiro feliz” do Canadá. Quando jovem, ele tinha ido em peregrinação até a Moscou para o funeral de Lênin, em 1924, mas o comunismo não o conquistou. Era o verdadeiro defensor dos trabalhadores e dos pobres. Tornou-se adepto ativo do trabalho do Rearmamento Moral na Índia e no Mundo. Outro grande líder sindicalista que se tornou um combatente do RAM por toda a vida foi Satya Narayan Banerjee.

De Calcutá, a equipe rumou para o oeste, para Srinagar (a capital de verão do setor indiano do Estado de Jammu e da Caxemira). O Xequê Abdullah, então Primeiro-Ministro da Caxemira, assistiu juntamente com sua esposa e filhos as peças do RAM. Ele disse a Buchman: “Você têm aqui a solução para a Índia e o Paquistão.

Requer paciência, eu vi a solução nas peças e ela é Deus”. Sua esposa acrescentou: “Quando vi a peça, sabia que o espírito de Deus estava presente. Não é algo que se veja muito no mundo hoje e pela qual ficamos agradecidos”.

Uma Nova Fase

O livro de David Young, *Iniciativas of Change in India (Iniciativas de Mudança na Índia)*, fala sobre as consequências da visita de Buchman e sobre a continuidade que as ações tiveram na Índia, bem como do seu alcance através da transformação nas vidas de muitas pessoas. Alguns dos eventos mais marcantes foram:

1) Na Assembleia Mundial do Rearmamento Moral em Caux, em 1953, esteve presente uma numerosa delegação indiana, consistindo de estudantes, sindicalistas, parlamentares, industriais, educadores e cidadãos destacados, que se alistaram na sequência da visita de Buchman à Índia. A experiência que tiveram em Caux foi bem explicada pelas palavras de um jovem: “Minha experiência em Caux foi além das minhas expectativas. Vi a aurora de uma nova civilização - um mundo sem ódio, preconceito, ganância ou exploração. Homens e mulheres de todas as crenças, raças, classes e cores de mais de cinquenta nações, de todos os continentes, estavam reunidos ali. Conhecer pessoas reais que tinham experimentado a transformação em suas próprias vidas e, como resultado, ajudaram a trazer vastas transformações sociais, econômicas e políticas, me convenceu de que o RAM é o caminho para a construção de uma nova ordem mundial de equidade e justiça”. Ele, como muitos outros, decidiu fazer parte dessa revolução global.

2) O trabalho do Rearmamento Moral na Índia iniciou uma nova etapa quando Rajmohan Gandhi retornou ao país em 1957 e decidiu dar tempo integral, apesar da grande oposição de sua

família e amigos bem-intencionados. Depois de se formar na Universidade St Stephen, Nova Deli, foi mandado por seu pai à Grã-Bretanha para um estágio de jornalismo no *The Scotsman*. Seu pai contou com a ajuda de Buchman para achar um bom lar do RAM que pudesse hospedá-lo em Edimburgo.

A qualidade de vida e o carinho daquela família deixaram uma grande impressão no jovem. Ele decidiu viver de acordo com as mesmas ideias que eles. Em suas próprias palavras: “Para mim, transformação significou comparar a minha vida com os padrões absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor. Significou devolver dinheiro ao Deli Transport Undertaking (Companhia de Transporte de Deli) por ter viajado em seus ônibus sem pagar. Significou pedir desculpas a um amigo por ter sentido inveja por ele ser bem sucedido e popular. Significou escrever ao diretor da minha antiga escola para pedir perdão por ter colado numa prova. Significou ser completamente honesto com meus pais sobre como passava meu tempo e gastava o dinheiro que me enviavam. Significou a diminuição do meu interesse em mim mesmo e o aumento do meu interesse pelos outros. Significou fazer hora tranquila todas as manhãs, período em que a minha consciência e a minha voz interior, ou a voz de Deus, esclarecia minhas motivações e me ajudava a perceber onde eu tinha que mudar e me mostrava como eu poderia transformar as outras pessoas”.

Ele enfrentou uma decisão difícil quando seu pai faleceu repentinamente. Por ser o filho mais velho, havia uma considerável pressão sobre ele para arrumar um emprego e cuidar de sua mãe. Seu avô materno, C. Rajagopalachari, um amigo próximo de Gandhiji e o primeiro Governador-Geral da Índia e estadista sênior, coloquei nos ombros dela a sua responsabilidade filial. Devido a sua própria capacidade e com a história da família, havia muitos cargos aos quais o jovem Gandhi podia aspirar.

G. D. Birla, um grande industrial e amigo da família, dono do

jornal *Hindustan Times*, convidou Rajmohan Gandhi para trabalhar como assistente de redação no jornal do qual seu pai havia sido redator-chefe até sua morte. Era uma posição de considerável prestígio e poder, além de ser um emprego confortável e seguro. Rajmohan Gandhi recusou a oferta, dizendo: “Quando Mahatma Gandhi voltou da África do Sul, sua família queria que ele voltasse para sua carreira jurídica. Em vez disso, ele pôs seus planos pessoais de lado para libertar este país. Agora existe uma tarefa ainda maior que libertar o país. A tarefa agora consiste em salvar o mundo das ditaduras, da corrupção e das guerras. Vou colocar o RAM em primeiro lugar”.

3) Uma visita a Caux em 1953 de uma delegação vinda de Kerala (estado no Sudoeste da Índia), que consistia de líderes de diferentes comunidades, incluindo Mannath Padmanabhan, líder comunidade hindu Nair (casta mais alta de Kerala), e P. T. Chacko, católico e líder do Partido Congressista na Assembleia Legislativa de Kerala. Dali surgiu um novo entendimento e unidade entre os líderes de diferentes comunidades, pondo fim às disputas de facções dentro do Partido Congressista. Kerala fez história em 1957 quando, pela primeira vez no mundo, um governo comunista foi eleito através de um processo democrático livre. Mannath Padmanabhan falou em Caux: “O comunismo cresceu no mundo porque nós não demos ouvidos aos ensinamentos de Krishna, Buda e Jesus Cristo. Nós temos tido religiões, princípios morais e ideais austeros. Profetas e sábios falam sobre eles há milhares de anos, mas não os temos vivido. Na medida em que nos mantemos unidos para nos livrarmos do egoísmo, vivendo a pureza e dedicados a Deus, nossos esforços serão coroados com o sucesso. Frank Buchman é um guru. Ele descobriu os princípios nobres e fundamentais que levarão a humanidade a uma vida melhor e à prosperidade. A chave é transformar os homens. É o único caminho nesta era atômica”.

4) Numa entrevista coletiva concedida em Nova Deli em Agosto

de 1963, Rajmohan Gandhi, juntamente com outros líderes de Kerala, falou sobre um plano ousado para encorajar milhões de indianos a lutar pelo Rearmamento Moral com a mesma paixão com que lutaram pela libertação política. A declaração dizia: “Tão mortal quanto o perigo vindo da China é a doença interna da Índia. Ela está na inveja, na impureza, no ódio e no medo. Produziram-se divisões, subornos, distração e frustração. Se não for combatida, certamente nos levará à anarquia e à ditadura”.

“A força dos indianos está determinada a destruir a raiz dessa nossa doença nacional. Esses homens e mulheres prometeram a Deus transformar o caráter da nossa nação. A meta é fazer do Rearmamento Moral a força dominante em todas as esferas de nossa vida nacional - política, administração, negócios, educação e defesa”.

“Nossa meta é uma nova ordem social onde os homens já não trapaceiem, insultem, idolatrem, corrompam ou explorem o próximo. Onde a nação seja unida porque suas famílias são unidas. Onde homens e mulheres vivam como os filhos e filhas de Deus. Criar esta nova ordem no mundo deve ser a meta unificada de nossa nação. A luta por uma Índia limpa, forte e unida precisará de mais dedicação e sacrifício do que foi necessário para a luta pela liberdade”.

Marcha sobre Rodas

5) Eles anunciaram que uma vigorosa campanha nacional - uma Marcha sobre Rodas, para alertar e recrutar milhões de indianos para a batalha pelo Rearmamento Moral - começaria no dia dois de Outubro, partindo de Kanyakumari (vila no estado indiano de Tamil Nadu. É o ponto mais a Sul da Índia e do subcontinente indiano) e indo na direção de Deli. “Nosso objetivo é fazer com que a Índia seja uma nação de um só coração, uma só mente e uma só meta. Consciente de nossas deficiências, mas confiantes

no poder de Deus, prometemos lutar por essa revolução, custe o que custar (...) Convocamos a cada homem e mulher patriota a se unir a nós nessa batalha”.

As marchas consistiam de um núcleo de indianos comprometidos e alguns estrangeiros. Durante sete semanas, uma equipe de 75 pessoas viajou de ônibus, partindo de Kanyakumari e rumando para Nova Deli, parando em cidades e vilas nos estados de Kerala, Mysore, Madras, Hyderabad, Orissa, Bengala, Bihar e Uttar Pradesh. Falaram em reuniões com todos os tipos de pessoas - estudantes e trabalhadores, industriais e sindicalistas, camponeses e comerciantes, cidadãos e líderes, homens e mulheres. Para todos, a mensagem era a mesma. A criação de uma Índia forte, limpa e unida requeria que as pessoas fossem diferentes. O desafio de Rajmohan Gandhi era simples:

- Aceitar os padrões morais absolutos em sua própria vida e permitir-se ser usado para dar uma liderança o país;
- O homem comum que ouve a sua voz interior pode fazer coisas incomuns;
- Uma Índia limpa, justa, forte, unida e honesta em casa, proclamando audaciosa e corajosamente uma revolução que vá além do comunismo e do anticomunismo e para o mundo todo, é a Índia que devemos lutar, com a direção de Deus, para criar.

O clímax da Marcha foi a Assembleia das Nações do Rearmamento Moral, cuja abertura ocorreu em Vigyan Bhavan, Nova Deli, em 24 de novembro.

A criação de Asia Plateau

6) A ideia de construir um centro de conferência e treinamento para o Rearmamento Moral surgiu da experiência de conduzir acampamentos de treinamento para os jovens que tinham

respondido com entusiasmo ao desafio de construir uma Índia limpa, forte e unida. Impressionados com as incríveis transformações dos jovens e inspirados pela visão que tinham para a Índia, os cidadãos de Panchgani (muitas vezes referida como a Meca de Maharashtra, é uma pequena estação na montanha - 1.292 metros- no estado de Maharashtra), incluindo vereadores, professores e cidadãos da terceira idade, insistiram com Rajmohan Gandhi, Russi Lala e outros, que deveria ser construído ali um centro permanente de treinamento para os jovens, e ofereceram-se para ajudar a encontrar o local adequado.

A construção do centro foi um ato de fé desde o início. Os primeiros passos para a compra do terreno foram dados em 1965. A construção começou em Janeiro de 1967, sendo que a primeira etapa foi concluída em Janeiro de 1968; a segunda etapa, em Janeiro de 1969; e a terceira etapa, que incluía um grande auditório, salas de reunião, refeitórios e serviços, foi concluída no início de 1972.

Há quatro décadas homens e mulheres, jovens e velhos, em todos os estágios da vida, de todas as classes, raças e religiões, vêm a Asia Plateau, chegando de toda a Índia e de outros países da Ásia, África, Europa, Américas do Norte e do Sul e Austrália, e têm experimentado aqui uma mudança de atitude, motivação e comportamento. Muitos encontraram uma nova visão e um novo propósito para suas vidas, fazendo uma diferença em suas vidas pessoais, nas famílias, no trabalho, nas comunidades e nas nações.

Um importante jornal se referiu a Asia Plateau como “um farol de esperança”. Um jovem líder da Indonésia disse: “Asia Plateau pode estar localizado na Índia, mas pertence à Ásia”. O *Sunday Standart* escreveu: “O Centro de Treinamento do Rearmamento Moral está destinado a transformar os corações e as mentes das pessoas. Daqui sairão homens e mulheres treinados, sua tarefa ambiciosa será remodelar a nação. Ele ajudará a moldar a

juventudes da Índia para a tarefa de liderar a Índia, a Ásia e o mundo; dar à mão-de-obra industrial o treinamento necessário para lutar não apenas por um salário justo, mas também por uma jornada de trabalho honesta; ajudará comerciantes e industriais a priorizar as pessoas ao invés do lucro; treinar professores para revolucionarem o padrão educacional; dar aos camponeses o treinamento suficiente (...) e instigar em cada homem e mulher a necessidade de cuidar da família, dos vizinhos, da comunidade e do mundo”.

Buchman sempre acreditou que o homem comum inspirado por Deus poderia fazer coisas incomuns. Talvez aqueles que estão um pouco além do comum possam deixar uma marca de alcance ainda maior.

Vale a Pena Tentar

Iniciativas de Mudança se multiplica através das iniciativas inspiradas de todos os tipos de pessoas. Um dia, no final de 1973, chegou a Asia Plateau uma carta do presidente de uma grande indústria têxtil de Mumbai. Ele perguntava se, estando agora o centro concluído e em operação, ele poderia mandar seus 5.000 funcionários em grupos para um treinamento sobre o Rearmamento Moral. Você pode imaginar o tipo de discussão que tal carta gerou! Poderia o centro aceitar essa tarefa? Havia estrutura suficiente para lidar com uma coisa assim? Acima de tudo, quem forneceria o treinamento e os treinadores para essas pessoas da indústria?

Alguns queriam responder que, embora desejassem responder positivamente a essa solicitação, eles não se sentiam preparados e equipados para levar adiante um projeto desse porte. Outra sugestão era que talvez Deus quisesse abrir uma porta e se não aproveitassem, perderiam outras oportunidades.

Finalmente, um dos administradores do Centro disse que sentia

que valia a pena tentar. Se a tentativa desse certo, ótimo, se não, só o nosso orgulho sofreria.

E assim, para começar, concordou-se em planejar três seminários, um por mês durante três meses, para grupos de aproximadamente 75 funcionários por vez. Foi sugerido ao presidente que cada grupo deveria consistir de uma amostra representativa do quadro de funcionários, desde os gerentes seniores até os empregados da linha de produção. Eles viveriam e comeriam juntos no Centro, independentemente de sua posição na empresa, e todos seriam tratados igualmente. Para um curso indiano naquela época isso era muito incomum.

Outro pedido foi feito: que alguns representantes de outras empresas fossem convidados para ter a chance de avaliar ações semelhantes em suas respectivas empresas. Concordou-se com tudo e os três primeiros seminários foram marcados. Para ajudar na realização desses seminários, algumas pessoas da indústria, que tinham a experiência de transformação pessoal e sua aplicação no local de trabalho foram convidadas para participar e ajudar.

Após os seminários-teste, concordou-se em continuar e realizar cerca de 10 cursos desses por ano. Um pedido inesperado surgiu dos que tinham participado dos primeiros seminários. Devido às profundas mudanças ocorridas com alguns dos participantes, algumas esposas queriam saber como isso tinha acontecido e como elas poderiam participar e aprender mais. Elas queriam saber o que havia transformado seus maridos em relação a coisas simples como beber demais, gastar demais e não ajudar nos problemas da família. Assim, ficou combinado que as esposas poderiam acompanhar seus maridos, se desejassem, e a empresa arcaria com os custos extras, visto que reconhecia o valor do apoio das esposas e das famílias.

Um efeito indireto foi que cada vez mais empresas começaram a

mandar seus funcionários e, em muitos casos, a ter programas de continuação nas suas fábricas, e uma nova cultura industrial começou a se desenvolver no país. Isso foi particularmente notável quando grandes empresas passaram a enviar seus funcionários. E continua assim até hoje.

Gerenciamento de efetivos como chave para manter o moral elevado

Outro desenvolvimento bem diferente aconteceu em Asia Plateau com a visita, há aproximadamente 15 anos, de um general do exército da vizinha cidade de Pune. Ele tinha passado as férias em uma estação adjacente e veio verificar o que estava acontecendo ao passar por um campus agradável com construções elegantes e belos jardins. Naquela época, ele estava comandando o Instituto do Exército de Integração Nacional (Army Institute of National Integration - INI).

Deve ser mencionado aqui que o exército sempre teve em alta conta o gerenciamento de efetivos como chave para manter o moral elevado no serviço. E, naturalmente, a reputação do exército indiano é alta devido às campanhas durante a Segunda Guerra Mundial no Norte da África, Itália e Burma até hoje. O primeiro Chefe do Estado Maior indiano, general K. M. Cariappa, tinha dado suporte à visita de Buchman entre 1952-53 e continuou a fazê-lo até sua morte.

A criação do INI em Pune buscava manter o alto nível do exército e assegurar a unidade, da qual dependia grandemente a eficácia. O exército indiano, o quarto maior do mundo, é formado por um quadro variado de etnias, línguas e origens religiosas, a exemplo do que é a Índia como país. As unidades têm seus próprios líderes religiosos apropriados à formação das unidades. No mundo ocidental, eles seriam o equivalente aos capelães do exército. Na Índia, naturalmente, eles são hindus, mulçumanos, sikh e cristãos,

dependendo da unidade em questão.

O INI foi estabelecido para que esses líderes religiosos pudessem entender as outras crenças tanto quanto à sua própria e, assim, ajudassem a propiciar uma estrutura de unidade para o exército. Para isso, o INI promove cursos de duração de um mês com cerca de cinquenta pessoas por curso. Era esse o estabelecimento que aquele brigadeiro comandava na época de sua visita ao centro Asia Plateau. Antes de partir, perguntou se seria possível enviar alguns dos participantes do curso do INI ao centro por um dia para estudar que tipo de treinamento era ministrado. Ficou combinado e o primeiro grupo chegou. O resultado foi tão satisfatório que o general perguntou se esse tipo de visita poderia ser incluído no programa de todos os cursos. Tal proposta não só foi prontamente aceita, mas também, após algumas visitas, foi estendida para dois dias, para que os participantes se beneficiassem ao máximo. E continua assim até hoje.

Governança Ética para o País

Outra iniciativa resultou da visita a Asia Plateau, três anos atrás, de um homem chamado Prabhat Kumar. Ele havia sido Secretário de Gabinete em Deli e, ao se aposentar, tornou-se governador de um dos estados indianos. Agora, tendo se aposentado deste último cargo, veio como observador em um programa do centro e ficou impressionado não apenas com o espírito dos participantes, mas também com as transformações das pessoas presentes. Começou a considerar a aplicação desse tipo de treinamento aos membros do Serviço Administrativo Indiano (Indian Administrative Service - IAS), que fornece a estrutura para a administração do país em todos os níveis.

Juntamente com outro Secretário de Gabinete aposentado, propôs uma reunião de quatro dias para 30 a 40 funcionários do IAS para ver se esses funcionários, homens e mulheres, considerariam a

experiência válida em seu trabalho e na administração do país. Estabelecer uma “governança ética no país” era a meta de Kumar, mas isso só seria possível se esses funcionários do IAS estivessem prontos a pôr em prática a ética eles mesmos.

O primeiro grupo a se reunir estava plenamente a favor de esta ser um elemento regular do treinamento e da vida de seu grupo. Assim, um segundo curso foi marcado e concluído. Alguns comentários ilustram o que o curso significou para eles.

Com 40 anos de experiência como funcionário público, Prabhat Kumar falou com profunda convicção e paixão. Ele disse que os quatro dias que estiveram juntos possibilitaram a todos pensar juntos como uma comunidade. Olhando para trás no corredor dos tempos, disse ele, as boas práticas estavam na moda no nascer da independência. Havia espaço suficiente para os servidores trabalharem. As Boas práticas foram legitimadas sem a interferência ilegítima dos políticos. Essa fase de respeito mútuo continuou até o final dos anos 60. Seguiu-se a fase dois. Imprecisão e formalidade tomaram conta do serviço público. Os políticos tomavam as decisões e os servidores meramente implantavam o que eles determinavam. Kumar sentia que a consistência interna deveria ser restabelecida e as áreas claramente marcadas para um serviço público politicamente neutro.

A Transparência Internacional classificou a Índia em 83º lugar, entre 133, no seu ranking de governos honestos. O remédio mais potente para uma mudança é a “Clareza das Informações”, pensava Kumar. Ética é uma opção pessoal. É necessário estar preparado para as críticas e também para prosperar com a nova escolha. Insistiu com os participantes para que dessem prioridade à preparação do projeto e frisou a importância da micro gestão dos projetos, especialmente na áreas mais atrasadas, visto que isto solucionaria o problema da pobreza que prevalece nos povoados da Índia mesmo 50 anos depois da independência.

Ao fim dos cinco dias de encontro, as avaliações variaram de “excelente” a “incrível”. Na opinião de alguns participantes, não somente as histórias positivas deveriam ser enfatizadas, mas também as histórias de luta. Shailaja Chandra, funcionária sênior do IAS e ex-diretora da Ouvidoria, articulou um importante discurso sobre o papel dos funcionários do IAS no dia-a-dia. Ela insistiu numa questão muito importante que fez todos refletirem: “Os fins importam tanto quanto os meios”, dizendo que o núcleo da conduta deve estar fortemente embutido de valores. Também enfatizou que os altos ideais de honestidade, dever e verdade devem sempre ser mantidos na vida pública. Ao atingir esses fins, uma importante marca pessoal seria alcançada. Concluiu dizendo que líderes éticos devem escolher o bem público e não o ganho pessoal.

A visão dos iniciadores desse programa é que ele trará uma onda de mudanças na governança do país, sendo que o subproduto será a melhoria da posição da Índia no ranking da Transparência Internacional, além de dar à população confiança renovada na administração pública.

10

Brasileiros Comuns fazendo Coisas Incomuns

Por Luis Puig

Um ex-sindicalista na Guatemala, Luis Puig representou seu país na OLT em Genebra. Conheceu Frank Buchman em 1952, e trabalha em tempo integral com Iniciativas de Mudança desde 1956. Trabalhou na Varig por 22 anos. É casado com Evelyn, da Áustria, e juntos têm dois filhos adultos.

“Frank Buchman nos disse que o Brasil não está destinado apenas a exportar o melhor café para o mundo mas também a melhor ideia!”

A familiaridade com a qual portuários durões, pobres e trabalhadores do Rio de Janeiro, Santos e Recife se referiam a Frank Buchman me pareceu pretensiosa quando ouvi pela primeira vez. Porém, quando conheci melhor a eles e a seus amigos, percebi que as ideias de Buchman haviam se tornado parte de suas vidas. Alguns deles o haviam conhecido e conversado com ele nas conferências internacionais do RAM em Mackinac ou em Caux.

Carlos Anselmo, líder dos enfiadores de café no movimentado porto de Santos, próximo a São Paulo, surpreendeu seus camaradas quando admitiu ter usado fundos do sindicato para

benefício próprio. Pediu desculpas e apresentou sua demissão. Ele disse: “Como socialista, quero ajudar a construir uma nova sociedade, mas não posso fazê-lo se eu for desonesto”. A princípio, houve clamores raivosos exigindo sua punição e expulsão, mas os ânimos se acalmaram quando um impetuoso velho combatente comunista interferiu. “Quietos! Quem entre vocês teria a coragem de fazer o que o camarada Anselmo acabou de fazer?” Sua demissão foi aceita, não obstante. Depois disso, alguns queriam saber o que havia causado a mudança em Carlos, e um novo espírito começou a se desenvolver no porto. Carlos e sua esposa, mais tarde, foram convidados a diferentes partes do mundo para falar sobre suas ideias recém-descobertas. Uma mulher de São Paulo, esposa de um grande industrial, viajou com eles, arcando com os custos, para servir de tradutora.

Reino do Terror

Os portuários do Rio eram durões. Na hora em que uma equipe de Buchman chegou ao Rio de Janeiro, as manchetes dos jornais diziam: *Reino do Terror no Porto*. Algum tempo depois, um grupo de trinta portuários foi convidado para uma reunião noturna no apartamento alugado para o trabalho do Rearmamento Moral. No grupo havia membros de facções rivais em guerra.

No curso da reunião, um jovem europeu perguntou:

- Deus criou o mundo, não é verdade?

Eles fizeram que sim.

- Se é assim, então ele deve ter um plano para o mundo.

Eles concordaram de novo.

- Como vamos saber qual é esse plano, então?

- Nós não sabemos, - eles responderam.

- Bom, - continuou ele -, nós descobrimos que, se dedicarmos tempo a ouvir em silêncio, Deus muitas vezes põe um pensamento em nossos corações.

Então foi sugerido que os homens fizessem silêncio. Depois de um tempo, Damásio, o mais durão dos agitadores, disse:

- Deus me disse: “Damásio, venda os seus dois revólveres, uma faca é o suficiente”.

Outras pessoas na sala acharam que aquele era um pensamento estranho para vir de Deus. Mesmo assim, Damásio os vendeu e, nos 18 meses seguintes, a maioria das armas havia desaparecido do porto. Naquela noite, provavelmente havia mais revólveres do que homens na sala!

Juntamente com pessoas de outros estilos de vida, os portuários de Santos convidaram seus colegas do Rio para ouvir o que eles haviam descoberto. Os cariocas estavam divididos e, de início, não quiseram se reunir nem conversar, um grupo representando o sindicato oficial legítimo e outro representando um sindicato não oficial dissidente. O último incluía radicais extremistas e agitadores. Contudo, no final os dois grupos voltaram unidos para casa, tendo resolvido suas diferenças. O maior jornal do Rio de Janeiro publicou na sua manchete: “Pela primeira vez, eleições democráticas no porto do Rio”.

“Frank”, ao invés do mais formal “Dr. Buchman”, era o nome usado por outros setores da sociedade como, por exemplo, por Luiz Dumont Villares e sua esposa Leonor Diederichsen Villares. Luiz era o presidente da Aço Villares, na época a maior companhia siderúrgica privada da América Latina. O casal fretou um avião cheio de portuários, sindicalistas e industriais para irem à assembleia mundial do Rearmamento Moral. Buchman os ajudou a se tornarem uma sociedade de amigos com um propósito. “O Brasil não está destinado apenas a exportar o melhor café para o mundo, mas também a melhor ideia”, disse

ele.

A Senhora Villares posteriormente doou uma bela casa que serviu durante muitos anos como centro do RAM em São Paulo, a maior cidade do Brasil.

“Homens do Brasil”

Honestidade com suas esposas, com seus patrões e entre eles mesmos, juntamente com uma visão para o seu país, foram as experiências reunidas no que se tornou o filme *Homens do Brasil*. Nele, cada homem interpretou a si mesmo na história real. Altamente motivados, esses homens e suas esposas, alguns analfabetos, fizeram algo que surpreendeu e despertou interesse de outros setores da sociedade. O filme foi possível graças ao trabalho voluntário de profissionais e contribuições generosas de diferentes partes do mundo. Dublado para 23 línguas, foi exibido em quase todos os continentes, especialmente nos portos. Atualmente, a versão em hindi faz parte de um programa regular de seminários industriais para trabalhadores e gerentes que acontece em Panchgani, no Ocidente da Índia, no centro de Iniciativas de Mudança nesse vasto e populoso país.

O legado de Frank Buchman na América Latina surge em lugares inesperados. Suas visitas ao México, Chile e Peru, décadas antes, deram a ele uma ideia da vida no continente. Eu estava na Cidade do México alguns anos atrás. Numa tarde, recebemos a visita de um taxista que tinha ouvido sobre a nossa presença. Ele tinha dirigido para o Dr. Buchman anos antes. Era um homem idoso e tranquilo. Disse: “Minha vida nunca mais foi a mesma desde que o conheci”.

A influência de Buchman se estendeu de portuários a líderes de comunidades carentes, as favelas, que proliferaram (mais de 600) na cidade do Rio de Janeiro. O brigadeiro Antônio Muniz e sua esposa, recém chegados de uma conferência do RAM onde

redescobriram sua fé católica, convidaram alguns portuários do Rio à sua casa para serem apresentados a alguns líderes comunitários que conheciam. Os portuários falaram do significado das mudanças nas suas vidas, para eles mesmos e para as condições no porto. Enquanto faziam um momento de silêncio, um dos comunitários disse: “Temos que dizer ao governador que os favelados não são um milhão de problemas, mas sim dois milhões de mãos que podem ser postas para trabalhar”. Com essa convicção e com histórias para contar, conseguiram uma reunião com o governador. Depois de ouvir o que tinham a dizer, o governador falou: “Pela primeira vez encontro um grupo de homens unidos com um propósito claro. Podemos trabalhar juntos”. O estado forneceu o dinheiro e as ferramentas e os comunitários, a mão-de-obra. Os comunitários também pediram para ficarem responsáveis pelas obras, e foi aceito. Dois anos e meio depois, aproximadamente meio milhão de pessoas das favelas havia sido transferido para casas decentes.

Ao mesmo tempo, um industrial e um portuário decidiram que iriam juntos de uma favela para outra, muitas espalhadas pelos morros da cidade, para exibir o filme *Homens do Brasil*.

Um resultado brilhante se...

Quando Peter Howard - o esportista e jornalista britânico que esteve à frente do Rearmamento Moral após o falecimento de Buchman - esteve no Brasil em 1965, ele elevou o desafio de Buchman a um novo patamar. Deixou claro que um futuro sombrio estava reservado para o país se os padrões morais não fossem vividos pelos homens no poder. Mas também delineou um resultado brilhante para o Brasil, em termos de igualdade e de melhoria social, se homens e mulheres colocassem suas vidas sob a autoridade de Deus. Usando a própria experiência de vida, ele falou diretamente àqueles que eram os mais temidos na época, os militares e outras pessoas que apoiavam a ditadura que controlava

o país. Foi ouvido e era altamente respeitado em todos os círculos.

Howard levou muito a sério a experiência de Luiz Pereira - um homem muito simples, líder comunitário do Morro São João. Pereira, por sua vez, levou a sério o que tinha aprendido sobre Frank Buchman. Pereira entendeu que qualquer um, em qualquer lugar, pode ouvir sua voz interior, transformar-se e então ajudar os outros a se transformarem e a trabalharem juntos para mudar as condições sociais.

Um dia, enquanto trabalhava, Luiz teve o pensamento de que o ministro responsável pelas condições sociais deveria ouvir sobre o seu projeto para transferir as pessoas de sua comunidade. Pereira pegou o telefone e conseguiu falar diretamente com o ministro, um general do exército (os militares estavam no poder na época). Ele ouviu o que Pereira tinha a dizer. O general mobilizou o material e a mão-de-obra. O resultado pode ser visto hoje, trinta anos depois, em blocos de apartamentos modestos de propriedade e mantidos pelos ex-moradores da comunidade.

Ao longo dos anos, Pereira tem ensinado o que aprendeu com convicção e paixão a outros líderes comunitários e moradores das favelas da cidade. Aproximadamente uma vez por mês ele leva grupos ao Sítio São Luiz, 60 km ao Norte do Rio, um lugar considerado por muitos como o centro de Iniciativas de Mudança na América Latina. Muitas vezes taxistas se juntaram a eles, assim como industriais, sindicalistas, figuras militares, e todos os tipos de pessoas que capturaram o espírito de Buchman.

Os taxistas do Rio eram notórios por enganar os turistas, assim como por trapacear no preço das corridas com os moradores da cidade. Seus veículos costumavam ser sujos e sem manutenção. Não raro brigavam pelos melhores pontos para atrair passageiros. Alguns eram explorados por donos de carro gananciosos.

Um homem, Américo Martorelli, levou as ideias de Buchman a

sério. Parou de beber e teve uma conversa honesta e franca com sua esposa. Disse ele: “Não quero apenas ser um homem melhor, quero levar essas ideias para os meus colegas”. Ele e outros taxistas já haviam tentado começar uma cooperativa de taxistas, mas não obtiveram sucesso. Eles queriam se livrar das diárias exorbitantes cobradas pelos donos dos táxis, e, finalmente, ter seus próprios carros. Agora eles podiam solucionar todas essas coisas.

Duas cooperativas de táxi foram criadas depois que outros taxistas passaram a adotar o mesmo espírito e as atitudes que Martorelli havia descoberto. Um deles chegou a incluir os padrões morais absolutos do Rearmamento Moral nos estatutos. Cada cooperativa podia ter, no máximo, 250 filiados, de acordo com as regulamentações. As notícias do sucesso se espalharam. Atualmente existem inúmeras cooperativas de táxis, com diferentes grupos, copiando uns aos outros, todos baseados nos mesmos princípios das duas primeiras, mesmo que nunca tenham ouvido falar de Buchman ou do RAM. Toda cooperativa tem um comitê de ética que julga qualquer erro de conduta dos membros. Numa cidade com 8 milhões de habitantes, algo realmente mudou para melhor.

A segunda geração de portuários agora faz a sua parte. Um deles, que era adolescente quando *Homens do Brasil* foi filmado, é agora vice-presidente da diretoria de Iniciativas de Mudança no Brasil. Outro, o filho do primeiro presidente eleito do Sindicato Unido dos Portuários, é o único professor negro da melhor escola de treinamento de oficiais militares do país, a Escola Superior de Guerra. Ele vive de acordo com os princípios que aprendeu com seu pai. Outro, que cresceu no porto, disse: “Se não fosse pelas ideias (de Buchman) que me foram ensinadas pelos meus amigos de IdeM, eu seria um homem sem futuro e sem princípios”. Ele se tornou um próspero advogado: “As pessoas muitas vezes esperam que eu lide com seus assuntos de maneira desonesta. Eu lhes falo

sobre o caminho correto, que aprendi com o RAM. Elas saem mais felizes do meu escritório e eu posso levar dinheiro honesto e uma consciência limpa para casa”.

Os portuários levaram sua experiência para a Argentina, a convite do Ministro do Trabalho; para a Itália, a convite do bispo de Bari; e para a Índia, Canadá, EUA e outras partes do mundo. O legado do extraordinário Frank Buchman ainda vive!

11

A Inspirada Ideologia de Buchman para a América

Por Jarvis Harriman, Bob Webb & Dick Ruffin

Jarvis Harriman aprendeu sobre o Rearmamento Moral com seu pai, cuja fé como clérigo foi renovada após conhecer Frank Buchman. Após servir no exterior durante a Segunda Guerra Mundial, Jarvis trabalhou com o RAM nos EUA e Canadá, Suíça e na Europa e Ásia. Atualmente, ele e sua esposa moram em Tucson, Arizona.

Meu pai era um clérigo episcopal; ele foi designado para uma paróquia importante no coração da Filadélfia, onde os ricos usavam a igreja para casamentos e velórios e lhe davam apoio financeiro, e onde operários e executivos daquela vizinhança iam orar. Meu pai estava muito desmotivado, profissional e espiritualmente, com o estado da “religião organizada”. Ele a considerava esvaziada.

Então, um dia ele conheceu o Dr. Frank N. D. Buchman e seu *Grupo de Oxford*. Eles o desafiaram a começar uma revolução ele mesmo. Parou de fumar acendendo um cigarro no outro. Passou a ser sincero com sua esposa e filhos. Tornou-se um cristão dinâmico. Isto me interessou, então aos 10 anos de idade, o suficiente para me juntar a ele algumas manhãs em seu escritório para “ouvir a Deus”. Eu escrevia alguns pensamentos - começando com a confissão ao dono da lojinha do bairro e sua

esposa que eu havia roubado algumas balas, e pagando a eles o que eu achava que lhes devia. Houve outras coisas parecidas - na verdade, eu era um ladrão, roubava dos meus vizinhos, e dos meus colegas na escola. Eu pedi desculpas e restituí o que pude.

O tempo passou. Tentei viver esse tipo de vida na faculdade; então veio a guerra e surgiu um programa para adiar a faculdade, e eu me alistei. Duas semanas após a minha formatura, estava vestindo um uniforme. Foi oferecido um treinamento de oficiais; eu “ouvi” a minha voz interior e decidi deixar que o exército fizesse o que bem entendesse comigo. Uma comissão, com a guerra claramente chegando ao seu clímax, me pareceu que faria mais bem ao meu ego do que ao exército. Fui mandado para treinamento como técnico de laboratório médico e enviado para uma unidade pioneira no tratamento de casos de fadiga de batalha, e passei um ano em Saipan, no Oeste do Pacífico, até o fim da guerra.

Em Saipan, três coisas me surpreenderam: 1) os ataques aéreos, com milhares de aviões, eram coordenados na nossa ilha, um tremendo esforço de produção industrial e precisão militar; 2) havia 500 navios no nosso porto em preparação para planejada invasão do Japão; e 3) estávamos construindo, na ilha vizinha de Tinian, um hospital com 10 mil leitos já prevendo as baixas que sofreríamos durante tal ataque. Minha conclusão foi: quero passar os próximos anos da minha vida trabalhando para ver essa incrível capacidade de produção e coordenação ser usada completamente para atingir um objetivo importante - a construção de um mundo melhor. Decidi dar o meu tempo ao Rearmamento Moral, o que havia se tornado o programa do Grupo de Oxford.

Foi uma decisão intelectual, embora tivesse raiz no meu ser interior. Fui trabalhar com o Rearmamento Moral baseado numa grande mistura de convicções genuínas, pelas quais eu certamente agradeço a Deus. No entanto, não posso dizer que isso representou um despertar espiritual, uma revelação da estrada de

Damasco. Foi uma consequência natural de tudo que havia acontecido antes. Nos anos que se seguiram, ver pessoas como Irène e Victor Laure trabalharem, conhecer Max Lassman (o judeu francês membro da nossa equipe de palco de Caux) e John Riffe e sua família avançarem em sua nova vida, entre outros - tais coisas me motivaram a continuar essa mensagem diante das pessoas, onde elas a pudessem ver e sentir. Eventos como o trabalho em Washington com o musical *The Good Road* para apoiar a aprovação do Plano Marshall pelo congresso americano; apresentá-lo em cidades bombardeadas da Alemanha Ocidental e depois em Londres; como rodar com *Jotham Valley* pelos Estados Unidos, e depois pelo antigo Ceilão, Índia e Paquistão; e trabalhar de mãos dadas com um grupo incrível de homens e mulheres vindos de toda a África para levar ao palco sua peça *Liberdade*, e depois *A Experiência Culminante* com a inigualável Muriel Smith e sua companheira branca de equipe, Anne Buckles, primeiramente no palco e depois no filme - tudo isso valeu a pena mais do que qualquer coisa que eu pudesse ter feito na vida, e sem ganhar um tostão por isso!

E agora, estamos numa época diferente. Tenho 84 anos de idade; e a vida segue. O mundo está diferente. Qual é o legado de Frank Buchman em seu próprio país, os Estados Unidos?

Alcoólicos Anônimos

AA é um esforço pioneiro de autoajuda sobre como lidar com o vício do álcool, e por inferência, outros vícios. Começou com o trabalho que o Reverendo Samuel Shoemaker realizou com alcoólatras como uma extensão de seu treinamento com Frank Buchman. Seus esforços são reconhecidos, especialmente por Dick Burns, um advogado que mora em Honolulu, que tem escrito extensivamente sobre o assunto como “Dick B”.

É de se esperar que este modo prático de combater o alcoolismo

continue, como nos últimos 70 anos, a ser uma grande bênção para milhares de homens e mulheres em todo o mundo, assim como é nos Estados Unidos.

Do isolamento a uma nova visão mundial

O trabalho de Buchman nos Estados Unidos, nos anos 30, foi enriquecido pela presença de dezenas de homens e mulheres de todo o globo. Eles atacaram os problemas dos Estados Unidos nos sindicatos e nas disputas administrativas que bloquearam o caminho da produção de materiais vitais aos esforços crescentes de guerra na Europa, para que navios, tanques, aviões e armas pudessem fluir para a Europa que necessitava desesperadamente deles na luta contra a máquina de guerra nazista. Eles ajudaram a desenvolver instrumentos para inspirar o país a viver numa situação de ameaça de guerra - a crítica do musical *You can Defend America (Você pode defender a América)*, com seu manual com o mesmo nome, e o drama industrial *O fator Esquecido*. Essas produções teatrais e o material impresso que as acompanhava foram usados com entusiasmo pelo crescente movimento chamado Conselho de Defesa Civil (*Civil Defence Council*), criado pelo governo federal quase que em todas as comunidades em todo o país. A presença desses lutadores estrangeiros, e os esforços que fizeram, foi uma ponte viva que ajudou os Estados Unidos a partirem do isolamento para o total envolvimento na guerra.

Não se pode deixar de fora desse legado o livro de Daphne du Maurier, escrito durante a guerra, *Come Wind, Come Weather*, no qual ela narra histórias de efeitos semelhantes das apresentações e dos impressos, *You can fight for Canadá, Battle Together for Britain e You can fight for Australia*.

Levantei duas questões aqui: 1) a presença de membros da equipe internacional de Buchman durante a Segunda Guerra Mundial nos

Estados Unidos ajudou a tirar os EUA de seu isolamento e levá-lo à sua situação atual de potência mundial envolvida em assuntos globais; e 2) a obra de Buchman usava sketches e dramas musicais - o teatro - para passar uma mensagem que era aceita com entusiasmo pelas cidades que necessitavam de um programa de fortalecimento do esforço de guerra, e de construção de trabalho de equipe na indústria para tornar aquele esforço mais eficaz.

Os Evangélicos

A mensagem pessoal de Buchman era profundamente cristã - a experiência que teve em Kenswick, na Inglaterra, em Lake District em 1908, foi uma poderosa experiência pessoal da cruz de Cristo.

Contudo, sua mensagem, à medida que o Rearmamento Moral se desenvolvia ao longo dos anos, era muito mais simples e provou ter apelo universal. Nos anos 50, atraía universalmente comunidades de cristãos, muçumanos, budistas, hinduístas, judias, ateus, marxistas-comunistas. Os elementos que ela enfatizava eram:

1) Se deseja ver o mundo diferente, o lugar para começar é você mesmo. Examine honestamente a sua vida à luz dos padrões morais absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor; dedique um tempo para ver onde você não atingiu esses padrões especificamente; peça desculpas e, se possível, conserte o que tenha feito que possa ter magoado outras pessoas.

2) Buchman achava, juntamente com muitos outros homens de fé da história mundial, que, como disse Abraham Lincoln uma vez, quando o Todo Poderoso quer que você saiba de algo, Ele dá um jeito. Ouvir o espírito divino pode ser tão normal quanto respirar.

Há uma consciência na experiência humana, uma voz interna, uma liderança divina - há muitos nomes para se referir a ela - mas quando alguém dedica um tempo para ouvir abertamente, com vontade, ou orar, se essa for a sua “praia”, então os pensamentos vêm, tanto dramaticamente quanto simplesmente, e você poderá reconhecê-los como não oriundos de você mesmo. Compartilhar esses pensamentos com amigos de confiança, comparando-os com os padrões morais absolutos, pode levar ao acontecimento de coisas novas. Alguns chamarão a isso direção divina, outros de sua consciência, mas pode levar a resultados marcantes. Também pode levar ao desastre, como vemos em pessoas patologicamente delirantes; portanto, é um fenômeno que requer tratamento cuidadoso e honesto!

Ao longo de toda a sua vida, e nas conferências mundiais na Suíça e em outras ocasiões, Buchman descobriu que a mensagem simples de seus quatro padrões morais, desculpas honestas, reparação, a voz interna do coração das pessoas - e projetar essa qualidade de vida no palco mundial - “Como eu sou, assim é a minha nação” - falava às pessoas de todas as crenças ou sem crença. Sentiam um laço comum de humanidade e propósito com ele; podiam estar ao seu lado e trabalhar com ele. Ele seria de grande ajuda para os cristãos evangélicos que alienam a tantos no mundo secular moderno e na nossa nação de procedência internacional. Este poderia ser o aspecto mais significativo do legado de Buchman nos Estados Unidos atualmente.

Trabalho e Indústria

Isto é algo difícil de lidar, apesar de John Riffe, que se tornaria o vice-presidente executivo da AFL/ CIO (Federação Americana do Trabalho e Congresso das Organizações Industriais), num certo sentido ser o melhor exemplo de um homem que viveu uma transformação drástica em sua vida, e da aplicação em grandes áreas problemáticas envolvendo a trabalho e a indústria. O RAM,

involuntariamente, atrapalhou Riffe ao anunciar seu trabalho como obra do RAM. Tal fato alienou uma grande parte do movimento trabalhista.

Porém o fato permanece: para muitas pessoas envolvidas na indústria, o conceito simples de “o que é certo e não quem está certo” tornou-se um novo fator nas disputas industriais e, junto com a ideia dos quatro padrões e de ouvir a voz interior, tornou-se uma forma renovada de resolver situações aparentemente irreconciliáveis.

Esta é a parte-chave do legado de Buchman na América. Poderá voltar à cena várias vezes conforme o tempo passa, e precisa ser cuidada e alimentada.

Uma economia do espírito

Uma das necessidades gritantes no mundo de hoje é uma nova maneira de expressar um dos pensamentos-chave de Buchman: no mundo há o suficiente para as necessidades de todos, mas não para a ganância de cada um; se todos se importarem o suficiente, compartilharem o suficiente, não terão todos o suficiente?

Essa linha de pensamento poderia ser o grande presente da América para o mundo (poderia recair sobre a Índia, onde as pessoas que pensam podem muito bem nos ultrapassar ao serem os pioneiros de uma revolução econômica como essa).

George W. Bush anunciou uma política do “conservadorismo compassivo” na sua campanha presidencial em 2000. É uma pena que ele não tenha tido força de espírito ou imaginação para dar corpo a esse pensamento, como Buchman tentou fazer!

Entretanto, segue sendo uma tarefa para uma nação ou um povo realizar. Pense o que uma demonstração concreta de conservadorismo compassivo significaria para os chineses, que estão aprisionados entre os conceitos de uma sociedade planejada

e a liberdade da economia de mercado. E se eles pudessem ver que uma economia de mercado não significa ganância desenfreada, mas poderia significar, em vez disso, a preocupação de que cada mão tenha um trabalho significativo a realizar, cada estômago tenha comida suficiente, e cada coração tenha uma ideia que realmente satisfaz!

Reconciliação

Buchman e suas equipes trabalharam para curar as feridas da Segunda Guerra Mundial na Europa, oferecendo uma mão para trazer a Alemanha de volta à família de nações, e elevando as relações entre os sindicatos e as diretorias a um novo patamar na Europa e nos EUA. Apesar da intenção deliberadamente declarada da Internacional Comunista de se apoderar dos meios de produção na Inglaterra, França, Alemanha e Itália, eles viram as criativas ideias do RAM triunfarem sobre eles nas cidades e nas fábricas e nos locais de trabalho de toda a Europa. Isto hoje se conhece pela expressão amplamente popularizada “resolução de conflito”, e as instituições de ensino superior oferecem cursos nessa área em todo o mundo. Buchman percebeu o preço de tal reconciliação: que é preciso começar aceitando o significado da expressão na sua própria vida. Não é de graça, tem um preço real para aqueles que desejarem começar.

Irène e Victor Laure foram um estudo de caso nobre neste sentido. Eles foram socialistas a vida toda, além de líderes sindicais e combatentes na resistência francesa ao nazismo. O que custou a Irène, em particular, colocar-se diante de grupos de sindicalistas, administradores, políticos, e pessoas comuns, para admitir o ódio que sentia pelos alemães, que a haviam consumido, e pela classe dominante - e o que significou pedir perdão por aqueles sentimentos avassaladores como sua parte na construção de um novo amanhã - ninguém jamais saberá. Contudo, aqueles que conviveram com ela puderam ver isso. Era

real, era tangível. E não foi barato.

E assim será sempre, se for genuíno. Requer uma submissão do ego, do orgulho, da vontade próprio, da toda a tentação de pôr a culpa nos outros, e a total determinação de assumir a responsabilidade por sua própria culpa nas divisões. Não se pode fingir isso.

Temos que cuidar para que o mundo não banalize festivamente a “reconciliação”. É nosso legado pagar o preço nós mesmos, e conter aqueles que desejam seguir aquele caminho.

Robert Webb, nascido e criado no Mississippi, é ex-Chefe de Gabinete de Washington, redator jornalístico, redator sênior de editoriais e colunista do *Cincinnati Enquirer*. Anteriormente, foi redator associado do *State Times* em Jackson, Mississippi e de outros jornais do sul dos Estados Unidos.

Durante anos ignorei a brutal maldade da sociedade grosseiramente segregada à minha volta. Sendo uma criança sulista, nascida e criada no Mississippi, não me incomodava que as escolas, os banheiros, os bebedouros e os bairros fossem segregados, que os negros tivessem que “saber o seu lugar” e permanecer nele. Não me incomodava que os melhores empregos lhes fossem negados. O “estilo de vida sulista” estava no meu sangue, mas eu precisava urgentemente de uma transfusão.

Não é surpresa que, como jornalista naquele lugar em meados dos anos 50, sucumbi à sedutora voz daqueles que se opunham militantemente à decisão da suprema corte, em 17 de Maio de 1954, de tornar ilegal a segregação nas escolas. Como redator associado do *State Times* em Jackson, Mississippi, escrevendo

editoriais e colunas, eu era um entusiasmado condutor das visões tradicionais da região sobre as raças.

Ainda assim, me considerava cristão. Mas a transformação de que eu tanto precisava veio após aceitar um convite para participar de uma conferência do Rearmamento Moral, em 1957, na Ilha de Mackinac, Michigan. Lá ouvi histórias sobre vidas que passaram por revoluções depois que homens e mulheres ouviram sua voz interior e compararam sua vida passada e presente com os padrões morais absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor. Fiquei profundamente comovido. Essas pessoas tinham algo que eu queria.

Numa tarde, assisti ao filme *Liberdade* - escrito por africanos - que cravou uma estaca no meu coração racista. Quando o filme terminou, eu sabia que deveria pedir desculpas ao primeiro negro que eu visse pelo modo como nós do sul tínhamos tratado sua raça. Quando isso aconteceu, o tal primeiro homem era um africano de meia idade. Ele tinha um semblante de grande sabedoria. Pedi desculpas e eu jamais esquecerei sua resposta: “Após as desculpas, vem o quê?” Venho tentando responder a essa pergunta desde então.

Antes de ir embora da Ilha de Mackinac, me sentei com aqueles quatro padrões morais. Uma lista de erros que eu havia cometido surgiu em minha mente. Entre eles: colar na escola, trapacear no meu relatório de despesas como repórter de um jornal de Nova Orleans, o mau uso da câmara escura do semanário da minha cidade natal, onde havia trabalhando num verão. Além disso, eu tinha escrito atacando maliciosamente o idoso redator do jornal vespertino concorrente em Jackson. Eu havia cometido ofensas que acredito até mesmo violam a legislação federal. Fiz as melhores reparações que pude.

Quando confessei à diretora da minha escola que tinha colado, ela me convidou a falar na assembleia dos estudantes. Depois de uma

bela introdução feita pelo superintendente da escola, eu me levantei e disse: “Estou aqui porque coleei na escola”, então falei sobre a solução que tinha encontrado. Reembolsei o jornal de Nova Orleans que, por sua vez, doou o dinheiro para os fundos do RAM.

Uma das minhas tarefas mais difíceis foi a confissão que tive que fazer ao procurador geral em Jackson. Felizmente ele não me processou. E, incrivelmente, cada reparação que fazia trazia uma liberação interna de alegria indescritível. Com essa experiência, eu sabia que Deus sempre me guiaria se eu ouvisse e obedecesse. Um dos primeiros pensamentos que tive depois de Mackinac foi escrever a um outro sulista - o Dr. Martin Luther King Jr. Ele respondeu rapidamente com uma bela carta.

Claramente, minha vida havia mudado radicalmente. Tentei dar aos leitores uma visão de uma América que criava um modelo para todo o mundo de como as pessoas de todas as raças e origens poderiam trabalhar juntas. Eu escrevia e falava para curar, e não para ferir, unir ao invés de dividir. Eu atingia os afro-americanos como nunca tinha feito antes. O fechamento inesperado do *State Times*, em 1962, me levou a Cincinnati em 1963, e a uma nova frente crucial na batalha por um novo mundo.

Resolvendo o profundo desespero

Minha visão se ampliou rapidamente devido àquela transformação pessoal. Em Mackinac, vislumbrei um mundo novo que se estendia muito além do sul com toda a sua agitação. Contudo, aquela visão mais ampla também clareou a visão que eu tinha para o sul. Com os amigos do Mississippi comprometidos de maneira similar, passamos a buscar aquela sabedoria interior para saber o que devíamos fazer. Como poderíamos fazer uma diferença? Para começar, trouxemos para Jackson o filme *Liberdade*, que havia transformado tanto meu coração e minha

mente. Igualmente, conseguimos a ajuda de outras pessoas, incluindo Bremer Hofmeyer, um ex-Rhodes Scholar (estudante que ganhou bolsa de estudos para estudar na Universidade de Oxford, na Inglaterra), e sua esposa Agnes, da África do Sul, já há muito envolvidos com o trabalho de Buchman. Organizamos uma exibição particular de *Liberdade* para o governador, James P. Coleman. Bremer introduziu o filme com a bela história de como o pai de Agnes, um fazendeiro do Quênia, havia sido enterrado vivo pelos Mau Mau, que naquela época estavam em rebelião contra o governo colonial, e como ela tinha superado seu profundo desespero, jurando trabalhar ainda mais duramente para solucionar o rancor e o ódio, onde quer que existissem.

Coleman ficou impressionado por Hofmeyr ter tido algo a dizer no momento em que abriu a boca. Juntou-se a Bremer, Agnes e os outros para o almoço depois do filme e perguntou se ele poderia ser exibido aos membros da assembleia legislativa. E assim foi feito.

Porém, em 1957 os fortes ventos de resistência contra a decisão da suprema corte de 1954 ainda sopravam. Little Rock, a capital do estado do Arkansas, estava no centro da tormenta em 25 de Setembro, quando o presidente Dwight Eisenhower ordenou que o exército escoltasse nove estudantes negros, através de uma multidão raivosa, até o colégio Central High School. Anteriormente, um juiz federal havia ordenado que eles fossem matriculados, mas no dia 20 de Setembro o governador Orval Faubus usou a guarda nacional para não deixá-los entrar na escola, ao invés de garantir sua entrada. O prefeito de Little Rock, Woodrow Mann, enviou um telegrama ao presidente Eisenhower quatro dias mais tarde pedindo que tropas federais mantivessem a ordem.

Comparado com alguns lugares do sul, o Arkansas era um oásis no conflito racial. Já em Setembro de 1949, por exemplo, a faculdade de direito da universidade do Arkansas tinha

concretizado a integração racial. Em Janeiro de 1951, a biblioteca de Little Rock abriu suas portas para os negros. Portanto, não foi surpresa quando a secretaria de educação da cidade disse, cinco dias após a decisão da suprema corte pelo fim da segregação, que obedeceria.

Mas Faubus se colocava decisivamente contra a Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor (National Association for the Advancement of Coloured People - NAACP) e contra a presidenta do distrito de Arkansas, Sra. L. C. (Daisy) Bates, para se juntar àqueles que se opunham fortemente à integração. Ele convocou uma sessão especial da assembleia legislativa em Agosto de 1958 para aprovar uma lei que possibilitava dar a concessão de escolas públicas a instituições privadas para assim escapar da decisão federal. No mês seguinte, os cidadãos do Arkansas votaram 7.561 a favor e 129.470 contra o fim da segregação. As escolas públicas de Little Rock foram fechadas, forçando 3.698 alunos a virarem-se como pudessem.

Little Rock ganhou rapidamente a atenção mundial como um baluarte da rebeldia. Mas algumas pessoas da cidade chegaram ao centro do RAM na Ilha de Mackinac. Essas pessoas retornaram determinadas a trazer um novo espírito para a cidade e para o estado. Mas, se Little Rock tornara-se um símbolo da rebeldia, ela era também uma centelha para a maré crescente de esperança nos Estados Unidos, como um catalisador para a peça *A Experiência Culminante*, e o subseqüente filme com o mesmo nome.

A Experiência Culminante da Minha Vida

O autor britânico Michael Henderson prepara o terreno no seu livro de 1996, *The forgiveness Factor*. Ele relembra líderes negros começando a participar das conferências de Mackinac nos anos 50:

“Então, em 1955, foi realizada uma conferência internacional em Washington-DC”, escreve ele. “Mais de mil pessoas de 41 países compareceram. Um dos temas foi uma nova dimensão de união racial. Entre os negros dos Estados Unidos presentes estava Mary Macleod Bethune, a 17ª filha de uma família de ex-escravos, fundadora do Bethune Cookman College e ex-conselheira em questões relacionadas às minorias do presidente Franklin Roosevelt”.

“Ela disse naquela uma ocasião: ‘Há 16 milhões de pessoas como eu nos Estados Unidos que têm sonhado, orado, trabalhado, pegado no pesado, sacrificado, perdoado por uma hora como esta. Somente uma mudança fundamental no coração de homens e mulheres de todas as raças poderá integrar o atual programa de integração na lei americana, sendo que a pura e simples aplicação da lei não será suficiente. A tarefa de rearmar moralmente a nação é a maior tarefa a que qualquer um de nós pode dedicar as suas energias e os seus talentos. Ser parte desta grande força unificadora da nossa era é a experiência culminante da minha vida”’.

A Sra. William P. Wood, de Richmond, Virginia, estava lá na frente, sentada numa cadeira de rodas. Seus pais tinham sido donos de escravos. “Ela perguntou se podia dizer algumas palavras”, escreveu Henderson, “levantando-se de sua cadeira, a Sra. Woods pediu desculpas pelo preconceito racial que sentia. ‘Estou feliz por aproveitar a oportunidade de apertar a mão de uma pessoa da sua raça publicamente, porque eu ajudei a construir o rancor racial. Decidi que dedicarei o resto da minha vida à construção de pontes entre as duas raças”’. Esse encontro histórico foi registrado na peça *A Experiência Culminante*, baseado na vida da Sra. Bethune, que mais tarde se tornaria um filme exibido nos cinemas americanos e em outros lugares.

“O ímpeto para a criação do musical foi uma explosão de violência que tinha acontecido em Little Rock (...) no outono de

1957, por causa da integração de crianças brancas e negras nas escolas”, lembra Henderson. Assim, ironicamente, o que aconteceu em Little Rock levou a um avanço histórico em Atlanta quando *A experiência culminante* estreou com duas apresentações em Junho de 1958, num auditório cívico que apresentava cadeiras integradas pela primeira vez.

Uma das pessoas presentes àquela apresentação era o proprietário judeu do Tower Theatre, em Atlanta. Ele ficou tão comovido que convidou o RAM para trazer a peça para seu teatro para apresentações sem restrições de cor. A peça, estrelando Muriel Smith, a mezzo-soprano americana, no papel da Sra. Bethune, e a atriz britânica Phyllis Konstam como a Sra. Wood, ficou em cartaz por cinco meses. Foi atribuída a Ralph McGill, na época redator e editor do *Atlanta Constitution*, a autoria de uma frase que dizia: para avaliar completamente o que a peça significou para a cidade, eu precisaria de várias páginas do jornal.

Obviamente, Atlanta havia tomado um novo rumo. “Atlanta jamais será a mesma novamente”, disse o Coronel A. T. Walden, um advogado negro pioneiro citado pelo *Atlanta Daily World*. “A atmosfera em toda a cidade, nas lojas e nos ônibus se transformou e é o assunto da cidade”. Atlanta, que foi cenário do filme clássico sobre a guerra civil, *E o vento levou*, escapou da violência que devastou outras cidades na era dos direitos civis.

A história pessoal de Muriel Smith, e de como ela veio a interpretar a Senhora Bethune, também é extraordinária. Afro-americana do Harlem, ela era uma estrela no auge, ou perto, da sua carreira quando assistiu, em 1957, sua primeira conferência do RAM em Mackinac, onde sua vida tomaria uma nova direção. Ela tinha criado nos anos 40 o papel de Carmem Jones na Broadway, estrelou *Ao Sul do Pacífico* e *Ana e o Rei*, e resistiu aos repetidos esforços de Sam Goldwyn para tê-la na ópera *Porgy and Bess*, pois sentia que a peça humilhava sua raça.

Apesar de seu sucesso e aceitação cada vez maiores em Hollywood e Londres, Muriel abandonou sua carreira para ajudar a trazer um novo espírito para o mundo através das peças e filmes do RAM. Assim, à medida que sua voz se elevava na canção e na convicção em *A Experiência Culminante*, ela trazia um novo espírito para o país: “*O mundo entrou no meu coração hoje, homem negro, homem branco, vermelho e amarelo, o estadista, sim, e o homem comum, todos entraram no meu coração (...)*” Com esse ritmo otimista maravilhoso, *O Mundo Entrou no Meu Coração*, especialmente interpretado por Muriel, sem dúvida abriu muitos corações.

O Fim de uma Guerra Civil de Cem Anos

Enquanto isso, o filme *Liberdade* chegava a Little Rock através de um grupo vindo de vários países africanos. Uma das pessoas que assistiram ao filme foi a Sra. Bates, presidenta da NAACP e adversária ferrenha do governador Faubus. Mais tarde, ela e um grupo do Arkansas, de ambas as raças, foram ao centro do RAM em Mackinac. Foi lá que ela decidiu visitar Faubus. Em seu livro, Henderson escreve: “Ela não sabia, mas ele também tinha assistido ao filme *Liberdade*. Seu encontro resultou num aperto de mão entre eles que, segundo Henderson, comoveu o radialista da CBS que fazia a transmissão, em 1959, e que rotulou o encontro como “possivelmente a notícia mais importante do ano, que marca o fim de uma guerra civil de cem anos nos Estados Unidos”. Embora as tensões raciais persistissem e a violência não tivesse chegado ao fim, houve o vislumbre de uma nova aurora.

Com a cruzada gandhiana de não violência do Dr. King pela igualdade racial já estabelecida, um novo jovem presidente, John F. Kennedy, assumiu o poder em 1961 com um discurso inaugural que dizia: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você e sim o que você pode fazer pelo seu país”. King o conheceu e, juntamente com outros que pensavam como ele, colocaram

nele a urgência da nova lei de direitos civis. Eles convenceram Kennedy, mas a bala assassina em 1963 o levou antes que pudesse fazer com que o congresso agisse, um desafio deixado para o seu sucessor, Lyndon B. Johnson.

A face dos Estados Unidos mudou claramente desde a decisão escolar de 1954, com os negros não apenas votando, mas também auxiliando no governo de suas cidades, estados e da nação como funcionários públicos. Ocupam posições-chave nos negócios e na indústria, educação, comunicação de massa e outros setores da vida. Dessa forma, integram-se e interagem com pessoas de todas as cores e de todas as origens à medida que aumenta as diversidades racial, étnica e religiosa dos Estados Unidos. Porém, as divisões continuam.

Como disse o historiador afro-americano John Hope Franklin, 91 anos, a uma multidão no Festival Nacional do Livro de 2006 em Washington-DC: “Estamos tentando nos tornar uma nação de iguais, mas ainda não chegamos lá”. Muitas vezes expressada sutilmente, a discriminação racial continua. Muitos afro-americanos, se não a maioria, a experimentam em algum nível. Assim como os americanos de outras cores e credos.

É por isso que a era dos direitos civis americanos, na realidade, ainda não acabou. É por isso que outro legado de Buchman - *Hope in the Cities* (HIC - *Esperança nas Cidades*), de Richmond, Virginia - foi lançado em 1990 pelos líderes políticos, de negócios e comunitários da cidade. Sua missão era trazer a cura para conflitos raciais para a cidade que foi a capital dos confederados durante a guerra civil. Mas se tornou uma rede nacional em 1993 quando os líderes organizaram a conferência *Healing the heart of America* (*Curando o coração dos Estados Unidos*), presidida pelo prefeito de Richmond Walter T. Kenney. A conferência reuniu mil participantes de 50 centros urbanos americanos e de vinte países estrangeiros. Foram discutidas as questões raciais que estão no centro de muitos dos problemas

urbanos mais difíceis - moradia, educação, policiamento, relações da comunidade e políticas públicas em relação às famílias. O *Richmond Times - Dispatch* deu uma grande e proeminente cobertura ao evento.

Integração, para Muitos, não Passava de um Mito

O surgimento do *Hope in the Cities* deveu-se à convicção de Rob e Susan Corcoran, há muito tempo envolvidos na obra de Buchman. Tudo começou quando se mudaram com a família da Inglaterra para Richmond há 26 anos. Escolheram uma casa num bairro de maioria negra, onde logo fizeram amigos que se juntaram a eles nessa missão. Entre eles estavam Collie e Audrey Burton, ativistas comunitários que se tornaram parte do HIC. Assim como o prefeito Kenney. Os Corcoran e seus amigos reconheceram as divisões raciais ainda existentes na cidade, mesmo muito tempo depois da marcante decisão da Suprema Corte sobre o fim da segregação nas escolas e da aprovação de duas importantes leis federais sobre os direitos civis.

Eram divisões típicas da maioria das cidades do norte e do sul. As indicações mais óbvias dessas divisões eram os subúrbios, habitados por brancos e alguns grupos de negros de classe média, rodeando o núcleo dos centros urbanos. A integração, para muitas famílias negras pobres, não passava de um mito. Apesar do fim da segregação ser lei, a segregação de fato continuava, principalmente em função da ocupação dos bairros, que era racialmente segregada. Esta fuga de famílias mais abastadas para os subúrbios deixava muitos governos municipais e sistemas escolares permanentemente com poucas verbas. Richmond não estava isenta dessas forças demográficas.

No entanto, com a chegada do *Hope in The Cities*, Richmond passou a ter mais esperança! Os líderes do HIC logo perceberam que as necessidades não estavam confinadas à cidade

propriamente dita, mas também se estendiam a três distritos urbanos. A fuga dos brancos tinha levado para os subúrbios grande parte da riqueza pagadora de impostos. Onde as necessidades eram maiores – os bairros do centro na cidade, com sua concentração de pobreza e de crimes - os recursos não eram nem de longe adequados, como provavam as escolas falidas e serviços sociais doentes. Então, com o HIC tomando a iniciativa, foi estabelecido o *Metropolitan Richmond Day* (Dia Metropolitano de Richmond) para ser celebrado anualmente com a finalidade de unir a cidade e os distritos para examinar as necessidades da área na esperança de criar soluções com base na realidade local. O evento contou com 500 participantes da cidade e de seus três distritos, no dia 24 de Novembro de 2004, no ano do 50º aniversário da *Brown vs Board of Education* (decisão histórica da Suprema Corte dos Estados Unidos, que anulou decisões anteriores, declarando que as leis estaduais que estabeleciam escolas públicas diferentes para estudantes negros e brancos negavam às crianças negras a igualdade de oportunidades em educação), no que diz respeito à integração nas escolas.

Num artigo do *Richmond Times - Dispatch* da época, Don Cowles, então co-diretor do HIC, escreveu: “Milhares de cidadãos se mobilizaram através de centenas de iniciativas e investiram dezenas de milhares de dólares todos os anos para mitigar o dano causado pela nossa sociedade segregada. Essas medidas heroicas estão fazendo a diferença, mas são inadequadas. Uma nova é necessária”. Ele disse que o sistema atual cria escolas vencedoras e perdedoras numa época em que “devemos encontrar um modo de fazer com que todas as nossas crianças sejam vencedoras”. Cowles trabalhou para a Alcoa/Reynolds Metal Co., ocupando o cargo de diretor jurídico, chefe de recursos humanos e presidente de uma de suas unidades de negócios em 2002, quando se aposentou precocemente e iniciou seu envolvimento com IdeM.

Corcoran, como diretor nacional, e Cowles, como diretor executivo, tornaram-se, em 2006, co-líderes de Iniciativas de Mudança, o pai do HIC. “Ao nos pedir para liderar a organização, Iniciativas de Mudança reafirmou sua missão de trabalhar pela esperança, pela cura e pela transformação na cada vez mais diversificada comunidade nacional americana”, diz Corcoran. “Estamos desenvolvendo uma estratégia focada e coesa, que usará melhor os nossos recursos humanos e financeiros (...) Construir confiança e uma nova visão através das divisões raciais, religiosas e de classe é uma parte vital do nosso trabalho. Continuaremos a promover o diálogo e a ação colaborativa dos cidadãos. Oferecer formação de liderança e as construção de habilidades para as pessoas e os grupos que estão tentando lidar com as questões-chave nas suas comunidades é uma prioridade”.

Se, de fato, a decisão escolar de 1954 da suprema corte inaugurou a era moderna dos direitos civis nos Estados Unidos, aquela era, como deixa claro o historiador John Hope Franklin, ainda não acabou de forma alguma. A obra de Buchman, claramente, teve e continuará a ter um papel-chave na medida em que essa venha finalmente a trazer uma igualdade genuína para todos os americanos.

Dick Ruffin estudou nas universidades de Yale e Oxford, e é um *ex-“Rhodes scholar”*, da Virginia. Conheceu as ideias do RAM em Oxford e as aplicou em seu emprego como membro do quadro de funcionários do Secretário de Defesa Americano. Posteriormente, foi diretor executivo de Iniciativas de Mudança nos Estados Unidos durante 23 anos, sendo atualmente vice-presidente de IdeM Internacional.

Cresci em Norfolk, Virginia, parte de uma grande família mergulhada na cultura sulista. Meu pai, que era advogado, tinha

um especial orgulhoso de seu bisavô, Edmund Ruffin, um conhecido agricultor cujas ideias ajudaram a restaurar terras exaustas pelo cultivo excessivo de algodão. Ele tinha cinco plantações nos arredores de Richmond, Virginia, e fez campanha ferrenha pela manutenção do sistema escravocrata do qual dependia a economia da plantação. Sua fama fez com que o governador da Carolina do Sul, o primeiro estado a se separar da União, o convidasse para disparar o primeiro tiro da guerra civil no forte federal em Charleston Harbour.

Inconscientemente, eu absorvi muito desse orgulho e também parte do preconceito que o acompanhava. Contudo, tendo ao mesmo tempo vergonha da celebridade do meu ancestral escravocrata e da idealização constante do um sul anterior à guerra civil, convenci-me de que, de alguma forma, eu me encontrava acima do preconceito bruto que via em minha volta. Estava cego para os meus próprios enraizados preconceitos. Essa cegueira foi surpreendentemente reforçada pela extraordinária decisão do estado da Virginia de adotar a política de “resistência massiva” à ordem da Suprema Corte Americana de integrar suas escolas públicas. A rebeldia levou ao fechamento temporário das escolas públicas de Norfolk, e deu à minha mãe a oportunidade que queria para me matricular numa escola do norte. Sendo assim, estudei os últimos dois anos do ensino médio em Choate, uma distinta escola preparatória do norte, em Connecticut. De lá pra a Universidade de Yale foi um pequeno passo, quebrando a longa tradição familiar de estudar na Universidade da Virginia.

Estive em Yale durante os anos Kennedy, no começo da década de 60. Era fácil naquela época suprimir ou ignorar as atitudes não declaradas de superioridade e adotar as ideias liberais que eram populares no campus. Essas influências, somadas à culpa pela minha herança sulista, fez com que me tornasse ativo na luta pelos direitos civis. Não demorou muito para que eu tivesse o privilégio de passar uma noite com Martin Luther King Jr.

Também assumi outras lutas liberais em Yale, conscientemente me distanciando da minha herança sulista. O que eu não percebi na época foi que, apesar das minhas políticas terem mudado, o meu enraizado preconceito permanecia.

Isso só se tornou claro durante meus anos de pós-graduação na Universidade de Oxford, Inglaterra, onde entrei para o cobiçadíssimo Rhodes Scholarship (bolsa de estudos para a universidade de Oxford na Inglaterra - é concedida a estudantes que se destacaram nos Estados Unidos e em países sob a soberania britânica). Lá, um encontro com um outro *Rhodes Scholar* americano me fez questionar mais profundamente minhas motivações e atitudes. “Como você pode fazer do mundo um lugar melhor”, perguntou meu amigo, “se você insiste em permanecer o mesmo?” Na época, eu estava profundamente envolvido com os desafios públicos à política do Vietnã do Presidente Johnson. Reclamávamos da chamada “lacuna de credibilidade” de Johnson. Meu amigo, um dos muitos amigos meus influenciados pelas ideias de Frank Buchman, calmamente me perguntou se haveria tais lacunas de credibilidade na minha própria vida.

Com um pouco de reflexão, as lacunas gradativamente me vieram à mente. Eu tinha altos princípios, porém vivia muito diferente. Fazia campanha contra a exploração dos negros, mas estava pronto para explorar as mulheres para o meu prazer. Considerava-me um cara honesto, mas escondia dos meus pais e de muitos dos meus amigos muitas verdades a meu respeito. Eu dizia uma coisa para um grupo de amigos, e outra completamente diferente para outro. Lentamente comecei a perceber por que meu colega de quarto me chamava de “Ruffin Dissimulado”. Passei então a encarar essas lacunas e a fazer o que podia para fechá-las. No processo, percebi que meu liberalismo mascarava preconceitos secretos e era, inconscientemente, uma defesa para não encarar verdades desconfortáveis sobre mim mesmo. O processo foi

como descascar uma cebola. Quanto mais eu era honesto comigo mesmo, mais eu via a hipocrisia e a dissimulação na minha vida. E quanto mais eu encarava essas verdades, mais eu me tornava livre para ser honesto comigo mesmo.

Por que tão paternalista?

Alguns anos mais tarde, depois de completar meu serviço militar, uni-me a uma equipe multirracial liderada por Richard Brown, um professor afro-americano que também havia sido profundamente influenciado pelas ideias de Buchman. Estávamos visitando nove pessoas proeminentes que estavam dando importantes contribuições para o fim da discriminação racial nos Estados Unidos. O objetivo de Brown era apoiar seus esforços e inspirá-los com sua própria história de transformação. Na nossa equipe havia um negro sul-africano, filho de um homem que tinha corajosamente organizado os garimpeiros africanos e que era, na época, estudante de pós-graduação da Universidade de Columbia. Um dia, enquanto nos preparávamos para uma visita, Peter veio a mim e perguntou: “Dick, porque você é tão paternalista?” Fiquei estupefato e chateado com o que me parecia ser uma acusação completamente injustificada. Mas eu tinha aprendido a refletir sobre tais desafios pessoais ao invés de revidar. Um pensamento simples passou pela minha mente: “Você trata os negros como se eles fossem menos capacitados e menos responsáveis por esse país e pelo mundo do que você acha que você é”. Compartilhei esse pensamento com os outros e outra camada da cebola foi descascada.

Posteriormente, passei a perceber níveis ainda mais profundos de preconceito. O contexto foi uma importante conferência em Richmond, Virginia, liderada pelo prefeito de Richmond, Walter T. Kenney, um afro-americano. A conferência, organizada por Iniciativas de Mudança, convocava a nação para conversas honestas sobre raça, reconciliação e responsabilidade. A meta era

iniciar um processo que curaria as profundas feridas causadas por três séculos e meio de discriminação racial. Isto fez com que eu refletisse mais profundamente sobre a minha própria origem e minhas atitudes inconscientes que vieram até mim como parte da herança de Edmund Ruffin.

Reconheci, por exemplo, que, ao pensar na guerra civil - a chamada “guerra entre estados” na minha família - eu estava muito mais consciente da humilhação sofrida pelos sulistas brancos nas mãos do norte do que da dor e das perdas muito mais profundas sofridas pelos americanos escravizados. Eles simplesmente não figuravam na narrativa. Sua realidade foi ignorada, seus verdadeiros sentimentos negados. A preocupação com a arrogância percebida no norte me cegara, e a milhões de pessoas como eu em todo o sul, em relação ao custo emocional da escravidão e da longa história de discriminação contínua que se seguiu.

Em um nível mais profundo, também reconheci que um legado mais persistente de Edmund Ruffin era o conceito minimalista do potencial dos americanos negros. Eu tinha uma visão muito limitada sobre como os negros poderiam contribuir para a vida, a cultura e a política americanas. Embora algumas conquistas negras inquestionáveis me tivessem forçado a revisar meu pensamento, percebi que eu, e muitos como eu, precisava de nada além de uma revolução nas nossas expectativas em relação ao que os negros americanos poderiam dar ao nosso país.

Levou muitos anos para que eu descascasse as camadas despercebidas do preconceito, e a jornada continua. Da mesma forma, pode-se levar muitos anos de conversas dolorosas e honestas entre negros e brancos americanos para identificar e remover as barreiras que ainda impedem que os afro-americanos contribuam ao máximo na sociedade americana. Não há tarefa mais importante para o povo americano, pois nossa capacidade de ajudar a consertar um mundo despedaçado depende, em última

análise, da nossa capacidade de curar as feridas profundas embutidas na história de nossa nação. À medida que progredimos nessa tarefa, acredito que liberaremos forças poderosas para a reconciliação que terá impacto muito além dos Estados Unidos.

12

Eleições Limpas – Uma Meta para Taiwan

Por Ren Jou-Liu e Brian Lightowler

Ren-Jou Liu nasceu em Taiwan e trabalha com Iniciativas de Mudança desde 1984. Ele vem coordenando programas de desenvolvimento pessoal há mais de uma década, com o objetivo de inspirar e possibilitar que pessoas superem os desafios pessoais em suas vidas. Testemunhou transformações e curas encorajadoras nas vidas de muitas pessoas ao longo dos anos.

Brian Lightowler nasceu na Grã-Bretanha, formou-se na Universidade de Cambridge, é alpinista, jornalista e trabalha em tempo integral com Iniciativas de Mudanças há 54 anos na Europa, América do Norte, Ásia e Austrália. Autor de: *Corruption: Who cares? (Corrupção: Quem se importa?)*.

O general Ho Ying-Chin, comandante das forças chinesas no final da Segunda Guerra Mundial, recebeu a espada da rendição japonesa em 9 de Setembro de 1945 das mãos do general Okamura Yasatsugu, comandante militar japonês na China, agindo em nome do governo japonês. Ho, mais tarde, deu essa espada a Frank Buchman em reconhecimento pelo seu

trabalho pelo povo chinês e o mundo. Falando ao parlamento japonês em 1951, o general enfatizou isso ao dizer: “O Rearmamento Moral é a única base para uma paz duradoura entre a China e o Japão. É uma prioridade”.

Ho atribui o colapso do governo nacionalista na China em 1949 à corrupção e à imoralidade, dizendo que se os líderes chineses “tivessem amado seu país mais do que amavam as suas amantes” o resultado teria sido diferente. Em Taiwan, ele, juntamente com outros líderes, convidou a Missão de Estadistas do RAM, com o poderoso musical *A Ilha Desaparecida*, a irem a Taiwan em 1955. A Missão de Estadistas incluía líderes políticos da África, Ásia, Europa e América do Norte. Sua mensagem era real e simples. Por exemplo, Mohamed Masmoudi, que posteriormente se tornaria ministro na Tunísia, ao lado do Secretário de Estado Francês para a Aviação, Diomedé Catroux, disse: “Sem o Rearmamento Moral, hoje na Tunísia estaríamos envolvidos numa guerra até a morte contra a França (...) a Tunísia seria uma outra Indochina”. O general Ho disse, ao dar boas vindas à visita, conforme relatado pelo Dr. Daniel Lew, então membro da delegação chinesa nas Nações Unidas: “Esta visita não tem precedentes na história da China. Jamais um grupo como este veio à China ou a qualquer outra nação asiática antes. Mesmo para os nossos irmãos da China continental, sua visita trouxe conforto e esperança”.

Em 1956, Frank Buchman visitou vários países asiáticos, inclusive Taiwan, onde se encontrou com o general Ho, entre outros, convencido da necessidade de um novo espírito como expressado através do Rearmamento Moral. Após essas visitas, foi realizada uma conferência internacional em Baguio, nas Filipinas, a qual reuniu líderes das Filipinas, Japão, Coreia do Sul e Taiwan. O general Ho declarou à imprensa: “Aquilo pelo que eu e meus irmãos temos nos esforçado nesses 10 anos de diplomacia pós-guerra, e não conseguimos realizar, foi atingido

aqui em 10 dias: falar a favor da democracia é a obra para que fomos chamados a realizar por muitos anos no futuro. A reconciliação entre japoneses e coreanos é o evento mais importante da conferência”.

A democracia à qual o general Ho se referia não chegou a Taiwan senão muito mais tarde, nos anos 80, com a abertura do sistema político a outros partidos além do dominante partido nacionalista. No entanto, graças aos esforços do general (ele morreu em 1987 aos 97 anos), do Dr. Daniel Lew e de muitos outros, no final dos anos 80 havia se desenvolvido um grupo comprometido com o RAM. Uma das pessoas desse grupo era Ren-Jou Liu, um professor de matemática do ensino médio, cuja vida se transformara para a fé em Deus devido às várias conversas que teve com o Dr. Lew. À medida que Taiwan caminhava na direção de um sistema democrático, Liu se convenciu que a prática corrupta da compra de votos deveria ser atacada de frente e publicamente antes da realização das eleições para a Câmara Nacional, marcadas para 1992.

Confrontando a disposição para a compra de votos

Discursando mais tarde em Caux, em 1995, ele descreveu como o RAM tinha lançado a Campanha Eleições Limpas alguns meses antes das eleições nacionais de 1992. Disse ele:

“No final de 1992, estando marcada a primeira reforma eleitoral completa para o congresso, podia-se prever que a principal força política chegaria ao poder. Em um dia de Maio, eu estava almoçando com dois membros da comunidade de negócios, ambos muito preocupados porque a disposição para a compra de votos favoreceria somente aos políticos ambiciosos e possibilitaria que grupos financeiros entrassem para o parlamento em grande número, piorando assim as condições políticas futuras. As oportunidades de negócios em Taiwan tornar-se-iam ainda

mais injustas. A competição e a gestão justas, bem como o desenvolvimento da economia, certamente regressariam, o ambiente geral pioraria e Taiwan logo perderia as esperanças”.

“No dia seguinte, durante o meu tempo de reflexão, tive um pensamento muito forte, que veio de dentro, para iniciar uma campanha por eleições limpas. Depois de conversar com alguns amigos e colegas no Rearmamento Moral em Taiwan, decidimos que, durante os próximos cinco anos, o RAM promoveria uma campanha por eleições limpas”.

“Pessoalmente, anunciei publicamente que jamais entraria para a política ou participaria de eleições políticas, a fim de evitar que as pessoas pensassem ou acreditassem que eu teria ambições pessoais. Também declarei que jamais seria um político”.

“A estratégia da campanha consistia de quatro pontos:

- 1- Esforçar-se por uma ação conjunta com grupos não governamentais ou religiosos;
- 2- Conquistar a confiança e o apoio das pessoas comuns;
- 3- Trabalhar por uma reação positiva da mídia e do público;
- 4- Assegurar que o governo cumpriria as promessas de implementar reformas”.

A revista *Global Views Monthly*, de Taiwan, entrevistou dois líderes da Campanha, Liu e Jack Huang, este um conselheiro jurídico para vários empreendimentos importantes. A revista escreveu: “Foi Liu quem teve a ideia de lançar um ‘movimento anticorrupção’. Alguns amigos o chamaram de Don Quixote, mas ele perseverou. Sua convicção de que ‘a natureza humana pode ser transformada’ inspirou outras pessoas no RAM a se juntarem a ele”. O artigo acrescentou que as habilidades táticas de Huang conquistaram a cooperação total de outros 68 grupos cívicos que também se tornaram sócios na campanha. Em resposta às críticas,

Liu disse: “Não estamos engajados em uma luta política”.

De fato, todos aqueles no comando da campanha, disse ele, estavam pessoalmente comprometidos a manter a neutralidade política; a não buscar vantagens ou ganhos pessoais; a não gerar ódio em relação aos corruptos, mas sim inspirar o amor pelo país como uma motivação para a ação; e a fazer demonstrações públicas pacificamente e com alegria.

Conforme passavam as semanas, o impacto da Campanha Eleições Limpas cresceu e se tornou “um fogo arrasador”, de acordo com a revista *Global Views Monthly*. O Ministro da Educação, Mao Kao-Wen, escreveu a 4,2 milhões de pais de alunos em apoio à Campanha. Ele disse que o comportamento dos pais influenciava o desenvolvimento do caráter dos filhos e nenhum de nós deseja que os filhos colem em provas na escola. Os pais devem dar o exemplo e opor-se à compra de votos. O *The China Post*, o maior jornal de Taiwan, ofereceu espaço gratuito para divulgação da Campanha e imprimiu adesivos, panfletos e slogans. Quando chegou a hora da votação, cerca de 670.000 eleitores haviam se comprometido por escrito a não aceitar subornos por seu voto e a não votar em nenhum candidato que oferecesse suborno - práticas que tinham se tornando normais há duas gerações. Dos 350 candidatos à Câmara, 162 assinaram compromissos contra a compra de votos. O Presidente Lee Deng-Hui e o primeiro-ministro Hao Po-Ts’ receberam membros da Campanha e entregaram pessoalmente compromissos assinados por eles contra a compra de votos e o suborno.

A vitória do poder do povo

O resultado das eleições para a Câmara foi aclamado pela mídia com o milagre da Campanha Eleições Limpas ou a vitória do poder do povo. Cinco bilionários que haviam se candidatado oferecendo todos os tipos de incentivos foram derrotados - e

nesses mesmos eleitorados o maior número de votos foi para candidatos que haviam dado apoio à Campanha Eleições Limpas. O partido no poder, o Kuomintang (KMT), perdeu feio e a oposição, Partido Democrata Progressista (Democratic Progressive Party- DPP) dobrou seu número de cadeiras. O Secretário Geral do Kuomintang pediu demissão.

A Campanha foi certamente um fator na mudança da opinião pública contra a compra de votos. Também ajuda a explicar o amplo apoio público à adoção de medidas duras de repressão do então Ministro da Justiça Ma Ying-jeou contra práticas corruptas nas eleições municipais e federais em Março de 1994. Vinte e três pessoas foram presas, incluindo um presidente de Câmara, um vice-presidente e nove vereadores de autoridades municipais ou distritais acusados de comprar votos ou de aceitar subornos. Foram declarados culpados e o *The China Post* publicou que a ação de Ma foi “como um terremoto com mais de seis pontos na escala Richter, abalando não apenas a principal oposição ao Partido Democrata Progressista, mas também o Kuomintang”. Ma disse, em uma entrevista a Brian Lightowler, que a Campanha Eleições Limpas teve um efeito positivo na campanha pela repressão. Na verdade, as duas campanhas interagiram.

Após as prisões, o presidente regional do KMT pediu demissão. Um oficial sênior do KMT frisou que se o ministro Ma continuasse seu ataque contínuo contra a corrupção, as raízes estruturais do KMT poderiam entrar em colapso. Um grupo de deputados do KMT avisou a Ma que se isso acontecesse ele seria o responsável. Ma respondeu dizendo à Câmara que qualquer um que fosse considerado culpado da compra de votos seria processado, não importando qual a sua origem ou afiliação política. A luta contra a corrupção não era para promoção pessoal, mas sim uma política nacional contínua. Não obstante, a pressão política de dentro do KMT sobre o presidente levou à consequente exoneração de Ma do Ministério da Justiça. Ele disse

a Lighthowler: “Após três anos de repressão como ministro, pude processar mais de cinco mil funcionários do governo e 7500 pessoas envolvidas na compra de votos. A porcentagem de condenações quando deixei o Ministério (e a maioria dos casos ainda estavam pendentes), era de 40%”.

“833 vereadores e deputados estaduais foram investigados e 341 processados. Em um município de 60 vereadores, 54 foram processados. Onze vereadores do município de Pindong foram cassados depois de eleitos. Se buscarmos persistentemente as coisas, com muita determinação, realmente podemos conseguir”.

Mas não foi apenas a determinação de Ma e dos promotores e investigadores que produziu resultados; foi também a qualidade da integridade pessoal. Ma disse que desde jovem se precavia contra qualquer tipo de trapaça e corrupção. Assim, quando se tornou Ministro da Justiça, sua convicção pela integridade pessoal se ampliou, de modo que “não foi apenas por mim e por aqueles em minha volta, mas também pelo povo do país”.

O Procurador-Geral disse, quando da saída de Ma do Ministério da Justiça, que se ele tivesse ficado por mais três anos, Taiwan seria um país muito diferente. Em Dezembro de 2002, Ma se elegeu para um segundo mandato como prefeito de Taipei e é possível que seja o candidato do KMT para presidente nas próximas eleições.

De 1992 a 1997, a Campanha Eleições Limpas esteve presente em todas as eleições - federais, estaduais e municipais. Centenas de professores e alunos universitários foram voluntários no treinamento para as campanhas, presidindo reuniões públicas, passeatas e seminários. Após 1997, o sucesso da Campanha Eleições Limpas levou ao estabelecimento de uma campanha com patrocínio oficial contra a compra de votos e outras formas de corrupção política.

O atual vice-presidente da Campanha, o mestre budista

Shijingyao, também é membro do Comitê Eleitoral Central de Taiwan. Ao avaliar a Campanha, ele reconheceu que Ma havia sofrido retaliação política e foi forçado a deixar o cargo. Contudo, conforme ele continuou: “Temos dito aos eleitores que este país pertence a todos nós. Depende de nós a criação de um ambiente político baseado em eleições limpas e políticas saudáveis, para que tenhamos políticos de bom caráter trabalhando pelo bem do país. Cada cidadão tem essa responsabilidade”.

O *The financial times* (Londres) publicou que as eleições de Dezembro de 2001 em Taiwan foram as mais limpas da história. O *The China Post* fez uma pesquisa dois dias após as eleições e descobriu que 70,1% dos entrevistados consideravam que a compra de votos havia sido reduzida consideravelmente e estavam satisfeitos que as eleições tivessem sido limpas.

A eficácia da Campanha Eleições Limpas de Taiwan gerou campanhas similares no Brasil (1994), Quênia (1997, 2002 e 2007), Ilhas Salomão (2006) e Serra Leoa (2002), após a guerra civil e uma outra campanha em 2007.

13

Frank Buchman e o Mundo Mulçumano

Por Imame Dr. Abduljalil Saijd

Imame Saijd é um líder mulçumano britânico de origem paquistanesa e atualmente presidente do Conselho Mulçumano para a Harmonia Religiosa e Racial (Muslim Council for Religious and Racial Harmony) da Grã-Bretanha. Também é presidente da divisão britânica da Conferência Mundial da Religião e da Paz e da força tarefa para o European 2008 Year of Intercultural Dialogue (Ano Europeu 2008 Para o Diálogo Intercultural).

Em 1964, quando estudava na Universidade de Punjab, em Lahore, me foi dado um projeto sobre o tema Honestidade nas Religiões Mundiais. Pesquisei todas as crenças, mas achei difícil responder à pergunta: “Os cristãos possuem padrões morais?”

Na biblioteca do Conselho Britânico me mostraram um livro chamado *O Mundo Reconstruído*, uma coletânea de discursos do Dr. Frank N. D. Buchman, um ministro americano da igreja luterana. Buchman descendia de imigrantes suíços que haviam se estabelecido em Allentown, Pensilvânia (e na verdade, um de seus ancestrais, Theodore Bibliander, foi o primeiro tradutor do Alcorão para uma língua europeia).

Fiquei surpreso ao descobrir que Buchman não só acreditava na moral, mas também achava que todo cristão deveria tentar viver de acordo com padrões morais *absolutos*. Ele os resumiu como honestidade, pureza, altruísmo e amor - uma fórmula que aprendeu com o acadêmico britânico Henry Wright. Não foi exatamente isso, pensei, o que o Profeta do islã, que a paz esteja com ele, descreveu no ensinamento do Alcorão e do Ahadith (máximas do Sagrado Profeta do islã)? Os discursos de Buchman revelaram a imagem de um homem sem temores, franco e, todavia, humilde. Fiquei impressionado, embora não me aprofundasse no assunto na época.

Minha família vem de Rajanpur, no Punjab, perto das fronteiras de todas as quatro províncias do Paquistão. Nasci no dia primeiro de Novembro 1947, o ano em que o Paquistão se separou da Índia na época da independência. Nossa família era humilde, e eu era um entre 14 irmãos e irmãs. Tive sorte de ir para a escola e fui um dos primeiros da minha família a ir para a universidade e obter um diploma.

Meu primeiro trabalho como professor foi na Universidade de Dhaka, na época a capital do Paquistão Oriental. Quando se tornou Bangladesh, em 1971, pessoas como eu, do Paquistão Ocidental, corriam o perigo de uma reação violenta daqueles que formavam a nova administração do país. No entanto, meus colegas da universidade me ajudaram a deixar o país e retornar a Lahore, onde consegui arrumar um emprego na universidade.

Lá, uma das minhas tarefas era fiscalizar as provas da universidade. Naquela época, colar era comum entre os alunos e decidi tomar uma atitude, apesar da violência e das ameaças. Como resultado, os alunos fizeram um protesto contra mim do lado de fora do escritório do Vice-Chanceler. Temendo tumultos e que pessoas morressem, o Vice-Chanceler me pediu para ficar quieto, procurando não chamar atenção, e mais tarde conseguiu que eu fizesse um curso na Inglaterra, na London School of

Economics and Political Science (LSE).

Após completar meus estudos, me ofereceram um emprego, de modo que minha esposa e meus filhos se juntaram a mim. Começamos no East London e cinco anos mais tarde nos mudamos para Brighton, onde abri a primeira mesquita da cidade e, mais tarde, um grupo inter-religioso, assim como o Conselho para Grupos de Minoria Étnica. Fui nomeado magistrado local e pude conhecer pessoas de todos os níveis sociais.

Encontro com Iniciativas de Mudança

Em 1985, como consequência de uma entrevista que dei na rádio local, recebi uma carta de Richard Pearce, que trabalhava perto da minha mesquita. Ele ficara impressionado com a entrevista e quis me conhecer. Às vezes nos cruzávamos na rua quando retornávamos ambos para casa. No entanto, eu estava tão ocupado que achava que não tinha tempo livre para conversar com ele. Ele vinha da Nova Zelândia e trabalhava temporariamente na Inglaterra, de modo que pediu a um amigo, David Young, para me telefonar e marcar um encontro. Sem querer ofender, dei a desculpa de pressões no trabalho. No entanto, como ele insistisse, eu disse: “Olha, se vocês puderem vir às 6 da manhã, terei meia hora disponível”. Eu tinha certeza que nenhum inglês concordaria com um encontro a essa hora. Mas eles perceberam que eu estava me fazendo de importante!

Para minha grande surpresa, os dois homens conheciam a obra de Frank Buchman do Rearmamento Moral. Convidaram-me para conhecer outros amigos seus e assistir a uma reunião da equipe local do RAM. Mais tarde, fui a uma conferência no centro internacional de conferências do RAM em Caux, na Suíça.

Gostei imediatamente do que encontrei em Caux. Tinha ecos da comunidade mundial da humanidade comum - o Ummah (palavra árabe que significa Comunidade ou Nação. É comumente usada

para significar tanto a nação coletiva dos estados, ou, no contexto do pan-arabismo, todo o mundo árabe - algo no qual todo mulçumano acredita e sonha criar. Vi pessoas vivendo unidas, se importando e pensando umas nas outras. Todas queriam servir e alcançar um objetivo comum, consertar o que estava errado no mundo. Todos participavam da administração do centro e dos trabalhos práticos. As pessoas ouviam o que as outras tinham a dizer, ao invés de apenas dar sua opinião. Acima de tudo, havia a determinação de lidar com os problemas difíceis do mundo e com o mal que está por trás deles. Trabalhavam identificando as necessidades no mundo e, assim, criando contextos nos quais cada pessoa envolvida pudesse mudar suas atitudes.

Quem foi Frank Buchman?

Tudo isso me levou a descobrir mais sobre Frank Buchman. O que eu, um mulçumano, poderia aprender com ele e com a maneira como trabalhou? Teria a ver com os meus próprios compromissos e convicções? Comecei a ver como um todo a obra que o Dr. Buchman tinha criado através de sua equipe internacional. Em 1938, enquanto as nações europeias se rearmavam militarmente, ele lançou uma campanha para lidar com as causas da guerra no coração humano, sob o título de Rearmamento Moral. Aprendi a maneira como trabalhavam, isto é, identificando as necessidades no mundo e, a partir daí, criando os contextos nos quais personalidades-chave em diferentes situações pudessem encontrar uma nova perspectiva.

Descobri que Buchman era um homem de fé, que acreditava profundamente que Deus guia aqueles que ouvem e que estão prontos para obedecer. Mas sua fé não era exclusiva. Ele teria endossado o que Madre Tereza disse: “O que todos nós estamos tentando fazer através da nossa obra é chegar mais perto de Deus. Nós nos tornamos um melhor hindu, um melhor mulçumano, um melhor católico, um melhor seja lá o que formos e, por sermos

melhores, nos aproximamos mais e mais Dele”.

Saí de Caux após aquela primeira visita achando que ali havia uma ação que clamava pela minha participação, algo que encapsulava o sonho do qual todo mulçumano gostaria de participar.

Experiência Europeia

Em 1992, acompanhei Gerald Henderson, original de Liverpool e que trabalhava em tempo integral com o RAM, na primeira de duas visitas à Alemanha. Apesar de eu já ter estado na Alemanha algumas vezes em projetos inter-religiosos, tinha um interesse especial em fazer aquilo porque eu tinha ouvido que, antes da Segunda Guerra Mundial, Buchman tinha estado na Alemanha várias vezes. Ele tinha tentado com afincos chegar até aqueles que estavam decididos a criar um país poderoso, mas sem Deus, e que finalmente levaram o mundo à guerra. Depois da guerra, ele deu passos importantes para ajudar na reconstrução do país e de suas conexões com o resto do mundo. Em 1948, levou um musical com um elenco internacional, intitulado *Es muss alles anders werden (Tudo deve ser diferente)*. Isto trouxe esperança e objetivo para uma nação derrotada e abatida, principalmente nas áreas industriais, onde os comunistas tentavam explorar o sentimento de desesperança oferecendo uma solução marxista. Alguns dos marxistas mais duros e comprometidos começaram a ver no Rearmamento Moral um novo caminho a seguir.

A Visão de Buchman para o Mundo Mulçumano

Durante esses vários encontros com pessoas e reuniões, tanto na Inglaterra quanto em outros países, aprendi alguma coisa sobre as amizades que Frank Buchman tinha construído com mulçumanos de vários países. Uma dessas pessoas foi o falecido Mohamed

Fadhel Jamali, do Iraque. Jamali tinha uma distinta carreira nos campos educacionais e políticos, e pagou caro pela prontidão com que defendia suas convicções apesar das pressões políticas. Em 1945, como Ministro das Relações Exteriores do Iraque, esteve presente em São Francisco durante a conferência inaugural das Nações Unidas. Teve um papel importante na redação da Carta das Nações Unidas, defendendo os direitos daquelas nações (que como a sua) submetidas a alguma forma de mandato. No entanto, ele frisou que seu encontro com Frank Buchman tinha sido tão importante para ele quanto para o seu papel na redação da Carta. Buchman o havia convidado para assistir à peça *O Fator Esquecido*, que falava sobre a solução de uma disputa industrial. Jamali foi cativado pelo tema da peça: “não quem está certo, mas o que está certo”. Ele escreveria mais tarde: “Jamais esquecerei! Deixou uma impressão duradoura na minha mente e no meu espírito. Mostrou que a violência não é o caminho, e que a estrada para uma paz justa e duradoura é o perdão e a admissão dos erros, tanto na família quanto na política”. Ele manteve contado com o Dr. Buchman e foi inspirado por sua visão para o mundo mulçumano de ser “a viga mestra da unidade para toda a civilização”.

Nunca temendo uma polêmica, Jamali falou abertamente em Abril de 1955 na Conferência Internacional das Nações Asiáticas em Bandung, Indonésia. Era o auge da cartada comunista para conquistar o poder mundial, e a discussão era sobre a questão do desarmamento. Ele fez esta declaração: “Desarmamento físico não basta: a verdade é que o mundo precisa é de um desarmamento ideológico. Conseguindo isso, devemos construir a base para um rearmamento moral e um desarmamento físico através dos quais os homens de todas as raças e nações, com corações puros e sem rancor ou ódio, se aproximarão com humildade, admitirão seus erros e trabalharão pela harmonia mútua e pela paz. É então, e somente então, que o mundo se tornará uma aldeia global, sem Ocidente e sem Oriente”.

Curando o Passado Colonial

Outros que contavam com o Dr. Buchman entre seus amigos foram Abdul Khalek Hassouna, Secretário Geral da Liga Árabe, e seu antecessor, Abdul Rahman Aziz. Si Bekkai, Primeiro-Ministro do Marrocos na época em que o Paxá de Marrakech desencadeou uma mudança miraculosa nas relações com a França, que levou à independência do Marrocos, foi outro. Mohamed Masmoudi, ministro de gabinete da recém-independente Tunísia, disse que seu encontro e sua amizade com Buchman e a ligação resultante que lhe foi dada com a França foram fundamentais na obtenção da independência do país sem derramamento de sangue.

O fundador do Paquistão, Quaidiazam Mohammed Ali Jinnah, respondeu às intenções de Buchman. Em Londres em 1946, Jinnah assistiu a *O Fator Esquecido*, peça que tanto havia comovido Jamali. A descrição feita na peça do empregador durão como um homem que não cedia o divertiu, e ele riu muito - a primeira vez que seus companheiros o viram rir desde que chegara a Londres. Mais tarde, durante o jantar com Buchman, Jinnah, referindo-se à peça, disse: “Desculpa - esta é a palavra-chave”. Posteriormente, quando a independência já havia sido conquistada, embora com grande perda de vidas e de propriedades, Jinnah admitiu que não esperava a violência que havia surgido, e pediu desculpas àqueles que haviam sofrido tanto.

Sudaneses de alto escalão se envolveram, inclusive o falecido Mohammed Salih Shangitti, ex-presidente da Câmara no parlamento sudanês e uma pessoa muito influente no recém-independente Sudão. Outra pessoa que havia sido apresentada ao Rearmamento Moral durante seus anos de estudante em Oxford foi Sayyid Ahmed El-Mahdi, o neto vivo mais velho de Mohammed Ahmed El-Mahdi.

O atual presidente do Rearmamento Moral na Malásia é Tan Sri Hajjah Saleha Mahammad Ali, que conheceu Buchman quando estudava na Universidade de Londres, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Desde que retornou ao seu país, ela tem se destacado na defesa de um trabalho de equipe próximo entre os mulçumanos e os outros membros de IdeM. Um visitante mais recente a Caux foi Sabri Koci, um mufti da Albânia. Ele estava acompanhado pelo Ministro da Religião e falou lá sobre suas experiências de como Deus havia tomado conta dele durante os 22 anos que passou na prisão, quando os comunistas governaram seu país. Ele disse que sentia que o espírito do islã permeava Caux. A esperança de Buchman sempre tinha sido que os países mulçumanos fossem como “um cinturão de sanidade ligando o Oriente ao Ocidente e trazendo o renascimento moral”. Isso, penso eu, é um desafio enorme, não apenas para mim como mulçumano, mas também para todos nós.

Experiência Pessoal com o Perdão

Em Caux aprendi sobre a importância que Buchman e os membros de sua equipe davam ao princípio e à prática do perdão, o que os mulçumanos também consideram vital. O sagrado Alcorão intima os mulçumanos a “perdoar e tolerar” em todos os nossos atos. Tenho tido, nos últimos anos, algumas experiências de enfrentar críticas e contratempos. Em 1996, os eventos ocorridos na Mesquita de Dyke Road e no Centro Islâmico de Brighton testaram a minha prática do perdão até o limite. Eu era o diretor e o imame da mesquita naquela época. Eu tinha tentado ajudar algumas pessoas a conseguir a cidadania britânica e lhes ofereci treinamento no islã. Contudo, eles foram enfeitiçados por um pregador radical e começaram a se desviar para a violência. Eram contra a minha política de tentar trabalhar com pessoas de todas as origens. Finalmente, desafiaram minha liderança e tomaram a mesquita à força em 1998. O que, me perguntava, eu

deveria fazer? Conversei com os administradores da mesquita sobre as opções e, tento tomado todas as atitudes legais possíveis, o único caminho a seguir parecia ser o perdão. Não foi fácil, uma vez que a tentação de tentar revidar era forte. No entanto, consegui resistir à tentação.

Trabalho de Equipe entre Mulçumanos e Cristãos no Oriente Médio

Em uma conferência de IdeM em 1997, fiz grande amizade com um americano de nome Bryan Hamlin, veterano no trabalho em tempo integral de IdeM que havia desenvolvido laços notáveis tanto na Palestina quanto em Israel. Subsequentemente, estive lá duas vezes com ele para convidar mulçumanos e judeus para as conferências em Caux. Aprendi com Bryan o segredo de viver com o coração aberto e de usar a honestidade para transformar as pessoas. Isto nos possibilitou chegar até pessoas que poucos estrangeiros teriam possibilidade de conhecer e propiciar a abertura e a reconciliação em uma sociedade extremamente fechada. Durante a ação, eu pensava muitas vezes na vida do profeta, da qual todos nós podemos nos beneficiar. Um exemplo disto foi o valor de um momento de reflexão silenciosa, de oração e de busca da direção de Deus, o que é salientado no Alcorão. Eu e Bryan descobrimos que este era um elemento importante em nossas viagens juntos! Muitas vezes, quando não sabíamos qual seria o próximo passo, sentíamos a “cutucada” do Todo Poderoso nos mostrando.

Nos últimos tempos, em Brighton, temos usado um filme extraordinário que dá um belo exemplo de pacificação na Nigéria. *O Imame e O Pastor* é a história verídica do Imame Muhammad

Ashafa e do Pastor James Wuye, que conheci pela primeira vez em Caux, em 2005. Foi na época em que eles eram os líderes das milícias mulçumanas e cristãs, respectivamente, no Norte da Nigéria, no começo dos anos 90, que o imame sentiu que não estava seguindo os princípios ensinados pelo Alcorão. Ele lutou consigo mesmo até que, finalmente, se aproximou do pastor, que o repeliu. No entanto, ele não desistiu e tentou uma segunda vez. E aos poucos começaram a se relacionar. Desde então fundaram juntos um Centro de Mediação Inter-Religioso, liderando forças-tarefas de reconciliação em lugares com conflitos religiosos ou étnicos na Nigéria e em outros lugares. Ao trabalharem juntos pela paz e reconciliação, tornaram-se mais próximos que irmãos, e tiveram um impacto na vida de milhares de pessoas em seu país com a perspectiva da transformação.

Visita à Austrália

Em 2006, eu e minha esposa passamos três meses visitando Singapura, Indonésia, Austrália, Nova Zelândia e Fiji, a convite das equipes de IdeM daqueles países. Falamos em reuniões públicas, demos entrevistas e nos encontramos com líderes políticos e religiosos, professores universitários e ativistas inter-religiosos. Também fomos ao Paquistão como parte de um projeto do Conselho Britânico de visitas a países mulçumanos, com referência especial ao papel da mulher no islã. Falar e ser entrevistada por uma grande variedade de pessoas foi um novo papel para minha esposa, Jamila. O que transpareceu foi sua profunda crença na criação e no cuidado de uma família. É um papel que ela ama e ao qual se entrega de coração. Como ela costuma dizer: “O mundo está repleto de ganância e ódio. Nós devemos dar o nosso tempo e a nossa energia, com a direção de Deus, para servir à humanidade acima de nós mesmos. Como disse o Sagrado Profeta do islã, os melhores entre vocês são aqueles que servem aos outros de maneira altruísta, para que

assim possamos criar ao nosso redor um mundo sem ganância e sem ódio”.

O que me surpreendeu na nossa visita à Australásia foi o valor do trabalho de equipe através da reunião de pessoas de diferentes origens e experiências e dando-lhes a chance de compartilhar seus exemplos de transformação para ajudar outras pessoas a encontrar transformações semelhantes em suas próprias vidas. O efeito acumulado disto é iniciar respostas de transformação que levarão à transformação de nações, como descobrimos ser o caso do político aposentado Kim Beazley, que conhecemos em sua cidade natal, Perth. Decidi tentar seguir seu exemplo de pôr dez pessoas para trabalhar ao invés de fazer eu mesmo o trabalho de dez pessoas.

A Dra. Charis Waddy foi outra pessoa cujo exemplo teve um profundo impacto em mim. Eu a conheci quando ela já estava no final de uma vida dedicada ao trabalho com o Rearmamento Moral - algo que continuou fazendo até falecer. Criada em Jerusalém, onde seu pai era diretor da escola anglicana, ela foi a primeira mulher a estudar árabe e hebraico na Universidade de Oxford. Isso fez com que ela fizesse amizade com várias pessoas do Oriente Médio. Ela disse a Frank Buchman: “O Ocidente tem muito a aprender com o islã, e muitos encontrarão riquezas nos seus esforços para entendê-lo”. Ela escreveu muitos livros, usando sua caneta para chegar até as pessoas com seus escritos. Gostei de seu livreto: *The Skills of Discernment (Os Talentos do Discernimento)*, que mostrou sua profunda compreensão da natureza humana e das maneiras como as pessoas podem ser transformadas, que ela em grande parte aprendeu trabalhando com Frank Buchman.

Tarefa para o futuro

Para muitos mulçumanos, os ataques ao World Trade Center e ao

Pentágono em 11 de Setembro de 2001 foram extremamente vergonhosos. Matar tantas pessoas inocentes foi, por si só, um grande choque. Mas o fato de aquilo ter sido descrito como feito em nome do islã foi ainda mais chocante. Com muitos outros, tentei reparar essa ação. No entanto, acima de tudo, pensei muito sobre a razão por detrás de tal horror.

Somos encorajados pelo Alcorão a fazer uma autocrítica, a refletir e a buscar ideias novas e criativas. Pensei nas ações de Buchman após a Segunda Guerra Mundial e no jeito como ele atingiu o povo alemão, particularmente oferecendo alternativas àqueles que, como os comunistas, buscavam explorar a raiva e o derrotismo. Não seria a próxima tarefa de pessoas como eu encontrar formas de oferecer esperança e um caminho positivo a ser seguido pelos jovens muçumanos levados, pelo ódio e pela mágoa, a praticar ações violentas e até mesmo ao suicídio a fim de chamar atenção para as suas visões apaixonadas? E ajudar aqueles que têm o poder de afetar eventos mundiais a tomar as decisões que beneficiarão a todos no longo prazo? Estas são tarefas que requerem os melhores pensamentos e ações de todos nós, e que muçumanos e não muçumanos devem assumir juntos.

Concluindo

Quando soube da ênfase que Frank Buchman colocava nos quatro padrões morais absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor, e em ouvir em oração, buscando a direção de Deus, achei que isso tinha origem nos princípios que todo muçumano aprende no Alcorão, quais sejam:

Seja honesto: E combatei com denodo pela causa de Deus (alcorão 22:78, 16:22).

Seja puro: É certo que prosperarão os fiéis (...) que observam a

castidade, exceto com seus cônjuges ou cativas - nisso não serão reprovados (...) e herdarão o paraíso onde morarão eternamente (23: 1-11).

Seja altruísta: Evitai a fornicação, porque é uma obscenidade e um péssimo exemplo! (17:32)

Seja amoroso: Lê, em nome do Senhor que te criou (...) Deus aprecia os benfeitores (...) Deus aprecia os puros. (2:195, 9:108, 96:1).

Transformação: Ele jamais mudará as condições que concedeu a um povo, a menos que este mude o que tem em seu íntimo (13:11).

Obediência: Escutai-O, obededei-Lhe (64:11).

14

A Ação Emerge do Silêncio – Uma Visão Russa

Por Grigory Pomerants

Grigory Pomerants nasceu em 1918 em uma família judia em Vilnius, Lituânia, mas sua família se mudou em 1925 para Moscou, onde ele se formou em letras e literatura russa. Por sua tese sobre Dostoyevsky ter sido julgada antimarxista, ele não foi admitido no curso de pós-graduação, porém hoje ele é um conhecido escritor russo. Lutou no exército vermelho contra Hitler, foi ferido duas vezes e condecorado duas vezes. Apesar de ter estado preso por cinco anos devido a agitações antissoviéticas, ele é atualmente membro da Academia de Ciências Naturais e do Sindicato dos Escritores.

Não apenas a guerrilha em Sarajevo deve ser rearmada moralmente, mas também os cidadãos do mundo afluentes.
Novoye Vremya (New Times)²

Há aproximadamente três anos, o intérprete Andrei Moronov telefonou e perguntou se poderia trazer dois escandinavos para me ver. Estavam interessados em como tinha sido possível

² No. 45, Moscou, Novembro de 1994, pág 36-38.

Shafarevich, autor de um bom livro sobre socialismo, ter escrito *Russophobia (Russofobia)*. Eles tinham ido fazer essa pergunta a Pavel Litvinov, e ele os encaminhou para mim. Não lembro o que eu disse, mas foi o começo da minha amizade com Leif Hovelsen. Devo isso a Shafarevich. Não sei se ele me desejava boas coisas, mas a sorte assim decidiu.

Perdoando o seu carrasco

Leif foi membro da resistência na Noruega. Um amigo o traiu. Ele foi preso e torturado cruelmente, mas recusou-se a ser um informante e esperava pela execução de sua sentença de morte. De repente, tudo mudou. Houve uma revolta de prisioneiros de guerra soviéticos que se uniram às forças de resistência para libertar o país (a extraordinária história do tenente-coronel Novobranets, o líder da revolta, pode ser lida no livro do general Grigorenko, *In the Underground you only meet rats (No subsolo só há ratos)*, mas esse não é o nosso assunto agora). Os SS foram feitos prisioneiros, sendo que aqueles que tinham sido prisioneiros tornaram-se seus guardas. Os novos guardas forçaram os antigos a fazerem o que eles haviam sido forçados a fazer quando eram prisioneiros: agachar e pular, agachar e pular. Um dos SS ficou exausto e pediu água. Leif trouxe a água e viu o rosto odiado de seu torturador. Num ataque de fúria, jogou a água na cabeça do homem. Depois ficou envergonhado. Quando ele aguentou a tortura, a vitória tinha sido dele. Mas agora, eles tinham vencido - ele agira como eles.

Leif pediu uma licença, foi para as montanhas e tentou reunir seus pensamentos, recolher-se ao silêncio. Em um dado momento, sua voz interior - talvez induzido pelo modo como sua mãe o criara - disse a ele que deveria perdoar seu torturador. Leif foi para casa e contou a tudo à sua mãe. Ela o apoiou: “Diga-lhe que, como sua mãe, rezarei por ele”. Leif obteve permissão para visitar o homem da SS, que havia arruinado seus tímpanos

quando o espancava, e lhe contou tudo. O homem da SS ficou estupefato. Como outros não tinham retirado suas queixas, o torturador foi executado, mas antes de sua execução pediu um padre pela primeira vez em muitos anos. Desde aquela época Leif tem dedicado toda a sua vida à reconciliação de antigos inimigos.

Leif trabalhou por cerca de dez anos com outros membros da sociedade para o Rearmamento Moral, tentando unir franceses e alemães. Ele ajudou dissidentes e trabalhou para que o prêmio Nobel fosse concedido a Sakharov (físico russo e dissidente político) e Walesa (líder trabalhista polonês e presidente da Polônia depois da queda do comunismo) – que dividiram o Prêmio Nobel da Paz em 1983. Após fazer amizade com Leif, por duas vezes aceitei o convite para ir a Mountain House, Caux, onde aconteciam as conferências anuais do RAM - 700m acima do Lago Genebra, lugar onde os prisioneiros de Chillon definharam e onde Vladimir Nabokov e Charlie Chaplin terminaram seus dias em paz.

O Espírito Especial da Mountain House

A primeira impressão é a da beleza estonteante de Mountain House. A segunda é a das pessoas que, de modo algum, destroem sua beleza. No Cáucaso ou na Criméia há montanhas, vales e lagos que nada ficam devendo à Suíça, mas as pessoas estragam sua beleza com barulho e sujeira. Aqui, ao longo da autoestrada que corta as florestas, não se vê nenhum lixo. Vi um carro estacionado (novo como se tivesse acabado de sair da fábrica: nunca vi um carro sujo, há muitas por sujeira) - o rádio não estava ligado, ninguém atrapalhava o silêncio. Eles dirigem calmamente e não interferem com os pedestres. Nunca vi um bêbado. “*Bonjour Monsieur, Bonjour Madame*”. Talvez seja apenas um hábito; mas é um hábito muito bom. Encerra o antigo respeito pelas outras pessoas, o senso de responsabilidade pelos outros.

E apoiado nesses hábitos, foi criado o espírito especial de Mountain House, infundindo a educação habitual com boa-vontade sincera... Não vejo como deixar de usar essa palavra fora de moda. Negros, brancos, pardos se unem, e todos convivem como uma grande família. Não há funcionários. Todos escolhem uma equipe para fazer parte: preparar os legumes, cozinhar, limpar os quartos, e assim vai. As equipes se reúnem, pessoas de diferentes partes do mundo se aproximam. Outra maneira de as pessoas se unirem é mais pessoal: por alguma razão alguém gosta de você e convida para almoçar ou jantar. O anfitrião põe a mesa e uma conversa acontece - bem ali, na sala de jantar, ou na sala ao lado, por uma, duas ou três horas.

Houve alguns encontros parecidos com as conversas entre Ivan e Alyosha na taverna. Evidentemente, isso não acontece só na Rússia. Passamos uma noite como essa com um ministro presbiteriano americano, Robert MacLennan, compartilhando as viradas na vida que formaram a sua visão de mundo, a minha visão de mundo e a visão de mundo da minha esposa, Zinaida Mirkina. Às vezes, a presença de um intérprete parecia meio estranha, mas Andrei Mironov não era apenas um intérprete. Havia algumas figuras da Perestroika que ele simplesmente não conseguia traduzir, mesmo tendo entrado de cabeça na conversa. MacLennan chamou nossa atenção quando presidia uma reunião entre rabinos israelenses e mulões palestinos na sessão plenária, e disse que, quanto mais profundamente se entra na essência da sua própria religião, mais se entende as outras religiões. De alguma forma, eu e minha esposa nos demos muito bem com ele; desde o começo, nossa conversa fluiu como aquela com Leif em Moscou. Lembro que Robert tinha um amigo psicólogo que o tinha ajudado muito durante um momento difícil, mas o chateava por ir pouco à igreja. Quando perguntado por que, ele disse: “Eu não tenho que ir”. A princípio, MacLennan ficou ofendido, mas, alguns anos depois ele percebeu que isso pode ter sido uma das coisas mais profundas que ele jamais ouvira.

Não importa o que faça, não se lastime demasiadamente!

Outro encontro memorável foi entre minha esposa, Zinaida, e Djurdjica, da Croácia. Uma devota apaixonadamente católica, Djurdjica, apesar da diferença de caminhos espirituais, teve uma experiência espiritual direta e foi atraída por ela. Durante as conversas das duas mulheres, fui apenas um tradutor (de alemão para o russo e do russo para o alemão). Mas às vezes era o contrário, e a conversa era comigo. Após minha apresentação em um seminário, dois intelectuais, Professor Pierre Spoerri e o embaixador Mackenzie, nos convidaram para jantar e choveram perguntas sobre a teoria do sub-ecumenismo. Passei razoavelmente bem no teste e até tentei responder no mesmo idioma em que perguntavam (Mackenzie pertence àquela minoria britânica que pronuncia as palavras distintamente, e a terminologia acadêmica em todas as línguas europeias é mais ou menos a mesma). Só não consegui responder a uma pergunta: que forma poderia tomar um governo mundial? Nunca tinha fantasiado sobre isso, então respondi honestamente: não sei.

Dentre as discussões em grupo e os seminários, eu destacaria, particularmente, o encontro dos oradores russos. Dentro da compreensão local, não significava um encontro étnico, mas sim de todos os que falavam russo. O professor Landsbergis e sua esposa também vieram. Dmitri Nikulin, o autor de um bom livro chamado *Metaphysical Reflections* (Reflexões Metafísicas), na sua abstração filosófica chamou o líder lituânio de “Brazaukas”. Landsbergis continuou a comédia de erros ao chamar Nikulin de “Brezhnev”. No entanto, nem tudo era tão engraçado. Houve uma intervenção provocativa do Dr. Ernst, um médico alemão que havia cuidado de bielo-russos na época da guerra e que manteve a conexão com a Bielorrússia. Ele começou a falar da culpa do Ocidente (e particularmente da Alemanha) por todos os infortúnios do Oriente. Isto mexeu com minha esposa, Zina, e ela

o apoiou veementemente. Então Landsbergis se levantou e disse que, sob nenhuma circunstância, devemos nos lastimar demasiadamente. É claro, ele admitiu, os nazistas fizeram muitas coisas horríveis com os judeus, mas frisou que aquilo tirava a nossa atenção da ameaça das pretensões imperialistas da Rússia, que ainda não viraram passado. Em suas palavras, a Rússia deve provar sua sinceridade liberando a Chechênia.

Eu tentei mudar o foco para o sentimento de culpa pessoal que, de acordo com a minha experiência, não segue regra alguma, já que o arrependimento de todo um estado pode se transformar apenas num gesto simbólico. Nenhum medo do excesso de arrependimento surgiu entre os demais presentes. A Sra. Landsbergis percebeu e decidiu apoiar seu marido. “Estas são apenas palavras” disse ela, “nós precisamos de ação” (aparentemente concedendo a independência para a Chechênia). Ela falou como “a única aqui dentre aqueles que sofreram”. É verdade que ela cresceu no exílio na Sibéria, e provavelmente foi muito difícil. No entanto, entre os demais havia muitos que tinham sofrido repressões estalinistas e pós-estalinistas; havia uma russa nascida no porto de Sevastopol em 1920 (sua mãe dera à luz logo após entrar no navio e a pequena recém-nascida quase foi jogada fora como uma trouxa de farrapos quando o navio estava sendo descarregado). A Sra. Landsbergis pôs tudo isso de lado: “Vocês pertencem à nação dominante”. Numa atmosfera geral de abertura ao sofrimento dos outros, esta impermeabilidade aos problemas das outras pessoas (o que era habitual na Terra) era esquisita. No planeta RAM, reinava o espírito de reconciliação: sudaneses do norte e do sul, israelitas e árabes, khmer vermelho e khmer de sangue real, e assim por diante.

O oposto de Babel

Depois da Suíça, fui à Letônia dar palestras e, mais uma vez, me vi no planeta Terra; por todo lado se sentia o clima de duas

comunidades nacionais tomadas pela ansiedade e pela desconfiança. A Sociedade Cultural Russa na Letônia está tentando iniciar um diálogo, uma conversa em que ambos os lados se ouvem mutuamente e estão prontos a entender os argumentos de seus oponentes. No entanto, os extremistas de ambos os lados ainda não estão preparados para isso. Enquanto isso, um russo que estava na plateia veio até mim e disse que a situação na Rússia o alarmava mais que a situação na Letônia. A reconciliação das comunidades nos estados bálticos é, basicamente, uma questão de tempo. O desastre não os está afogando. Talvez o RAM ajude a iniciar o processo que se viu no Reno nessas antigas repúblicas soviéticas.

Falando na última sessão plenária, Zinaida disse que, em Mountain House, acontece o exato oposto da construção da Torre de Babel: naquela, um único idioma se dividiu em vários, ao passo que aqui as pessoas são ensinadas a falar um idioma divino comum e, como crianças, estamos aprendendo a entender esta língua silenciosa que abre a alma.

O espírito do fundador da sociedade, Frank Buchman (1878-1961), vive nas pessoas que se reúnem em Caux. Ele tem sido comparado ao filho do Sr. Pickwick transportado para a América e a São Francisco de Assis. Buchman era descendente de suíços-alemães que deixaram a Europa em 1740, mas nele havia realmente algo de Pickwick ou de São Francisco: uma energia espiritual que vinha de uma sensação de chamado interno, um tipo de carisma, e o otimismo iluminado do Sr. Pickwick, e algo a mais, unicamente americano, um tipo de praticidade inspirada. A ideia da sociedade ocorreu a Buchman numa conferência sobre desarmamento no começo dos anos 30 (ele participou como especialista); se o espírito das nações não mudar profundamente, nada sairá das negociações, a guerra será inevitável. A fonte de energia para a transformação deve ser buscada no silêncio, num lugar onde a própria natureza carrega as marcas do pensamento

de Deus e evoca na mente chamados evangélicos.

Praticamente ninguém ouviu Buchman às vésperas da guerra. Na Rússia, Alemanha, Japão, o culto à força crescia impetuoso. O medo do comunismo fez com que políticos ocidentais procurassem se entender com Hitler. Então o medo de Hitler causou a fabricação da bomba atômica. Durante os anos da guerra, Buchman esteve recluso com alguns amigos em Island House (na região dos Grandes Lagos americanos) e contemplou o que seria necessário ser feito após a destruição na Europa. Em 1946, ele veio à Suíça. O dilapidado hotel em Caux foi comprado com o dinheiro de 90 famílias. Aqui aconteceu a primeira conferência do pós-guerra.

A ordem de Buchman

Não havia alemães entre os que chegavam. Eles ainda não tinham o direito de deixar o país sem uma permissão especial das forças de ocupação. Buchman conhecia alguns alemães sobre cujas convicções ele não tinha dúvidas. A seu pedido, o comando americano lhes deu permissão para ir à Suíça. Um desses alemães era Adenauer. Logo Buchman apresentou Adenauer ao Ministro das Relações Exteriores francês, Robert Schuman. Em dez anos trabalhou nas bases da sociedade, tentando apagar os traços do ódio nacional e encorajar os franceses a acreditar na sinceridade do arrependimento alemão (nosso amigo Leif trabalhou nisso com outras pessoas). Ao mesmo tempo, um importante trabalho começava na Ásia e na África. Buchman não tinha dúvidas de que o fim do sistema colonial estava próximo, e a sociedade fez tudo o que pôde para que a transição para a independência fosse pacífica e sem derramamento de sangue. Muitos estadistas dos novos países tornaram-se amigos de Buchman e dos membros da sociedade. No ano passado, um dos líderes do RAM, Rajmohan Gandhi, um neto de Mohandas Gandhi, nos visitou em Moscou.

Buchman permaneceu um cristão apaixonado, mas a busca por uma comunidade universal fez com que a ênfase mudasse para o espírito de amor comum a todas as grandes religiões, e hoje o RAM se tornou um tipo de ordem universal onde judeus e mulçumanos, budistas e hindus, se uniram aos cristãos. O movimento tem seus próprios problemas não solucionados que vêm se acumulando desde o falecimento de Buchman. No entanto, o espírito de Buchman ganha vida nas reuniões quando a abertura da fé cruza as fronteiras da religião.

Venenos e antídotos

Hoje não falamos sobre religiões em crise, mas sim sobre uma crise global, e o impulso para isso vem do Ocidente. Desenvolvimento não é um simples movimento na direção de coisas melhores. Ele cria venenos que devem ser contra-atacados. Quando o desenvolvimento é muito rápido (naqueles países que tentam emparelhar-se com o Ocidente) não há tempo para se produzir o antídoto, e as doenças que são toleráveis na Europa se tornam mortais em outros lugares. O Ocidente tem acumulado bons hábitos - disciplina interna, responsabilidade e respeito à lei - e esses hábitos permitem que se mantenha firme apesar de se entreterem com ideias e paixões destrutivas. No entanto, após algumas décadas, os bons hábitos podem desaparecer, ou quase desaparecer; esta é a experiência no nosso país. E é por isso que o Rearmamento Moral é necessário não apenas nas crises religiosas. É necessário no mundo todo.

Traduzido por O. Tatishcheva e P. Thwaites.

15

O Fator Esquecido da Indústria

Por Alec Porter, com Jens Wilhelmsen,
Maarten de Pous e Miles Paine

Alec Porter nasceu e cresceu na Irlanda. Estudou agronomia e trabalhou para Peter Howard em sua fazenda, em Suffolk, por cinco anos. Ele participou na época do programa do RAM para a indústria na Inglaterra, Holanda, França, Estados Unidos e Índia.

Em 1936, Frank Buchman, confrontado com as consequências da depressão econômica mundial, se preocupava com qual seria a maneira mais eficaz para atingir os trabalhadores e a indústria na Inglaterra. Ele convidou Bill Jaeger para trabalhar com ele e começar em East London (o nome comumente dado ao Nordeste de Londres, Inglaterra, no lado Norte do rio Tâmisa), uma área de muita pobreza, dificuldades e agitação, onde três milhões de trabalhadores lutavam para viver.

Jaeger vinha de uma família de trabalhadores e tinha feito muitos amigos em East London no seu tempo de estudante. Agora, tendo terminado os estudos, sentiu que o convite era uma confirmação de seu próprio sentido de chamado para participar das ideias do Grupo de Oxford (o primeiro nome dado ao trabalho de Buchman) para os trabalhadores do mundo e para a vida industrial das nações. East London foi o berço do Movimento Trabalhista Britânico. Trabalhistas pioneiros como Ben Tillet e Tod Sloan eram amigos de Buchman e davam forte apoio ao seu

trabalho. É difícil imaginar hoje, mas o East London na época tinha sete mil chaminés de fábricas, assim como as principais docas do porto de Londres.

Em dois anos, o Grupo de Oxford tinha se tornado um nome muito conhecido, pois Jaeger e a equipe que ele tinha formado vinham realizando uma série de reuniões públicas, reunindo entre 700 e mil pessoas em toda a área. Assim, era um lugar natural para Buchman lançar sua campanha mundial para o Rearmamento Moral em 1938. Três mil pessoas lotaram a subprefeitura de East Ham (um local no bairro londrino de Newham). Compareceram vinte e seis prefeitos e presidentes de câmara de vereadores locais.

Jaeger presidiu a reunião. Buchman disse durante a reunião de lançamento: “Somente um novo espírito nos homens poderá trazer um novo espírito para a indústria. A indústria pode ser a pioneira da nova ordem. Quando o trabalho, a administração e o capital se tornarem parceiros sob a direção de Deus, então a indústria assumirá o seu papel na vida nacional. Novos homens, novos lares, nova indústria, novas nações, um novo mundo”. Frank Buchman sempre baseava seu trabalho na premissa segundo a qual, se as pessoas podem se transformar, então as situações no mundo podem ser transformadas também. Ele falava em tornar a riqueza e o trabalho do mundo disponíveis para todos e sem explorar ninguém. E a primeira peça teatral dramatizando essas ideias, *O fator Esquecido*, era também sobre a indústria - e foi usada em todo o mundo.

Nos anos 1920-30, através do Grupo de Oxford, muitos empregadores, cujas vidas e atitudes tinham sido transformadas, tiveram um grande impacto na indústria britânica e mundial nas décadas que se seguiram.

O que é moralmente certo pode ser economicamente viável

Farrar Vickers era diretor administrativo da Vickers Oils, em Leeds, uma empresa familiar que manufaturava óleos especiais para as indústrias têxtil e naval. Em 1933, a transformação de seu filho, John, o desafiou a transformar toda a sua vida. Ele teve o pensamento claro de ir à fábrica, como se fosse a primeira vez, com seus olhos bem abertos. O que ele viu o chocou. Não havia onde se lavar apesar dos trabalhadores lidarem com graxas sujas o dia inteiro. Não havia uma cantina. Não havia remuneração para os doentes e pouca ou nenhuma aposentadoria. Tais condições eram a norma da indústria na época.

Numa experiência de fé, ele começou a mudar essas coisas. Persuadiu os acionistas a dar uma parte de seu capital para estabelecer um fundo para beneficiar os funcionários e seus dependentes. Durante a depressão, ele contratou mais pessoal para implementar essas mudanças.

Cinco anos depois, o líder de uma das marchas da fome, um palestrante economista marxista, passou o dia visitando a empresa. Ele disse a Vickers: “Você fez mais voluntariamente do que qualquer governo radical poderia tê-lo obrigado a fazer”. A partir daí, durante os próximos 60 anos, Farrar e seu filho John, que o sucedeu, provaram que o que era moralmente correto pode ser economicamente viável.

Nas fronteiras com a Escócia, onde a lã era a principal indústria, Stuart Sanderson administrava um lanifício. Quando o mercado do tecido que ele manufaturava entrou em colapso, ele e sua esposa decidiram estocar o tecido e manter seus funcionários trabalhando. Para poderem fazer isso, venderam sua grande casa e se mudaram para um chalé dentro da propriedade do lanifício. Anos mais tarde, com o início da Segunda Guerra Mundial, o tecido se tornou muito necessário.

“Por que você não tenta ser sincero com os homens como é sincero comigo?”

John Nowell era o diretor-administrativo do Curtume Camden, no Norte da Inglaterra, e presidente de sua associação nacional. Quando surgia uma situação de greve, ele conversava sobre ela com sua esposa, com quem estava construindo uma nova vida familiar. Sua esposa lhe disse: “Por que você não tenta ser sincero com os homens do jeito como é sincero comigo?” Ele assim o fez, colocando todas as cartas na mesa e convidando os delegados sindicais a fazerem o mesmo e a descobrirem juntos o que era correto. Isso levou ao estabelecimento de um conselho de trabalhadores que se tornou o esteio da disciplina na fábrica e um fórum onde as ideias podiam ser discutidas. O organizador de distrito do sindicato disse: “Aqui está um claro exemplo para o resto da indústria. Cada um dos meus 4.000 membros se beneficiou com o que eu aprendi no Curtume”.

Quando aqueles empregadores - Vickers, Sanderson e Nowell - participaram de uma sessão industrial na Escócia, os trabalhadores do estaleiro Clydeside e de outras indústrias vieram conhecê-los. Era a primeira vez que se encontravam com capitalistas e administradores com novas motivações e novas ideias. Isto lhes deu uma nova visão para a indústria e o papel na sua transformação, afastando-a da antiga atitude de classes. Em 1939, Buchman convidou alguns deles para o lançamento do RAM em Nova Iorque, Washington e Califórnia. Inclusive Duncan Corcoran e Adam McLean, cuja mãe havia doado para ajudar nos custos o dinheiro que tinha juntado para a lápide de seu pai; outras famílias também fizeram sacrifícios ao deixarem partir aqueles que ganhavam o pão.

Nos Estados Unidos, após o lançamento do RAM no Hollywood Bowl, Califórnia, com 30 mil pessoas presentes, McLean e Blyth Ramsay estavam indo para o Canadá quando a guerra estourou.

Eles foram aconselhados pelos oficiais consulares a continuar nos EUA como sua melhor contribuição no esforço de guerra aliado. Eles aproveitaram a oportunidade para se encontrar com os líderes sindicais da fábrica de aeronaves Boeing, em Seattle, os quais os apresentaram a Dale Reed, o presidente do sindicato da fábrica Lockheed, na Califórnia.

A Lockheed estava construindo os aviões caças P38. O quadro de funcionários subiu durante a guerra de seis mil para 80 mil, quando começaram a construir as chamadas Fortalezas Voadoras. Reed estudou o livreto do RAM *You can defend America*. Ele mandou que a administração desse uma cópia para cada funcionário. Foram distribuídas 40 mil cópias em toda a fábrica. Depois daquela reunião com Reed, a Lockheed reconheceu o sindicato pela primeira vez.

Sustentando a produção de guerra de uma nação

Mais tarde, Reed enviou uma mensagem para Washington-DC: “há aviões hoje lutando no front que não estariam lá se não fosse o entusiasmo e a liderança altruísta que os trabalhadores do RAM trouxeram a todos os níveis de trabalho”.

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, uma nova peça teatral, *O Fator Esquecido*, baseada nas experiências recentes na indústria, escrita por Alan Thornhill, um ex-catedrático de Oxford, era tão dinâmica e real que tinha um efeito profundo em todos que a assistiam. Bill Schaffer, o líder de 17 mil trabalhadores no estaleiro Cramps, na Filadélfia, e sua esposa, apelidada “Dinamite”, haviam chegado a um acordo de divórcio. Schaffer contou a Bill Jaeger, que se tornara um amigo próximo, que seus problemas eram “cavalos lentos e mulheres rápidas”. Então ele confessou isso à esposa. A primeira reação dela foi bater nele, mas então ela sorriu e aceitou suas desculpas. Seu casamento foi completamente refeito. Schaffer então seguiu o

exemplo de Jaeger e montou uma equipe para trabalhar com ele, e um novo espírito surgiu no estaleiro. Birch Taylor, vice-presidente da empresa, disse: “Eu considero o trabalho destes britânicos e seus colegas americanos como o esteio da atividade de produção de guerra da nação”.

Quando *O Fator Esquecido* foi exibido na Filadélfia, por volta de um ano antes de se tornar presidente, Harry Truman fez esta declaração: “Precisamos deste espírito na indústria, precisamos dele na nação. Pois, se os Estados Unidos não pegarem este espírito, teremos sorte se ganharmos a guerra e certamente perderemos a paz. Com ele, não há limite para o que podemos fazer pelos Estados Unidos e o que os Estados Unidos podem fazer pelo mundo”.

Duncan Corcoran e Bill Jaeger conheceram Philip Murray, o presidente do Congresso das Organizações Industriais (Congress of Industrial Organizations - CIO), a principal confederação de sindicatos industriais nos Estados Unidos, um rude escocês e pioneiro do CIO. Quando a peça *You can defend America* foi exibida na convenção nacional dos trabalhadores de usinas siderúrgicas, ele discursou após apresentação: “Isto exemplifica o espírito e o tipo de união que os Estados Unidos estão procurando”.

Deem-me carvão... e eu lhes darei uma política exterior

Em Abril de 1946, Buchman, juntamente com uma equipe que incluía as 110 pessoas que tinha trabalhado com ele nos Estados Unidos, foi para Europa, chegando primeiro na Inglaterra. A Inglaterra tinha muitos problemas, um terço de suas residências tinha sido destruído ou danificado, fábricas derrubadas, bilhões

em dívidas e, quando a posição da União Soviética tornou-se clara, houve a necessidade de manter um milhão e meio de homens nas forças armadas. O ministro das relações exteriores, Ernest Bevin, dizia aos mineiros: “Deem-me 30 milhões de toneladas de carvão para exportação e eu lhes darei uma política exterior”. Mas o ministro de combustíveis e energia, Manny Shinwell, avisou ao Parlamento: “A posição existente contém os elementos para um desastre industrial”.

Buchman consultou duas pessoas que davam tempo integral e tinham trabalhado com os mineiros durante a guerra. Era claro que *O Fator Esquecido* seria ideal. A peça foi apresentada em Londres. Mineiros de várias minas de carvão vieram assisti-la. Os quatro mineiros da área de Doncaster convenceram seus colegas a levar a peça para Yorkshire. Duas mil pessoas ligadas à indústria de carvão vieram assistir.

Na semana seguinte, uma das maiores minas relatou que a produção tinha subido de 10 mil para 16 mil toneladas. O administrador, conhecido como “the pocket battleship” (o encouraçado de bolso) e visto como um ditador pelos homens, pediu desculpas aos mineiros. Ele disse que a peça o fizera ver seu trabalho de uma forma bem diferente. Cinco anos mais tarde - sem homens ou maquinário extras - a produção era de 21 mil toneladas por semana.

Durante os dois anos seguintes, a peça viajou pelas minas e áreas industriais, sendo que o elenco e as pessoas que viajavam com a peça eram convidados para se hospedar nas casas das pessoas locais. Eles receberam convites de 150 minas de carvão, e mais de 70 mil pessoas assistiram à peça nas áreas mineiras.

Pondo fim à acrimônia e ao rancor

Em 1948, as minas da Grã-Bretanha tinham sido nacionalizadas. Isto certamente fez uma grande diferença, mas quase sempre os

administradores e os líderes sindicais permaneciam os mesmos, com as mesmas atitudes de rancor e desconfiança. Frequentemente se estabelecia a desilusão. Hugh Gaitskell, o novo ministro de combustíveis e energia, disse que o Conselho Nacional de Carvão tinha duas tarefas: uma técnica e uma psicológica: “Tinham que conseguir grandes mudanças nas minas e tinham que transformar completamente o espírito das pessoas que trabalham na indústria”. Foi na segunda esfera que o Rearmamento Moral causou um impacto na indústria do carvão. Nos vales do Sul do País de Gales, em seis semanas 35 mil pessoas assistiram à peça. Tom Beecham era o gerente de produção do Conselho Nacional de Carvão na área, o que incluía Rhonda Valley, o cenário de uma das mais dolorosas lembranças da mineração de carvão. Ele escreveu: “*O Fator Esquecido* teve um grande efeito nas nossas relações, o que aparece nas negociações entre o Conselho e o sindicato. O grande problema é conseguir cooperação na mina e isso estamos conseguindo. Já não há a acrimônia e o rancor de antes”.

Horance Holmes, deputado, Secretário Parlamentar Particular do Ministro de Combustíveis e Energia, ao falar na assembleia do RAM em Caux, disse: “Já faz mais de 47 anos que entrei para as minas, quando ainda era uma criança. Passei mais de 30 anos no subsolo. Por muitos anos participei ativamente do movimento sindicalista, e de 1902 a 1945 ajudei a dar forma à abordagem marxista materialista em relação à indústria. Ajudei a dar forma ao ódio que surgiu entre a administração e os homens (...) Agora me encontro numa posição em que posso ver as coisas por uma perspectiva diferente. Tem sido para mim uma grande alegria ajudar a espalhar o RAM entre os corações e as vidas das pessoas. Vi muitas transformações acontecerem em Midlands, na minha Yorkshire, na Escócia e em Gales. Vi a administração abordar seus problemas com uma atitude diferente e, por causa disso, vi uma produção melhor no que diz respeito ao carvão”.

Pessoalmente, eu estive no Sul do País de Gales por algumas semanas com *O fator Esquecido*. No final da temporada, Frank Buchman veio a Cardiff a caminho de Caux, Suíça, para a conferência mundial do RAM. Vieram muitos mineiros para encontrar com ele. Ele os convidou para irem a Caux. “Venham ver”, disse ele. Mais de 60 mineiros e metalúrgicos, com suas esposas, fizeram a jornada até Caux. Eu fiquei no vale com outras pessoas nos meses seguintes, conhecendo os mineiros e suas famílias e ficando em suas casas. Depois fui a Caux para a conferência de 1949.

Eu fugi!

No entanto, depois de um mês em Caux, eu fugi! Peguei o trem noturno para Londres sem contar a ninguém que eu estava indo embora - nem mesmo a meu irmão, Bill. A verdade é que eu não estava preparado para dedicar a minha vida à revolução total que vi em Caux nem para encontrar meu papel nela. Não aproveitei a oportunidade para contar a Bill, ou a nenhum amigo, sobre os conflitos internos que enfrentava. Contudo, durante a noite sem dormir no trem, percebi que não poderia desistir da nova vida que eu havia encontrado através do RAM e que não poderia fugir de Deus e de seu chamado. Sendo assim, fiquei feliz ao encontrar alguns amigos em Londres e a dar a Deus a chance de resolver minha vida e recomeçar uma vida inteiramente nova. Como tenho visto muitas vezes acontecer na minha vida, quando estou preparado para ser honesto e recomeçar com Deus, uma vida inteiramente nova se abre.

Foi em Londres que me encontrei novamente com Eric Turpin, que conhecera na época de estudante em Dublin, onde conhecemos o RAM. Depois da faculdade, ele trabalhou como químico industrial em Belfast. Enquanto assistia a uma apresentação do musical do RAM *The Good Road*, ele teve o pensamento claro: “Você não está fazendo o máximo para

reconstruir o mundo. E você não se encontra no lugar certo para fazê-lo”. Agora, em Londres, Eric começa a ver o que precisava ser feito para trazer um novo espírito para as docas. Convidou-me para trabalhar com ele.

Greve após greve durante anos

Quando o Programa de Recuperação Europeia, ou o Plano Marshall, foi iniciado pelos Estados Unidos para sustentar a recuperação econômica da Europa Ocidental, ele foi rejeitado pela União Soviética, sendo que seu regime também obrigou os países da Europa Oriental a fazer o mesmo. A Tchecoslováquia queria aceitar a ajuda americana. Uma onda de greves em toda a Europa Ocidental foi uma tentativa de negar sua recuperação. Estima-se que uma única greve na França custou a metade de toda a ajuda para a França naquele ano.

Talvez, o que mais causou danos foi a greve de Beaverbrae no porto de Londres, que se espalhou para outros portos e os obstruíram durante semanas no verão de 1949. Dizem que custou à Grã-Bretanha 217 milhões de libras, o equivalente à ajuda do Plano Marshall para aquele ano. O Sindicato dos Marítimos do Canadá, liderado por comunistas, estava numa disputa com seus empregadores canadenses, mas esperaram até que o navio Beaverbrae atracasse em Londres para declarar a greve. Os marinheiros desembarcaram. O navio foi declarado “negro” pelos sindicatos menores de portuários. Os portuários pararam de trabalhar e foram suspensos. Outros portuários entraram em greve para apoiá-los. Um comitê não oficial de greve foi formado para espalhar a greve nacionalmente. Mesmo depois do fim da greve este comitê continuou se reunindo ainda por uma década ou mais para incitar o descontentamento a se transformar em greves nos portos. O sindicato e o governo tentaram controlá-los sem sucesso; houve greve após greve durante anos.

Nos meses seguintes, com a ajuda de outras pessoas, incluindo Bill Jaeger e Duncan Corcoran, viemos a conhecer os líderes oficiais e não oficiais dos portuários. Eles vieram às reuniões públicas, onde ouviram e conheceram oradores como os empregadores Farrar Vickers, John Nowell e Stuart Sanderson, assim como Bert Allen, presidente do sindicato dos engenheiros de Birmingham, e mineiros da Inglaterra e do Ruhr. Alguns foram a Caux. Também vieram portuários da Holanda e da Alemanha. Nesse cenário global, os portuários perceberam que a eles era confiada a vida econômica de nações.

Dan Hurley, um delegado do sindicato, que havia declarado o Beaverbrae “negro”, escreveu a Buchman após retornar de Caux: “Minha visão certamente adquiriu um aspecto inteiramente novo, e tornou-se muito mais fácil ver o ponto de vista de um companheiro e não estar sempre preparado para forçar a doutrina tão agressiva que tem sido parte da minha política há tanto tempo. Sempre me lembrarei do senhor, descansando após um dia duro de trabalho. Como deve ser difícil ensinar à humanidade uma ideologia, que por muitos, como eu, é vista com uma boa dose de suspeita, e ainda assim, com toda a carga de tensão que os tolos impõem ao senhor, o senhor consegue aparentar ser a pessoa mais serena que já conheci”.

A mais longa guerra já travada – a guerra de classes

Tom Keep era presidente do Sindicato Nacional Unificado dos Portuários e Estivadores e comunista há mais de vinte anos. Trabalhava num cais de carvão no porto de Londres. Ele notou uma grande mudança em seu gerente, que o convidou para participar de uma reunião do RAM para empregadores e empresários no The Royal Empire Society, no centro de Londres – um local que normalmente não era frequentado pelos portuários de Londres! Na semana seguinte, Keep falou em uma reunião com mineiros no Rhonda Valley: “Vi empregadores e

trabalhadores mudarem. Isto pode pôr um fim à guerra mais longa já travada - a guerra das classes”.

Em 1959, Joe Hancock, um conhecido militante trotskista do porto de Liverpool, escrevia e vendia o jornal trotskista daquela época. No entanto, essas atividades militantes escondiam uma busca intensa por um significado mais profundo para a vida. Ele conheceu o Rearmamento Moral através de alguns outros trabalhadores do porto. Quando ele e sua esposa experimentaram juntos, descobriram uma nova vida em família. Anteriormente, quando havia desavenças e tensões, muitos relógios despertadores sofreram ao serem atirados dentro do quarto!

The Industrial Pioneer

Hancock e seus amigos decidiram produzir um novo jornal mensal, *The Waterfront Pioneer*, para dar a todos no porto uma perspectiva construtiva das notícias e das questões que os afetavam. Era vendido nos portões das docas, não apenas no porto de Liverpool, mas também em Londres e Glasgow. Trabalhadores de outras indústrias pediram a Hancock para ampliar a cobertura para incluir suas indústrias e as notícias internacionais. Ele se tornou o *The Industrial Pioneer*. Circulou ainda por 40 anos, produzido por voluntários. Chegava a centenas de trabalhadores nas principais indústrias, aos delegados sindicais e à administração das fábricas e ao Parlamento. Tinha leitores em mais de 50 países.

No porto de Bristol, os estivadores haviam formado um comitê de greve não oficial depois da visita de algumas pessoas vindas do comitê de Londres. Jack Carroll era o presidente. Outro portuário, Albert McGrath, teve sua vida transformada radicalmente quando conheceu o RAM e foi à Caux. A seu convite, Carroll e outros dois membros do comitê assistiram à peça *William Wilberforce MP*, escrita por Alan Thornhill, o autor de *O Fator Esquecido*.

Carroll ficou fascinado ao ver o que um homem dedicado poderia alcançar na vida.

No fim de semana seguinte, eu e ele fomos de carro a Londres para assistir a uma reunião industrial do RAM, onde ele conheceu Les Dennison, presidente dos trabalhadores da construção civil, de Coventry. Dennison tinha sido um comunista ativo por 22 anos. Sua história de transformação convenceu Carroll a fazer ele mesmo uma experiência. Na manhã seguinte, levantou cedo, fez um bule de chá e serviu um pouco para ele mesmo e para o cachorro! Depois se sentou e anotou os pensamentos que lhe ocorriam: “ver os empregadores e os delegados sindicais hoje”. Ele obedeceu a seu pensamento e estabeleceu uma relação de trabalho com os empregadores e com os delegados sindicais do porto de Bristol. O comitê de greve fechou.

Seus colegas portuários perceberam a mudança em Carroll e, para provocá-lo, um dia, quando ele entrava na cantina do porto, todos se levantaram e cantaram: *When the saints come marching in* (*Quando os santos entram marchando*), isso não o parou, e ele levou a notícia de sua nova revolução a portos da Índia e da Austrália.

Os portuários da Austrália tinham sido liderados pelos comunistas durante anos. Jim Beggs, um portuário comum, estava cansado de tantas disputas, greves e horas de trabalho perdidas. Ao conhecer o RAM através de conversas com seu vizinho, assim como Jack Carroll, ele fez a experiência de ouvir. Veio-lhe pensamento de devolver o relógio que ele havia roubado de um carro que estava sendo carregado. O empregador ficou surpreso e seus colegas estivadores o apelidaram de “Horário de Verão” porque ele “fez voltar o tempo” (devolveu o relógio). Jim então decidiu assumir maiores responsabilidades no sindicato. Com o passar do tempo, ele foi eleito presidente do sindicato do porto de Melbourne e posteriormente presidente nacional. Os exportadores testemunharam a diferença que sua liderança fez.

Mudanças históricas na indústria têxtil francesa

Maurice Mercier, um veterano comunista, foi o líder dos trabalhadores da indústria têxtil francesa e líder durante a Resistência Francesa. Depois da guerra, ele deixou o partido comunista quando viu a Resistência se degenerar em disputas sem importância por vantagens pessoais, ao passo que ele sonhava que o espírito de auto-sacrifício da Resistência poderia ser mantido para reconstruir a França. Rompeu com a Confederação Geral do Trabalho, que era liderada pelos comunistas, e formou um sindicato livre, Force Ouvrière (FO). Ele tinha a visão e convicção para falar por todos os trabalhadores da indústria têxtil da França, mesmo aqueles que não eram membros de seu sindicato. Em Caux, em 1949, ele observou que “empregadores de todo o mundo, transportados para esta atmosfera, reconsideravam seus antiquados pontos de vista originais e se tornavam mais facilmente conscientes de suas responsabilidades como homens e como empregadores”.

Mercier disse que essa conferência em Caux e o subsequente encontro com Buchman lhe deram uma nova perspectiva: “A guerra de classes hoje em dia significa uma metade da humanidade contra a outra metade, e possuindo um arsenal poderoso de destruição (...) nenhum grito de ódio, nenhuma hora de trabalho perdida, nenhuma gota de sangue derramada - é para esta revolução que o Rearmamento Moral chama os patrões e os trabalhadores”.

Sua preocupação agora era preparar os trabalhadores da indústria têxtil - provavelmente quase um milhão de pessoas na época - para sua nova abordagem. Em todo o Norte da França, em cidades têxteis na região de Lille, ele organizou reuniões de massa com palestrantes convidados do RAM, incluindo administradores e representantes de sindicatos de outros países.

Em primeiro de Fevereiro de 1951, administradores e trabalhadores da indústria têxtil assinaram um acordo nacional. Seiscentos mil trabalhadores receberam imediatamente aumento de salários e garantiram uma parte nos benefícios da maior produtividade. Foi o primeiro acordo deste tipo na França. Graças à iniciativa de Mercier, naquele ano, 80 delegações de fábricas têxteis, formadas por trabalhadores, empregadores e funcionários, participaram da conferência em Caux.

Em 1955, empregadores e sindicatos da indústria têxtil - exceto a CGT - assinaram um acordo, que foi a pedra fundamental de uma política de cooperação para os próximos vinte anos. O acordo garantia aos trabalhadores da indústria têxtil uma aposentadoria e um seguro-desemprego parcial. Só em 1968 os empregadores de outras indústrias foram obrigados nacionalmente a conceder os mesmos benefícios que os trabalhadores da indústria têxtil já tinham recebido voluntariamente.

Robert Carmichael, presidente da Federação Europeia dos Empregadores da Indústria da Juta, foi um dos empregadores que trabalhou de perto com Mercier naqueles anos. Ele conquistou a confiança dos produtores de juta da Índia e de Bangladesh, e foi bem sucedido na negociação de preços mais justos para eles.

“Se os capitalistas puderem mudar, não precisaremos eliminá-los”

No início dos anos 30, o presidente da Federação Americana do Trabalho era Samuel Gompers. Quando lhe perguntaram qual era a sua filosofia para os sindicatos, ele respondeu com uma palavra: “mais”. Os políticos frequentemente adotam a mesma ideia quando fazem campanha por votos nas eleições. Então nos perguntamos por que há tão pouco idealismo e auto sacrifício na sociedade de hoje. Atualmente, os líderes nacionais do Ocidente dizem que medidas militares não são suficientes para combater a

ameaça do terrorismo. Nós precisamos de ideias, ideais e valores para basearmos nossas vidas. Precisamos de uma ideologia que cure as causas do ódio para contrapor à ideologia baseada no ódio, que alimenta o terrorismo. Nos anos da Guerra Fria, foi isso o que comunistas comprometidos sinceros encontraram no Rearmamento Moral. Eles encontraram uma alternativa positiva à guerra de classes - “Se os capitalistas puderem mudar, não precisaremos eliminá-los”, disseram eles, e acrescentaram: “A ganância e o egoísmo não são um monopólio dos empregadores e dos ricos”.

William Penn expressou o âmago desta ideologia que o mundo precisa descobrir se quisermos sobreviver ao impacto do materialismo, da globalização e do terrorismo, “Os homens devem escolher serem governados por Deus ou se condenarão a serem governados por tiranos”.

Ao discursar sobre mudanças econômicas, Buchman falou da dimensão total da mudança - “mudança econômica, social, nacional e internacional, todas oriundas de uma mudança pessoal”. Também disse dessa forma: “Há o suficiente no mundo para as necessidades de todos, mas não para a ganância de cada um. Se todos se importarem e compartilharem o bastante, então todos terão o suficiente”.

Frank Buchman no Ruhr

Na Alemanha do pós-guerra, Hans Boeckler, um socialista-marxista, era o chefe de uma recém-formada federação de sindicatos. Alguns historiadores consideram que seu papel na criação da Alemanha só perde em importância para o de Adenauer. Ele conheceu Buchman em Caux. Tornaram-se amigos. Boeckler fez uma declaração cuidadosamente considerada para Buchman usar, que contém o seguinte:

“Se os homens quiserem se livrar do velho e do antiquado, isto só

acontecerá se eles estabelecerem novos objetivos para si mesmos e se a humanidade e os valores morais vierem em primeiro lugar. Quando os homens mudam, a estrutura da sociedade muda, e quando a estrutura da sociedade muda, os homens mudam. As duas coisas vão juntas e ambas são necessárias. O objetivo que o Rearmamento Moral luta para alcançar é o mesmo pelo qual eu luto como sindicalista”.

Em 1950, o chanceler Adenauer e vários outros alemães proeminentes pediram que Rearmamento Moral organizasse uma conferência. Frank Buchman, em um discurso que foi transmitido tanto para a Alemanha Oriental quanto para a Ocidental, disse: “os marxistas estão encontrando uma nova forma de pensar em dias de crise. A luta de classe está sendo substituída. Empregadores e trabalhadores estão começando a viver a alternativa positiva à guerra de classe. Será a mudança para todos, a base da unidade para todos? Os marxistas podem mudar? Eles podem pensar dessa nova forma? Poderão os marxistas abrir caminho para uma ideologia superior? Por que não? Eles sempre estiveram abertos para coisas novas. Eles sempre partiram na frente. Eles vão para a cadeia por suas crenças. Morrem por suas crenças. Por que não seriam eles aqueles que viverão de acordo com essa forma superior de pensar?”

Sentados na plataforma com Buchman estavam industriais e líderes mineiros que exemplificavam o que ele dizia.

Segue-se agora um trecho da autobiografia de Jens Wilhelmsen, um norueguês entre os vários jovens vindos dos antigos países ocupados que dedicaram vários anos de suas vidas à construção de uma nova Alemanha.

Jens Wilhelmsen narra:

O céu de Janeiro estava tão negro como o carvão alguns milhares de metros abaixo de mim. Chovia muito. Eu me dirigia para Königsberger Strasse 13, desviando-me de poças do tamanho de lagos, já que as luzes da rua estavam apagadas. Eu carregava uma mala que continha quase todas as minhas posses terrenas, e em minha cabeça, uma mistura de ansiedade e expectativa ao pensar que passaria as próximas semanas na casa de um dos veteranos comunistas do Ruhr.

O local era a cidade mineira de Moers em 1949. Sentia-me pouco preparado para ser apresentado a um marxista bem treinado, apesar do meu curso recente em filosofia na Universidade de Oslo. Disseram-me que meu anfitrião era marxista há 26 anos, três a mais que a minha vida inteira até então. Ele conseguiu viver sua convicção debaixo da ditadura de Hitler, numa época em que os não conformistas corriam o risco de serem mandados para campos de concentração e possivelmente para a morte. Agora ele havia sido eleito presidente do Conselho dos Trabalhadores da Mina Número 4 da Rheinpreussen Company, e membro do Comitê Executivo do Partido Comunista da Renânia do Norte-Vestefália.

Finalmente cheguei ao meu destino e apertei a campainha de bicicleta montada na porta de frente. Uma vasta silhueta tornou-se visível contra a luz que vinha do interior, aparentemente minha anfitriã. Ela não parecia muito feliz em me ver. Descobri mais tarde que a sua filha insistira para que eu ficasse lá, visto que estava ávida por aprimorar seu inglês.

Eu estava em Moers como parte de um grupo teatral de 50 pessoas, apresentando a peça do RAM *O Fator Esquecido*. Tínhamos sido convidados pela Rheinpreussen mas, como as pensões e os hotéis estavam em ruínas, a companhia tinha pedido

a seus funcionários que hospedassem os membros do elenco em suas casas. Foi assim que me alojei na casa de Max e Grethe Bladeck e sua filha Isolde.

Sua casa modesta consistia de três cômodos, e a única fonte de aquecimento era o fogão a carvão da cozinha. O fogão era a alegria e o orgulho de Grethe, e ela o mantinha brilhante dando-lhe polimento constante. Deram-me o sofá na sala da frente para dormir. Infelizmente, o calor do fogão da cozinha jamais chegava àquele cômodo. A família passava a maior parte de seu tempo livre na cozinha. Era lá que Max me recebia com uma xícara de chá, já tarde da noite, quando eu retornava das apresentações noturnas.

Como a maioria dos alemães, ele gostava de uma boa discussão. Tentei plantar algumas sementes de dúvida em seu jardim marxista. Por que os trabalhadores não podem entrar em greve na Alemanha Oriental, eu perguntava, e como ele justificava o aumento da construção de armamento nuclear na União Soviética? Travar a guerra de classes não acabaria numa guerra nuclear entre o Oriente comunista e o Ocidente capitalista?

Você deve parar de dar sermões

Após várias noites de discussão, aceitei minha derrota. Estava falando para ouvidos surdos. Meus questionamentos pareciam fortalecer a determinação de Max de defender o que ele acreditava. Aprendi uma lição sobre a impotência de apenas ser “anti-alguma coisa”. Uma manhã, eu tive um pensamento muito claro: “Você deve parar de dar sermões ao Max sobre o que há de errado com a causa à qual ele dedicou a vida. Em vez disso, seja honesto sobre como é difícil para você viver de acordo com a sua ideologia”. Dei ao Max dois exemplos simples: eu condenava fortemente a desonestidade na política, mas mentia para a minha família quando era conveniente; era apaixonado pela causa da

manutenção da paz mundial, mas achava difícil superar o rancor em relação aos alemães como nação.

Pela primeira vez Max não contra-atacou. Hesitantemente a princípio, ele começou a me contar sobre suas próprias dúvidas e dificuldades, como pessoa e nas relações com o partido; aquela noite formou a base para uma duradoura amizade. Nossas visões ideológicas continuavam diametralmente opostas, mas um respeito e uma confiança mútuos começaram a crescer.

A peça causou um tumulto. Os comunistas acusaram o RAM de apoiar o capitalismo. Uma reunião foi convocada em um bar chamado Heier. Cerca de cinquenta líderes sindicais e ativistas políticos de Moers participaram. O RAM também foi convidado a enviar um representante. Max dirigia a reunião.

A fumaça de cigarro tornava difícil discernir as feições das pessoas presentes, e a cerveja não tornava a discussão acalorada. Após algumas horas, Max levantou-se para encerrar a reunião: “Companheiros”, - gritou ele, “se considerarmos o capitalismo a tese e o comunismo a antítese, poderia o RAM ser a síntese? A explosão de uma bomba não teria abalado mais a reunião”.

A partir daquele momento, o Partido Comunista ficaria de olho em Max. Mas sua posição entre os mineiros era forte. Sua única fraqueza (seu calcanhar de Aquiles) era o abuso do álcool e, mais uma vez, ele se acabou numa festa para mineiros aposentados. No dia seguinte, o jornal comunista *Neue Volkszeitung* saiu com a seguinte manchete: “Líder sindicalista ofende uma colega”. O artigo afirmava que Max havia feito sugestões de natureza sexual à uma mulher quando voltavam de ônibus para casa.

Max ficou desolado. Ele imediatamente escreveu uma carta para Buchman pedindo-lhe para cortar todas as ligações, já que tinha traído a causa do RAM. Alguns dias mais tarde, Max recebeu um telegrama com a seguinte mensagem: “É próprio do homem cair em pecado; é próprio do demônio habitar nele; é próprio de

Cristo se erguer do pecado. O sangue de Jesus Cristo Seu Filho limpa a todos de todo pecado. Eu tenho fé no Novo Max – Frank Buchman”.

Max não tinha uma fé religiosa mas, graças ao telegrama recebido, decidiu não desistir. Em 1950, visitou a Suécia, Noruega e Dinamarca, junto com outros cinco companheiros alemães. Um deles era um cristão-democrata membro do parlamento, um era diretor de uma companhia mineradora, um era funcionário do governo socialdemocrata e dois eram mineiros como Max e ex-membros do Partido Comunista. Eles admitiram por vontade própria a culpa da Alemanha e em várias ocasiões pediram perdão em nome da nação, inclusive quando se encontraram com o primeiro-ministro norueguês Gerhardsen, que havia sobrevivido a um campo de concentração alemão.

Max se tornou um construtor de pontes entre as duas nações. Nos anos que se seguiram, ele viajou pela Europa, América e Ásia, utilizando bem sua experiência e sua transformação. Uma noite, em um vagão dormitório na Índia, acordou abruptamente tendo uma visão de sua mãe, aparecendo como se ainda estivesse viva. Esta experiência abriu para ele a dimensão da fé e da eternidade.

Em 1950, a porcentagem da representação comunista em comitês de trabalhadores no Ruhr havia caído de 72% para 25% e continuava a cair. O *Neue Zürcher Zeitung* escreveu em 1959: “O Ruhr, ao invés de ser a fruta de discórdia da Europa, se tornou um ponto crescente de entendimento internacional (...) sem o Ruhr, não pode haver mercado comum e nenhum plano de longo alcance para a integração europeia”.

Frits Philips e a Mesa Redonda de Caux

Marteen de Pous, da Holanda, está envolvido de perto com um movimento que começou na Holanda. Ele conta uma iniciativa para a indústria mundial:

Frits Philips, presidente mundial da Philips Eletronics de 1961 a 1971 e posteriormente presidente do Conselho de Administração, esteve associado ao trabalho de Frank Buchman desde 1934 até sua morte. Essa associação foi, sem dúvida nenhuma, a fonte de inspiração da sua vida. Esteve envolvido ativamente nas conferências industriais em Caux desde 1974.

Philips tinha grande orgulho de ser parente de Karl Marx. A mãe de Karl Marx era cunhada do bisavô de Philips. Marx trabalhou no desenvolvimento do livro *Das Kapital* (O Capital) na casa do avô de Frits em Zaltbommel, uma cidade próxima a Eindhoven. Frits Philips acreditava que o sentimento de preocupação social de seu pai e seu tio - os fundadores da empresa - se desenvolveu a partir das discussões com Karl Marx. Philips conseguiu um grande feito durante a Segunda Guerra Mundial quando a Holanda foi ocupada pelas forças alemãs. Ele conseguiu manter as fábricas abertas, embora mantendo a produção no mínimo, de modo a não ajudar no esforço de guerra alemão. Acabou sendo preso por um tempo em 1943. Ele foi condecorado com a medalha *Yad Vashem* (referência ao *Yad Vashem - Memorial e museu do holocausto localizado em Jerusalém*), por Israel em 1995, pelo seu trabalho no salvamento de judeus na Holanda durante a guerra.

Em 1985, saiu um artigo em um importante jornal dos Países Baixos, o *NRC-Handelsblad*, com a manchete: *O falso sorriso do Japão*. Era sobre o perigo das práticas comerciais japonesas, que poderiam arruinar e destruir a indústria eletrônica europeia ao vender produtos abaixo do valor de mercado.

Frits Philips, já com 80 anos e não tendo mais nenhuma posição

oficial na empresa, estava muito preocupado com esse desenvolvimento. Ele temia que isso pudesse levar a guerras comerciais ou coisa pior. Acreditando que algo deveria ser feito, escreveu para alguns amigos no Japão, juntamente com Olivier Giscard d'Estaing, então vice-presidente da Insead, a escola de administração francesa em Fontainebleau. Eles propuseram reunir no verão de 1986 um pequeno grupo de líderes industriais de alto escalão do Japão, Europa e EUA em Mountain House, em Caux, Suíça, onde ele sabia que encontrariam uma atmosfera de espírito de confiança e entendimento, permitindo discussões abertas e honestas.

Entre os que chegaram do Japão estava Ryuzaburo Kaku, presidente da Canon, Toshihiko Yamashita, ex-presidente da Matsushita Eletronics, e Toshiaki Ogasawara, editor do *Japan Times*. Outros alto-executivos vieram dos Estados Unidos e da Europa, trinta no total.

Os Japoneses acharam que foram Acusados Injustamente – e se Transformaram

Os japoneses tinham ouvido falar da beleza de Caux e da atmosfera amigável e pacífica mas, já nas primeiras reuniões, as coisas não aconteceram como planejado. Os americanos e europeus começaram a acusar os japoneses de práticas comerciais injustas. Os japoneses foram ficando cada vez mais incomodados. No final da primeira sessão, eles estavam prontos para ir embora. Algumas pessoas dos três grupos concordaram que, durante as sessões seguintes, os japoneses teriam a chance de falar. A atmosfera mudou, os europeus e americanos começaram a admitir que havia áreas em que eles poderiam mudar suas políticas econômicas. Ao final dos dois dias, foi decidido que as discussões continuariam nos anos seguintes, e que procurariam maneiras de mudar as políticas e as práticas. Assim nasceu a

Mesa Redonda de Caux (CRT, por sua sigla em inglês). A CRT passou a se reunir uma vez por ano em Caux e, no meio tempo, em várias partes do mundo.

Nos anos seguintes, os participantes japoneses da CRT fizeram algumas sugestões ao primeiro-ministro Nakasone sobre como o Japão poderia expandir seu mercado internacional, reduzir a dívida nacional e abrir o mercado japonês para produtos estrangeiros. E em 1990 publicaram um artigo intitulado: “Propostas para a renovação do Japão”, com a mensagem central de que o Japão deveria, ao invés de tentar acompanhar o Ocidente (o que já faziam mesmo), participar no esforço global de criação de riquezas para todos.

Os membros americanos da CRT organizaram reuniões com as cabeças pensantes das políticas econômicas dos EUA, pessoas como David Rockefeller e Martin Feldstein. E em Bruxelas houve reuniões com o vice-presidente da comissão europeia, Martin Bangemann, e outros. “Os Princípios Americanos de Minnesota” foram expandidos mundialmente, criando *Os Princípios da Mesa Redonda de Caux para os Negócios*. A introdução dos Princípios da CRT afirma que a única função dos negócios é melhorar as condições sociais e econômicas de um povo, e os executivos devem ser os primeiros a pôr em ordem suas próprias casas.

Iniciativas na Indústria Indiana desde 1970

Miles Paine, gerente de fábrica na Índia por muitos anos, escreve após revisitar o país em 2007.

Asia Plateau, o centro indiano para IdeM / RAM em Panchgani, teve sua construção concluída no começo dos anos 70, quando

algumas áreas na Índia passavam por uma expansão massiva da indústria. Pune, a cidade mais próxima a Panchgani, era uma das que cresciam mais rapidamente.

No entanto, a inquietação industrial também crescia. Havia poucos trabalhadores qualificados e os líderes sindicais não perdiam tempo para reivindicar aumentos de salários e melhorias das condições gerais de trabalho. Alguns empresários recusaram-se a negociar, o que resultou em conflito industrial.

Em 1973, chegou um pedido do presidente de uma indústria têxtil para enviar cinco mil funcionários para receber treinamento do Rearmamento Moral no centro. Decidiu-se em Asia Plateau que seria preparado um curso de seis dias, além de um programa intitulado *Liderança Criativa para a Indústria e o Desenvolvimento Nacional*, com um custo de 500 rúpias por pessoa (aproximadamente 10 libras), que as administrações das empresas não teriam problemas para pagar e cobria com segurança os custos operacionais do curso na época. O curso incluía temas como: *Motivação e Liderança na Indústria; Produtividade com Participação e sem Exploração; Confrontação e Cooperação; e Lares Sadios, trabalho de equipe na indústria, uma nação unida.*

Os facilitadores de cada curso eram escolhidos entre aqueles que tinham experiência em ajudar pessoas a encontrarem transformação e incluíam sindicalistas, executivos seniores, diretores e operários, que usavam suas próprias experiências práticas em situações reais.

Panchgani já era bem conhecido como um agradável local de veraneio, localizando-se a cerca de duas horas de Pune. As empresas não tiveram dificuldades para selecionar operários e gerentes dispostos a participar, inclusive alguns eram os membros mais difíceis do sindicato. As notícias sobre a eficácia nas transformações de atitude dos participantes dos cursos se

espalharam rapidamente nos meios industriais. Em meados dos anos 70, mais de vinte conhecidas empresas participavam do programa. E não foram apenas as relações entre os trabalhadores e a administração que se transformaram. Um gerente falou da sua surpresa quando, no ambiente criado nesses seminários, os operários tiveram ideias criativas sobre a administração da fábrica, o que nunca se teria esperado deles.

A honestidade aberta é contagiosa

Era incomum naquela época que as esposas participassem dos cursos com seus maridos, mas essa participação conjunta foi encorajada. O curso tinha um grande foco nas relações humanas e, com isso em mente, foi incluída uma certa quantidade de ajuda prática no Centro - lavar a louça e botar a mesa com antecedência, por exemplo. Muitos trabalhadores não estavam acostumados a ajudar nos serviços domésticos em suas casas mas, devido ao espírito geral do Centro, eles participavam de tais atividades de bom grado e se surpreenderam ao ver os membros da administração fazerem a mesma coisa.

Aqueles que iam com as esposas descobriram que era contagiosa a honestidade aberta entre os facilitadores dos cursos, e alguns disseram que toda a atmosfera de seus lares havia se transformado. E as empresas também se beneficiavam. O clima industrial em Pune começou a mudar e aqueles que queriam abrir novos empreendimentos faziam questão de escolher Pune como o local preferido.

Com o tempo, os cursos foram adaptados para uma gama muito mais ampla de participantes - até as forças armadas começaram a mandar regularmente grupos de capelães de todas as denominações. No centro desses programas permanece a mensagem da necessidade de uma experiência de transformação na vida de cada indivíduo. Um das faculdades da Universidade de

Pune agora envia alunos regularmente para participar dos cursos de Administração de Empresas.

Concluindo

Atualmente, vivemos em um mundo onde a indústria não atende às necessidades de todos. As divisões causadas pela ganância, pelo ódio e pelo medo impedem que isso aconteça. Frank Buchman mostrou o caminho para a humanidade superar esses obstáculos. O fator esquecido é que Deus tem um plano e todos nós podemos participar dele. Deus trabalhando no coração humano é a força mais poderosa de mudança no mundo hoje - mudança para todos é a base da unidade para todos. “Diante de uma união guiada por Deus, as mãos vazias estarão cheias de trabalho, os estômagos vazios, de comida, e os corações vazios, de uma ideologia realmente satisfatória”.

Bill Jordan, então secretário geral da Confederação Internacional de Sindicatos Livres (ICFTU, por sua sigla em inglês), representando 125 milhões de trabalhadores em 143 países e territórios, concluiu um discurso em Caux dizendo: “Qualquer que seja a ideologia ou direção que o mundo escolha tomar, ele não deve perder de vista seus valores, seus padrões. Apesar de haver uma estrada difícil à frente, nem mesmos as forças colossais da globalização são páreo para o poder coletivo das pessoas para defender os valores e a justiça social. Esse poder, essa força, está no coração e nas mãos de cada pessoa que encontramos. Vamos usá-lo. Vamos mudar o mundo!”

16

A Economia do Altruísmo

Por Pat Evans

Patrick Evans passou três anos como oficial técnico assistente no Essex War Agricultural Committee. Formado em agronomia pela Universidade de Cambridge em 1945, de 1953 até se aposentar, em 1988, foi proprietário rural em Herefordshire, em parceria com seu irmão Edward.

Douglas Adams, autor de *O guia do Mochileiro das Galáxias*, foi um escritor ao mesmo tempo cômico e criativo. Ao refletir sobre o gosto artístico onívoro da segunda metade do século XX, ele pareceu estar perplexo diante da religião. “O fato de eu achar que Bach estava enganado não altera o fato de eu achar que a Missa em Si Menor é um dos grandes pináculos da realização humana. Ainda me leva às lágrimas sempre que a ouço. Considero muito interessante todo esse negócio de religião. Mas é um mistério para mim como pessoas inteligentes podem levá-la a sério”. No entanto, como disse Albert Einstein: “A presença de um ser consciente superior, revelado no universo incompreensível, forma a minha ideia de Deus”.

Portanto, quando Frank Buchman declarou que “a liderança espiritual deve ter um teor de ação positiva muito maior do que o mundo hoje associa a esse termo”, ele se referia a uma necessidade visível. E era particularmente pungente nos anos imediatamente anteriores à Segunda Guerra Mundial, quando

tantos podiam ver a guerra se aproximando. Alguns avaliavam os desafios, enquanto outros buscavam apagá-los da mente. Como alguém nascido com uma vida privilegiada no campo, eu tinha um pé em cada lado. Mesmo assim, aconteceu que, em Maio de 1938, eu estava afastado da escola por motivo de doença, e tive a chance de assistir ao lançamento do RAM em East Ham Town Hall.

“Nós, os reconstrutores do mundo - não é esse o pensamento e a vontade do homem comum? (...) A recuperação moral é essencialmente aquilo que antecede a recuperação econômica. Podemos encontrar nesse novo espírito a solução para os problemas que paralisam a recuperação da economia. Suponha que todos se importassem o suficiente, e compartilhassem o suficiente, todos não teriam o suficiente?” - Tal era a visão que penetrou minha alma, quaisquer que fossem os entraves, os fracassos e as frustrações à frente. Isso sugeria que as decisões que tomamos como indivíduos têm um papel essencial na evolução espiritual da humanidade, e o compromisso que assumimos determinará a força interior e o alcance de nossas vidas na Terra.

Agricultura, crucial para o futuro desenvolvimento mundial

Um ano antes, meu ex-professor na escola escrevera em seu relatório: “Ainda parece haver uma falta de ambição. Ele vai ser um fazendeiro?”. Apesar de provavelmente ter sido o mais observador de todos os que me ensinaram, ele não tinha entendido ainda o sentimento de vocação que crescia. Nem mesmo imaginava ele que a agricultura seria tão crucial na guerra e no futuro desenvolvimento mundial. Ele certamente podia ser perdoado por isso, uma vez que sua importância está apenas começando a ser reconhecida hoje, à medida que abordamos as questões da mudança climática, biodiversidade e a vida do nosso planeta em geral.

O programa do RAM, iniciado por Frank Buchman, foi uma enorme liberação para o espírito. Sendo de natureza introspectiva, eu quase sempre estava mais preocupado com a luta para me transformar do que em focar no desenvolvimento de uma visão dos propósitos de Deus no mundo. Foi uma grande mudança, das regras de conduta para a hora tranquila diária, na qual anotava as sugestões do espírito. Isto significava aceitar uma responsabilidade que eu nunca busquei e procurar uma expressão prática para a paixão de “refazer o mundo”. Esta era a frase do dia e quaisquer que sejam as palavras usadas, ela ainda representa as aspirações daqueles que querem mudar o curso da história, seja na política, na economia ou na ciência. A imaginação humana sempre saltará à frente da história mas, embora uma longa vida possa medir nossas limitações, ela não obscurece a convicção de que um maior potencial ainda poderá casar com os problemas.

No mundo pós-guerra, carvão e aço ainda impulsionavam o desenvolvimento econômico. Eles se tornaram, através de Jean Monnet, a fundação prática para a reconciliação entre a França e a Alemanha. Tanto Konrad Adenauer quanto Robert Schuman prestaram homenagem ao Rearmamento Moral como o catalisador do processo. Mas isso foi também antes da época em que o dinheiro passou a controlar completamente as pessoas que estavam no centro do pensamento econômico, e Frank Buchman sempre entendeu que homens com uma nova motivação tinham que pavimentar a estrada para as novas estruturas. Ele nunca colocava a carroça na frente dos bois, e sempre esperou que a transformação pessoal levasse as pessoas a assumir situações muito além de suas expectativas.

A história de George Light, um líder dos desempregados, ilustra isso. Lembro-me dele como um homem corpulento, mas gentil; no entanto, se não fosse por Buchman, ele jamais teria vindo à nossa casa. Garth Lean, biógrafo de Buchman, registra como George chegou a uma reunião em Oxford em 1933, cheio de

rancor contra seu próprio desemprego e trazendo o rancor dos homens que representava. No final da conversa, Buchman lhe perguntou de que maneira ele iria para casa. Buchman então revirou os bolsos e deu a ele nove libras que encontrou, dizendo: “Isto é metade de todo o dinheiro que tenho. Desta forma, temos os dois a mesma quantia. Isto nos torna socialistas agora”.

Quando o Cristianismo é Posto em Prática

George Light escreveu mais tarde: “Esta foi a segunda conversa que tive com Frank. Ele não me conhecia. Eu poderia ser um mentiroso ou algo assim. Voltei para casa e contei à minha esposa e à família. Aquelas nove libras foram muito úteis, mas não eram nenhuma fortuna. Todavia, minha família ficou tão feliz por alguém ter se interessado por nós que choraram. Frank nunca adia um ato de altruísmo de sua parte, porque um ato muito maior era necessário da sociedade. O que ele fazia e pelo que lutava, continham em si os elementos de uma ação verdadeiramente revolucionária”.

No ano seguinte (1934) George se juntou à equipe de Buchman numa jornada pelo Canadá. Chegaram a Vancouver e encontram uma greve de navios paralisando todos os portos da costa do Pacífico. Estavam num beco sem saída mas, principalmente graças à intervenção de Light e Walter Horne, um construtor de navios da Califórnia, foi possível chegar um acordo justo. “Custou a eles 72 horas de esforços contínuos, movimentando-se entre os homens - que tinham desavenças antigas justificadas - o comitê de greve, os sindicalistas e os empregadores. O *Ottawa Evening Citizen* comentou: quando o cristianismo é posto em prática, ele é uma dinamite espiritual. A humanidade não conhece nenhuma força maior para resistir às mudanças”.

Muitas das percepções de Buchman têm uma qualidade duradoura, visto serem um desafio para a ação e terem apelo

universal. Bill Wake, um agricultor canadense, descreve seu primeiro encontro com Buchman em sua cidade natal, Saskatoon: “Foi uma época em que a seca e o vento estavam em seu pior período, e o céu estava coberto com o pó levantado do chão”:

“- Essa é uma daquelas tempestades de poeira sobre as quais eu li? - Perguntou Buchman.

- Sim, respondi, vem das terras cultiváveis erodidas.

Ele caminhou uns poucos passos e disse calmamente:

- É ruim, muito ruim - e acrescentou - mas o nosso problema é a erosão moral.”

Bill sentiu um desafio para seu mundo rural naquele momento, o que o levou, dez anos mais tarde, aos 46 anos, a trabalhar em tempo integral com a força de pessoas que, inspiradas por Buchman, se dispuseram a tratar das necessidades do mundo do pós-guerra. Também o levou a situações em vários países com as quais ele jamais tinha sonhado, mas também deixou marcas nos proprietários rurais da América do Norte e da Nova Zelândia.

Foi na Nova Zelândia que Bill Wake foi convidado para ir à fazenda de Alpheus Hayes. Alpheus tinha ficado impressionado com a apresentação da peça *O fator esquecido* e, como resultado, foi convidado para falar sobre o RAM no encontro anual de sua igreja. No entanto, ele sentia que precisava saber mais e por isso convidou Bill para uma visita. Bill ficou impressionado com a fazenda, mas ficou claro imediatamente que a necessidade premente era o desmoronamento do casamento de Alpheus com sua esposa Myrtle. Bill se tornou o catalisador do novo relacionamento que surgiu da honestidade e do amor renascido.

Mais tarde, Bill teve a chance de receber os Hayes nos Estados Unidos, onde a nova vida que tinham encontrado juntos se expandiu para alcançar muitos outros, inclusive líderes de proprietários rurais dos EUA. Em um determinado momento,

Frank Buchman teve a convicção que eles deveriam estar presentes na assinatura do Tratado de Paz Japonês em São Francisco (1951). Apesar de faltarem apenas dois dias para o evento, conseguiram chegar a tempo, e os Hayes foram os únicos neozelandeses presentes, fora os oficiais.

O Conselho mais Seguro, Satisfatório e Estimulante

Uma geração mais tarde, o filho de Alpheus, Garfield, durante a conferência de Caux, Suíça, em 2005, contou como a fazenda estava progredindo nas mesmas bases. “Eu estava no Conselho Nacional da Federação de Agricultores Neozelandeses quando o governo trabalhista decidiu transformar drasticamente a economia. Foi introduzido um imposto de 10% sobre produtos e serviços. O dólar neozelandês flutuava, foi iniciada uma redução de tarifas e, da noite para o dia, todos os subsídios agrícolas foram suspensos. Vinte por cento da nossa receita vinha dos contribuintes neozelandeses. Nossos agricultores marchavam nas ruas mas, como um dos seus líderes, no fundo eu sabia que a Nova Zelândia não tinha escolha. Exportávamos 90% de nossa produção agrícola e nossos parceiros comerciais ameaçavam remover os subsídios ou enfrentar as tarifas”.

“Os anos que se seguiram foram difíceis. Alguns proprietários rurais, grandes e pequenos, perderam suas fazendas. Alguns se suicidaram. Eu trabalhava tanto que meus quadris entraram em colapso. Nós sobrevivemos vendendo uma propriedade na cidade que tínhamos comprado na época em que recebíamos os subsídios. Mas a verdade era que estávamos produzindo demais um produto difícil de vender”.

“Durante os últimos 20 anos houve uma grande reviravolta. A população de ovelhas da Nova Zelândia caiu de 70 para 40 milhões de cabeças. Os fazendeiros se tornaram muito inovadores e, onde possível, conseguiram diversificar com sucesso, passando

a produzir árvores, carne de cervo ou laticínios. Os pecuaristas de ovinos e a indústria de processamento de carne têm melhorado substancialmente a eficiência e a qualidade. Agora já não damos conta de atender a demanda, e o preço dos nossos produtos são os melhores de todos os tempos. Durante esse tempo, eu pude comprar consultoria agrícola com especialistas mas, sem dúvida, o conselho mais seguro, satisfatório e estimulante veio de manhã cedo nos meus momentos de silêncio e reflexão. Se Deus pôde nos conduzir através de tais mudanças, eu estou convencido de que ele pode fornecer a solução para os problemas e os desafios da agricultura mundial, se escolhermos escutá-Lo”.

“Por exemplo, durante vinte anos, embalamos nossa lã em juta em vez usar materiais sintéticos, de modo a dar uma oportunidade aos produtores de juta de Bangladesh de comercializar sua produção. Para mantermos a transparência, todas as nossas vendas passam pelos livros da empresa. Historicamente, tem havido divisões entre os proprietários rurais e os líderes sindicais na indústria de processamento de carne. Eu e Helen, minha esposa, temos nos reunido com esses líderes, recebendo-os em nossa casa e organizando encontros com os fazendeiros locais”.

“O alcoolismo é um grande problema entre os pastores das ovelhas. Entretanto, indo contra a tradição, nós administramos um galpão para tosa de carneiros livre do álcool. Porém, como Helen serve refeições excelentes, os pastores sempre estão ansiosos para voltar. Em um mundo global, em constante necessidade de mudança e de inovação, a vida de fato ficou muito boa para a agricultura neozelandesa depois da remoção dos subsídios”.

Batalha Moral contra a Corrupção

Os anos do pós-guerra foram uma época em que muitos dedicaram suas vidas a fazer a diferença, sendo que, após 50 ou

60 anos, seu impacto pode ser apreciado, e não apenas em seus próprios países ou nas fazendas onde suas experiências foram aperfeiçoadas. Roly Kingwill, no seco Karoo da África do Sul, atacou o problema da erosão do solo, da educação e da capacitação e emprego para trabalhadores sem qualificações. Isso abriu seus olhos para uma nova visão para todas as raças da África. Reduzir o número de ovelhas para um terço na sua fazenda significou apertar o cinto, mas valeu a pena no longo prazo⁴.

Na luta pela independência do Quênia, Alan Knight, um fazendeiro branco, pediu desculpas por sua atitude de “superioridade branca” aos duros prisioneiros Mau Mau no acampamento do rio Athi, que ele comandava. Ele gozou da confiança de todos, até o dia da sua morte, pela batalha moral que sustentou contra a corrupção e contra tudo que ameaçava fazer descarrilar o novo Quênia.

Stanley Barnes, um especialista em laticínios treinado em Aberystwyth (cidade do Condado de Ceredigion, situada no Oeste do País de Gales, Reino Unido), estabeleceu o primeiro método para pasteurização do leite de cabra em Malta. Após servir à Força Área Britânica, ele trabalhou por muitos anos para a *Paul's Ice Cream and Milk*, e depois para o *Australian Dairy Board* (Conselho Australiano de Laticínios) na Ásia. Mesmo aposentado, depois de sofrer um infarto, ele escreveu um livro, *200 Million Hungry Children (200 Milhões de Crianças Famintas)*⁵, e trabalhou com total dedicação pela adequada nutrição infantil no mundo inteiro mediante um melhor funcionamento da indústria de laticínios e de seus produtores de

⁴ Ver vídeo: *The Promise of the Veld*, que pode ser obtido com a FLT Films, 24 Greencoat Place, London SW1P 1RD.

⁵ Publicado por Grosvenor Books.

leite. Interessava-se especialmente pelo Conselho Nacional de Laticínios da Índia, e era amigo do Dr. V. Kurien, que inspirou e liderou seu progresso.

Nesse meio tempo, nos anos pós-guerra, quando se buscava uma variedade de novas políticas, Buchman e sua equipe foram convidados, em 1952, para assistir a uma demonstração de transplante de arroz pelo governo do Sri Lanka. Tratava-se de uma tentativa oficial de popularizar mais uma vez a produção de arroz após a ênfase excessiva nas plantações para exportação ter feito com que o país passasse a importar arroz. Ele declarou na ocasião: “mãos vazias estarão cheias de trabalho, estômagos vazios estarão cheios de comida, e corações vazios, de uma ideologia realmente satisfatória”. É o esboço de um programa abrangente colocando as necessidades das pessoas em primeiro lugar, e pressupõe que todos terão uma parte no que deve ser realizado para o adequado funcionamento das coisas.

O Sangue que sustenta a União Europeia

Frank Buchman previu o vácuo que ficaria após o colapso do comunismo. Quando aconteceu, foi tão rápido que ninguém estava preparado. Todavia, meu amigo Stanislaw Choma, na Polônia, foi um daqueles cuja ramificação da *Rural Solidarity* (Solidariedade Rural) não entrou em colapso com a repentina remoção da oposição. Em muitos casos, ex-oficiais comunistas ainda tinham suas mãos nas engrenagens do poder e procuravam lucrar com a nova situação. O próprio Stanislaw tinha sofrido com as agressões gratuitas da polícia, que o mandaram para o hospital. No entanto, deitado numa cama de hospital, ele teve tempo para refletir e se liberou do rancor que poderia ter se apoderado dele e dado forma às suas atitudes subsequentes. Numa época em que o número de membros da *Rural Solidarity* tinha diminuído drasticamente, a filial local de Stanislaw ostentava cinco mil membros.

Isto pode ser atribuído principalmente ao cuidado e ao serviço que ele oferecia, tanto oficial quanto extraoficialmente. Vindo de uma forte estrutura familiar, ele oferecia contratos de serviço com seu maquinário a um preço razoável, o que o ajudou a manter contato com as famílias locais.

Um amigo, que havia sucumbido aos tempos difíceis, começou a beber, e logo seu casamento começou a desmoronar. Stanislaw, que como muito de seus compatriotas é um católico devoto, teve o pensamento de visitá-lo e ver se poderia ajudar. Quando bateu à porta, marido e mulher estavam envolvidos numa briga ferrenha e não o ouviram. Em pé ali, achou que tinha chegado tarde demais e, cansado de esperar, ficou tentado a ir embora. Mas persistiu e atravessou o umbral, vendo-se calorosamente recebido pelos dois antagonistas.

Para resumir uma longa história, seu amigo libertou-se do álcool, seu casamento foi refeito e, com um empréstimo de Stanislaw, pôde iniciar um negócio viável. Esse cuidado que vai além do dever é o sangue que sustenta as pequenas comunidades. Essencialmente, também poderia ser o sangue que sustenta a União Europeia, se nos forcarmos em tais valores, e nos comprometermos a torná-lo de fácil compreensão para as pessoas.

Mais recentemente, Stanislaw conheceu um agricultor ucraniano, Mikhail Mirnichenko, mais conhecido pelo apelido de Misha, e descobriram que tinham muito em comum. Tanto a Polônia quanto a Ucrânia tiveram uma história pra lá de acidentada, com guerras movendo fronteiras ou mesmo extinguindo-as completamente. Em tais circunstâncias, o povo se torna endurecido aos golpes que não poderiam resistir eficazmente, e engenhosos para tirar o melhor proveito de um emprego ruim.

O assentamento feito após a Segunda Guerra Mundial viu Stanislaw mudando-se da Polônia Oriental (que se tornou parte

da Ucrânia) para a Silésia, no oeste, que a Alemanha tinha cedido à Polônia. Misha, nesse meio tempo, cresceu como um cidadão soviético e um jovem comunista fiel. Ele assumiu responsabilidade numa fazenda coletiva na área de Dnepropetrovsk (cidade da Ucrânia - anteriormente pertencente a Rússia - localizada no centro do país, nas margens do Rio Dnieper), tendo sido um dos poucos a liderar uma bem sucedida transformação em uma empresa privada. Parte da terra foi dada a agricultores independentes, cujo caráter austero trouxe a eles sucesso individual. Mas Misha foi bem sucedido ao fundir 18 parceiros em um lucrativo empreendimento, cultivando 2.500 hectares, o que inclui alguns pequenos proprietários que confiam que ele lidará de maneira justa com suas terras.

Misha sempre foi um homem do povo, e ignorou as vantagens pessoais que poderia ter conseguido como líder. Mas não foi fácil ver os ideais de sua juventude se esfatarem, apesar de não ter evitado nos mostrar os prédios das fazendas vandalizados em seu bairro, bem como o terrível estado no qual alguns empreendimentos de pecuária se encontravam. Todavia, ele se manteve firme no trabalho de transformação, e tem fé no futuro da Ucrânia. Estive presente na inauguração da nova igreja da vila, que substituiu a que tinha sido destruída por Stalin nos anos 30. Seu esforço em apoiá-la foi evidentemente inspirado por sua mãe, e uma lembrança de valores que passaram no teste do tempo.

Assim, os caminhos históricos da Polônia e da Ucrânia se encontram novamente em um novo capítulo simbolizado por esses dois agricultores, ambos lutando com grandes áreas e poucos recursos. O diálogo que eles iniciaram cresce nos dois países. Portanto, o fato de confiarem um no outro possibilitará que um novo espírito venha a moldar os próximos desenvolvimentos.

A Eletrônica do Espírito

Frank Buchman falava sobre “a eletrônica do espírito” como um modo no qual a tecnologia poderia servir para o desenvolvimento da humanidade. Como ele colocou: “A eletrônica é uma ciência nova. O espírito já é conhecido há muito tempo. É uma ciência antiga. Mas, junto com a eletrônica, ele empurrará o mundo para uma nova dimensão de vida e pensamento”. O próprio Frank Buchman sempre procurava o que cada indivíduo poderia fazer se tivesse uma nova meta e estivesse pronto para assumir responsabilidade. Ele não pensava em projetos para uma nova sociedade, mas sim em milhões de pessoas comuns cujas decisões individuais modelariam uma nova direção. Ele estava sempre questionando seu espírito, e quando lhe perguntavam sobre sua própria vida ele dizia: “Tenho sido maravilhosamente guiado”.

Nem o poder militar nem o poder econômico podem dar forma ao mundo que a maioria de nós gostaria de ver. O poder pode comprar tempo, mas é uma ideia que deve conquistar o mundo - uma ideia que pode crescer e para a qual todos podemos contribuir. Isto é terreno para um consenso. Desde os primeiros dias do Rearmamento Moral, Buchman acreditou que pessoas comuns poderiam assumir a responsabilidade, não apenas por suas famílias, mas também por nações. Na verdade, era a integridade e a criatividade da vida em família que traria uma nova dimensão para a democracia. “Uma filosofia mundial chegará ao poder através do esforço acumulado de milhões de pessoas que começam a experimentar ouvir a Deus. É verdade que será apenas uma experiência inicial. Alistar-se não torna o soldado imediatamente treinado, mas todos podemos começar”.

Tentei mostrar no meu livro *A Hand to the Plough (Uma Mão no Arado)*, um pouco de aonde eu fui levado como pessoa, como uma visão para o século XXI. O Rearmamento Moral de Buchman ainda está se espalhando aos confins do mundo, agora sob o nome de Iniciativas de Mudança. Tais iniciativas e

programas poderão multiplicar e refletir uma variedade de culturas, mas o conceito original permanece no centro. O todo se soma a uma unidade de espírito crescente.

O Diálogo entre Produtores

O Diálogo Internacional entre Produtores (Internacional Farmers Dialogue) é um entre vários programas que buscam tecer as influências positivas atuantes em uma padronagem coerente. Os diálogos entre uma rede mundial de produtores rurais podem ainda não ter ido muito longe, mas já estão tornando clara a necessidade de se manter a família rural no coração da força das máquinas, mesmo que o design do novo modelo esteja mudando. Em vista dos desenvolvimentos especializados, torna-se mais importante assegurar que serão atendidas as necessidades da natureza humana. A aventura reside na visão de um propósito universal que dará forma a milhões de sonhos pessoais. É, de certa forma, a diferença entre a parceria e o coletivo. A totalidade só é possível através da participação popular, e nunca será estática. Sempre será moldada por aqueles que dedicam suas vidas.

É interessante que um dos primeiros rótulos liados à obra de Buchman tenha sido criado por um jornalista, Harold Begbie, que a chamou de *Sociedade Cristã do Século Primeiro*. Estava correto no sentido de que ela foi baseada nos ensinamentos do próprio Cristo, antes de serem adicionadas as doutrinas e os fracassos humanos dos séculos que se sucederam. Cristo veio com uma mensagem para o mundo, e esta tinha apelo universal. No clima atual de mudança constante, precisamos mais do que nunca de uma base espiritual, e podemos estar destinados a encontrar uma unidade espiritual contra todas as expectativas. Isto não será atribuído a uma só fonte, mas não pode haver dúvida de que ela será vista inequivocamente como uma reviravolta no mundo moderno.

Tal mudança de cultura requer algo que pode fazer com que o grande crescimento em termos de conhecimento se torne uma bênção ao invés de uma ameaça: frutos de paz ao invés de guerra, de mudança ao invés de conflito. Precisa ser uma bandeira erguida pela humanidade e não por uma elite qualquer. Esta pode ser a tarefa que a democracia foi destinada a levar a cabo. Não se requer um mecanismo perfeito para fazer valer o nosso desejo, mas sim uma reflexão clara da esmagadora opinião pública.

Cultive a voz interior e não o poder humano

Este talvez seja o segredo de uma mudança que começa nas pessoas: tantas figuras diferentes, encontrando não somente um novo propósito na vida, mas também a aplicação diária para desenvolvê-lo. O dinheiro tem um papel importante na vida de todos, e o modo de se lidar com ele pode ser mais significativo do que pesquisar novas leis econômicas. Alguns escritores, quando abordam a “economia pós-capitalista”, falam em “economia do conhecimento” ao definir o futuro. Peter Drucker, dos Estados Unidos, diz em seu livro *The Post Capitalist Society (A Sociedade Pós-Capitalista)* que precisamos entender o conhecimento como uma fonte econômica: “Não temos experiência suficiente para formular e testar uma teoria. Precisamos de uma teoria econômica que coloque o conhecimento no centro do processo de produção de riquezas”. Ele prevê que isto será muito diferente de qualquer visão econômica existente. No entanto, também é bem possível que o crescimento do altruísmo crie algo ainda mais irreconhecível em termos atuais.

A economia está cada vez mais dominante entre aquelas forças que modelam o presente. Não é uma ciência, mas está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da sociedade humana. Com sorte, a opinião pública está passando a apoiar a cultura do “se importar com os outros” ao invés de celebrar os magnatas

bem sucedidos. Portanto, é significativo que Bill Gates pretenda diminuir seu papel de “ganhar dinheiro” para encontrar maneiras mais efetivas de gastá-lo. Ele é um novo e formidável recruta de uma honrada tradição, que expressa a necessidade de dar oportunidades a pessoas discriminadas em vez de simplesmente encorajar o crescimento econômico onde quer que seja. De certa forma, essa tradição está buscando uma estratégia para retificar algumas das falhas mais gritantes do passado.

Todavia, mesmo gastar dinheiro para produzir um resultado desejado pode levantar questões complexas, que dependem dos caprichos da natureza humana. Parece mais provável que no longo prazo venha a ser necessária uma mudança total de cultura. Somente uma mudança assim poderia produzir a economia do altruísmo. Mas a crescente obrigação de enfrentar o desafio da mudança climática aponta nessa direção. Isto irá aumentar a consciência de que os passos mais eficazes podem ser na direção da evolução do espírito humano, e isto é algo incerto de se comandar. Vivemos numa época de transformações, quando a forma exata do futuro é incerta e foge a definições. Mas, para todos os que a buscam, há evidências de que uma clara estrada se abrirá vinda daqueles que cultivarem a voz interior ao invés do poder humano.

17

A Mídia – Os Arautos da Esperança

Por Bill Porter

Após seis anos de serviço militar durante a Segunda Guerra Mundial no Norte da África, Itália, Áustria e Índia, William Porter iniciou uma carreira de jornalista. Como repórter, secretário de imprensa e correspondente internacional, ele viajou por toda a Europa, Ásia, Austrália, América do Norte e África do Sul. Ao retornar a Londres, tornou-se diretor-executivo da divisão britânica do grupo editorial multinacional Wolters Kluwer, vice-presidente da Publishers Database Ltd, presidente da Consultoria Jurídica da British Publishers Association (Associação Britânica de Editores) e membro do comitê nacional do Periodical Publishers Association (Associação dos Editores de Periódicos). Tão logo se aposentou ele tornou-se o presidente fundador do Fórum Internacional de Comunicação, cujo objetivo é dar à mídia um papel positivo e confiável na sociedade. Sua autobiografia, *Do Something About It! (Faça Alguma Coisa a Respeito!)* foi publicada em 2006.

Há pelo menos 36 referências e citações da imprensa escrita e falada nos discursos publicados de Frank Buchman antes da Segunda Guerra Mundial. Claramente, ele entendia a importância da comunicação de massa e que ela poderia ser uma força

positiva na vida da humanidade. Ele também percebeu que ela tinha um lado mais obscuro e que a luz viria dos profissionais iluminados da mídia.

Ele começou a fazer uma lista desses profissionais incluindo nomes como Arthur Baker, líder da *British Parliamentary Press Gallery* (Tribuna da Imprensa Parlamentar Britânica); Frederik Ramm, redator do *Norway's National Daily* (Diário Nacional da Noruega); Jean Martin, redator do *Le Journal de Geneve* (Jornal de Genebra); e, nos anos 40, Peter Howard, um dos jornalistas mais proeminentes da Inglaterra na época, que mais tarde vestiu o manto de liderança de Buchman após sua morte em 1961. Infelizmente, Howard faleceu em 1965, havendo contribuído com muitos artigos, vários livros e muitas peças para promover as ideias do Rearmamento Moral, como era chamado o movimento.

No período seguinte, nas décadas de 70 e 80, Garth Lean, escritor, e Alan Thornhill, dramaturgo, continuaram a atender ao desafio de Buchman segundo o qual nós, jornalistas, devemos ser os “Arautos da Nova Ordem Mundial”. Esse pensamento chave merece muita atenção. A primeira vez que o vi ser usado foi em um discurso de Buchman durante um almoço oferecido por Edouard Benes, presidente da Assembleia da Liga das Nações, em Genebra, 1935. No meu dicionário Chambers, a palavra “arauto” é definida como “a pessoa que anuncia notícias importantes” e “algo ou alguém que é um sinal do que está por vir”. Agora, para mim, também significa a apresentação de informações absolutamente precisas, que ajudarão e inspirarão as pessoas que as receberem a construir um mundo de paz e de justiça, onde suas necessidades físicas e espirituais são completamente atendidas. Isto significa que elas escolherão as pessoas certas para liderá-las na vida comunitária e política; elas viverão uma vida baseada nos valores mais elevados; e serão cidadãos responsáveis e colaboradores. Eles, os arautos, também irão expor o mal, a corrupção e a incompetência, e nos avisarão

sobre os cursos de ação violentos, injustos e que não levam a lugar algum. Portanto, uma simples frase “arautos da nova ordem mundial” se torna um desafio aos mais elevados padrões das nossas vidas profissionais, como comunicadores com milhões de pessoas na Terra.

Em 1955, Frank Buchman fez um discurso de impressionante visão e presciência durante uma transmissão radiofônica mundial dos Estados Unidos, intitulado “A Eletrônica do Espírito”:

Agora, a eletrônica é uma ciência nova. O espírito já é conhecido há muito tempo. É uma ciência antiga. Mas, junto com a eletrônica, ele empurrará o mundo para uma nova dimensão de vida e pensamento. Mal podemos compreender o que “a Eletrônica do Espírito” significa. Pense nas reações autênticas pelas quais um pensamento pode viajar através da América em menos de um quinquagésimo de segundo. Funciona com uma Mente Infinita. Circula o globo instantaneamente. Abre a torneira de recursos até então desconhecidos. Pegue toda a questão da Mente de Deus e a minha mente. O pensamento que surge a qualquer hora do dia ou da noite pode ser o pensamento do Autor da mente. Estamos lidando aqui com fator que ninguém pode mensurar. Essas verdades são prontamente percebidas e rapidamente aceitas no longínquo mundo mulçumano, que pode ser a viga que suportará toda a civilização.

Nos anos 80, minha empresa e nossos competidores gastavam milhões desenvolvendo publicações eletrônicas e bancos de dados que se expandiriam para a Internet, através da qual todas as pessoas do mundo poderiam se comunicar com todas as outras pessoas, e todas as informações e conhecimentos do mundo seriam disponibilizados para todos. No começo, era difícil vender essa ideia quando nem mesmo advogados, médicos e empresários possuíam computadores. No começo deste século XXI, ter um computador é algo que se espalhou até os mais longínquos confins do globo.

Uma entrevista difícil comigo mesmo

Aqui eu devo introduzir meu contato pessoal com Frank Buchman e sua conseqüente influência na minha vida como um profissional da mídia. Sendo um jovem oficial dispensado depois de seis anos de serviço durante a Segunda Guerra Mundial, eu me preparava para terminar meus estudos universitários e entrar para o *Birmingham Post* como repórter. Devido à influência de alguns colegas soldados que eu tinha conhecido quando lutava na Itália, no Oitavo Exército (O Oitavo Exército foi uma das mais conhecidas formações na II Guerra Mundial, lutando nas campanhas do Norte da África e na Itália – muitos países têm, ou tiveram, um Oitavo Exército) e na Oitava Divisão de Infantaria Indiana, na Ásia, fui persuadido a dedicar minhas ambições jornalísticas a me tornar secretário de imprensa com o Rearmamento Moral (RAM), como era conhecido na época, editando seu serviço de informação e documentando as atividades nas minas de carvão britânicas e na França do pós-guerra.

Também era afiliado ao corpo de jornalistas das Nações Unidas em Genebra. Neste último cargo, juntamente com um colega, David Hind, que mais tarde seria diretor de uma importante editora, persuadimos muitos jornalistas e diplomatas que participavam das conferências das Nações Unidas a viajar a Caux-sur-Montreux, do outro lado do Lago Genebra, para assistirem às conferências do RAM em Mountain House, sob a presidência de Frank Buchman. Conseqüentemente, conheci-o e ganhei dele o elogio de ser “ubíquo” - uma palavra que me fez consultar o dicionário.

Finalmente, minhas ambições pessoais e minha busca por fortuna me levaram a seguir meu próprio caminho e a me tornar um editor de sucesso e um líder nas associações da mídia.

Em 1989, um golpe de sorte fez com que eu visitasse Caux

novamente e, ao mesmo tempo, ler no *Financial Times* que “a indústria das comunicações, em todas as suas formas, incluindo a comunicação de massa, tinha se tornado a maior indústria do mundo”. No ambiente de Caux, que é uma parte vital do legado de Buchman, eu me fiz a seguinte pergunta: “Se somos a maior indústria, será que somos os mais responsáveis?” A resposta tinha de ser “NÃO”, o que me levou à introspecção, sendo eu diretor-executivo das atividades editoriais britânica de uma multinacional, quanto à minha aceitação pessoal da responsabilidade.

Eu fiz o que pode ser descrito como uma entrevista difícil comigo mesmo. Percebi que as minhas motivações principais eram ganhar dinheiro e me tornar importante para mim mesmo e para minhas empresas. Não estou dizendo que estas são motivações totalmente ruins, mas falta a elas assumir responsabilidade pelo efeito de nossos produtos sobre aqueles que nos leem, ouvem e assistem. Percebi que, se fizéssemos algo que tivesse um efeito social positivo, eu ficaria feliz em aceitar os elogios. Porém, se tivesse um efeito ruim, eu lavava as minhas mãos dizendo que era uma questão para os políticos, líderes religiosos e sociólogos, não para mim. Então, a liberdade de informação se torna liberdade das suas consequências, especialmente quando são ruins! Decidi que nós da mídia tínhamos que nos mostrar e aceitar a responsabilidade pelo impacto que causamos.

Quando falei com minha esposa, uma heroína iugoslava da resistência de Tito⁶ na época da guerra - três anos em um campo de concentração alemão, advogada e linguista - sobre a minha mudança de pensamento, ela me ouviu atentamente, me olhou nos olhos e disse: “Se você está pensando assim, então por que

⁶ Marechal Tito [1892-1980], político iugoslavo líder da resistência contra a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial e que estabeleceu a independência da Iugoslávia [da União Soviética] em 1948.

não faz alguma coisa a respeito?” Este foi o segundo impulso importante para mim e decidi conversar com alguns dos meus colegas da mídia. Quatro deles reagiram positivamente e compartilharam da minha convicção de que a mídia estava arrastando as pessoas para baixo ao invés de colocá-las para cima, e que poderíamos nos tornar uma força positiva na sociedade. Decidimos tentar construir uma rede mundial de homens e mulheres da mídia que acreditassem em valores morais, os aplicassem em suas próprias vidas e assim os transmitissem naturalmente à audiência.

O FIC colocou questões da mídia na agenda mundial

Nossa primeira conferência foi em Caux, o cenário do trabalho de Frank Buchman para a reconciliação entre França e Alemanha e entre todos os lados da indústria, o local adequado para lançar uma força positiva. Isto foi em 1991 e, nos 17 anos que se seguiram, realizaram-se 26 conferências em países de todo o mundo, desde a Rússia até os EUA, da Austrália ao Canadá, da Polônia à África do Sul, da França à Jamaica; e muitas viagens para nos encontrarmos e informar nossos colegas da mídia em todos os níveis. Temos atualmente cerca de três mil profissionais nas nossas listas de correspondência. Um presidente recente da Associação Mundial de Jornais disse que “o FIC colocou na agenda mundial a questão do efeito da mídia na sociedade”. Sem dúvida, é justo atribuir esse alcance mundial na imprensa, rádio, televisão e Internet ao legado de Frank Buchman e à sua visão de que devemos ser os arautos da nova ordem mundial.

Além dos jornalistas e escritores mencionados anteriormente, outros que certamente foram influenciados por Buchman ou por membros de sua equipe foram John Farquharson, vice-redator do australiano *Canberra Times*; Graham Turner, um dos mais bem pagos jornalistas investigativos da Inglaterra; Sanjoy Hazarika, correspondente do *The New York Times* na Índia por muitos anos;

Rajmohan Gandhi, o neto do Mahatma, que recebeu treinamento como jornalista no *The Scotsman* de Edimburgo e mais tarde se tornou redator da edição de Madras do *Indian Express*; Geoffrey Lean, decano dos correspondentes ambientais britânicos; Mary Lean, escritora e redatora da revista *For a Change*; e Mike Smith, que contribuiu com muitos jornais britânicos e do exterior. No mundo das artes, podemos contar Seven Stolpe, um escritor sueco; Victor Sparre, artista norueguês e amigo de dissidentes russos; Lennart Segerstrale, o pintor finlandês; Heaton Cooper, o artista britânico de Lakeslands e Henry Cass, produtor teatral do London West End.

Edouard Rosental, um correspondente internacional da agência de notícias *Novosti* da Rússia soviética, que tinha escrito seu ataque ideológico sobre o Rearmamento Moral depois de uma visita ao Centro de Caux, respondeu ao seu próprio ataque escrevendo uma forte defesa das ideias do RAM.

Robert Webb, que trabalhou a vida toda como jornalista e atualmente presidente do Capítulo de Washington da Sociedade Americana de Jornalistas Profissionais, escreveu: “Como jornalista do sul, fui um defensor ferrenho da segregação racial em meus editoriais e colunas mas, à medida que me transformava através do meu contato com o RAM, escrevi para curar, não para ferir, unir e dividir, escrever não para estimular ou explorar o conflito, mas sim para o evitar e para amenizá-lo. Também tentei projetar uma visão em que brancos e negros trabalhassem juntos para o bem de sua comunidade, estado e nação. Comecei a atingir afro-americanos de uma forma diferente, formando novas amizades, e para pessoas de todas as raças, cores e credos”.

No mundo de hoje, o público anseia por vozes da mídia que os coloquem para cima em vez de puxá-los para baixo, por modelos de comportamento que os ajudem a se tornarem os reconstrutores da sociedade, ao invés de idiotas viciados. Era uma parte central da visão de Buchman que jornalistas, escritores, produtores

cinematográficos, músicos e artistas pudessem ter um papel importante em sua realização.

Muitos ataques grosseiros

Um legado tem, quase sempre, um lado negativo e, no caso de Frank Buchman, foram feitos certos esforços, por algumas partes da mídia, para que o seu legado tivesse um lado negativo, especialmente da Grã-Bretanha e na Escandinávia. Tom Driberg, através de sua coluna regular no *Daily News* e em outros canais, esteve no centro de muitos ataques grosseiros a Buchman e à obra do Rearmamento Moral, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial e nos anos que se seguiram.

Tiro uma citação do livro de Chapman Pincher, *Traitors (Traidores)*: “A aparente devoção anglo-católica de Tom Driberg é tão misteriosa quanto tudo que lhe diz respeito. Ele foi um membro do Conselho Central de Finanças da Igreja da Inglaterra. No entanto, ele parecia não ter qualquer tipo de escrúpulos e traía qualquer coisa ou qualquer um se fosse conveniente para ele. Possivelmente, ele usou a religião como parte do seu disfarce; assim como usou sua política trabalhista. Ele certamente a usou para montar um ataque contínuo sobre um alvo importante da KGB - o Movimento do Rearmamento Moral - afirmando que era um movimento pró-Alemanha (isto é, pró-Hitler), o que é falso. O RAM, que abraça todas as religiões, procura promover valores morais em todas as sociedades. Quando o fundador do RAM, o Dr. Frank Buchman, faleceu e foi enterrado em Allentown, Pensilvânia, muitas figuras mundiais foram ao seu funeral e assinaram seu nome no livro da igreja. Uma semana mais tarde, Driberg apareceu e arrancou todas as páginas pertinentes”.

As visões de Driberg eram apoiadas pelo escritor britânico A. P. Herbert, que também era membro do parlamento, e por alguns jornalistas de países escandinavos que pareciam ter sido

incomodados pelo desafio moral do RAM.

Esses e outros ataques se acrescentam a uma série de preconceitos hostis por parte, principalmente, de escritores e editores de Londres, o que ainda era evidente nos anos 60 e 70, quando lembro ter sido aconselhado a não falar abertamente sobre a minha simpatia pelo assunto se desejasse manter meu emprego e progredir na carreira.

No entanto, no começo do século XXI, pode-se dizer que essa negatividade é agora um não legado, uma vez que a maioria dos jornalistas de hoje ou estão mal informados sobre o RAM (Iniciativas de Mudança) ou têm a mente aberta em relação a ele. Na verdade, já está na hora de o RAM se tornar um assunto de interesse geral e um desafio inspirador para um mundo amedrontado e aflito.

Inspirar e Iluminar

A maioria dos jornalistas não gosta de ser rotulado como tendo alguma afiliação com qualquer atividade em particular, de natureza evangélica ou secular. Não significa dizer que eles escapam de certas maneiras de pensar de natureza negativa ou reveladora. Como consequência, nossa mídia dá a impressão de estar interessada principalmente no que dá errado, em situações problemáticas, nos pontos fracos das pseudocelebridades e na multiplicidade de perigos para a nossa saúde ou bem-estar. A alternativa para esta síndrome de más notícias parece ser parar de ler, de ouvir, de ver, de pesquisar na Internet, o que não é a receita para uma democracia eficaz e próspera. O Fórum Internacional de Comunicações, atualmente liderado por Bernard Margueritte, um importante jornalista - juntamente com outras iniciativas, como *Reporters D'espoir* na França, o *Committe for Concerned Journalist* dos EUA e o movimento *Sorry* da Austrália, e outras atividades - trabalha para pôr um fim nesse

domínio negativo na mente dos nossos profissionais da mídia e dar a eles um senso de propósito ético e social. Um resultado é que nos últimos anos muitos de nossos principais jornalistas, redatores e produtores têm se tornado muito mais autocríticos e mais abertos a receber críticas do que a maioria dos que trabalharam na minha época no século passado. Esta é uma indicação de que dias melhores virão, e acredito que a influência que a vida e a filosofia de Frank Buchman tiveram em muitas pessoas da minha geração e gerações posteriores nesta direção é o indicador de seu legado no mundo de hoje.

Escrevi sobre Peter Howard, certamente um dos grandes jornalistas do século XX, e um que pagou com os nervos e os neurônios de sua vida para ajudar a construir um mundo mais justo e igualitário. Ele tinha apenas 54 anos quando faleceu de um mal súbito, e eu já vivi 33 anos a mais. Ele foi uma parte do legado de Buchman com vida curta, e sua esposa, Döe, recentemente falecida, me disse achar que o FIC havia assumido a tocha que Howard carregava para inspirar e iluminar as pessoas de palavra criativa que ele amava e servia. Eu me conheço bem demais para acreditar que cheguei perto dessa aspiração, mas continuarei tentando e espero fazer isso com vocês.

18

A Juventude Olha para Trás – e para Frente

Confiança em uma Força Além de Mim

Por Rob Lancaster

Rob Lancaster se formou na Universidade Nacional da Austrália, tendo um bacharelado em Relações Internacionais/ Francês e em Direito, com honra. Suas paixões são o críquete, o futebol australiano e os debates – tanto formalmente quanto com amigos. Seus passatempos são tomar café com os amigos, tocar piano (não muito bem) e assistir a dramas da BBC.

O mundo acadêmico se debruça há séculos sobre as teorias da filosofia política, moral, econômica e legal, numa tentativa de racionalizar o mundo ao nosso redor. Como estudante de direito e de relações internacionais, sou regularmente lembrado das diferenças entre o normativo e o empírico, o utópico e o realista, a maneira como gostaríamos que o mundo fosse e a maneira como ele é de verdade. Muitos pesados volumes têm desenvolvido uma infinidade de explicações do ambiente mundial de hoje, e seria impossível num espaço tão pequeno falar adequadamente mesmo sobre um desses assuntos, sem o simplificar demais ou deturpar de maneira inútil. Basta dizer, no entanto, que qualquer que seja o caso, vivemos num mundo de

divisões e, no entanto, também vivemos em um mundo de harmonia. O que IdeM vem tentando fazer, desde o seu início como Rearmamento Moral, é encorajar as pessoas em todos os níveis a serem guiadas pelos princípios que superam aquele e fortalecem a este - o que, para mim, significa essencialmente ser guiado por Deus.

A ideia não é nem um pouco popular. Em 1887, Nietzsche declarou a morte de Deus. Desde o Iluminismo, qualquer tentativa de incorporar o divino a uma visão de mundo encontra resistência intelectual severa. Todavia, muitas vezes a experiência parece indicar que isto é exatamente o que o mundo precisa - não uma rejeição completa de Deus, mas sim um compromisso renovado de todas as pessoas, não apenas os cristãos, de viver sua fé completamente. O conflito e a insegurança não são uma inevitabilidade inalterável, mas sim o resultado das decisões tomadas pelos atores do mundo. A obra do Rearmamento Moral após a Segunda Guerra Mundial demonstrou a necessidade de pessoas de convicção moral em todos os níveis - todos, desde pessoas como Robert Schuman e Konrad Adenauer até aquelas como Irène Laure, tinham um papel a desempenhar no estabelecimento das fundações de uma Europa pacífica. Atualmente, a União Europeia é um testemunho da viabilidade da cooperação humana.

A obra de Iniciativas de Mudança é tão relevante hoje quanto sempre foi, e espero que continue com coragem de responder à necessidade de liderança moral. Essa liderança, que deve ser sustentável, deve ter seu esteio na integridade, que, acredito eu, só pode ser obtida através de uma força além de nós mesmos. Na sua origem, esse movimento levava no coração o compromisso de conectar as pessoas com uma autoridade mais elevada e a perceber o potencial que surge desse encontro. Como podemos continuar a desafiar as pessoas a explorarem essa possibilidade, não com indiferença ou insensibilidade em relação ao modo

como esse desafio é recebido, mas com a convicção interna de que mudar o mundo é uma tarefa além de nossas possibilidades? Espero que esse desafio possa permanecer no coração de IdeM. É um desafio que não é nem inclusivo nem exclusivo por si só, e sim uma questão de se ter algo no centro que valha a inclusão das pessoas.

Para engendrarmos um sentimento de unidade no mundo à nossa volta, precisamos estar igualmente nutrindo uma unidade de propósito dentro da rede de IdeM e, talvez mais importante, precisamos estar individualmente atentos às divisões em nossas próprias vidas, que tão frequentemente minam a nossa capacidade de sermos agentes eficazes da obra de Deus no mundo. O que eu frequentemente considero ser o mais difícil não é a articulação das minhas visões grandiosas, mas sim as preocupações mais imediatas do aqui e agora - como responder às necessidades diárias das pessoas à minha volta, e como fazê-lo de uma posição de integridade. Quanto a isso, espero que o futuro de IdeM continue a dar ênfase, tanto quanto possível, ao acompanhamento das pessoas em suas jornadas pessoais. Pois, embora os programas de treinamento e as conferências internacionais forneçam uma base valiosa, o toque pessoal constante é seu companheiro indispensável.

Todos nós crescemos em alguma tradição cultural e, no meu caso, foi a tradição cristã. Mas chega-se a um ponto em que temos que questionar os pressupostos subjacentes da nossa infância e determinar se nossas crenças foram fundadas em uma verdade duradoura ou simplesmente nas afirmações daqueles à nossa volta, e que aceitamos como fatos. Por muitos anos, apesar de ser um pensador ávido (até demais, de acordo com muitos dos meus amigos), ainda havia algumas crenças que eu não havia questionado genuinamente. Foi apenas há poucos anos que percebi claramente as duas estradas divergentes, uma na qual eu contava com a minha inteligência, e outra que envolvia buscar e

confiar no plano de Deus, e foi aí que tive que decidir o que eu realmente pensava sobre essas questões tão fundamentais. Escolher seguir a segunda estrada não significou abandonar a minha busca e minha disposição crítica, e sim construir minha confiança numa força além de mim. E, embora eu me desvie regularmente do meu caminho, quanto mais fé eu coloco na direção de Deus, mais irresistível se torna a vida inteiramente guiada por Deus.

Uma Visão sobre Frank Buchman

Por Chris James

Já que nunca conheci o homem, sempre tive curiosidade e sempre me surpreendeu como um indivíduo pôde ter tanto impacto no mundo, inclusive em mim, pessoalmente. Esta é a minha visão sobre como ele conseguiu isto, através da minha própria experiência com o que eu conheço agora como Iniciativas de Mudança.

Crescendo em uma família cristã, sempre tive dificuldade para entender as abstrações da religião e achava difícil me relacionar com ela. Foi em 2003 que John Bond me perguntou se eu gostaria de viajar para o centro de Iniciativas de Mudança em Armagh, Melbourne, para participar de um curso chamado *Life Matters (Questões da Vida)*. Passar por dez dias de desenvolvimento pessoal e comunitário me fez perceber que ser um cristão não é o que eu faço, mas sim quem eu “sou” em cada momento, todos os dias.

Foi nesse curso que conheci um mulçumano pela primeira vez, e fiquei surpreso com o fato de ele ser igual a mim, ainda que

muito mais dedicado às suas orações do que eu às minhas. Pela primeira vez percebi que é muito mais agradável celebrar as nossas diferenças do que nos segregarmos usando rótulos como velho, jovem, negro, branco, gordo, magro, cristão, mulçumano. Apesar de essa semente de amor ao próximo ter começado a germinar, eu ainda não queria comprometer minha vida inconsequente e divertida de maneira nenhuma, por isso me tornei um hipócrita.

Por exemplo, ao mesmo tempo em que eu falava ao telefone e mandava e-mails a os meus novos amigos internacionais sobre construir a paz sendo honesto, começando por você mesmo, eu ainda contava muitas mentiras em muitas áreas da minha vida - dizia estar doente para não ir trabalhar, aumentava o tamanho das ondas e parecia mais ousado, e mesmo contava estar trabalhando duro para que meus pais achassem que eu estava muito ocupado. Somente um ano depois, quando fui convidado para participar da Conferência Juvenil Ásia Pacífico, no Camboja, foi que eu vi o impacto de “*mude você mesmo e o mundo mudará*”. Isto foi demonstrado quando, no início da conferência, os cambojanos disseram: “Temos tensões em relação aos vietnamitas nesta conferência”, e no fim perceberam que eles são iguais a outros jovens e não precisam carregar o ódio de seus ancestrais. Fiquei empolgado com isso e decidi que o meu objetivo de vida seria atingir e abrir corações fechados.

Uma Jornada *Mais Adiante* para Mim

Após terminar a faculdade em 2005, participei do *Action for Life Journey*, que representou uma jornada *mais adiante* para mim. *Mais adiante* de qualquer coisa que já imaginei, *Mais adiante* do meu entendimento sobre as religiões, *Mais adiante* do meu conhecimento do mundo, *Mais adiante* do meu próprio sentido de ego, simplesmente *Mais adiante* do paradoxo da vida. Por trás de toda a dor e sofrimento que vi nas pessoas que conheci, sempre vi

uma luz de esperança à qual se agarravam. Percebi que nosso propósito como seres humanos era lutar neste espaço do mundo para crescer em espírito.

Frank Buchman referiu-se a isso como “viver para o eterno”. Foi o nascer do sol sobre as montanhas de Panchgani, na Índia, que me deu uma visão da eternidade - uma outra palavra para agora. Viver de verdade para o agora foi o maior segredo de Frank Buchman. Ele via as pessoas como sendo parte de Deus, não importa quem elas fossem, e as tratou assim em cada momento que teve com elas.

Depois de seguir seus passos até Caux, em 2006, fui então trabalhar com Howard Grace, Roshan Gul e Vlad Oleatovski na Inglaterra com um programa escolar que escrevemos chamado *Beyond Satisfaction* (Além da Satisfação). Esta foi uma tentativa de expressar a mensagem de Buchman “as escolhas que fazemos influenciam diretamente quão satisfeitos / completos nos tornamos”. Naquela jornada por mais de 50 escolas, fui confrontado com a necessidade desses valores no mundo Ocidental, e como na verdade eles são raros. Depois de cada apresentação, alguns alunos se levantavam e expressavam o que a apresentação tinha significado para eles e perguntavam como poderiam se envolver mais e ter o nosso apoio. Eu ficava triste por não termos então nenhum seguimento. Foi então que percebi que seguimento era a maior necessidade de Iniciativas de Mudanças, se o movimento deseja sobreviver.

Nas minhas viagens à Ucrânia, Polônia, Noruega, Escócia, China, Taiwan e Hong Kong, tomei conhecimento das equipes de Iniciativas de Mudança que trabalham em todo o mundo. Estariam eles ficando desmotivados, ou haveria menos pessoas envolvidas do que nunca? A luta constante é como expressar claramente a mensagem de perdão e ouvir a voz interior. Frank Buchman tinha uma visão clara e encontrou uma expressão clara para ela. Uma boa parte do que me comoveu profundamente foi o

desenvolvimento comunitário através do programa *Life Matters* e dos cursos de treinamento de *Action for Life*. Se tivermos mais programas como esses, então mais pessoas se envolverão.

Nos últimos quatro anos, tenho pelejado com a pergunta: “*O que é Iniciativas de Mudança?*” Já passei por várias etapas, contando a diferentes pessoas diferentes conceitos sobre o que é Iniciativas de Mudança. Para meus amigos cristãos, sempre digo que é uma organização cristã, e para os meus amigos artistas não cristãos digo que é uma organização de desenvolvimento teatral, e para os meus amigos normais digo que é uma organização mundial para a criação da paz. Mas se eu fosse realmente honesto comigo mesmo e com os outros, teria que dizer que é uma família global que dá apoio às pessoas que desejam ouvir sua voz interior - ou seja lá como a chamem - e para tomar uma atitude no sentido de criar um mundo melhor.

Atualmente, trabalho em tempo integral com Iniciativas de Mudança, como coordenador de programas criativos em Armagh, Melbourne, Austrália. Sinto que recebi muita paz interior e liberdade com o que aprendi, não tanto com a organização Iniciativas de Mudança, mas sim através das pessoas que carregam a energia espiritual original de viver diariamente para os outros.

Um dos Maiores Criadores de Espaço Já Conhecido

O que eu adoro nesta organização que Frank experimentou, e sempre será algo único, é o foco na dedicação às pessoas de tal forma que você se põe a “defender o espírito delas”, a *inspirá-las* (soprar vida no outro) a serem melhores do que elas mesmas acham que podem ser. Trata-se de ver o potencial das pessoas e dar-lhes o espaço necessário para expressar isso. Frank foi um dos maiores criadores de espaço já conhecidos. Ele não possuía todas as habilidades e capacidades para liderar, mas sabia como

tocar as pessoas de tal forma que elas se sentissem confiantes para tomar a liderança. Pelo que li sobre ele, eu o respeito muito. No entanto, sinto que muitas vezes nós fazemos exatamente aquilo que ele condenava e esperava que as pessoas jamais fizessem: idolatrá-lo. Na medida em que seguimos dizendo uns aos outros o quanto ele era maravilhoso e o citamos, tiramos a força das pessoas que estão vivas hoje, porque não lhes damos espaço, ou recursos, para abraçarem completamente esta vida vivida para os outros.

Não estou comprometido com a organização “Iniciativas de Mudança”; estou comprometido com cada pessoa que encontro na busca por liberdade e paz interior com o criador, sentindo que se expressam completamente, vivendo seu máximo potencial a cada momento de cada dia, de acordo com o que foram criadas para ser. Estou usando Iniciativas de Mudança para fazer isso. De vez em quando tenho lampejos de o que Iniciativas de Mudança realmente significa. Recebi muito e tenho levado uma vida muito rica e feliz até agora, mas a citação que me persegue quando acordo é: “a quem muito foi dado, muito será cobrado”. É isso que me mantém trabalhando por esta organização e me mantém apaixonado por servir e dar tanto quanto posso aos outros.

Como uma jornada cotidiana, luto para seguir os quatro padrões morais e a hora tranquila tanto quanto os outros, mas agora eu tenho a força de discutir isso abertamente e compartilhar meus pensamentos com a família global. Aprender mais sobre quem foi Frank Buchman me inspira para saber que há uma maneira alternativa de viver, além do reino materialista e da solidão que vivi por tanto tempo. Ele me faz desejar ser uma pessoa com verdadeira integridade e liderança, qualidades que muitas vezes me faltam. E, mais importante, ele me dá coragem para compartilhar meus segredos mais sombrios com as pessoas que mais amo, me ajudando a experimentar a verdadeira vulnerabilidade em comunidade. No entanto, sei que Buchman

não fez isso só por mim; foi aquilo pelo que ele lutava que me possibilitou atingir tudo isso - isto é, o amor a Deus e a autenticidade das pessoas. Esta foi sua verdadeira força, e permanecerá neste mundo sempre, mesmo que mude de forma e continue sem dúvida a mudar de nome. Não me interessa fazer com que as pessoas se envolvam com Iniciativas de Mudança; ao invés disso, meu interesse é fazê-las se envolver em viver a vida ao máximo, sendo orientadas por alguém e orientando a outros. Foi por isto que Frank Buchman viveu e é por isto que eu vivo.

O Impacto Oculto de Buchman

Por Bhavesh S. Patel

Bhavesh Patel se formou na Universidade de Leicester e trabalha na área de desenvolvimento pessoal e organizacional, com interesse especial em treinamento e em Espaço Aberto⁷.

Acredito que o RAM - a ideia, o movimento, a organização - teve um dos maiores efeitos no pensamento e na vida do último século. É uma afirmação ousada de se fazer, e não tentarei justificar aqui porque penso desse jeito. Conheci o RAM em 1997 e, porque quis saber mais sobre suas raízes, li muitos dos primeiros livros e conversei com muitas pessoas mais velhas. O RAM mostra o grande impacto que a vida de uma pessoa pode ter em outras vidas, e no mundo que as cerca. Multiplique isso pelo

⁷ Espaço Aberto é a tradução para Open Space Technology (OST). Trata-se de uma forma de congregar pessoas em uma conferência, retiro ou encontro (nota da tradutora).

número de pessoas atingidas pelo RAM no último século em todos os setores da sociedade, da política e da indústria e você começa a ter uma ideia do impacto oculto da obra da vida de Buchman. Peças importantes viajaram pelo mundo, muitas vezes recebidas por governos, e os elencos geralmente vinham de vários países, muito antes do termo “diálogo intercultural” ter sido cunhado!

No entanto, meu interesse não é olhar para trás, mas sim olhar para frente, como um jovem. Acredito que o RAM, agora IdeM, pode ter um papel crucial a desempenhar neste século também. Buchman sempre tentava usar as expressões da época para levar suas ideias para as massas. Seu discurso intitulado “A Eletrônica do Espírito”, feito na Ilha de Mackinac em 1955, é um claro exemplo. Nos Estados Unidos, os rádios transistores e o primeiro gravador de fita de bolso eram os tópicos da revista *Popular Eletronics* (Abril de 1955). Buchman, um amigo de Thomas Edison, usava essa linguagem para comunicar ideias sobre a vida espiritual - uau!

Atualmente, o maior desafio de IdeM é encontrar a linguagem de hoje, para que então as ideias cruciais de Buchman possam ter uma voz nesse século. O mundo já está cheio de excelentes métodos para *O Mundo Reconstruído* (*Remaking the World* - a visão de Buchman e o título da sua coletânea de discursos). Alguns desses métodos têm raízes espirituais profundas e, eu imagino, teriam inspirado Buchman a usá-las hoje. No entanto, para IdeM é difícil reconhecer esses métodos, porque ainda estamos tentando “reconstruir o mundo” com os métodos do século passado. O maior desafio é o medo, medo de se desapegar do passado e tentar o novo. As ideias fundamentais não mudam, mas todo o resto deve mudar. T. S. Elliot escreveu: “pois as palavras do ano passado pertencem à linguagem do ano passado, e as palavras do próximo ano esperam uma outra voz”.

Estou descobrindo que as ideias de Buchman estão vivas e ativas

em muitos dos novos métodos e pensamentos sobre como levarmos uma transformação para o mundo neste século. Acredito que muitos desses métodos podem até mesmo ter raízes na obra que Buchman iniciou quase cem anos atrás. Minha esperança é que IdeM possa encontrar uma saída para seus medos e realizar sua missão neste século. A simples ideia de uma mudança de coração através de ouvir a voz interior é tão poderosa hoje quando foi na época. Nossa direção pode vir tanto da liderança interior quanto de outros eventos. A firme crença de Buchman era que uma pessoa que acabou de ter uma transformação no coração provavelmente saberia mais sobre o RAM do que ele. Buchman acreditava que a próxima geração teria mais a oferecer do que a anterior, que o RAM não era uma ideia estática, ou algo do qual “fazemos parte”. Deixo a palavra final com Buchman: “Conferências baseadas no modelo atual jamais resolverão os problemas e as necessidades das pessoas e das nações. Isto só virá quando um coração falar a outro coração” – extraído do discurso *Para todos os homens em todos os lugares* (*For All Men Everywhere*), 1954.

Qual é a sua história?

Por Joanna Margueritte

Estudante do primeiro ano do MBA, Joanna Margueritte também é uma apaixonada fotógrafa de retratos. Original da Polônia, ela mora em Paris e viaja sempre que pode com a sua câmera.

O rei persa Shahryar decide, uma vez que a infidelidade de sua esposa foi revelada, declarar que todas as mulheres são infiéis. A cada dois dias ele escolhe uma esposa e a mata. Finalmente, já não resta nenhuma virgem para servir-lhe como noiva por uma noite, a não ser Sherazade, a filha do vizir. Ela própria sugere ser a próxima noiva e, contra a vontade de seu pai, assume esse perigoso papel.

Para não ser executada na manhã seguinte, Sherazade faz com que o rei precise desesperadamente que ela viva por pelo menos mais algumas horas: ela conta a ele histórias e as interrompe nos momentos cruciais, ganhando assim tempo. E ela segue contando histórias dentro de histórias, cada vez mais...

A arte de contar histórias é tão antiga quanto a humanidade. Surge da necessidade de explicar um fenômeno natural, comunicar experiências aos outros, do desejo de manter a continuidade e as tradições através das gerações dentro de uma comunidade. Não há uma única cultura que não tenha histórias: histórias sobre as origens e histórias de heróis, anedotas e fábulas compartilhadas e ouvidas década após década. Não é difícil ver como as histórias, completamente diferente dos romances - associados à forma escrita - tendem a criar as condições adequadas para a formação de laços, através do compartilhamento de experiências pessoais, para criar o sentimento de comunidade.

Hannah Arendt observa em seu livro *Homens em Tempos Sombrios* (1968) que o ato de contar histórias “revela significado sem cometer o erro de defini-lo”. Isto é o que permite compartilhar o “sentido de significado” separado da verdadeira “moral” da história; o significado permanece nas mentes dos ouvintes e os transforma, de certa forma, de modo que eles também queiram contar a mesma história para outros. A história é, desta forma, um objeto essencialmente intangível destinado a ser compartilhado pelos membros de uma determinada

comunidade; seja ela uma família, uma cidade ou um mundo inteiro.

Infelizmente, algo aconteceu com o ato de contar histórias na Primeira Guerra Mundial que, parece, não poderia ser revertido: de repente, tentar construir uma comunidade através da fala era considerado um completo absurdo. Basta ler trabalhos como *Voyage au bont de la nuit (Viagem ao Fim da Noite - 1932)*, de Cèline, para entender esta situação. No romance, são contadas histórias sem nenhuma conclusão lógica, certamente sem transmitir nenhuma sabedoria para as gerações mais jovens. Na frase de abertura, Bardamu, o personagem principal e narrador, nos diz: “Começou assim. Eu nunca disse nada. Nada. Foi Arthur Ganate que me fez falar”⁸. Essa frase não só indica que o próprio narrador cumpre seu papel, no mínimo, sem entusiasmo, mas também apresenta um personagem, Arthur, que não é mencionado uma vez sequer nas quinhentas páginas seguintes.

Apenas alguns anos após a publicação de *Voyage* por Cèline, Walter Benjamin explica a queda no ato de contar histórias em seu ensaio intitulado: *The Storyteller (O Contador de Histórias)*. Não é de se surpreender que ele coloque a culpa do declínio súbito da prática de contar histórias na experiência coletiva da Primeira Guerra Mundial:

Com a (Primeira) Guerra Mundial, um processo começou a se tornar aparente, e não foi interrompido desde então. Não se percebeu, no final da guerra, que os homens que retornaram para casa dos campos de batalha se tornavam cada vez mais silenciosos - não mais ricos, e sim mais pobres em experiência

⁸ Em Francês: *Ça a débuté comme ça. Moi, j'avais jamais rien dit. Rien. C'est Arthur Ganate qui m'a fait parler.*

comunicável?⁹ Se aceitarmos o conceito de que o ato de contar histórias surge da necessidade humana de explicar a realidade, não é à toa que tenha havido menos entusiasmo em 1919. Como alguém esperaria explicar qualquer coisa em um mundo onde a tecnologia humana direcionada pela ganância humana transformou tudo, exceto as nuvens no céu?

Com o horror da Segunda Guerra Mundial, o ato de contar histórias recebeu outro golpe ainda mais duro, e ficou absolutamente desacreditado como forma de comunicação da sabedoria ou da experiência, da criação de comunidade, não porque seu método fosse rejeitado, mas sim porque ninguém mais acreditava na possibilidade de compartilhar valores. A era do relativismo havia começado. Benjamin, ainda em seu ensaio de 1936, profetiza a morte do ato de contar histórias no século XX: “(...) a comunicabilidade da experiência está diminuindo. Consequentemente, não temos nenhum conselho, nem para nós mesmos nem para os outros. Afinal, conselho é mais uma proposta sobre a continuação de uma história que se desenrola do que uma resposta a uma questão (...) Conselho entrelaçado no tecido da vida real é sabedoria. A arte de contar histórias está chegando ao seu fim porque o lado épico da verdade, da sabedoria, está morrendo”.¹⁰

A sabedoria estava morrendo porque a relatividade estava se instalando. Como Paul Johnson ressalta em seu livro *História do Mundo Moderno*: “No início dos anos 20, começou a circular a crença, pela primeira vez no nível popular, de que já não havia absolutos: de tempo e espaço, do bem e do mal, do conhecimento,

⁹ Walter Benjamin. *The Storyteller: Reflections on the Works of Nikolai Leskov*, II, 1936.

¹⁰ op. cit., IV.

e acima de tudo, de valores”.¹¹

Desta forma, em 1962, quando Hannah Arendt contou ter ouvido de Isak Dinesen (Karen Blixen) em Nova Iorque, embora a fascinação com o extraordinário talento para contar histórias e de o “sentido de significado” implícito estar presente, já não haver a questão de significado ou experiência moral. O prazer recebido pelos leitores é de uma natureza puramente estética. Arendt observa, em relação a uma Dinesen que envelhecia: “Ela veio, muito, muito velha, terrivelmente frágil, belamente vestida; foi levada a uma cadeira tipo Renascença, deram-lhe vinho, e então, sem qualquer pedaço de papel, ela começou a contar histórias (do livro *A Fazenda Africana*), e quase palavra por palavra, como estava no livro. A plateia, todos jovens, ficou impressionada (...) ela era como uma aparição sabe deus de onde ou quando. E ainda mais convincente que o livro. Também: uma grande dama”.¹²

E, no entanto, uma pessoa mais que qualquer outra no século XX ressuscitou a tradição de contar histórias em sua forma e propósito originais: comunicando vidas transformadas a fim de transformar a vida dos ouvintes. Frank Buchman foi um mestre nisso em seu longo envolvimento na obra do Rearmamento Moral. Antes mesmo de fundar o movimento em 1938, Buchman usou a técnica de contar histórias em seu trabalho diário, no Pennsylvania State College, onde trabalhou como secretário da ACM (YMCA), e também em suas viagens.

Como mostra Garth Lean através das palavras de um dos alunos de Buchman, Edward Perry: “suas (de Buchman) palestras eram

¹¹ Citado por Garth Lean em *Frank Buchman: A Life* (Frank Buchman: uma vida); Paul Johnson, *A history of the modern world from 1917 to 1980*, Weidnefeld e Nicolson, 1934, pág 4.

¹² Lynn Wilkinson, Hannah Arendt on Isak Dinesen: *Between storytelling and theory*, Comparative Literature, Winter 2004

completamente diferentes de qualquer outra naquela pacata instituição (Hartford). Elas consistiam principalmente de histórias de pessoas cujas vidas haviam mudado graças ao poder de Deus atuando através dele. Era fascinante, atual, real (...) sua figura de um verdadeiro ministro não era uma questão de sermões eloquentes e atividades paroquiais bem organizadas, mas sim de suprir as necessidades mais profundas das pessoas, uma a uma (...).¹³

Em 1924, quando convidado a uma reunião na casa do Barão Van Heeckeren, todos esperavam que Buchman fizesse um discurso. Em vez disso, eis o que aconteceu: “Na verdade, Buchman não fez nenhuma declaração formal. Sentado no estúdio, ‘entre vários pontos de interrogação, alguns de exclamação, muitos curiosos, outros preparados para serem aborrecidos’ lembra Albertina, ele disse: ‘Acho que vou contar-lhes uma história...’, e assim o fez, e à medida que passava a noite, ele observou: ‘posso ver as paredes desabando’”.

Quando Buchman conheceu Mossadegh, o primeiro-ministro iraniano, este ficou impressionado com a simplicidade com que ele era capaz de causar um impacto nas ações morais das pessoas. Buchman respondeu que só fazia “coisas simples”, mas isto era exatamente do que o mundo precisava¹⁴. De fato, talvez a eficácia das histórias transformadoras de vidas de Buchman, algumas tiradas de sua própria vida, algumas das vidas de outras pessoas, outras da Bíblia, derivava da sua humilde capacidade de executar uma arte simples, que se baseava na determinação moral e não na relatividade.

A arte de contar histórias como uma maneira de transformar vidas

¹³ Garth Lean, op. cit., Capítulo 9 “Resign, resign!”

¹⁴ Garth Lean, op. cit., Capítulo 36, Buchman ki Jai!

foi e está preservada graças a Buchman e ao seu ensinamento de uma verdade simples: todo mundo tem uma história para contar, que contém um significado específico, e talvez um pouco de sabedoria. Nos últimos anos, os programas de Iniciativas de Mudança, como *Hope in the Cities*, tem se baseado fortemente na arte de contar histórias como um modo de curar divisões ocultas entre pessoas de diferentes raças, culturas ou traumas históricos.

O Dr. David Campt, ex-conselheiro do presidente Clinton para questões raciais e arquiteto do Programa *Connecting Communities Fellowship*, falou sobre a conexão intrínseca entre a arte de contar histórias e a confiança: “é fácil falar sobre a falta de confiança em nossa sociedade. A análise é importante, mas precisamos perguntar, entre nós que somos agentes de mudança, até que ponto nós confiamos uns nos outros? Onde nós, como agentes de mudança, precisamos fazer um trabalho intencional? (...) Nós contamos nossas histórias para convidar outras pessoas a entrar num círculo de confiança onde as barreiras podem ser derrubadas e pode ocorrer uma mudança real”¹⁵. No centro de conferências em Caux, o Dr. Campt liderou várias oficinas sobre as técnicas de como contar bem histórias pessoais, que foram surpreendentemente populares, porque faziam com que os participantes se sentissem com força para compartilhar o que já estava latente dentro deles.

Poderíamos simplesmente parar por aqui e agradecer ao Destino por nos ter dado Frank Buchman que, entre todas as outras coisas boas, nos trouxe este dom de preservar e cultivar a arte de contar histórias pessoais, o que qualquer um dirá ser a principal vantagem da estar em Caux. No entanto, lembrem-se de que a arte de contar histórias é uma ferramenta, um método, um procedimento retórico e, como qualquer meio retórico, pode ser, e

¹⁵ Hope in the Cities News, 28/06/2007.

é, usado com objetivos muito diferentes. Nos últimos anos, desenvolveram-se críticas afiadas contra a arte de contar histórias. Por exemplo, o novo livro de Christian Salmon, *Storytelling, a máquina de fazer histórias e formatar as mentes*¹⁶, denuncia o uso generalizado do ato de contar histórias, tanto no marketing quanto na política. Segundo ele, esse método possibilita àqueles que tomam as decisões obscurecer os ouvintes com histórias que cativam sua compreensão emocional, dá-lhes o agora famoso “sentido de significado” e obstruem o pensamento real. Os ouvintes esquecem que não ouviram o que vieram buscar, isto é, opiniões ou informações honestas e claras sobre um dado assunto pertencente à vida cotidiana ou organização social, e se deliciam com uma história bem contada.

Em particular, Salmon cita o artigo de Ira Chernus¹⁷ descrevendo *A Estratégia de Sherazade* de Karl Rove (Vice Chefe da Casa Civil da Presidência da República dos Estados Unidos da América, sob a administração de George Walker Bush, até sua exoneração, pedida no final de Agosto de 2007): “Rove está dizendo aos candidatos republicanos seguirem a regra de Sherazade: quando a política o ameaçar, comece a contar histórias - histórias tão fabulosas, tão contagiantes, tão fascinantes que o rei (neste caso, o cidadão americano que na teoria governa nosso país) se esqueça completamente da política letal”. As histórias são vistas e denunciadas como uma maneira de distrair o ouvinte do âmago do assunto ao seduzi-lo para uma narrativa emocionalmente envolvente. Que tal essa reviravolta?

Não devemos permitir que o legado de Frank Buchman seja

¹⁶ Christian Salmon, *Storytelling: La machine a fabriquer des histoires et à formater les esprits*, 2007.

¹⁷ Ira Chernus, *Karl Rove's Scheherezade Strategy*, Tom Dispatch, 08/07/2006.

desperdiçado em função do surgimento de um uso sarcástico da arte de contar histórias que consiste em simplesmente cativar a imaginação e as emoções para assim congelar a ação do cérebro. O que está em jogo é a desqualificação total da arte de contar histórias como tal, simplesmente porque pode ser usado potencialmente com fins puramente egoístas. Não podemos continuar transformando vidas se não nos comprometermos a construir boas histórias, e a ouvir as histórias dos outros, completamente conscientes tanto da beleza quanto da responsabilidade e da importância deste antigo passatempo humano.

Minha Visão para a Coréia e para a Minha Geração

Por Yeon Yuk Jeong

Yeon Yuk Jeong e sua esposa, Joung-Suk, da Coréia do Sul, trabalham em tempo integral com IdeM desde 1996. Ele é engenheiro civil e se dedica a construir pontes entre as pessoas, as nações e as culturas. O casal, juntamente com seus amigos, administram o *Hurb Community Center* em Seul para o treinamento de outras pessoas e, juntos, contribuir com uma força para transformar a nação.

A Coréia está dividida entre Norte e Sul há 60 anos. Ainda temos uma língua e uma cultura em comum, apesar de diferenças fundamentais terem surgido desde a divisão. A divisão da península se deu logo após o fim da colonização japonesa de 36 anos. Durante a ocupação japonesa, a Coréia e os coreanos sofreram juntos com a terra, uma vez que o Japão usou a Coréia como uma base para suas preparações bélicas. Acredito, no

entanto, que um dia a península da Coréia será reunificada política e economicamente. Pode haver alguns papéis nisso para Iniciativas de Mudança, mas sua tarefa real é auxiliar e abrir o caminho para uma unificação verdadeira entre os povos do Norte e do Sul. Podem levar outros 60 anos ou mais para realmente haver uma unificação.

Há um ditado que diz que as pessoas que mais sofreram são as que mais têm a oferecer. A Coréia deveria se tornar uma construtora de pontes na Ásia, superando suas próprias mágoas e tristezas do passado.

Reunir-se e compartilhar com os amigos me ajuda a encontrar uma visão comum para suas vidas. A maioria está ocupada e exausta com longas horas de trabalho. E todos se preocupam em comprar casas e/ou carros, ou pagar a hipoteca. A Coréia do Sul se desenvolveu rapidamente desde a Guerra da Coréia dos anos 50, sendo que os coreanos, como povo, estão muito bem. Porém, seu povo se sente vazio e perdido por dentro. O materialismo se expandiu pela sociedade e sofremos de “pobreza de espírito”, como disse uma vez Madre Tereza. IdeM tem a resposta para isso, ouvindo a calma voz que fala em nossos corações, transformando nossas vidas em uma resposta positiva aos valores morais absolutos e seguindo as direções e a liderança que vêm com a hora tranquila. Eu quero ver a Coréia ser governada por pessoas governadas por Deus e por sua consciência. A consciência precisa entrar em ação!

O Desafio de Buchman – Eu posso Lidar com Ele?

Por Ann Njeri

Ann Njeri, do Quênia, tem um diploma em Tecnologia da

Informação. Ela participou de um programa de estágio de seis meses de IdeM no centro Asia Plateau, na Índia, no ano passado. Atualmente, trabalha em tempo integral com IdeM em seu país.

“Eu não voltarei atrás, mesmo que todos vocês o façam (...)” Este compromisso assumido por Frank Buchman (70 anos atrás em Visby, Suécia) é um grande desafio na minha vida - e para todos que desejam ser um ativista pelas mudanças. Na medida em que celebramos sua vida e o movimento que ele iniciou, não posso deixar de me perguntar: será que tenho o necessário para assumir um compromisso, tomar uma decisão, levantar e lutar pelo que é certo na minha sociedade, no meu país - não importando quais desafios vou enfrentar?

Vivendo numa sociedade que a todo instante exige algum tipo de compromisso, será que conseguirei permanecer forte e superar a força do “sentir-se encurralado”, que para mim significa o começo do fracasso, levando a ambições egoístas que fizeram com que meu país e o mundo caíssem na difícil situação em que se encontram? Minha resposta à minha pergunta é que isto é possível... mas, o compromisso tem um preço - sair da minha zona de conforto e aprender a pensar e agir além de mim mesma!

Penso na violência pós-eleitoral no meu país, que deixou a vida de tantos de cabeça para baixo... Tudo em nome do poder e do ódio tribal que, se não for solucionado, continuará a reaparecer sempre que houver oportunidade. Nesse ponto, todos os meus dedos apontam para os nossos líderes por terem fracassado conosco, por serem egoístas e usarem o ódio para atingir seus objetivos. No entanto, quando encaro a realidade, os líderes nunca lutaram. Nós, as pessoas comuns, nos desumanizamos e nos tornamos as vítimas quando queremos saber “de qual tribo você vem?”!

Nisto, exatamente como Buchman disse, vejo a importância de perceber que nós, as pessoas comuns, estivemos erradas. Precisamos parar de pôr a culpa nos nossos líderes, porque aceitamos ser os atores em seus roteiros nojentos. Eu sou uma vítima do ódio tribal, e também parte de uma grande população de jovens nadando no mesmo oceano do tribalismo. Ensinarame a me sentir superior a outras tribos e a odiar uma em particular. Eu sei do que o tribalismo é capaz, vi o que fez a amigos quenianos queridos. Eu sonho com um Quênia livre do tribalismo. Isto só poderá ser alcançado quando desenvolvermos a confiança. Na minha opinião, a confiança será atingida quando as pessoas do povo, assim como os diplomatas, admitirem seus erros e fracassos e derem o difícil, mas importante, passo de pedir desculpas e perdoar.

Sei que precisa começar comigo mesma; lutando contra o meu próprio monstro tribal. Já dei o primeiro passo; tenho pedido perdão aos meus amigos da tribo rival pelos meus ressentimentos e preconceitos em relação a eles e por ter perpetuado o ódio. Também peço às pessoas da minha própria tribo que perdoem, que peçam perdão e que respeitem as outras tribos igualmente. Os jovens são o alvo principal: eles carregam o futuro do país – suas decisões determinarão qual forma terá a próxima geração. Meu apelo a eles é: “será que podemos quebrar as correntes do ódio passado para nós por nosso país e pelas pessoas próximas a nós?” Afinal, quem escolhe nascer em determinada tribo ou região?

Eu tenho assumido conscientemente o desafio de Buchman e tomado a decisão de que “não importa o que aconteça, eu não voltarei atrás, mesmo que todos o façam! Serei parte da cura e da solução no meu país e do mundo (...) deixarei que Deus guie a minha vida: não a minha vontade (...) mas a Dele!”

19

A Reconciliação vem da Transformação

Por Pierre Spoerri

Frank Buchman nunca escreveu um único ensaio ou estudo sobre reconciliação ou resolução de conflitos. O único livro escrito em seu nome jamais chegou à lista de *bestsellers* nem lhe garantiu nenhum prêmio científico. Nem mesmo os discursos de Buchman, publicados sob o título *O Mundo Reconstruído*¹⁸, nem os filmes sobre ele, nem os livros, conseguiram abarcar toda a sua personalidade.

Meu pai, Theophil Spoerri¹⁹, que o acompanhou a muitos países, trabalhou durante 20 anos numa biografia de Buchman que chamou de *Dynamic out of Silence* (Dinâmica do Silêncio)²⁰. Ele a reescreveu sete vezes. Lembro-me dele dizendo à noite, depois de ter passado o dia todo escrevendo: “Esta é a melhor coisa que já escrevi”. Na manhã seguinte, após reler o manuscrito, ele balançava a cabeça e começava tudo de novo, isto porque ele

¹⁸ Frank Buchman, *Remaking the World*, Blandford Press, Londres, 1947.

¹⁹ Theophil Spoerri, professor de literatura francesa e italiana na Universidade de Zurique, reitor da universidade de 1948 a 1950.

²⁰ Theophil Spoerri, *Dynamic out of Silence* (primeira publicação em alemão: *Dynamik aus der Stille*) Caux Verlag, Lucerna, 1971.

considerava extremamente difícil capturar a essência da vida e do pensamento de Buchman. Nos seus discursos, raramente aparecia a palavra reconciliação. No entanto, ele foi um dos maiores reconciliadores do século XX. E foi a ele que o prático primeiro-ministro francês Robert Schuman pediu que fosse ao Norte da África quando as antigas colônias francesas lutavam pela independência. E por este trabalho de construção de pontes e reconciliação Buchman foi condecorado pelos governos alemão, francês, japonês e filipino.

Então, qual era o seu segredo, sua filosofia básica, seu método, especialmente no campo da reconciliação? Como essa filosofia evoluiu durante a sua vida?

Não há dúvida de que, durante sua juventude, Buchman estava mais interessado na salvação pessoal do que em assuntos políticos. Seu primeiro e mais importante objetivo era ajudar as pessoas a encarar o passado, reparar o que era necessário e reconciliar-se com Deus. Depois de trabalhar na América do Norte e na Europa, ele foi enviado à Ásia e visitou a Índia, China, Japão e Coreia. Foi nessa época que seu interesse passou do estritamente pessoal para o nacional e internacional. Aquelas nações então se tornaram para ele “um campo de provas do poder de levar nações na direção de Deus”.²¹

Nos anos 30, o desafio do rearmamento e da agressividade da Alemanha o deixou face a face com a necessidade de as democracias ao redor da Alemanha estarem unidas internamente e reconciliadas umas com as outras. Na época de sua primeira visita à Noruega, uma disputa sobre os direitos de pesca da Groenlândia envenenava as relações entre a Dinamarca e a Noruega e havia sido levada perante o Tribunal Internacional

²¹ Ver Michael Henderson, *The Forgiveness Factor - Stories of Hope in a World of Conflict*, Grosvenor Books, EUA e Londres, 1996, pág. 260.

Permanente de Justiça em Haia. O tribunal decidiu a favor da Dinamarca. Esta decisão enfureceu um importante jornalista norueguês, Fredrik Ramm, cujo ódio intenso contra os dinamarqueses se refletia todos os dias em suas colunas. Ramm foi à primeira conferência de Buchman na Noruega em 1934. O conceito de Buchman, segundo o qual a transformação pessoal leva à mudança nacional, fez com que ele revisasse toda a sua vida.

Alguns dias após o fim da conferência, ele disse: “O gelo se derreteu em meu coração, e um novo sentimento desconhecido começou a crescer, um amor pelas pessoas independente de o que elas poderiam me oferecer”. Pouco tempo depois, ele falava em uma convenção em Odese, na Dinamarca. Ele simplesmente descrevia o que tinha acontecido com ele e terminou pedindo à plateia para se levantar e cantar com ele o hino nacional dinamarquês. A plateia se levantou e começou espontaneamente a cantar o hino norueguês. Ouvindo essa história, alguém poderia se perguntar: Buchman sabia do conflito entre a Noruega e Dinamarca e encorajou Ramm a fazer o que fez? Ou estava apenas profundamente convencido de que homens e mulheres que colocam suas vidas em ordem tornam-se reconciliadores naturais entre indivíduos e nações? Nunca saberemos a resposta a essas perguntas²².

Pouco tempo depois, uma experiência parecida, o que eu chamaria de o milagre da reconciliação, aconteceu um pouco ao Sul da Escandinávia, entre a Holanda e a Bélgica. Nesse caso, havia um conflito de 70 anos entre os portos da Antuérpia, na Bélgica, e Roterdã, na Holanda. O Tribunal Internacional decidiu em favor da Bélgica. O deleite dos líderes e da imprensa belga

²² Garth Lean, *Frank Buchman - A Life*, Collins Fount Paperbacks, Londres, 1988, pág 224/225.

irritou compreensivelmente os holandeses, especialmente o embaixador holandês em Bruxelas, J. A. E. Patijn. Ele deveria falar em um banquete em Bruxelas e havia preparado umas réplicas mordazes às declarações da imprensa. Quando se arrumava para o jantar, uma convicção interior cresceu dentro dele dizendo: “Esqueça o seu orgulho. Esta é a sua chance. Aproveite-a”. Para a surpresa de todos, ele parabenizou seu país anfitrião pela decisão do tribunal que, disse ele, pavimentou o caminho para uma amizade melhor no futuro. No dia seguinte, a imprensa belga havia mudando o tom, e a imprensa holandesa fez o mesmo²³. No ano seguinte, Patijn foi escolhido para ser ministro das relações exteriores.

Quando Buchman conta esta história em um de seus discursos, não menciona o nome de Patijn e, naturalmente, não fala nada sobre os vários contatos que teve com ele durante suas muitas visitas à Holanda. Mais uma vez, pode-se perguntar se Buchman sabia do conflito e ajudou ativamente o estadista holandês a seguir a estrada da reconciliação, ou se ele apenas o encorajou a ouvir sua voz interior. E, de certa forma, isto não importa. A um professor suíço que o havia encorajado a ser - como diríamos hoje - mais proativo na tentativa de transformar a liderança alemã, ele escreveu: “Nossa meta é nunca mediar, mas transformar vidas e uni-las, tornando-as transformadoras de vidas (...)”²⁴ Voltarei a esse elemento fundamental do pensamento de Buchman quando tentar formular seus princípios para a reconciliação. Nos discursos dessa época, Buchman não usava com frequência a palavra reconciliação, ainda que a preservação da paz estivesse sempre em sua mente. Quando visitou a Suíça em 1935, ele disse: “Posso ver a Suíça como um profeta entre as

²³ *ibidem*, pág 274/275.

²⁴ Carta de Frank Buchman para Emil Brunner, 23/12/1933.

nações, um agente da paz na família internacional (...) O nacionalismo pode unir um país. O supernacionalismo pode unir o mundo. O supernacionalismo controlado por Deus é a única fundação segura para a paz mundial”²⁵.

E então, após a Segunda Guerra Mundial, quando as portas de Mountain House se abriram e representantes das nações que haviam lutado umas contra as outras se encontraram na primeira reunião deste tipo após o fim das hostilidades, a necessidade de reconciliação era óbvia para todos. Assim, durante os anos de 1946 a 1950, a ênfase estava claramente na reconstrução material e espiritual da Europa, especialmente a reconciliação entre a França e a Alemanha. Em um discurso feito naquela época, Buchman diz o seguinte: “As ideias, rápidas e poderosas na reconciliação entre nações para conquistar todos os corações e vontades, para inspirar um renascimento mundial, estão disponíveis instantaneamente e são de aplicação imediata”²⁶. Naquela época, Robert Schuman, o ministro francês das relações exteriores e iniciador do Plano Schuman que levou à União Europeia, escreveu em sua introdução à edição francesa dos discursos de Buchman: “Fornecer equipes de pessoas treinadas, prontas para o serviço do estado, apóstolos da reconciliação e construtores do novo mundo, este é o começo da transformação de grande alcance da sociedade para a qual, durante os 15 anos devastados pela guerra, os primeiros passos já foram dados”²⁷.

Então, no começo dos anos 50, a Ásia esteve no centro das atenções de Buchman. E o que tinha acontecido entre a Alemanha e seus vizinhos começou a acontecer nas relações entre o Japão e

²⁵ Frank Buchman, *Remaking the World*, pág 18.

²⁶ *ibidem*, pág 241.

²⁷ Robert Schuman, introdução para a edição francesa do livro *Remaking the World*.

seus antigos inimigos.

Agora precisamos retornar ao pensamento, motivação e visão de Buchman: se quisermos entender a essência da sua filosofia de reconciliação, quais eram os princípios básicos?

O primeiro, sem dúvida alguma, era a **centralização do indivíduo**. Buchman estava convencido de que, em cada situação, havia sempre uma pessoa que conduzia a chave. Às vezes era um político importante, às vezes uma pessoa comum com ideias incomuns. Ele disse uma vez, olhando de Caux para Genebra do outro lado do lago: “Alguns dos problemas reais nas conferências lá embaixo não estão na mesa; estão sentados em volta dela”. O presidente do parlamento norueguês nos anos 30, Hon. C. J. Hambro, disse ao ser apresentado a Buchman e sua equipe na Liga das Nações, em 15 de Setembro de 1938: “Onde falhamos ao transformar as políticas, vocês tiveram sucesso ao transformar as vidas, e ao dar a homens e mulheres um novo estilo de vida”²⁸. Para Buchman, o material a ser trabalhado, para que a paz fosse alcançada, era a natureza humana e as forças do ódio, ganância e medo, que eram dominantes. E no que respeitava a natureza humana, ele foi o maior realista que eu já conheci.

O segundo princípio - possivelmente um pouco mais controverso do que o primeiro - era que o agente de paz ou reconciliador tinha que **começar o processo de pacificação ou reconciliação por ele mesmo**. Em Genebra, no meio da crise de 1938, ele mais uma vez se dirigiu às delegações da Liga das Nações e lhes disse: “as grandes pessoas das histórias são aquelas que conseguem articular e traduzir em ações a solução para a guerra, aquelas que confessam seus próprios defeitos ao invés de pôr o holofote sobre

²⁸ ibidem, página 68.

os defeitos dos outros”²⁹.

Sua própria profunda convicção era que a experiência de uma pessoa era um elemento essencial para ajudar pessoas cheias de ódio, ressentimento ou inimizade tradicional a se tornarem homens e mulheres livres. Durante toda a sua vida ele se voltava para sua própria experiência de formação. No início do século, em seu primeiro emprego a frente de um abrigo para meninos carentes, ele havia batido de frente com a diretoria da instituição que tentava economizar dinheiro às custas da alimentação dos meninos. A experiência de Buchman de se libertar de sua mágoa o fez sentir que isto era algo que poderia acontecer com qualquer pessoa em qualquer lugar. Portanto, de certa forma, ele preferia a palavra transformação à palavra reconciliação. Para ele, reconciliação era o fruto, não a raiz.

O terceiro princípio é que as pessoas que mais sofreram são as que mais têm para oferecer. Nos anos imediatamente após a guerra, quando Buchman foi convidado a enviar suas primeiras equipes para a Alemanha, dois franceses eram quase sempre convidados a falar. Os dois franceses tinham origem judia e haviam perdido vários parentes nos campo de extermínio nazistas. O fato de eles terem conseguido se libertar de todo o ódio e terem ido à Alemanha especialmente para compartilhar suas experiências teve um efeito profundo nos alemães traumatizados após a guerra.

Em oposição, sendo suíço, eu às vezes sentia depois da guerra, e ainda acho hoje em dia, que a prosperidade e o fato de termos vivido em paz por tanto tempo, certamente é uma dádiva, mas também é uma evidente desvantagem quando se trata de promover a paz. A capacidade de compaixão não cresce

²⁹ Frank Buchman, em seu discurso *Uma coisa pode mudar o equilíbrio* (*One thing can swing the balance*), 15/09/1938, pág 69.

facilmente em solo como o nosso. E também o medo de perder o que se tem - principalmente se foi obtido com trabalho duro - pode tornar as pessoas endurecidas e egocêntricas. Portanto, nós suíços, que sendo um pequeno povo neutro, somos considerados “agentes naturais da paz”, parecemos ter desvantagens que não são facilmente percebidas, nem por nós nem pelos outros.

O quarto princípio era um que às vezes trazia problemas para Buchman. Ele acreditava, e acreditava profundamente, que **ninguém deveria jamais ser descartado**. O caso mais desanimador poderia ser o maior milagre; odeie o pecado e ame o pecador. Para ele, mesmo ditadores, terroristas e extremistas, tanto da esquerda quanto da direita, deveriam ter a chance de se transformar. Nos anos 30, Buchman teve problemas quando aplicou este princípio na situação alemã e tentou trazer a experiência de transformação para alguns líderes do partido nazista. É fácil dizer, 60 anos depois: ele fracassou. É até mesmo fácil dizer que Buchman foi ingênuo. Mas ele tentou quando tantos outros se mantiveram à parte e nada fizeram.

Um teste interessante deste mesmo princípio se deu durante a abertura do centro de conferências em Caux após a Segunda Guerra Mundial. Os amigos de Buchman sugeriram que ele convidasse uma personalidade importante, mas controversa, de um país que estivera envolvido na guerra para participar das primeiras conferências internacionais organizadas no novo centro. O governo em Berna negou o visto a essa pessoa. Buchman dirigiu-se ao assessor jurídico do governo suíço, o professor Max Huber, que estivera à frente da Cruz Vermelha e do Tribunal Internacional de Haia. Huber, que estava de férias, escreveu à mão um memorando de quatro páginas descrevendo como um dever constitucional da Suíça receber pessoas que poderiam ser capazes de passar por uma experiência de transformação em suas vidas e, através disso, ajudar no processo de reconciliação dos países. Como resultado, o governo suíço

voltou atrás na decisão e tem, desde então, concedido visto às pessoas sugeridas para as conferências em Caux. Até recentemente, todos que iam a Caux recebiam o visto para a Suíça gratuitamente.

O quinto ponto é mais uma questão de fé do que um princípio. Buchman não via a promoção da paz apenas como uma **obra humanística** que podia ser planejada com inteligência e organização. Ele acreditava profundamente que Deus podia e de fato intervinha nos assuntos dos homens e que todo planejamento humano poderia ser substituído por eventos extraordinários. Uma pessoa que mais tarde foi reconhecida por muitos líderes europeus como tendo sido um fator decisivo na reconciliação entre a França e a Alemanha foi uma francesa chamada Irène Laure. Sua visita a Caux, como ex-líder da resistência e como uma pessoa com um ódio profundo pela Alemanha e os alemães, não foi planejada por Buchman, uma vez que ele provavelmente não sabia da existência dela até sua chegada a Mountain House. A genialidade de Buchman pode ter sido reconhecer nessa mulher o que ela poderia se tornar se conseguisse enfrentar seu ódio e se desapegar dele. Este não é o momento para entrar nos detalhes de sua história, mas quero usá-la como exemplo para mostrar a frequência com que Buchman, que acreditava no planejamento humano bem feito e detalhado, colocava tudo de lado quando uma pessoa, através de uma experiência profunda de transformação em sua vida, abria novas portas e sugeria novas iniciativas.

O sexto princípio de Buchman era sua crença na **centralidade da experiência do perdão**. Ele via no processo de arrependimento, de pedir perdão e de aceitar o perdão, uma verdade universal disponível para todos em todo lugar. Naturalmente, como cristão, ele podia, e o fazia com frequência, tirar inspiração do estudo da vida de Cristo, mas ele sabia, por seus amigos de outras crenças, como por exemplo, do islã e do judaísmo, que o caminho para o

perdão era algo vivido e claramente definido. Ele também expressava gratidão pelo que tinha aprendido em vários momentos da sua vida com as tradições hindu e budista³⁰.

Um passo integrante do caminho para o perdão era encarar o passado. Se não se encarasse o passado, o passado controlaria toda a sua vida. Frequentemente, a porta para o futuro se abria quando uma pessoa contava algo que nunca havia contado a ninguém. Portanto, a discrição era um elemento essencial neste trabalho, como Buchman chamava, de transformação de vidas. A meta não era só o arrependimento pessoal, mas para muitos havia a necessidade do arrependimento nacional também. Ao mesmo tempo, Buchman frequentemente advertia sobre se estar obcecado com o passado. Sua experiência era que aqueles que estiveram errados eram quase sempre mais beneficiados ao receberem uma visão de o que eles poderiam se tornar, ao invés de se enfatizar seus pecados várias e várias vezes. Uma de suas maiores qualidades era seu senso de expectativa. Ele esperava o melhor das pessoas e frequentemente era recompensado com uma reação positiva. É claro que às vezes ele também se desapontava, mas jamais se deixava deter pelo revés.

Finalmente, *como sétimo princípio*, eu mencionaria a **comunicação**. É sempre fácil ver quem em uma situação de conflito deveria mudar e onde essa pessoa se tornaria parte do processo de reconciliação. Contudo, como se transmite a capacidade de se reconhecer a si mesmo e a vontade de se transformar? Se há uma questão com a qual Buchman pelejou durante toda a sua vida foi esta: como se transmite uma visão ou uma experiência para uma outra pessoa, e depois para um outro país?

Eu tive o privilégio de ser uma das duzentas pessoas que foram

³⁰ ibidem, pág 166/167.

convidadas a viajar com Buchman quando ele aceitou a convite de um proeminente grupo de líderes indianos a visitar o subcontinente indiano pouco depois de a Índia e o Paquistão terem se tornado independentes. As feridas da divisão ainda estavam frescas, assim como as feridas deixadas pela colonização. Portanto, era óbvio que um grupo de pessoas vindas do Ocidente não seria bem recebido se pregassem o que os indianos e paquistaneses deveriam fazer. Um assunto sensível que dividia os dois países era a questão da água. Teria sido uma decisão consciente ou foi por acaso que Buchman levou um musical sobre dois irmãos do Oeste dos Estados Unidos que brigavam pela água? De qualquer forma, a mensagem foi passada para os líderes dos dois países e também para milhares de pessoas comuns, e foi passada de uma forma que nações recém-independentes poderiam aceitar.

Gostaria de terminar com uma citação na qual a essência da filosofia de Buchman é resumida com muita precisão. Em um discurso intitulado “a solução para qualquer ismo - mesmo o materialismo”, ele disse:

A divisão é a marca da nossa época. Divisão no coração.

*Divisão no lar. Divisão na indústria. Divisão na nação.
Divisão entre nações.*

A união é a nossa necessidade imediata.

*A divisão é obra do orgulho, do ódio, da cobiça, do medo
e da ganância humana.*

A divisão é a marca do materialismo.

A união é a graça do renascer. Nós perdemos a arte de reunificar porque nos esquecemos do segredo de mudar e renascer³¹.

Buchman seria a última pessoa a dizer que sua experiência e seus princípios eram a verdade final. Se ainda estivesse vivo hoje, ele encorajaria a todos a continuar a busca para descobrir novas verdades sobre a reconciliação e para caminhar por essa estrada com coragem e esperança.

³¹ ibidem, página 166.